

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS EM**  
**INGLÊS**

MARIANA LUPPI FOSTER

*The Iron Heel* de Jack London: consciência do presente e profecia do fascismo

São Paulo

2020

MARIANA LUPPI FOSTER

*The Iron Heel* de Jack London: consciência do presente e profecia do fascismo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Puglia

São Paulo

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

F756t Foster, Mariana  
The Iron Heel de Jack London: consciência do presente e profecia do fascismo / Mariana Foster ; orientador Daniel Puglia. - São Paulo, 2020.  
221 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de concentração: Estudos Linguísticos e Literários em Inglês.

1. literatura estadunidense. 2. socialismo. 3. fascismo. I. Puglia, Daniel, orient. II. Título.

FOSTER, Mariana Luppi. *The Iron Heel* de Jack London: consciência do presente e profecia do fascismo. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Agradecer em tempos tão difíceis é um desafio, pois há muitas pessoas sem as quais esse trabalho não seria possível, seja porque me ajudaram com seus aspectos específicos, seja porque me ajudaram a atravessar os últimos anos das mais diversas formas.

Evidentemente o primeiro agradecimento vai para minha mãe, Ana Valéria, pelo cuidado de uma vida, e os meus irmãos, Pedro Luiz e João Gabriel, pelo apoio incondicional. E esse agradecimento se estende para todos os meus familiares, dos quais destaco minha tia Ana Cláudia, que me presenteou inicialmente com o romance que é objeto dessa pesquisa.

Devo agradecer também a Maíra “Mee”, não apenas pela amizade de mais de uma década, mas por ter me apresentado não só a Jack London, como também ao meu orientador, o Professor Daniel Puglia. Para o professor, fica um agradecimento especial, por ter desde o primeiro momento me estimulado a avançar na pesquisa, acreditando na minha capacidade de desenvolvê-la e aprofundá-la. Estendo também esse agradecimento a toda equipe do Departamento de Letras Modernas e aos professores e professoras incríveis com quem tive a oportunidade de ter aulas durante o curso do mestrado.

Também não poderia deixar de agradecer algumas amizades próximas, que sempre me aconselharam e contribuíram para minhas reflexões teóricas e acadêmicas, entre elas João Pedro Bueno, a quem devo o primeiro contato com algumas importantes referências marxistas, além de André Coggiola, Melissa Otsuka, Mait Paredes, Ana Paula Girardi, Milton Mastabi e Lucas Souza.

No mais, menciono outras e outros companhias de lutas e debates cotidianos, que certamente contribuíram para minha sensibilidade para os prognósticos de Jack London: Ana Carolina Andrade, Pedro Gava, João Pedro Munhoz, Ana Lia Galvão, Vinícius Souza, Rafael Batista, Henrique Aragusuku, Maria de Lara, Vinicius Almeida, Ricardo Nespoli, Rodrigo Santaella, entre tantos e tantas.

Por fim, sinto-me obrigada a agradecer ao próprio Jack London e a todas as gerações de socialistas que buscaram interpretar e transformar o mundo, dando-nos inspiração e forças para seguir em nossa tarefa crítica.

## RESUMO

FOSTER, M.L. *The Iron Heel* de Jack London: consciência do presente e profecia do fascismo. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2020.

A presente dissertação tem como objetivo a análise detalhada do romance *The Iron Heel*, de Jack London, buscando compreender sua relação com os processos históricos contemporâneos e sua capacidade preditiva em relação a desenvolvimentos futuros. Para isso, a dissertação se detém inicialmente nos aspectos formais do romance, tratando de seu mecanismo de dupla narração e discutindo de que forma tal expediente afeta os conteúdos tratados. Ainda nesse primeiro capítulo, discute-se a construção do protagonista enquanto “profeta” e a forma do desenvolvimento ficcional, que mantém diálogo intenso com fatos históricos contemporâneos. No segundo capítulo da dissertação, são debatidos, sempre a partir da leitura do romance, as principais tendências econômicas, sociais, políticas e ideológicas do início do século XX, e a forma como elas se apresentam na obra. Por fim, o terceiro capítulo busca estabelecer comparações entre o regime autoritário ficcional que ascende no desenvolvimento do romance, e os regimes fascistas que ascenderam no século XX, a partir da teorização de Leon Trotsky.

Palavras-chave: Jack London, romance estadunidense, socialismo, fascismo.

## ABSTRACT

FOSTER, M.L. *The Iron Heel* de Jack London: consciência do presente e profecia do fascismo. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2020.

The present dissertation aims at a detailed analysis of the novel *The Iron Heel*, by Jack London, seeking to understand its relationship with contemporary historical processes and its predictive capacity in relation to future developments. For this, the dissertation is initially focused on the formal aspects of the novel, dealing with its mechanism of double narration and discussing how it affects the treated contents. Still in this first chapter, the construction of the protagonist as a “prophet” and the form of fictional development, which maintains an intense dialogue with contemporary historical facts, are discussed. In the second chapter of the dissertation, the main economic, social, political and ideological trends of the beginning of the 20th century are debated, always from the reading of the novel. Finally, the third chapter seeks to establish comparisons between the fictional authoritarian regime that rises in the development of the novel, and the fascist regimes that ascended in the 20th century, using as main basis the theory of Leon Trotsky.

Keywords: Jack London, American novel, socialism, fascism.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	p. 11
<b>CAPÍTULO I — Construção da historicidade no romance <i>The Iron Heel</i></b> .....	p. 17
1. Dupla narração e duplicidade .....	p. 18
1.1. Avis Cunningham-Everhard.....	p. 19
1.2. Anthony Meredith .....	p. 27
1.3. Interação entre Avis e Meredith.....	p. 35
2. Ernest Everhard: a construção do profeta .....	p. 45
2.1 As Profecias de Ernest.....	p. 51
3. Fato e ficção no romance.....	p. 60
4. Historicidade da obra a partir de seus elementos formais .....	p. 65
5. Primeiras conclusões.....	p. 72
<b>CAPÍTULO II — Consciência do presente em <i>The Iron Heel</i></b> .....	p. 73
1. Concentração e centralização do capital.....	p. 75
2. Situação política e dos aparatos ideológicos.....	p. 81
3. Situação da classe trabalhadora no contexto de crise capitalista.....	p. 93



3.1 O desemprego e o “povo do abismo” .....	p. 99
4. A ideologia belicista e a expansão do capital.....	p. 105
5. Outros elementos ideológicos: filosofia, ciência e sociologia para London.....	p. 111
6. Situação da organização dos trabalhadores.....	p. 126
6.1. Movimentação e repressão dos trabalhadores organizados .....	p. 127
6.2. Ascensão dos sindicatos.....	p. 137
6.3. O desenvolvimento das organizações socialistas.....	p. 140
7. Concepção de organização dos trabalhadores .....	p. 145
8. Situação no campo.....	p. 155
8.1. A organização dos camponeses .....	p. 159
9. Setores marginalizados da classe trabalhadora.....	p. 164
10. Conclusões sobre a consciência do tempo presente .....	p. 171
<b>CAPÍTULO III — Profecia do fascismo?</b> .....	p. 174
1. A “evolução social” e as ilusões eleitorais .....	p. 178
2. A função histórica do fascismo.....	p. 186
3. O lugar das camadas intermediárias .....	p. 190
4. O regime.....	p. 197
5. Conclusões sobre a suposta profecia.....	p. 206

**CONCLUSÃO.....**p. 210

**BIBLIOGRAFIA.....**p. 216

**APÊNDICE – LISTA DE CAPÍTULOS DO ROMANCE THE *IRON HEEL*.....**p. 220

## **INTRODUÇÃO**

Para Leon Trotsky, revolucionário russo exilado, em 1937, trata-se de um fato incontestável que “in 1907 Jack London already foresaw and described the fascist regime as the inevitable result of the defeat of the proletarian revolution”<sup>1</sup> (TROTSKY, 1937, apud LONDON, 1939, p. 315). Trata-se da conclusão de uma carta à filha do romancista, Joan London, a qual ela traz a público na biografia de seu pai *Jack London and his times*. O trecho refere-se ao romance *The Iron Heel*, publicado em 1907, que trata da ascensão de um regime autoritário fictício nos Estados Unidos a partir de 1912.

É interessante ressaltar, no entanto, que o romancista George Orwell, em artigo para o jornal *Tribune* de 1940, apresenta uma visão oposta à de Trotsky, afirmando que não se trata de uma profecia do fascismo, mas “merely a tale of capitalist oppression, and it was written at a time when various things that have made Fascism possible — for instance, the tremendous revival of nationalism — were not easy to foresee.”<sup>2</sup> (ORWELL, 1969a, p.30). Orwell opõe diretamente sua afirmação à ideia de que o romance de London traria uma previsão da ascensão de Hitler. As ideias, no entanto, não necessariamente são contraditórias: poderia um conto sobre a opressão do capital, no momento histórico em que *The Iron Heel* foi escrito, “profetizar” em alguns termos o futuro político, social e econômico do sistema capitalista? Que elementos formais da obra poderiam indicar que London buscava, de fato, especular sobre desenvolvimentos históricos posteriores?

Essa pesquisa foi concebida para refletir sobre se, e como, Jack London teria sido capaz de adiantar tendências que só começariam a se desenhar concretamente anos depois, o que exigiu que se recorresse ao contexto histórico em que a obra foi escrita, sendo inclusive útil fazer referência a elementos da biografia do autor. A compreensão do momento histórico em que a obra se insere tem, nesse sentido, importância para que se observe como Jack London trabalhou as especificidades da contemporaneidade, aproximando-se ou afastando-se do que poderia ser entendido como uma descrição “realista”. Apesar disso, parte-se da análise interna da própria obra, seja de sua construção literária, seja dos elementos que nela

1 “em 1907, Jack London já previu e descreveu o regime fascista como o resultado inevitável da derrota da revolução proletária.” (tradução minha)

2 “meramente um conto de opressão capitalista, e foi escrito numa época em que várias coisas que tornaram possível o fascismo — por exemplo, o tremendo renascimento do nacionalismo — não eram fáceis de prever.” (tradução minha)

expressam o presente histórico. O objetivo é evitar a imposição de uma análise prévia sobre a conjuntura, que tenderia a constranger o objeto sob uma estrutura ou conclusão já pronta.

Para uma contextualização inicial, é interessante observar que Jack London, nascido John Griffith Chaney em São Francisco, em 1876, possui uma trajetória de vida particular, tendo trabalhado desde a infância, e, depois de adulto, inclusive como operário fabril. London também teve a experiência de ser pirata de ostras na baía de São Francisco, atravessou o país como desempregado, foi preso, passou meses no Alasca em uma expedição que buscava ouro, foi militante socialista, viajou pelo Pacífico e por outras regiões do mundo. Essas experiências se refletem de diferentes formas em sua prolífica literatura.

*The Iron Heel* é o romance mais diretamente socialista do autor, escrito após um período de intensa atividade propagandista de Jack London — durante os anos de 1905-1907, ele deu palestras para várias organizações socialistas e fez uma turnê pelo leste americano pelo *Intercollegiate Socialist Society*, organização de propaganda ligada ao partido socialista. (FONER, 1947, p.63)

É interessante ressaltar que o romance apresenta características que têm chamado a atenção de pesquisadores brasileiros na última década, particularmente no campo da historiografia.

A dissertação de mestrado de autoria de Kelton Bruno Sabatke sob o título de “Sob soldados de ferro: o pesadelo distópico de Jack London e a ascensão do Nazifascismo (1907-1933)”, apresenta uma análise da obra justamente a partir da interpretação de que haveria uma antecipação dos regimes fascistas. Sabatke enfatiza como tal interpretação é algo estabelecido *a posteriori*, por leitores que acompanharam os eventos de ascensão dos regimes fascistas, e chama atenção para evitar anacronismos.

“London por óbvio não escreveu sobre fascistas, conquanto fascistas não houvesse em 1907, ano durante o qual redigiu o romance. No entanto, o passar das décadas trataria de conferir um novo significado ao pessimismo contido no Tação de Ferro em relação à iminente possibilidade — que London julgara ter identificado — de que quaisquer tentativas revolucionárias de cunho operário teriam um fim semelhante aos observados na Comuna de Paris (1871) e na Revolução Russa (1905): verdadeiros banhos de sangue promovidos por contrarrevolucionários obstinados pela manutenção do status quo e de seus privilégios.” (SABATKE, 2018, p. 12)

É possível interpretar, no entanto, que ambos os exemplos de derrotas do proletariado — na Comuna de Paris e em 1905 — têm relação com fascismo na medida que

são todos fenômenos de esmagamento da revolução pela reação burguesa. Nesse caso, London estaria apenas identificando que essa reação se tornaria mais violenta quanto mais forte se tornasse a organização dos trabalhadores.

De resto, e de forma muito sintética, pode-se dizer que a dissertação de Sabatke discute o fascismo a partir de autores que enfatizam seus elementos ideológicos e “micropolíticos”, como Umberto Eco, Deleuze e Guattari:

O artigo de Umberto Eco [The Ur-fascism] parece dialogar com o texto escrito por Gilles Deleuze e Félix Guattari e intitulado “1933 — Micropolítica e Segmentaridade” (1980). As similaridades estendem-se para além das metáforas astronômicas utilizadas pelos autores: Eco afirma que a observância de elementos constitutivos do Ur-Fascismo em dada sociedade apontaria a existência de uma nebulosa fascista; Deleuze e Guattari atribuiriam a esses elementos o nome de microfascismos, que operariam como microburacos negros com potencial para confluírem em um grande buraco negro centralizado, o estado fascista (SABATKE, 2018, p. 25)

A partir dessa leitura, Sabatke enfatiza elementos não-históricos do fascismo, ou seja, elementos que podem se manifestar em qualquer momento histórico: “De acordo com Robert Paxton (2004, p. 42) as paixões mobilizantes do fascismo dificilmente poderiam ser contextualizadas historicamente, conquanto algumas delas são tão antigas quanto Caim.” (SABATKE, 2018, p. 31). Entre os elementos que caracterizariam o “fascismo eterno”, segundo a formulação de Eco, temos desde o conservadorismo e o irracionalismo até a aversão à diversidade e o machismo, entre outros (SABATKE, 2018, p. 95-135). Nesses termos, de fato, trata-se de um regime que poderia ascender em qualquer momento histórico. Tal leitura, portanto, se distancia do método materialista-histórico ao tratar o fenômeno do fascismo, método esse que deve guiar a presente dissertação, principalmente a partir das leituras de Trotsky.

Evidentemente a dissertação de Sabatke apresenta elementos interessantes para a análise do romance, como a discussão sobre a afirmação de Orwell de que London apresenta uma “centelha fascista” (ORWELL, 1969a, p. 31). Apesar disso, a presente dissertação dará maior ênfase a dois aspectos que não são o centro da dissertação de Sabatke: como London trabalha seu presente histórico (e a relação desse presente com a ascensão do fascismo) e os elementos especificamente literários, sobre os quais Sabatke pouco se detém.

Já a tese de doutorado de Lucas André Berno Kölln, “O Adão Prometeico — Mundo do trabalho nos Estados Unidos em fins do século XIX e início do XX a partir da literatura de

Sherwood Anderson e Jack London”, apresenta justamente mais elementos de análise sobre o presente histórico de London, na medida em que se centra na análise do mundo do trabalho a partir das literaturas de London e Sherwood Anderson. Tal postura é justificada ainda na Introdução da tese, a partir da referência a Roberto Schwarz em seu “Mestre na periferia do capitalismo”. O que Kölln busca trazer aqui é uma similaridade entre o romance de Machado e os de London e Anderson na medida em que se tratam de obras que “[...] fundem texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra” (CANDIDO, 2000, apud KÖLLN, 2018, p.15). Assim sendo, Kölln lança mão dos elementos biográficos e historiográficos entendendo que nos romances analisados há um entrelaçamento entre “o particular e o social, o subjetivo e o histórico” (KÖLLN, 2018, p.16).

A partir de tal mergulho biográfico e historiográfico, então, Kölln procura descrever o percurso literário para London, fazendo paralelos com a própria ocupação do Oeste Americano, do qual o autor seria produto. Fica colocada em relevo a ideia de que a “estrutura de sentimento” da literatura de London relaciona-se com um senso coletivo de sentido “aventureiro” dos primeiros exploradores do Oeste — o que é reforçado pelo fato de o próprio London ter sido aventureiro e explorador durante a busca por Ouro em Klondike, Alasca, experiência marcante para sua literatura. A experiência no norte, no entanto, choca a individualidade aventureira — que pode ser relacionada com os ideais de *self made man* — com o caráter violento da natureza. Trata-se da contradição que Kölln identifica da literatura de London em geral, aquela entre liberdade e determinação, entre Marx e Darwin.

Chega-se, assim, à hipótese de que “*The iron heel* é a síntese da literatura das duas fases de London, e o dizemos pensando tanto em termos filosóficos e históricos quanto em termos estéticos” (KÖLLN, 2018, p. 425). Aqui, as duas fases dividem-se pela experiência que gerou o *People of the Abyss*, pesquisa sociológica nas periferias de Londres, durante 1902, que teria transformado a percepção de London sobre o caráter sistemático do jugo capitalista, e teria impactado sua literatura ao substituir um sentido épico e rapsodo de sua prosa por tendências naturalistas:

“Na primeira fase de sua literatura, os protagonistas de seus contos, os exploradores nortenhos, se embrenham nas terras geladas do Alasca e lá deixam sua marca, testemunho de seu poder. Na segunda fase, é o ermo que se finca no coração da civilização, como o lobo de *Caninos Brancos* nela inserindo seu sangue, e com o tacão de ferro instituindo sua selvageria civilizada.” (KÖLLN, 2018, p. 438)

As reflexões de Kölln são interessantes para o desenvolvimento da presente dissertação, na medida que se buscará trabalhar alguns dos elementos discutidos na tese, como a relação entre a experiência literária do autor e a ascensão do capitalismo monopolista. É evidente que, por um lado, nosso escopo é bem mais reduzido, dado que trataremos apenas de uma obra, de apenas um autor — apesar da centralidade do *The Iron Heel* na análise de Kölln. Por outro lado, tratando-se de uma pesquisa em literatura, a análise direta do texto, inclusive de seu diálogo com o momento histórico, será a ênfase. Além disso, ao contrário de Sabatke, Kölln não se detém em um suposto caráter profético do romance, que foi importante no desenvolvimento da presente pesquisa.

No que concerne às reflexões introdutórias, ainda é interessante ressaltar que, se há algo em que Trotsky e Orwell concordam, é na crítica às qualidades literárias do romance. Para o primeiro, a forma seria apenas uma carapaça, enquanto Orwell afirma que a obra “is clumsily written”<sup>3</sup>. Ambas essas afirmações parecem desconsiderar o efeito estético que a construção não-convencional da obra tem, e suas consequências na relação com os conteúdos tratados. Assim, começar essa dissertação pelos elementos mais estritamente literários é uma forma de respeito ao próprio material. O primeiro capítulo, portanto, centra-se principalmente nos elementos formais da obra, a construção da narrativa, das personagens, do tempo. Evidentemente que esses fatores têm influência no conteúdo do romance, e essa divisão refere-se apenas à ênfase analítica, não à defesa de uma separação entre forma e conteúdo.

A partir da compreensão geral desses elementos formais, o segundo capítulo se dedicará mais diretamente ao conteúdo manifesto no romance, explorando a consciência que London apresenta em relação ao presente histórico e apresentando, portanto, um panorama geral da situação do capitalismo nos Estados Unidos na virada para o século XX. Procuraremos fazer isso, no entanto, sempre a partir dos elementos presentes no romance.

O terceiro capítulo se dedicará, então, à análise do romance a partir das afirmações específica de Trotsky e Orwell, lançando mão de análises sobre o fascismo para identificar as convergências e divergências entre esse fenômeno sócio-político e a construção ficcional do *The Iron Heel*. Para isso, buscaremos também estabelecer diálogo com os capítulos anteriores, analisando de que forma a construção literária favorece um tom “profético” e estabelece uma distopia (ou utopia), e refletindo sobre a relação entre a descrição do capitalismo monopolista e a “profecia” de seus desenvolvimentos posteriores.

3 “é escrita desajeitadamente” (tradução minha)



**CAPÍTULO I — Construção da historicidade no romance *The Iron Heel***

O romance *The Iron Heel* de Jack London é em geral reconhecido principalmente por seu conteúdo, que dialoga fortemente com a tradição socialista e revolucionária. Segundo Portelli, “its historical relevance has been found to lie mostly in the introduction it provides to revolutionary thought and its scientific predictions, rather than in its literary form”<sup>4</sup> (PORTELLI, 1982, p. 180). Ele segue retomando o comentário de Trotsky sobre o romance, em que o revolucionário russo trata da exatidão das previsões de London, considerando a forma da ficção apenas uma moldura para sua análise social. É possível afirmar, no entanto, que o romance apresenta aspectos formais e construção narrativa que merecem um olhar atento, inclusive para serem relacionados com os elementos do conteúdo e para se refletir sobre como a obra dialoga com seu presente histórico e percebe nele tendências que se desenvolveram posteriormente à escritura. Nesse capítulo, apresentaremos aspectos que são destacáveis justamente por sua importância na construção da historicidade do romance — entre eles a duplicidade narrativa e a relação entre fato e ficção — desenvolvendo também como essa historicidade se constrói e é fortalecida por outros elementos formais.

### 1. Dupla narração e duplicidade

O elemento referente especificamente à forma do romance que mais chama atenção de imediato tem a ver com a duplicidade de sua narração. O romance inicia-se com um *Foreword* escrito por um acadêmico, no ano 419 da *Brotherhood of Man* [Irmandade do Homem], para apresentar um documento histórico recentemente descoberto, a que ele chama de *Everhard Manuscript* [Manuscrito de Everhard]. Nesse prefácio, o acadêmico, Anthony Meredith, nos informa que o regime chamado de *Iron Heel* ou domínio da Oligarquia, regime autoritário que teria ascendido nos EUA na primeira metade do século XX, durou três séculos antes de ser derrubado em favor do socialismo. O manuscrito de Everhard, assim, refere-se à ascensão desse regime oligárquico e às primeiras tentativas de revolta contra ele (LONDON, 1908, p. IX-XIV).

A sequência do romance consiste no próprio manuscrito, que teria sido escrito em primeira pessoa por Avis Cunningham-Everhard no ano de 1932, relatando os anos desde 1912, quando conhece Ernest Everhard. Ela, filha de um professor universitário, aproxima-se

4 “Sua relevância histórica tem sido encontrada principalmente na introdução que fornece ao pensamento revolucionário e às suas previsões científicas, e não na sua forma literária.” (tradução minha)

do socialismo e da organização dos revolucionários a partir desse momento, enquanto desenvolve um relacionamento amoroso com Ernest, seu futuro marido, um revolucionário de origem operária.

O manuscrito é o núcleo do romance, mas segue até sua conclusão abrupta sendo comentado por notas do acadêmico do futuro, de forma que é possível dizer que, de fato, há dois narradores no romance. A análise sobre como cada um intervém sobre o narrado, e sobre as aproximações e os distanciamentos entre esses narradores no que concerne ao momento histórico e ao protagonista, entre outros aspectos, é essencial para se compreender a totalidade da construção da obra, uma vez que, longe de consistir em um maneirismo formal, essa duplicidade narrativa constrói diferentes camadas de sentido, bem como afeta a credibilidade e a historicidade do conteúdo transmitido.

### 1.1 Avis Cunningham-Everhard

Desde o início, a narração de Avis apresenta-se como focada na história e na contribuição revolucionária de Ernest Everhard, seu futuro marido e liderança socialista — o primeiro capítulo de seu manuscrito chama-se *My Eagle*, e nele a narradora justamente relata a noite em que conheceu Ernest. Ela se apresenta inicialmente como ansiosa pela revolta contra a Oligarquia que está sendo planejada, e informa que Ernest, a quem ela se refere como “minha águia”, não está presente para acompanhar seu desenvolvimento, mesmo sendo responsável por grande parte do seu planejamento. Na sequência, Avis apresenta suas primeiras impressões de Ernest, descrevendo o jantar em que se conheceram, quando o pai de Avis convidara alguns religiosos para apresentar suas visões sobre a classe operária. Durante o debate no jantar, a narradora cede a voz em diversos momentos diretamente para Ernest e para aqueles com quem ele discute (LONDON, 1908, p.1-21).

Nas primeiras passagens, chama a atenção a linguagem descritiva de Avis, que beira o bucolismo e a apologia:

The soft summer wind stirs the redwoods, and Wild-Water ripples sweet cadences over its mossy stones. There are butterflies in the sunshine, and from everywhere arises the drowsy hum of bees. It is so quiet and peaceful, and I sit here, and ponder, and am restless. It is the quiet that makes me restless. It seems unreal. All the world is quiet, but it is the quiet before the storm. [...]

And then I am lonely. When I do not think of what is to come, I think of what has been and is no more—my Eagle, beating with tireless wings the void, soaring toward what was ever his sun, the flaming ideal of human freedom. I cannot sit idly by and wait the great event that is his making, though he is not here to see. He devoted all the years of his manhood to it, and for it he gave his life. It is his handiwork. He made it.<sup>5</sup> (LONDON, 1908, p.1-2)

Nesses trechos, carregados de adjetivação, o destaque para a natureza exageradamente calma — vento suave, cadências doces da água, borboletas no pôr do sol — reforça a oposição com a inquietude da narradora e com a violência que ela prenuncia. A comparação de Ernest com uma águia, e a sequência da metáfora tratando de suas asas voando para o sol da liberdade humana, complementa o uso dos elementos naturais na descrição. Aqui, além disso, evidencia-se a tendência elogiosa de Avis, que se constrói como uma idealização de seu marido no desenrolar da obra. Ainda no início desse primeiro capítulo, essa idealização aprofunda-se:

His neck was the neck of a prize-fighter, thick and strong. So this was the social philosopher and ex-horseshoer my father had discovered, was my thought. And he certainly looked it with those bulging muscles and that bull-throat. Immediately I classified him—a sort of prodigy, I thought, a Blind Tom of the working class. [...]

But this boldness that I took to be presumption was a vital clew to the nature of Ernest Everhard. He was simple, direct, afraid of nothing, and he refused to waste time on conventional mannerisms. “You pleased me,” he explained long afterward; “and why should I not fill my eyes with that which pleases me?” I have said that he was afraid of nothing. He was a natural aristocrat—and this in spite of the fact that he was in the camp of the non-aristocrats. He was a superman, a blond beast such as Nietzsche has described, and in addition he was aflame with democracy.<sup>6</sup> (LONDON, 1908, p.5-6)

5 As traduções seguem apenas para consulta, todas tiradas de “LONDON, Jack. **O Tacho de Ferro**. São Paulo: Boitempo, 2011”: “O vento suave de verão balança as sequoias avermelhadas, e o riacho Bravo propaga suas ondas com uma doce cadência até as pedras cobertas de limo da ribeira. As borboletas voitam ao sol e, de toda parte, levanta-se o sonolento zumbido das abelhas. Tudo é calma e silêncio, e eu me sento, e reflito, em meio à minha inquietude. É o silêncio que me deixa inquieta. Não parece real. Todo o mundo está calmo, mas é aquela calma que vem antes da tempestade. [...] Contudo, estou sozinha! Quando não penso no que está por vir, penso no que passou e já não mais existe: minha Águia batendo as asas infatigáveis, voando para o que era o seu sol: o ideal incandescente da liberdade humana. Não posso ficar de braços cruzados à espera do grande acontecimento que é obra sua, embora ele não esteja aqui para ver. Ele devotou todos os anos de sua vida a isso, e por isso deu a vida. É o trabalho de suas mãos; foi ele quem o realizou.”

6 “O pescoço era o de um lutador de rua, grosso e forte. Eis aí, dizia para mim mesma, o filósofo social, um ex-ferreiro que meu pai descobrira. E certamente ele tinha essa aparência, com os músculos salientes e o pescoço como o de um touro. Classifiquei-o logo como uma espécie de prodígio, um Cego Tomás da classe operária. [...] Mas essa audácia, que eu tomara por presunção, era na realidade uma peça essencial da natureza de Ernest Everhard. Simples e sincero, não receava nada neste mundo e se recusava a perder tempo com convenções. — Você me agradou assim que a vi — ele me explicaria muito tempo depois —, e por que razão não poria os olhos naquilo que me agrada? Acabo de dizer que nada lhe causava medo. Era um aristocrata por natureza, se bem que

Aqui a descrição tanto física quanto psicológica de Ernest apresenta os elementos idealizados: o corpo de lutador e a força física combinam-se com a coragem e o caráter a um ponto de usar-se as expressões “natural aristocrat” [aristocrata natural] e “superman” [super-homem] — a referência às bestas loiras de Nietzsche reforça essas expressões dando um sentido quase fantástico à descrição. Pode-se destacar também que algumas oposições aparecem no discurso e enfatizam o estranhamento de Avis. Ernest é ao mesmo tempo um filósofo social e um ex-ferreiro, pareceu presunçoso, mas na realidade era simples e direto, um aristocrata natural que pertencia ao campo dos não-aristocratas. A descrição, embora apresente elementos, como os físicos, que revelam alguma objetividade, em geral é subjetiva: foca-se nas primeiras percepções de Avis sobre Ernest.

A sequência desse capítulo apresenta uma tendência que se repetirá ao menos na parte inicial da obra, de Avis praticamente ceder a voz a Ernest durante os debates teóricos. Com pouca intervenção da narradora, Ernest participa de uma longa sequência de contrapontos com alguns religiosos, de fundo principalmente filosófico (LONDON, 1908, p.8-21). No capítulo seguinte, *Challenges*, o mesmo se repete em um diálogo com o Bispo Morehouse sobre o papel da igreja frente à exploração dos trabalhadores (LONDON, 1908, p.29-38). Dois capítulos à frente, após a investigação de Avis sobre o caso de um acidente de trabalho — que é central em sua formação como socialista — novamente há uma longa exposição e série de contrapontos, quase sem intervenção da narradora, no capítulo *Philomaths*, quando o protagonista faz uma apresentação para um clube de magnatas (LONDON, 1908, p.78-99). Os capítulos VIII e IX, *Machine Breakers* e *Mathematics of a Dream*, também têm essa característica, referindo-se a um debate com pequenos empresários. (LONDON, 1908, p.120-162)

Nessa primeira parte do romance, que vai aproximadamente até o casamento de Avis e Ernest, ocorrido entre os capítulos *The Vortex* e *The Great Adventure*, a narração de Avis se centra em seu próprio processo formativo, em que é central a investigação sobre o acidente de Jackson, trabalhador do Sierra Mills, onde seu pai tem ações:

Little did I dream the fateful part Jackson's arm was to play in my life. Jackson himself did not impress me when I hunted him out. I found him in a crazy,

---

estivesse no campo oposto ao da aristocracia. Era um super-homem, conforme descrevera Nietzsche, e, apesar de tudo, um fervoroso democrata.”

ramshackle house down near the bay on the edge of the marsh. Pools of stagnant water stood around the house, their surfaces covered with a green and putrid-looking scum, while the stench that arose from them was intolerable.<sup>7</sup> (LONDON, 1908, p.43)

Além do evidente caráter de relato da experiência pessoal, o trecho chama a atenção por enfatizar as impressões da personagem sobre o narrado — a descrição da casa como “crazy” [louca], a ênfase na água estagnada e coberta de lodo, bem como o uso dos adjetivos “putrid-looking” [aparentemente pútrida] e “intolerable” [intolerável], evidenciam que se trata de uma descrição subjetiva do ambiente.

Ainda nessa parte inicial do romance, destacam-se trechos em que Avis trata as crises trazidas pelo questionamento de sua visão de mundo anterior:

The more I thought of Jackson's arm, the more shaken I was. I was confronted by the concrete. For the first time I was seeing life. [...]

It seemed monstrous, impossible, that our whole society was based upon blood. And yet there was Jackson. I could not get away from him. Constantly my thought swung back to him as the compass to the Pole. He had been monstrously treated. His blood had not been paid for in order that a larger dividend might be paid. And I knew a score of happy complacent families that had received those dividends and by that much had profited by Jackson's blood. If one man could be so monstrously treated and society move on its way unheeding, might not many men be so monstrously treated? I remembered Ernest's women of Chicago who toiled for ninety cents a week, and the child slaves of the Southern cotton mills he had described. And I could see their wan white hands, from which the blood had been pressed, at work upon the cloth out of which had been made my gown. And then I thought of the Sierra Mills and the dividends that had been paid, and I saw the blood of Jackson upon my gown as well. Jackson I could not escape. Always my meditations led me back to him.<sup>8</sup> (LONDON, 1908, p.59-60)

7 “Eu estava longe de imaginar o papel decisivo que o braço de Jackson iria representar em minha vida. Na verdade, Jackson não me impressionou quando o achei. Encontrei-o em uma tapera caindo aos pedaços perto da baía, na beira do pântano. A casa era rodeada por charcos de água estagnada, recobertos por uma espuma verde de aparência pútrida, e o cheiro fétido que vinha de lá era insuportável”

8 “Quanto mais eu pensava no braço de Jackson, mais abalada me sentia. Estava diante de algo concreto. Pela primeira vez, enxergava o mundo [...] Parecia monstruoso, impossível, que toda a sociedade estivesse alicerçada em sangue. Contudo, Jackson era um fato, algo que eu não podia negar. Constantemente meu pensamento se voltava para ele, como a agulha de uma bússola para o polo. Jackson havia recebido um tratamento desumano. Não fora indenizado pelo sangue que perdeu, para que dividendos mais altos fossem pagos. E eu conhecia uma porção de famílias que viviam alegres e satisfeitas por causa daqueles dividendos, e que, àquela altura, usufruíam do sangue de Jackson. Se um homem é tratado de forma tão monstruosa, e a sociedade segue seu curso, indiferente a isso, por que eu acreditaria que esse mesmo tratamento monstruoso não era dado a muitos outros? Lembrei-me do que Ernest contara das mulheres de Chicago que trabalhavam duro por um salário de noventa centavos por semana, e das crianças escravas das tecelagens de algodão do Sul. E pude ver suas mãos brancas cansadas, das quais o sangue fora espremido, fiando os tecidos que serviram para confeccionar meu vestido. E então pensei nos Moinhos Sierra e nos dividendos que recebemos, e vi o sangue de Jackson em minhas roupas. Jackson era um fato que eu não podia negar. Todas as minhas reflexões me levavam sempre de volta a ele.”

A própria estrutura do texto acompanha o pensamento de Avis, retornando sempre ao braço de Jackson como referência para uma nova percepção do mundo — conforme sua metáfora relativa à bússola voltando para o polo. A ênfase nas sensações, como “shaken” [trêmula] e a repetição de palavras como “monstrous” [montruoso] e “blood” [sangue] reforçam essa subjetividade — cria-se a partir delas uma sensação de realidade amedrontadora. Também a descrição das famílias que recebiam os dividendos como “happy” [felizes] e “complacent” [complacentes] é reforçada pela oposição às crianças que trabalhavam pesadamente como escravas — aqui o verbo “toiled” [labutavam] contribui para a descrição sensível da exploração.

O capítulo *The vortex*, de transição para a parte do romance mais focada na ação dos revolucionários, inicia-se também com a percepção de Avis sobre os acontecimentos subsequentes:

Following like thunder claps upon the Business Men's dinner, occurred event after event of terrifying moment; and I, little I, who had lived so placidly all my days in the quiet university town, found myself and my personal affairs drawn into the vortex of the great world-affairs<sup>9</sup>. (LONDON, 1908, p.163)

É interessante no trecho a convergência entre as questões mundiais e o destino individual de Avis, que se explica especialmente por ela ter se tornado uma revolucionária. Aqui, aparece a oposição entre a vida anterior de Avis e sua vida após conhecer Ernest, que em diversos trechos do romance é retomada. Isso fica evidente a partir do contraste da imagem dos trovões e a adjetivação do momento como “terrifying” [aterrorizante], com a vida plácida na quieta cidade universitária em que ela vivera até então — o que é enfatizado pela oposição entre as expressões “I, little” [eu, pequena] e “great world-affairs” [grandes questões mundiais].

O capítulo seguinte, *The great adventure*, em que se consolida a nova vida de Avis, após o pai perder a casa por perseguição política, conclui-se com uma longa reflexão sobre Ernest e a vida do casal logo após o casamento, em que se observam as tendências tanto de idealização quanto de relato sensível e apaixonado que caracterizam o discurso de Avis:

<sup>9</sup> “Como se fossem trovões, uma série de acontecimentos de resultados assustadores ocorreu depois daquele jantar. E eu, coitada, que havia levado uma vida tranquila no sossego da cidade universitária, encontrei-me e aos meus assuntos pessoais envolvidos no turbilhão dos grandes problemas do mundo.”

Those dear tired eyes. He toiled as few men ever toiled, and all his lifetime he toiled for others. That was the measure of his manhood. He was a humanist and a lover. And he, with his incarnate spirit of battle, his gladiator body and his eagle spirit—he was as gentle and tender to me as a poet. He was a poet. A singer in deeds. And all his life he sang the song of man. And he did it out of sheer love of man, and for man he gave his life and was crucified<sup>10</sup>. (LONDON, 1908, p.182)

No trecho acima, o louvor a Ernest tem um paralelo religioso evidente na imagem de quem trabalha e sofre pelos outros e é crucificado — mas não basta descrever o marido como um mártir, Avis ainda ressalta suas características como poeta, como amante, e novamente carrega a linguagem de adjetivos como “gentle” [gentil] e “tender” [afetuoso].

A sequência da passagem apresenta comentários sobre a distinção filosófica entre os dois, mantida mesmo nesse momento, quando Avis já é uma revolucionária, implicando que ela ainda tem uma visão de fato mais religiosa, a qual Ernest chama de dualista em referência a Kant — ao mesmo tempo em que se indica que Ernest não acreditaria na imortalidade, por exemplo. Esse é um aspecto pertinente para se pensar também a linguagem usada por essa narradora, e suas referências ou expressões que mostram essa carga de certa religiosidade. Ainda em um dos capítulos iniciais, há pelo menos uma descrição que tem essas características: “Ernest rose before me transfigured, the apostle of truth, with shining brows and the fearlessness of one of Gods own angels, battling for the truth and the right, and battling for the succor of the poor and lonely and oppressed”<sup>11</sup> (LONDON, 1908, p.61). Também no capítulo *The End*, Avis nos apresenta uma concepção sobre a revolução que passa por uma sensibilidade religiosa: “The Revolution took on largely the character of religion. We worshipped at the shrine of the Revolution, which was the shrine of liberty.”<sup>12</sup> (LONDON, 1908, p.250). A tendência a descrições focadas nas impressões e sensibilidade de Avis se mantém mesmo na segunda parte do romance. No capítulo *The General Strike*, ela apresenta que:

10 “Aqueles lindos olhos fatigados. Ele trabalhava como poucos homens já o fizeram, e toda sua vida trabalhou pelos outros. Era a dimensão de sua grandeza. Era uma criatura repleta de humanidade e amor. E ele, que encarnava um espírito de batalha, com um corpo de gladiador e um espírito de águia, era tão gentil e delicado comigo como um poeta. Era um poeta, um cantador em ação; e toda sua vida ele cantou a canção do homem. E o fez por um amor absoluto pelo homem, e pelo homem ele deu a vida e foi crucificado.”

11 “Ernest surgiu diante de mim transfigurado: um apóstolo da verdade, com a frente brilhante e o destemor de um dos próprios anjos de Deus, lutando pela verdade e pela justiça, em socorro dos pobres, desamparados e oprimidos”

12 “A Revolução assumiu em grande parte um caráter religioso. Adorávamos o santuário da Revolução, que era o santuário da liberdade”



In San Francisco we did not know what was happening even across the bay in Oakland or Berkeley. The effect on one's sensibilities was weird, depressing. It seemed as though some great cosmic thing lay dead. The pulse of the land had ceased to beat. Of a truth the nation had died. There were no wagons rumbling on the streets, no factory whistles, no hum of electricity in the air, no passing of street cars, no cries of news-boys — nothing but persons who at rare intervals went by like furtive ghosts, themselves oppressed and made unreal by the silence<sup>13</sup>. (LONDON, 1908, p.214)

A referência à “great cosmic thing” [grande coisa cósmica] aparece como quase sobrenatural, o que é fortalecido pela referência aos “furtive ghosts” [fantasmas furtivos] no fim da passagem. A profusão de adjetivos se mantém, bem como o uso de metáforas — no trecho destaca-se a de que o pulso da terra teria parado de bater e de que a nação teria morrido, fortalecendo também a ambientação sobrenatural.

Essa segunda parte do romance trata da ação dos revolucionários e se centra mais no desenvolvimento de sua organização. Avis se refere a esse processo, expressando também de forma conotativa seu desenvolvimento: “Thus, throughout the organization of the Oligarchy, our own organization, weblike and spidery, was insinuating itself”<sup>14</sup>. (LONDON, 1908, p.262). Tanto os advérbios “weblike” [similar a uma rede] e “spidery” [araneiforme], quanto a ideia de que a organização estava “insinuating” [se insinuando], criam a imagem de um tipo de crescimento secreto (ou mesmo discreto) e organizado, o que é coerente com a descrição da existência dos muitos agentes secretos penetrando as estruturas da oligarquia. Há, até o fim do manuscrito, diversos exemplos do relato e descrição sensível, idealizadora e romantizada de Avis. Merece destaque ainda a forma como a narradora aborda a Comuna de Chicago, pois ela está na cidade durante a batalha, e não tem a visão da totalidade, o que fortalece um relato limitado à sua subjetividade:

It was not a column, but a mob, an awful river that filled the street, the people of the abyss, mad with drink and wrong, up at last and roaring for the blood of their masters. I had seen the people of the abyss before, gone through its ghettos, and

13 “Em São Francisco, nem sequer sabíamos o que se passava do outro lado da baía, em Oakland ou em Berkeley. O efeito que isso causava na sensibilidade das pessoas era misterioso, deprimente. Era como se uma grande energia cósmica deixasse de existir; como se o pulso da terra deixasse de bater; como se a nação tivesse morrido de verdade. Os bondes não faziam barulho nas ruas, não se ouviam os apitos das fábricas, o zumbido da eletricidade no ar, a passagem dos carros, o grito dos jornalistas... nada além de algumas pessoas que, a raros intervalos, surgiam como fantasmas, oprimidas pelo silêncio que as tornava irreais”

14 “Assim, por toda a organização da oligarquia, nossa própria organização se alastrava como uma rede”

thought I knew it; but I found that I was now looking on it for the first time. Dumb apathy had vanished. It was now dynamic — a fascinating spectacle of dread. It surged past my vision in concrete waves of wrath, snarling and growling, carnivorous, drunk with whiskey from pillaged warehouses, drunk with hatred, drunk with lust for blood — men, women, and children, in rags and tatters, dim ferocious intelligences with all the godlike blotted from their features and all the fiendlike stamped in, apes and tigers, anaemic consumptives and great hairy beasts of burden, wan faces from which vampire society had sucked the juice of life, bloated forms swollen with physical grossness and corruption, withered hags and death's-heads bearded like patriarchs, festering youth and festering age, faces of fiends, crooked, twisted, misshapen monsters blasted with the ravages of disease and all the horrors of chronic innutrition — the refuse and the scum of life, a raging, screaming, screeching, demoniacal horde<sup>15</sup>. (LONDON, 1908, p.326-327).

Observa-se, novamente aqui, a linguagem carregada de adjetivos e metáforas. Os adjetivos, bem como outros elementos da seleção vocabular, fortalecem imagens horripilantes; é reforçada muitas vezes a bebedeira — ou seja, o descontrole —, e a descrição passa por tratar o povo do abismo como “carnivorous” [carnívoros], “ferocious” [ferozes], “anaemic consumptives and great hairy beasts of burden” [tísicos anêmicos e grandes bestas peludas de carga], “misshapen monsters” [monstros mal formados] e a horda como “demoniacal” [demoníaca]. Vale ressaltar, ainda, que a ambientação do horror não se limita ao povo do abismo, Avis também usa o adjetivo “vampire” [vampira] para a sociedade capitalista, a qual teria sugado o sumo vital dessa população. As metáforas, de forma geral, também constroem a imagem do povo do abismo como uma força natural — “awful river” [rio terrível], “concrete waves of wrath” [rios concretos de ira] — ou aproximam-no de animais — “apes and tigers” [macacos e tigres].

Essa abordagem de Avis, como será desenvolvido, nunca deixa de ser significativa. O relato sobre o povo do abismo é evidentemente limitado pelo lugar da observadora na situação

15 “Não era uma coluna, era uma enxurrada sem controle, um amontoado que ocupava a rua; era o povo do abismo, ensandecido pelo álcool e pela injustiça, rugindo pelo sangue de seus senhores. Eu já havia visto o povo do abismo antes, havia cruzado seus guetos e parecia conhecê-lo; mas, agora, era como se o visse pela primeira vez. Sua estúpida apatia desaparecera. Era dinâmico agora: um espetáculo de horror. Agitava-se diante de meus olhos como uma onda concreta de cólera, rugindo e crescendo, uma turba carnívora embriagada com o uísque saqueado nos armazéns, embriagada de ódio, embriagada pelo desejo de sangue; homens, mulheres e crianças cobertos de trapos, criaturas de bestuntos ferozes, de inteligência turva, em cujos caracteres se havia borrado o que tinham de divino para estampar a figura da besta. Criaturas tísicas e anêmicas, enormes bestas de carga peludas em cujas veias corria o sangue do macaco e do tigre. Rostos lívidos, dos quais o líquido vital tinha sido sugado por uma sociedade de vampiros; formas inchadas pelo sofrimento e pela corrupção do corpo. Tinham a cabeça seca e ostentavam uma barba como a dos patriarcas; era uma juventude corrompida que apodrecia com a idade, cujas faces diabólicas eram torcidas e deformadas: monstros desfigurados pelos estragos das doenças e pelos horrores de uma fome sem fim; dejetos e escórias da vida, hordas enfurecidas, bestas que rugem e que guincham.”

específica, mas se pode dizer que todo o relato de Avis é limitado por seu envolvimento pessoal na história — algo que é comum às narrativas em primeira pessoa, mas é enfatizado pela forma como a linguagem é trabalhada por Avis, com foco em sua sensibilidade para as mais diversas experiências e com forte uso da conotação. Outro aspecto que enfatiza a limitação da visão de Avis sobre os fatos narrados é o contraste de sua narração com a intervenção de Anthony Meredith, o acadêmico do futuro, no romance.

## 1.2 Anthony Meredith

Anthony Meredith tem uma função diferente, e em diversos momentos oposta, da de Avis no romance. Esse é um elemento que fica evidente desde suas primeiras frases, no *Foreword* escrito por ele para o manuscrito:

It cannot be said that the Everhard Manuscript is an important historical document. To the historian it bristles with errors—not errors of fact, but errors of interpretation. Looking back across the seven centuries that have lapsed since Avis Everhard completed her manuscript, events, and the bearings of events, that were confused and veiled to her, are clear to us. She lacked perspective. She was too close to the events she writes about. Nay, she was merged in the events she has described<sup>16</sup>. (LONDON, 1908, p.IX).

O fato de Meredith abrir o romance desqualificando quem será sua principal voz narrativa, indicando que ela não é confiável para um relato objetivo, causa imediatamente um estranhamento e poderia ter o efeito de fazer o leitor desconfiar permanentemente do relatado por Avis. É interessante observar a própria linguagem do trecho, bastante direta, em geral denotativa — características que se espera de uma análise acadêmica.

Apesar disso, trata-se de uma desqualificação relativa, tendo em vista que logo Meredith reconhece o valor do manuscrito:

But to return to the Manuscript. Especially valuable is it in communicating to us the FEEL of those terrible times. Nowhere do we find more vividly portrayed the psychology of the persons that lived in that turbulent period embraced between the years 1912 and 1932—their mistakes and ignorance, their doubts and fears and

16 “Não podemos afirmar que os Manuscritos de Everhard sejam um documento histórico importante. Para o historiador, estão repletos de erros; não erros de fatos, mas erros de interpretação. Nesses sete séculos, tempo decorrido desde que Avis Everhard completou seus manuscritos, os acontecimentos, e suas consequências, confusos e velados para ela, são hoje bastante claros para nós. Ela estava muito próxima dos eventos que narrou. Na verdade, estava mergulhada neles.”

misapprehensions, their ethical delusions, their violent passions, their inconceivable sordidness and selfishness<sup>17</sup>. (LONDON, 1908, p. X).

Assim, a desqualificação de Avis do ponto de vista do relato objetivo leva a sua qualificação relativa como aquela capaz de transmitir o sentimento de seu tempo. Observa-se que Meredith segue com seu afastamento e sua objetividade, tanto por tratar o manuscrito como um objeto de análise quanto por tratar o período como distante — mencionar a ignorância das pessoas e tratar sua sordidez e egoísmo como inconcebíveis são alguns dos elementos que reforçam esse distanciamento.

O *Foreword* segue como um documento acadêmico, em que se analisa a ascensão e recepção do regime autoritário ficcional da Oligarquia, embora a objetividade acadêmica não impeça Meredith de se posicionar sobre o capitalismo: “Capitalism was adjudged by the sociologists of the time to be the culmination of bourgeois rule, the ripened fruit of the bourgeois revolution. And we of to-day can but applaud that judgment”<sup>18</sup> (LONDON, 1908, p. XII). Esse tipo de posicionamento não fere a construção de Meredith como voz mais objetiva do romance, uma vez que, para um teórico do futuro socialista, a insustentabilidade do capitalismo não é uma posição política propriamente, mas um fato histórico. Também a continuidade do *Foreword* apresenta informações sobre o manuscrito enquanto objeto de estudo histórico, com frases como “It is apparent that Avis Everhard completed the Manuscript during the last days of preparation for the Second Revolt; hence the fact that there is no mention of the disastrous outcome of the Second Revolt.”<sup>19</sup> (LONDON, 1908, p. XIII). Fica evidenciado o papel de Meredith como mediador entre o relato de Avis e o leitor — deve-se levar em conta, aliás, que ele sempre se dirige a seus contemporâneos, as pessoas que vivem na *Brotherhood of Man*, enquanto supostos leitores. Além desse *Foreword*, Meredith intervém sobre o Manuscrito a partir de notas, nas quais mantém-se a tendência à objetividade e à linguagem acadêmica, embora certos elementos pareçam romper com essa objetividade,

17 “Mas, voltando aos Manuscritos, de valor especial para nós é a comunicação dos sentimentos vividos naqueles tempos terríveis. Em nenhum outro lugar encontraremos a psicologia das pessoas que viveram naquele período, entre os anos de 1912 e 1932, tão vivamente retratada — seus erros e sua ignorância, suas dúvidas, seus temores e seus erros de interpretação; suas desilusões morais, suas paixões exacerbadas, seu egoísmo e sordidez inconcebíveis”

18 “O capitalismo foi considerado pelos sociólogos da época como sendo a culminação do governo burguês, o fruto maduro da revolução burguesa. E nós, do mundo de hoje, só podemos aplaudir esse juízo.”

19 “Parece que Avis Everhard completou os Manuscritos durante os últimos dias da preparação para a Segunda Revolta; por isso não existe neles menção aos resultados desastrosos dessa.”

como o posicionamento convicto contra o capitalismo — já mencionado acima — e o uso recorrente de ironias.

São destacáveis elementos das primeiras notas de Meredith, para indicar como ele se relaciona com o narrado por Avis. Na primeira delas, logo após a ambientação romantizada de Avis que abre o manuscrito (citada no item anterior), Meredith intervém de forma sóbria, revelando aos leitores que Avis escreve após a morte de Ernest: “The Second Revolt was largely the work of Ernest Everhard, though he cooperated, of course, with the European leaders. The capture and secret execution of Everhard was the great event of the spring of 1932 A.D.”<sup>20</sup> (LONDON, 1908, p.01). A nota seguinte é uma inserção curtíssima apenas para tornar nítida uma referência de Avis sobre a Comuna de Chicago. Já a terceira nota inicia-se da seguinte forma, praticamente em resposta à afirmação de que a Segunda Revolta contra a Oligarquia teria sido realizada por Ernest: “With all respect to Avis Everhard, it must be pointed out that Everhard was but one of many able leaders who planned the Second Revolt.”<sup>21</sup>(LONDON, 1908, p.02). Trata-se novamente de uma desqualificação relativa da narradora, com apresentação de uma divergência, reforçada pela expressão “with all respect” [com todo o respeito]. Aqui, como em outras passagens, a idealização que Avis faz de Ernest é um dos elementos que Meredith mais se sente obrigado a corrigir, como já havia ficado evidente no *Foreword*, em que Meredith afirma que: “We know that Ernest Everhard was an exceptionally strong man, but not so exceptional as his wife thought him to be”<sup>22</sup>(LONDON, 1908, p. IX).

De forma geral, as notas têm caráter informativo, muitas delas apresentando figuras históricas às quais Avis se refere: “Candidate for Governor of California on the Socialist ticket in the fall election of 1906 Christian Era. An Englishman by birth, a writer of many books on political economy and philosophy, and one of the Socialist leaders of the times”<sup>23</sup> (LONDON, 1908, p.34). Essa nota, referente a uma passagem em que Ernest cita Austin Lewis no capítulo *Challenges*, demonstra o caráter quase protocolar que em muitos momentos

20 “A Segunda Revolta foi em grande parte obra de Ernest Everhard, embora seja certo que ele tenha cooperado com dirigentes europeus. Sua prisão e execução secreta foram os acontecimentos mais marcantes do ano de 1932 d.C.”

21 “Com todo o respeito por Avis Everhard, podemos afirmar que Ernest Everhard foi apenas um entre os muitos líderes habilidosos que planejaram a Segunda Revolta.”

22 “Sabemos também que Ernest Everhard era um homem extraordinariamente forte, mas não tão excepcional quanto sua esposa pensava.”

23 “Inglês de nascimento, foi candidato ao governo da Califórnia pelo Partido Socialista nas eleições do outono de 1906. Escreveu muitas obras filosóficas e de economia política e foi um dos líderes socialistas de sua época.”

as intervenções de Meredith assumem, como de fato um historiador fazendo notas técnicas. Por um lado, é evidente que o dispositivo narrativo das notas explicativas tem uma função para a relação com o público contemporâneo de London, os leitores do início do século XX. Se London pretendia que seu texto fosse lido por pessoas interessadas pelo socialismo, deveria ser fundamental que certas informações, que não poderiam, ou não faria sentido ser apresentadas diretamente pelo protagonista, estivessem disponíveis. É possível dizer o mesmo sobre a nota imediatamente anterior a essa, que apresenta a definição do termo “proletariat” (LONDON, 1908, p.33). Esse caráter informativo e explicativo atravessa praticamente todas as notas de Meredith, ainda que se trate da objetividade de um acadêmico do futuro socialista, e, portanto, um defensor desse regime — como já apontado. Na nota abaixo, do capítulo *Mathematics of a Dream*, a heroização de Marx demonstra essa característica:

Karl Marx the great intellectual hero of Socialism. A German Jew of the nineteenth century. A contemporary of John Stuart Mill. It seems incredible to us that whole generations should have elapsed after the enunciation of Marx's economic discoveries, in which time he was sneered at by the worlds accepted thinkers and scholars. Because of his discoveries he was banished from his native country, and he died an exile in England.<sup>24</sup> (LONDON, 1908, p.150).

Nessa passagem, o uso da expressão “hero of socialism” [herói do socialismo] e a ênfase da morte no exílio, além da incredulidade frente à reação dos contemporâneos de Marx a suas descobertas, são elementos que reforçam o posicionamento convicto de Meredith em favor do pensamento marxista.

Algumas das notas de Anthony Meredith também têm o sentido de apresentar desenvolvimentos posteriores ao manuscrito de Avis. Nesses casos, ocorre principalmente a confirmação de previsões de Ernest sobre os acontecimentos históricos, como na nota abaixo, do capítulo *Beginning of the end*, ilustra:

Everhard's social foresight was remarkable. As clearly as in the light of past events, he saw the defection of the favored unions, the rise and the slow decay of the labor

24 “Karl Marx, o grande intelectual do socialismo, era um judeu alemão que viveu no século XIX. Foi contemporâneo de John Stuart Mill. Parece-nos incrível que toda uma geração tenha se passado após os enunciados das descobertas econômicas de Marx, em cuja época era desprezado pelos pensadores e intelectuais de renome do mundo. Por causa de suas descobertas, foi banido de sua terra natal e morreu no exílio na Inglaterra.”

castes, and the struggle between the decaying oligarchs and labor castes for control of the great governmental machine.<sup>25</sup> (LONDON, 1908, p.226).

Ainda assim, não se trata de uma linguagem que reforça qualquer idealização do protagonista, como a de Avis, pois aqui a capacidade de previsão de Ernest é considerada sobriamente como “remarkable” [notável] e os eventos que ele previu são enumerados de forma direta.

Anthony Meredith ainda procura explicar diversos comportamentos, costumes e percepções dos cidadãos do início do século XX — e pode-se dizer que essas explicações tendem a destacar o atraso da sociedade da qual Jack London é contemporâneo, o que constitui uma crítica social com base em um futuro idealizado. A nota abaixo, do capítulo *Jackson's Arm*, por exemplo, refere-se ao “roubo” como uma instituição que não faz sentido para os contemporâneos de Meredith — ao mesmo tempo em que fornece uma breve indicação sobre a *Brotherhood of Man*, ao afirmar que as crianças ainda o praticavam eventualmente:

In those days thievery was incredibly prevalent. Everybody stole property from everybody else. The lords of society stole legally or else legalized their stealing, while the poorer classes stole illegally. Nothing was safe unless guarded. Enormous numbers of men were employed as watchmen to protect property. The houses of the well-to-do were a combination of safe deposit vault and fortress. The appropriation of the personal belongings of others by our own children of to-day is looked upon as a rudimentary survival of the theft-characteristic that in those early times was universal.<sup>26</sup> (LONDON, 1908, p.43-44).

Adquirindo uma postura distante frente ao “roubo”, a passagem é capaz de criticá-lo, inclusive associando-o a uma prática infantil. Apesar desse distanciamento, a objetividade do discurso pode ser questionada, devido ao uso de termos como “incredibly” [inacreditável] e por expressões que implicam exageros, como “everybody stole property” [todos roubavam propriedade] e “enormous numbers of men” [número enorme de homens]. Esses elementos podem ser interpretados como formas de ressaltar uma avaliação sobre a instituição do “roubo”, reforçando também a impressão de estranhamento que um acadêmico do socialismo

25 “As previsões sociais de Everhard eram notáveis. Ele enxergou, como se já tivessem acontecido, a deserção dos sindicatos favorecidos, a ascensão e a lenta decadência das castas operárias, e a luta entre as oligarquias decadentes e as castas operárias pelo controle da grande máquina governamental.”

26 “A roubalheira predominava de maneira incrível. Todos roubavam de todos. Os ricos roubavam legalmente ou faziam com que seus atos se tornassem legais, enquanto os pobres roubavam ilegalmente. Tudo precisava ser muito bem vigiado. Um grande número de homens trabalhava como vigia, para proteger a propriedade. As casas dos abastados eram uma combinação de caixa-forte, cofre e fortaleza. A apropriação dos pertences dos outros pelas crianças de hoje é um resquício do roubo comum, que naquela época era universal.”

teria sobre ele. Pode-se identificar, inclusive, certo tom de ironia na passagem, que transparece no uso de uma linguagem aparentemente objetiva para o estabelecimento de uma metáfora — “the houses of the well-to-do were a combination of safe deposit vault and fortress” — bem como no uso de expressões com aparente contradição, como “stole legally” [roubavam legalmente].

A ironia é, de fato, mais uma característica que perpassa muitas das notas de Meredith, em geral construída a partir do contraste entre a sobriedade da linguagem e o conteúdo expresso. É o caso da nota sobre Nietzsche no capítulo *My Eagle*:

Friederich Nietzsche, the mad philosopher of the nineteenth century of the Christian Era, who caught wild glimpses of truth, but who, before he was done, reasoned himself around the great circle of human thought and off into madness.<sup>27</sup> (LONDON, 1908, p.07).

Aqui, usando um formato de nota biográfica, Meredith não só transparece objetividade na caracterização de Nietzsche como louco, como também faz certa descrição do processo de enlouquecimento. A ironia também aparece em outras notas, como a nota ao termo “strike” [greve], no capítulo *Challenges*, em que Meredith não apenas chama as greves e os *lockouts* de “quarrels” [querelas] como as compara com o suposto costume dos homens das classes baixas de quebrarem mobília brigando com suas esposas (LONDON, 1908, p.31). Nesse como em outros trechos, a ironia e o estranhamento advêm também de uma redução ao absurdo na descrição dos costumes sociais. No trecho a seguir, que faz parte da nota ao termo “corporation lawyer” [advogado corporativo], do capítulo *Jackson’s Arm*, Meredith define de forma tendenciosa essa profissão: “The function of the corporation lawyer was to serve, by corrupt methods, the money-grabbing propensities of the corporations.”<sup>28</sup>. (LONDON, 1908, p.47). Observa-se como a linguagem formal pode criar a impressão de que essas seriam as funções oficiais desses advogados. De forma geral, a linguagem objetiva de Meredith contrasta não só com o uso de ironias, mas com as duras críticas aos costumes, termos, e relações sociais da época do manuscrito. No capítulo *Slaves of the Machine*, em uma nota ao termo “society women” [mulheres de sociedade], ele explica que se trata de um uso restrito do

27 “Friedrich Nietzsche, o louco filósofo do século XIX da Era Cristã, que vislumbrou espantosos clarões de verdade, mas que, antes de morrer, preso no grande círculo do pensamento humano, escapou por meio da loucura.”

28 “A função dos advogados de empresas era servir, por meios corruptos, às tendências gananciosas das corporações”



termo “sociedade”, e adiciona “Neither the business men nor the laborers had time or opportunity for SOCIETY. SOCIETY was the creation of the idle rich who toiled not and who in this way played.”<sup>29</sup> (LONDON, 1908, p.68). O termo “idle” [ocioso] e o verbo “played” [brincavam/jogavam] aparecem aí como índices da crítica à existência de tal camada ociosa.

No capítulo *The Philomaths*, em uma nota ao termo “china shop” [loja de porcelana], Meredith comenta que na época do manuscrito os cômodos eram cobertos de ornamentos, porque as pessoas não haviam descoberto a simplicidade da vida: “Such rooms were museums, entailing endless labor to keep clean. The dust-demon was the lord of the household”<sup>30</sup> (LONDON, 1908, p.72). Esse trecho da nota mostra a sensibilidade para o trabalho — através de uma hipérbole, “endless labour”[trabalho sem fim] —, além de usar a metáfora do “dust-demon” [demônio da poeira] para adicionar uma impressão sensível, elementos pouco comuns para as inserções de Meredith, e que nesse caso têm novamente um sentido irônico e de estranhamento.

Assim, Meredith constrói seus comentários, com uma linguagem objetiva, eventualmente interrompida por hipérboles, reduções ao absurdo e ironias, combinada com dureza na crítica social. Afirma, por exemplo, de forma bastante direta que “distribution was as confused and irrational as the whole general system of Society”<sup>31</sup> (LONDON, 1908, p.72). Compara também os remédios patenteados com os feitiços e indulgências da Idade Média, mas destaca que “the only difference lay in that the patent medicines were more harmful and more costly”<sup>32</sup> (LONDON, 1908, p.72). Define *Wall Street* como o lugar onde “the irrational organization of society permitted underhanded manipulation of all the industries of the country.”<sup>33</sup> (LONDON, 1908, p.174). Apresenta a biografia de um fura-greve, relatando que era “a man more courageous than ethical”<sup>34</sup> (LONDON, 1908, p.223). Informa que “While people starved, lap-dogs were waited upon by maids”<sup>35</sup> (LONDON, 1908, p.264). Conta,

29 “Os homens de negócios, e muito menos os operários, não tinham tempo ou oportunidade para a ‘sociedade’. A ‘sociedade’ foi criação dos ricos ociosos que nada faziam, e por isso brincavam.”

30 “Os aposentos dessas casas eram verdadeiros museus, exigindo um trabalho infundável para manter a limpeza. A poeira tomava conta da casa.”

31 “A distribuição era algo tão confuso e irracional quanto o sistema da sociedade.”

32 “A única diferença era que esses remédios eram mais caros e mais nocivos.”

33 “a organização irracional da sociedade permitia que se manipulassem, por debaixo dos panos, todas as indústrias do país.”

34 “mais corajoso do que ético” (tradução minha)

35 “Enquanto pessoas morriam de fome, os animais de estimação tinham babás.”

ainda, uma anedota sobre Chicago, sobre um membro do gabinete Britânico que teria afirmado que “hell is a pocket edition of Chicago”<sup>36</sup>(LONDON, 1908, p.309).

Vale ressaltar que, como nessa última nota, em que ele cita diretamente John Burns, membro do gabinete Britânico, também em outros momentos Meredith usa um dispositivo comum à linguagem acadêmica e informativa: o discurso de autoridade — ele apela para figuras contemporâneas ao manuscrito para comprovar suas percepções sobre o período. Já no *Foreword* Meredith usa Spencer: “Following upon Capitalism, it was held, even by such intellectual and antagonistic giants as Herbert Spencer, that Socialism would come”<sup>37</sup> (LONDON, 1908, p. XII) — nesse caso é evidente como a palavra de um antagonista legitima a compreensão do desenvolvimento histórico em direção ao socialismo. Em suas notas, chega a citar duas vezes Theodore Roosevelt. Em uma, usa a frase sobre os advogados das corporações, que “make it their special task to work out bold and ingenious schemes by which their wealthy clientes, individual or corporate, can evade the laws which were made to regulate, in the interests of the public, the uses of great wealth”<sup>38</sup> (LONDON, 1908, p.47) — novamente qualificando sua crítica a partir da visão de um opositor político. Em outra citação, quando Roosevelt analisa a situação de superprodução nos EUA: “A more liberal and extensive reciprocity in the purchase and sale of commodities is necessary, so that the overproduction of the United States can be satisfactorily disposed of to foreign countries.”<sup>39</sup> (LONDON, 1908, p.146). Nessa última nota, no capítulo *Mathematics of a dream*, sobre a disposição de excedentes no mercado externo, Meredith cita, além do ex-presidente, dois senadores para fortalecer o argumento de que os EUA produziam muito mais do que consumiam. Ainda no mesmo capítulo, Meredith refere-se a “Lucien Sanial, one of the statistical authorities of that time”<sup>40</sup> e expõe suas estatísticas sobre a divisão da sociedade (LONDON, 1908, p.153). Meredith ainda cita um relatório da *New York Board of Trade*, algumas decisões de cortes contra os trabalhadores, algumas afirmações de religiosos sobre a

36 “Acredito agora que seja o inferno uma edição de bolso de Chicago”

37 “Foi sustentado, mesmo por intelectuais e antagonistas de enorme estatura como Herbert Spencer, que depois do capitalismo viria o socialismo.”

38 “especializam em elaborar planos audaciosos e engenhosos para que seus clientes abastados, indivíduos ou empresas, possam se evadir das leis que foram feitas para regulamentar, para o bem do interesse do público, as grandes fortunas”

39 “Uma reciprocidade mais ampla e liberal na compra e venda de bens de consumo é necessária, de forma que o excedente do país possa ser posto à disposição dos países estrangeiros de forma satisfatória”

40 “uma das autoridades estatísticas daquela época”

instituição da escravidão, o discurso de um lorde inglês sobre a disseminação do socialismo, além de citar revolucionários como Graham Phillips e Eugene Debs.

Como apontado, a crítica social e o olhar irônico sobre os hábitos do início do século XX aparecem no discurso de Meredith sob um tom de forma geral bastante sóbrio, e as notas se constituem tanto desses elementos como de descrições diretas, como a do prato mexicano chamado Tamales e a do trem “Twentieth Century”, além da inserção de sinônimos como a nota a “fake”, que diz apenas “false” [falso] ou a nota a “bluff” que diz apenas “lie” [mentira] (LONDON, 1908, p.p.202; 313; 314; 317) — essas últimas também parecem ter o efeito de verossimilhança, sendo o tipo de notas que um acadêmico do futuro distante teria que inserir. É interessante também considerar — como será desenvolvido ainda nesse capítulo — que, nessas notas, os diversos elementos factuais estão lado a lado com desenvolvimentos ficcionais, como o destino de diversos personagens.

Assim sendo, Meredith é construído, através de diversas estratégias, como aquele que apresenta informações com legitimidade historiográfica, sociológica e acadêmica, a partir de uma linguagem predominantemente objetiva e sóbria — sendo mesmo os momentos que se afastam dessa objetividade explicáveis por se tratar de um acadêmico socialista, que critica a sociedade capitalista duramente. No próximo item analisaremos em maior detalhe como essa linguagem interage com o tom subjetivo e passional construído por Avis.

### **1.3 Interação entre Avis e Meredith**

Foi visto como as duas vozes narrativas do romance têm funções diferentes frente aos acontecimentos de seu enredo — buscando expressar funções comunicativas diversas. No que concerne a essa distinção, pode ser interessante usar algumas reflexões de Walter Benjamin em seu texto “O narrador, considerações sobre a obra de Nicolai Leskov” (*Die Erzähler*, melhor traduzido como “o contador de histórias”). Nesse texto, Benjamin está focado no contador de histórias da tradição oral, e o opõe tanto ao relato informacional quanto ao narrador isolado do romance. Embora Avis não possa ser considerada uma “contadora de histórias” no sentido da tradição que Benjamin debate, o contraste entre sua narração e a de Meredith ressalta algumas características comuns com essa figura.

Benjamin destaca, em seu texto, justamente a característica da narrativa (originalmente a narrativa oral) de fundamentar-se na experiência viva.

Ela [a narrativa] não está interessada em transmitir o “puro-em-si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN,1994, p.205)

É possível, de fato, perceber a marca da formação e das experiências pessoais de Avis no manuscrito. Ela, além disso, eventualmente cede a voz para Ernest, de forma que a narrativa também é marcada pelo mergulho na experiência dele, a qual Avis compartilha. Esse elemento certamente afasta o Manuscrito de Everhard das narrativas às quais Benjamin se refere, embora não deixe de evidenciar a busca por “mergulhar a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”. A própria afirmação de Meredith, de que o valor do manuscrito está em expressar o “sentimento dos tempos”, implica que a função narrativa de Avis é empreender esse “mergulho na vida”.

A posição de Meredith na construção do romance evidencia ainda mais esses aspectos devido ao contraste entre a narradora que idealiza, que reproduz a voz do protagonista e que relata suas experiências conforme sua percepção, envolta nos acontecimentos, e o acadêmico, distante séculos dos fatos e consciente dos processos históricos. Nesse sentido, Meredith aparece como aquele que está preocupado com “transmitir o puro-em-si da coisa narrada, como uma informação ou um relatório”, conforme as palavras de Benjamin, ou, ao menos, aquele que está preocupado em garantir aos leitores do manuscrito que, além do “sentimento do tempo”, possam também entrar em contato com as informações sobre o período ao qual esse manuscrito se refere.

Benjamin também debate a questão da “informação” como forma comunicativa da modernidade, opondo-a à narrativa. Trata-se de uma forma de comunicação que só pode surgir depois da ascensão da imprensa, e tem como característica a tendência de explicar os processos e fatos.

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres de histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: nada do que acontece está a serviço da narrativa e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações. (BENJAMIN,1994, p.203)

De certa forma, o papel de Meredith é, em diversos momentos do romance, dar liberdade para que a construção da narrativa de Avis ocorra com menos interrupções para explicações. Ou

seja, a característica “informativa” da introdução e notas de Meredith é o que permite que Avis se aproxime da figura da contadora de histórias, que apenas narra e se abstém, sempre que possível, de dar explicações.

No trecho abaixo, por exemplo, Avis narra o ocorrido em um dos guetos durante a Comuna de Chicago:

The stream moved slowly, while from it arose groans and lamentations, cursings, babblings of senility, hysteria, and insanity; for these were the very young and the very old, the feeble and the sick, the helpless and the hopeless, all the wreckage of the ghetto. The burning of the great ghetto on the South Side had driven them forth into the inferno of the street-fighting, and whither they wended and whatever became of them I did not know and never learned<sup>41</sup>. (LONDON, 1908, p.346)

Nesse trecho, há uma nota explicativa de Anthony Meredith:

It was long a question of debate, whether the burning of the South Side ghetto was accidental, or whether it was done by the Mercenaries; but it is definitely settled now that the ghetto was fired by the Mercenaries under orders from their chiefs<sup>42</sup>. (LONDON, 1908, p.346)

Observa-se aqui novamente uma linguagem metafórica de Avis, e enumeração das mazelas do povo do abismo de forma sensível e subjetiva — subjetividade que é reforçada pela ignorância da narradora sobre o destino dessas pessoas. A nota, por outro lado, mantém a tendência objetiva das intervenções de Meredith, que afasta o leitor da cena narrada, pelos séculos de debate historiográfico sobre as causas do incêndio. Fica evidente que Avis não teve necessidade de dar explicações sobre o motivo do incêndio em sua narração. Para o efeito geral do romance, a narrativa é de fato interrompida pela nota, e busca-se a informação também como forma comunicativa. O manuscrito, porém, passa como se escrito sem esse tipo de preocupação.

É interessante observar como esse tipo de interação entre as duas vozes narrativas assume diferentes características na totalidade do romance, mas sempre cria novos sentidos, seja pela harmonização e pelo reforço, seja pela contraposição dos elementos expressos por cada um dos narradores.

41 “A torrente se movia devagar, e dela emergiam rugidos e lamentos, blasfêmias, esputações de senilidade, histeria... e a insanidade; eram os muito jovens e os muito velhos, os fracos e os doentes, os impotentes e os desesperados: os miseráveis do gueto. O incêndio do grande gueto do lado sul tinha-os levado ao inferno das batalhas de rua, e para onde foram e o que aconteceu com eles depois disso eu nunca soube.”

42 “Debateu-se muito se o incêndio do gueto do lado sul foi acidental ou provocado pelos Mercenários. Mas agora essa questão está esclarecida. Foi de fato obra dos Mercenários que cumpriam ordens de seus superiores.”

Segundo Nathaniel Teich, em seu artigo “Marxist dialectics in content, form, point of view: structures in Jack London's ‘The Iron Heel’”, o que ele chama de dois pontos de vista técnicos informam um ao outro e produzem efeitos e significados cumulativos no romance (TEICH, 1976, p.91). De fato, o que percebemos nas passagens acima, sobre a Comuna de Chicago, vai nesse sentido, do acúmulo de uma perspectiva historiográfica com uma percepção sensível, criando uma totalidade que não existe para nenhum dos narradores separadamente. Da mesma forma, em diversas passagens, a contraposição entre a idealização de Avis e a sobriedade de Meredith sobre a figura de Ernest contribuem para a construção complexa do protagonista.

Isso acontece em todo o desenvolvimento da obra, principalmente por estarem Avis e Meredith posicionados de forma tão diversa frente aos elementos do enredo. Ainda segundo Teich:

The synthesis or effect of interrelatedness occurs at higher levels of abstraction where there is unification of such sets of antithetical formal patterns of voice, place, time, and movement as personal/impersonal, subjective/objective, chronological/non-sequential, local/international, linear/digressive.<sup>43</sup> (TEICH, 1976, p.92)

Já foi desenvolvido o que seriam esses “antithetical formal patterns of voice” [padrões formais antitéticos de voz], no que concerne a localizar Avis em um polo mais subjetivo e pessoal, e Meredith em um polo mais impessoal e objetivo — tudo isso de forma coerente com seus lugares na narrativa: a participante nos eventos e o acadêmico afastado sete séculos deles.

Sobre as oposições linear/digressivo e cronológico/não-sequencial, um exemplo interessante aparece logo no início do primeiro capítulo, quando Avis afirma: “In my ears are the cries of the stricken; and I can see, as I have seen in the past, all the marring and mangling of the sweet, beautiful flesh, and the souls torn with violence from proud bodies and hurled to God”<sup>44</sup> (LONDON, 1908, p.03). Nesse trecho, após a palavra “past”, Meredith faz uma inserção: “Without doubt she here refers to the Chicago Commune”<sup>45</sup> (LONDON, 1908, p.03). A Comuna de Chicago começa a ser relatada no capítulo XXII do romance, e Avis,

43 “A síntese ou efeito da inter-relação ocorre em níveis mais altos de abstração, onde há unificação desses conjuntos de padrões formais antitéticos de voz, lugar, tempo e movimento como pessoal / impessoal, subjetivo / objetivo, cronológico / não sequencial, local / internacional, linear / digressivo.” (tradução minha)

44 “Em meus ouvidos, ecoam os gritos dos vencidos e posso ver, como vi no passado, toda essa carne bela e macia estragada e mutilada, todas essas almas arrancadas com violência de seus dignos corpos e atiradas a Deus.”

45 “Certamente, ela se refere à Comuna de Chicago”

embora já tivesse passado por ela, opta por relatar todos os fatos na ordem em que ocorrem — mesmo a morte de Ernest nos é revelada por Meredith, ficando apenas implícita na narrativa de Avis. Esse tipo de corte e salto nos fatos da narrativa tende a criar um maior afastamento do leitor em relação ao relato sensível de Avis — nesse caso justamente em um ponto em que ela está usando uma linguagem particularmente passional e adjetivada. Pode-se dizer que isso cria um estranhamento que aumenta a possibilidade de reflexão do leitor sobre a obra.

Essa posição dúbia em que o romance de Jack London coloca o leitor é enfatizada por Teich em seu artigo, pois ele defende que a perspectiva narrativa do *The Iron Heel* formalmente permite respostas múltiplas e opostas, no sentido do envolvimento e do afastamento em relação aos acontecimentos do enredo (TEICH, 1976, p.93). É o que acontece com cada nota irônica ou sóbria que interrompe a narrativa romantizada de Avis — além das citadas acima, pode ser citado o exemplo, no capítulo *The Great Adventure*, da contraposição entre o orgulho de Avis quando ela informa que “Father came of stout old Mayflower stock”<sup>46</sup> (LONDON, 1908, p.177), em referência aos primeiros colonizadores, e a nota enciclopédica de Meredith que termina afirmando que, embora essa origem fosse motivo de orgulho na época, “in time the blood became so widely diffused that it ran in the veins practically of all Americans.”<sup>47</sup> (LONDON, 1908, p.177). O conjunto de contraposições apresentadas por Teich pode dar a impressão de que há apenas oposição entre a perspectiva de Avis e Meredith. No entanto, o autor aponta um elemento sobre o qual é interessante refletir:

The reader orders and accepts his multiple responses to *The Iron Heel* not just from the coalescence of the dual focus of narration in his process of reading the novel, but because of its specific content: especially the ideology and values shared by the major characters Avis, Ernest and the annotator<sup>48</sup>. (TEICH, 1976, p.93)

Apesar das diferenças, e, em muitos sentidos, oposição entre os pontos de vista, há um elemento que transcende o afastamento no tempo e nas funções dos narradores: a defesa que ambos fazem do socialismo. Mais acima foi comentado como a objetividade de Meredith tem como limite seu firme posicionamento contra o regime capitalista e sua defesa do regime da *Brotherhood of Man*, em que vive — ainda que essa ruptura com a objetividade esteja

46 “Papai descendia da velha e robusta estirpe do Mayflower”

47 “Esses colonos, durante muito tempo, se orgulharam de sua origem; mas, no decorrer dos tempos, seu sangue se difundiu de tal maneira que corre hoje praticamente nas veias de todo americano.”

48 “O leitor ordena e aceita suas múltiplas respostas a *The Iron Heel* não apenas pela justaposição do foco duplo da narração em seu processo de leitura do romance, mas por causa de seu conteúdo específico: especialmente a ideologia e os valores compartilhados pelos personagens principais Avis, Ernest e o anotador.” (tradução minha)

parcialmente justificada porque a oposição ao capitalismo é um dado histórico para ele. Mesmo assim, é para criticar especificamente o regime que Meredith usa mecanismos de discursos mais próximos de Avis: metáforas, adjetivação etc. Ainda pode ser dito que Avis cede o discurso a Ernest — ou melhor, relata fielmente suas palavras — quando ele está falando da teoria socialista. A mescla entre as vozes do romance em determinados momentos tende a legitimar mais o conteúdo narrado — é o caso, por exemplo, dos momentos em que Meredith reconhece a capacidade ou a importância de Ernest, mesmo se contrapondo à idealização específica de Avis.

Teich ainda afirma que:

In spite of how embarrassing some of London's rhetoric may seem to us, in the sentimentalism of Avis's declarations or the annotator's didacticism, we willingly suspend our disbelief and give our assent to both Avis and the annotator because of, not in spite of, our ambivalence toward them<sup>49</sup> (TEICH, 1976, p.93)

Assim, existe, de fato, deslegitimação entre as vozes do romance — direta no caso da deslegitimação de Avis por Meredith, e mais indireta no sentido contrário, especialmente na medida em que o relato passional de Avis mostra a limitação de uma visão apenas científica-historiográfica dos fatos. Essa deslegitimação, que poderia fazer o leitor duvidar de ambos os narradores, no entanto, no conjunto da obra tende a reforçar e legitimar cada um dos pontos de vista.

A análise de John Whalen-Bridge, em seu livro *Political Fiction and the American Self*, sobre o romance, apresenta um sentido próximo, de debater a complementariedade dos pontos de vista na construção do sentido da obra:

While the juxtaposition of clashing perspectives adds drama to Avis Everhard's account, the ironic perspective of the foreword and notes develops the novel's political philosophy just as it gives texture to the narrative. The reader shuttles between Avis's passion, which is certainly indispensable to any mass movement and the more dispassionate appraisal of the academic Meredith. One sort of reader may identify with Avis passion; those who are wary of or even cynical about group emotions may prefer Meredith's Olympian perspective<sup>50</sup>. (WHALEN-BRIDGE, 1998, p.82)

49 “Apesar de quão embaraçosa parte da retórica de London possa nos parecer, no sentimentalismo das declarações da Avis ou no didatismo do anotador, suspendemos de bom grado nossa descrença e damos nosso consentimento a Avis e ao anotador devido a, e não apesar de, nossa ambivalência em relação a eles” (tradução minha)

50 “Enquanto a justaposição de perspectivas conflitantes acrescenta drama ao relato de Avis Everhard, a perspectiva irônica do prefácio e das notas desenvolve a filosofia política do romance, assim como dá textura à



Nota-se que Whalen-Bridge considera que a própria textura da narrativa é criada pelas perspectivas conflitantes, inclusive adicionando drama à já dramática narrativa de Avis. No trecho acima, além disso, ele indica que o leitor “shuttles” [se desloca] entre as duas diferentes perspectivas, da mesma forma que para Teich o leitor “orders and accepts his multiple responses” [ordena e aceita suas múltiplas respostas]. Essa aceitação da dubiedade da narrativa tem relação intrínseca com seu conteúdo — como visto, para Teich a relação ideológica entre Avis, Meredith e Ernest é fundamental para sustentá-la. Whalen-Bridge desenvolve uma reflexão próxima, pois para ele as ficções políticas que se mantêm restritas à “linha do partido”, ou seja, apresentam um monolitismo político, sacrificam elementos de surpresa que são importantes para a literatura, e muitos dos que analisam o romance *The Iron Heel* consideram-no problemático nesse sentido — apesar disso, Whalen-Bridge defende que justamente a dupla perspectiva é capaz de manter o romance interessante, e adiciona:

The tension between these two perspectives replicate exactly those conflicts an individual would endure to resist totalitarian oppression. Whether we speak of resistance to the Nazis in Vichy France or resistance to totalitarian rule in various novels, the success of resistance to totalitarian rule requires both individual sacrifice and collective action. ‘Individual sacrifice’ presupposes heroism or heroic loss, and yet ‘collective action’ often depends on the suppression of the individual viewpoint  
<sup>51</sup> (WHALEN-BRIDGE, 1998, p.80)

Parece particularmente relevante como ambos os autores observam relações entre a duplicidade narrativa formal e a expressão de um conteúdo político determinado — na citação acima, a duplicidade formal tem a função específica de expressar uma duplicidade do próprio processo revolucionário, ao mesmo tempo individual — heroico, subjetivo, passional, como o relato de Avis — e coletivo — distanciado, objetivo, racional, como as inserções de Meredith. Trata-se do mesmo argumento de Teich: a unidade dos pontos de vista conflitantes é estabelecida pela ideologia e pelos valores dos protagonistas, ou seja, pelo fato de que o

---

narrativa. O leitor se desloca entre a paixão de Avis, que é certamente indispensável a qualquer movimento de massas e a avaliação mais desapassionada do acadêmico Meredith. Um tipo de leitor pode se identificar com a paixão da Avis; aqueles que são cautelosos ou até cínicos em relação às emoções coletivas podem preferir a perspectiva olímpica de Meredith” (tradução minha)

51 “A tensão entre essas duas perspectivas reproduz exatamente os conflitos que um indivíduo suportaria para resistir à opressão totalitária. Quer falemos da resistência aos nazistas na França de Vichy ou resistência ao regime totalitário em vários romances, o sucesso da resistência ao regime totalitário exige tanto o sacrifício individual quanto a ação coletiva. ‘Sacrifício individual’ pressupõe heroísmo ou perda heróica, e, no entanto, ‘ação coletiva’ geralmente depende da supressão do ponto de vista individual” (tradução minha)

próprio socialismo, ou a própria revolução, podem ser entendidos e expressos de diferentes formas, as quais convivem na construção do romance.

Vale observar, porém, que, se no romance o processo revolucionário merece essas diferentes vozes e perspectivas, o mesmo não pode ser dito do conflito entre as classes sociais nele figurado. Nesse caso, a dicotomia é muito direta, o que pode tornar rasa a expressão literária e política. Para Whalen-Bridge: “*The Iron Heel* is in part spoiled by political arrogance. The protagonist Ernest Everhard is dangerously good and the novel’s villains are purely evil”<sup>52</sup> (WHALEN-BRIDGE, 1998, p.82). Já foi visto, nesse sentido, como principalmente Avis idealiza Ernest. Por outro lado, no capítulo *The Philomaths*, por exemplo, essa representação da Oligarquia como maléfica fica evidente em várias passagens, quando Ernest a está acusando de ter administrado mal a sociedade: “You have been blind and greedy. You have risen up (as you to-day rise up), shamelessly, in our legislative halls, and declared that profits were impossible without the toil of children and babes.”<sup>53</sup> (LONDON, 1908, p.86-87). Ainda no mesmo capítulo, um dos oligarcas ameaça não respeitar a possível vitória eleitoral dos socialistas: “We will grind you revolutionists down under our heel, and we shall walk upon your faces”<sup>54</sup> (LONDON, 1908, p.97). A ideia de que o domínio dos grandes capitalistas depende da exploração de crianças e bebês e a ameaça de esmagamento dos socialistas constroem a imagem de opositores insensíveis e agressivos. Há, no entanto, uma passagem do relato de Avis, no capítulo *The roaring of the abismal beast*, que apresenta de forma mais contraditória os representantes da Oligarquia, ao indicar que a força do regime estaria em seu rigor ético, e não em qualquer sistema de punição, da mesma forma que, para os religiosos, “heaven and hell are incidental to right and wrong”<sup>55</sup> (LONDON, 1908, p.300). Assim sendo, embora de forma geral Whalen-Bridge esteja correto na afirmação de que London constrói de forma excessivamente maniqueísta a oposição entre os revolucionários e os oligarcas, observa-se que ambos os grupos trabalham a partir de sua própria ética — para os oligarcas, ela está relacionada à compreensão de que “they alone maintained

52 “*The Iron Heel* é em parte estragado pela arrogância política. O protagonista Ernest Everhard é perigosamente bom e os vilões do romance são puramente maus” (tradução minha)

53 “Os senhores fracassaram em sua administração. Transformaram a civilização em uma bagunça. Têm sido cegos e gananciosos. Os senhores se ergueram (como se erguem hoje), sem qualquer vergonha, em nossas câmaras legislativas, e declararam que os lucros seriam impossíveis sem o trabalho duro de crianças e bebês.”

54 “Trituraremos seus revolucionários sob os nossos tacões e caminharremos sobre suas faces.”

55 “céu e o inferno são incidentais em relação ao certo e o errado.”

civilization”<sup>56</sup>, de forma que se torna uma missão, nas palavras de Avis praticamente religiosa, controlar essa mesma civilização. Esse elemento religioso é justamente usado para ambos os grupos, uma vez que também os revolucionários, como já citado, são descritos como aqueles que adoravam o santuário da liberdade. (LONDON, 1908, p.250).

Voltando às questões relativas à construção narrativa, também Alessandro Portelli, em seu artigo “Jack London's Missing Revolution: Notes on ‘The Iron Heel’”, enfatiza a importância da existência de várias vozes no romance, que compartilham a responsabilidade por seu conteúdo e, por isso, aumentam sua credibilidade (PORTELLI, 1982, p.181) — ou seja, a credibilidade da teoria socialista e seus desenvolvimentos práticos no processo revolucionário, como pontuado acima. Portelli ainda aprofunda como cada uma das vozes é fonte de um conhecimento específico — Ernest, do teórico; Avis, da experiência; Meredith, do conhecimento histórico (PORTELLI, 1982, p.181). De fato, a conjunção desses diferentes conhecimentos tende a fortalecer a credibilidade da narrativa: desde o *Foreword*, Meredith credencia-se por ter uma visão mais distanciada e científica dos fatos narrados, ao mesmo tempo que credencia Avis por sua vivência, para expressar os elementos sensíveis que uma análise historiográfica não seria capaz de recuperar. Observa-se também que Avis nunca fala por si só da teoria socialista, ela o faz a partir da voz de Ernest, que está, também desde as primeiras passagens do romance, credenciado como teórico tanto por Meredith — que no capítulo *Challenges* informa que o livro teórico de Ernest “continued to be secretly printed throughout the three centuries of the Iron Heel”<sup>57</sup> (LONDON, 1908, p.27) — quanto por Avis, que se torna socialista por sua influência.

Mas a maior credibilidade do conteúdo do romance não é, para Portelli, a única consequência da duplicidade narrativa do *The Iron Heel*. Ele cita uma passagem em que Avis trata de seus intervalos de consciência durante os traumáticos eventos da Comuna de Chicago para introduzir uma reflexão sobre outro efeito causado pelo que ele chama de estratificação da narração. Portelli aponta, então, que a sobrevivência do narrador é uma característica fundamental da ficção científica — por tratar de eventos futuros usando tempos verbais do passado, garante a sobrevivência do narrador, por mais terríveis que sejam os elementos tratados, o que acaba por torná-los mais palatáveis. (PORTELLI, 1982, p.182).

56 “eles sustentavam a civilização”

57 “continuou sendo impresso secretamente durante os três séculos do Tachão de Ferro”

No romance *The Iron Heel*, portanto, a estratificação da narração garante que certos eventos “traumáticos” não estejam presentes diretamente no romance. Da mesma forma que os lapsos de consciência de Avis acabam por esconder o destino do povo do abismo durante a Comuna de Chicago, a dupla quebra na cronologia da narração significa o não relato de outros eventos importantes.

A primeira quebra refere-se à brecha de setecentos anos entre o manuscrito de Avis e os comentários de Meredith, que esconde nada menos que a própria revolução. O romance, então, dá conta do período de ascensão do regime da Oligarquia, das primeiras revoltas (derrotadas) contra ele e dá conta também da existência futura de uma sociedade socialista, mas não trata da revolução vitoriosa, que se mantém como que interdita aos leitores.

Essa não é, no entanto, a única quebra narrativa do romance. O manuscrito escrito por Avis também se interrompe bruscamente, no meio de uma sentença, e a nota final de Meredith conclui-se assim: “It is to be regretted that she did not live to complete her narrative, for then, undoubtedly, would have been cleared away the mystery that has shrouded for seven centuries the execution of Ernest Everhard.”<sup>58</sup> (LONDON, 1908, p.354). Ou seja, também essa quebra interdita ao leitor outro evento traumático, a morte do protagonista. Pode-se dizer, então, que essa duplicidade narrativa também é uma forma específica de imprimir historicidade ao romance, estabelecendo, como afirma Jameson, um futuro do futuro (JAMESON, 2013, p. 306) — o futuro socialista que se contrapõe ao futuro autoritário do regime oligárquico — que acaba por garantir algum tipo de finalização, mesmo que a narração (e a própria vida das personagens) apresente quebras.

Foi visto, portanto, que a duplicidade narrativa constrói uma série de efeitos que afetam a construção do romance e os conteúdos que ele manifesta — os quais são expostos ou interditados aos leitores conforme as diferentes vozes do romance interagem entre si. Essa duplicidade, por sua vez, se relaciona com outros elementos formais do romance, que serão analisados a seguir.

58 “É lamentável que não tenha sobrevivido para completar sua narrativa, pois nos teria esclarecido o mistério que há setecentos anos paira sobre a execução de Ernest Everhard.”

## 2. Ernest Everhard: a construção do profeta

Ernest Everhard ocupa, sem dúvida, um lugar central no romance, funcionando de certo modo como motor dos eventos — a narração de Avis começa com a noite em que se conheceram, é ele que opera sua “conversão ao socialismo”, é ele que planeja as revoltas. Assim sendo, a análise sobre a construção dessa personagem tende a contribuir para a compreensão do sentido geral da obra.

Ao tratar da estratificação narrativa, Portelli refere-se não só a Avis e Meredith, mas também ao próprio Ernest: “Lastly there is Ernest Everhard, who cannot be considered a narrator in the strictest sense but an important ‘voice’ in that he speaks throughout the first part of the novel”<sup>59</sup> (PORTELLI, 1982, p.181). De fato, como apontado anteriormente, Avis cede a narração ao discurso direto de Ernest em longas passagens dos capítulos iniciais do romance. Portelli interpreta que há uma estrutura teatral nesses capítulos iniciais, com a presença de tipos sociais que se contrapõem ao herói, Ernest, entre eles bispos, magnatas, pequenos empresários. Trata-se de uma estrutura que ele identifica com a da “morality play” (autos religiosos), inclusive pelos nomes alegóricos das personagens — desde Everhard, que indica resistência, como Avis, aproximado do latim para “ave”, mas também dos opositores, Morehouse (que abre mão de sua casa), Wickson (aproximado de “wicked” [perverso]) e Mr Calvin e Mr. Owen (referências a Calvino e Robert Owen) (PORTELLI, 1982, p.183).

Apesar de essa estrutura teatral significar que a narradora do manuscrito cede a voz para todas as personagens no debate, a predominância e centralidade de Ernest, bem como a continuidade de sua intervenção sobre a narrativa, tornam adequada a leitura de Portelli de que ele faz parte da estratificação narrativa. Mas isso também significa que analisar a construção do protagonista é fazê-lo sob um triplo ponto de vista.

Avis, como já apontado, é voz narrativa que expressa sensibilidade frente aos acontecimentos e, nesse sentido, sofre influência de Ernest desde que o conhece, e envolve-se com ele romanticamente, além de politicamente. Apesar de afirmar, no primeiro capítulo do manuscrito: “I cannot say that my very first impression of him was favorable”<sup>60</sup> (LONDON, 1908, p.354), as descrições posteriores que faz dele, como as diversas já citadas no item anterior, são idealizadas, romantizadas, além de imiscuírem suas características pessoais com

59 “Por fim, há Ernest Everhard, que não pode ser considerado um narrador no sentido mais estrito, mas uma importante ‘voz’ na medida em que ele fala durante a primeira parte do romance” (tradução minha)

60 “Não posso afirmar que minha primeira impressão a respeito dele tenha sido positiva.”

suas capacidades políticas. Não deve ser desconsiderado, aliás, que London escolhe uma voz feminina para tratar os elementos sensíveis da trama do romance. Para Auerbach, o gênero carrega grande significado nesse caso porque as estruturas de sentimento e de emoção íntima implicariam para London, o feminino — trata-se, ainda segundo Auerbach, de um esforço justamente para borrar a separação entre pessoal e político (AUERBACH, 2006, n.p).

Já Meredith, em seu *Foreword*, apesar de afirmar que Ernest não havia sido tão excepcional quanto sua esposa pensava, e que ele “was, after all, but one of a large number of heroes who, throughout the world, devoted their lives to the Revolution”<sup>61</sup>, também concede que ele “did unusual work, especially in his elaboration and interpretation of working-class philosophy”<sup>62</sup>. Na sequência Meredith ainda trata os nomes que Ernest dá a suas formulações teóricas como produto do provincianismo de sua mente, mas enfatiza que ninguém naquele tempo poderia escapar desse defeito (LONDON, 1908, p. IX-X). Nos capítulos subsequentes, Meredith segue em suas notas corrigindo Avis em relação a sua idealização de Ernest, mas sempre ponderando e contrapondo aspectos de reconhecimento sobre sua importância e capacidade. Meredith o descreve como o principal responsável pela Segunda Revolta, em uma nota, no capítulo *My Eagle*, para logo em seguida, em outra nota, colocá-lo como apenas um dos líderes e enfatizar que sua sobrevivência não teria garantido a vitória (LONDON, 1908, p.01-03). Ainda ressalta, no capítulo seguinte, como os livros de Ernest seguiram sendo impressos por séculos. Além disso, é destacável, já no capítulo *The beginning of the end*, uma sequência de três notas em que Meredith confirma, maravilhado, uma profecia (ele mesmo a chama assim) de longo prazo de Ernest. Embora já tenha sido explorado no item anterior como o jogo dessas duas perspectivas constrói significados sobre todo o narrado, a retomada desses elementos é importante para pensar a construção de Ernest. Isso porque há uma terceira perspectiva que deve ser considerada para compreendermos o papel dessa personagem: a perspectiva expressa pelo próprio Ernest. O que tem o protagonista a dizer sobre si mesmo?

A primeira frase de Ernest no jantar em que conhece Avis é, curiosamente, “I am not versed in the courtesies of ecclesiastical controversy”<sup>63</sup> (LONDON, 1908, p.07) — não se trata, apesar da impressão inicial de Avis, de modéstia, mas de adequação à situação. Durante

61 “Foi, apesar de tudo que fez, apenas um entre os heróis que, pelo mundo todo, devotaram a vida à Revolução”

62 “realizou uma obra incomum, especialmente na elaboração e interpretação da filosofia da classe operária.”

63 “Não sou versado nos bons modos das discussões eclesiásticas”

esse capítulo, evidencia-se a identificação de Ernest com a classe trabalhadora, enfatizada pela conclusão, em que Ernest afirma, assumindo o papel de porta-voz: “The working class has done without you. Believe me, the working class will continue to do without you. And, furthermore, the working class can do better without you than with you.”<sup>64</sup> (LONDON, 1908, p.21). Nesse primeiro debate, os socialistas não são mencionados, mas no capítulo seguinte, *Challenges*, em que Avis e o Bispo polemizam com as visões de Ernest, esse é o debate central. Novamente, ele assume o papel de porta-voz, quando afirma: “‘I agree with you heartily,’ he answered. ‘That is what we socialists are trying to bring about, — the abolition of the conflict of interest’”<sup>65</sup> (LONDON, 1908, p.28-29). Já no capítulo seguinte, *Jackson's arm*, há a seguinte passagem, quando Avis e Ernest debatem as entrevistas que ela realizou sobre o caso de Jackson. Ernest afirma que nenhum dos entrevistados era agente livre naquela situação:

“But you,” I interjected. “You are surely a free agent.”

“Not wholly,” he replied. “I am not tied by my heartstrings. I am often thankful that I have no children, and I dearly love children. Yet if I married I should not dare to have any.”

“That surely is bad doctrine,” I cried.

“I know it is,” he said sadly. “But it is expedient doctrine. I am a revolutionist, and it is a perilous vocation.”<sup>66</sup> (LONDON, 1908, p. 55).

Dois elementos são destacáveis no trecho. Um deles é o uso, pela primeira vez no romance, da palavra “revolutionist” [revolucionário], tratada aqui como uma vocação. Até esse capítulo sabemos, portanto, pela própria voz de Ernest, que ele pertence à classe trabalhadora, é socialista, e um revolucionário por vocação.

É interessante que, apesar disso, ele mesmo não se considere um agente livre, mesmo que isso não se deva aos “heartstrings”, ou seja, às relações familiares. Esse trecho dialoga com uma passagem posterior, do capítulo *Adumbrations*. No capítulo, o pai de Avis recebe uma oferta de tirar “férias”, na verdade um suborno para que ele não termine seu livro. Ernest

64 “A classe operária tem-se virado muito bem sem os senhores; e, podem acreditar, ficará muito bem assim. E, além disso, ela se dá melhor sozinha do que com os senhores.”

65 “— Concordo plenamente — respondeu. — É o que nós, socialistas, pretendemos provocar: a abolição desse conflito de interesses”

66 “— Mas o senhor — objetei —, pelo menos o senhor é livre para agir. — Não completamente — respondeu ele. — Não estou preso por laços familiares. Sempre agradeço por não ter filhos, embora tenha a maior afeição pelas crianças. No entanto, se viesse a me casar, não me atreveria a ter um filho.

— Essa certamente não é uma boa doutrina — protestei.

— Eu sei — disse melancolicamente. — Mas é uma doutrina prática. Sou revolucionário e essa é uma vocação perigosa.”

recomenda que ele aceite, mesmo sabendo que se trata de um suborno. Mais à frente Avis questiona:

“Then why did you advise father to accept the vacation?”

“Because I am not a pure, exalted soul,” was the answer. “Because I am solid and stolid and selfish. Because I love you and, like Ruth of old, thy people are my people.”<sup>67</sup> (LONDON, 1908, p. 108).

Trata-se de uma autoavaliação bastante dura — que usa a linguagem religiosa, da pureza e exaltação da alma, para negá-la em favor da solidez, impassibilidade e egoísmo, atributos fortemente humanos. Tal egoísmo, no entanto, aparece particularmente na proteção às pessoas queridas, ou seja, como no trecho anterior, os “heartstrings” têm papel fundamental. O trecho conclui-se, ironicamente, com uma passagem bíblica (Ruth 1:16.).

Essa autodescrição é bastante reveladora no que se distingue da idealização que Avis faz de Ernest. Particularmente, dois capítulos antes da última citação, em *Slaves of the Machine*, a narradora faz uma descrição com tons religiosos — já mencionada acima, em que ela compara Ernest a um anjo da justiça. Tal descrição conclui-se com uma reflexão angustiada:

And then there arose before me another figure, the Christ! He, too, had taken the part of the lowly and oppressed, and against all the established power of priest and pharisee. And I remembered his end upon the cross, and my heart contracted with a pang as I thought of Ernest. Was he, too, destined for a cross?<sup>68</sup>(LONDON, 1908, p. 61).

A metáfora religiosa chega aqui a seu ápice, uma comparação com Cristo, visto aqui evidentemente como um revolucionário. Pode-se dizer, inclusive, que esse é o auge da idealização, se considerarmos as convicções religiosas que caracterizam Avis.

O próprio Ernest, no entanto, no capítulo *Adumbrations*, se opõe a essa ideia. Pouco antes de afirmar que não é uma “pure, exalted soul”, ele está justamente dizendo que o Bispo Morehouse o é, mas que é pouco prático, o que o colocaria em perigo, e conclui afirmando

67 “— Então, por que motivo aconselha meu pai a aceitar as férias?

— Porque não sou uma alma pura e exaltada — respondeu ele. — Porque sou uma pessoa concreta, obstinada e egoísta. Porque amo você e, como dizia Rute: ‘o teu povo é o meu povo’”

68 “E, diante de mim, ergueu-se uma outra figura: a de Cristo. Ele também tomara o partido dos pobres e oprimidos, contra todos os poderes estabelecidos dos sacerdotes e fariseus. E lembrei-me de sua morte na cruz, e meu coração se contraiu de aflição ao pensar em Ernest. Ele também teria uma cruz como destino?”



que “Such high souls are made for crucifixion”<sup>69</sup> (LONDON, 1908, p. 61). A isso Avis questiona:

“And you?” (...)

“Not I,” he laughed back. “I may be executed, or assassinated, but I shall never be crucified. I am planted too solidly and stolidly upon the earth.”<sup>70</sup> (LONDON, 1908, p. 61)

Como visto, os adjetivos “solid” [sólido] e “stolid” [imperturbável] repetem-se na sequência, a qual enfatiza também seu egoísmo. Esses contrapontos, entre as imagens religiosas mobilizadas por Avis e o “materialismo” de Ernest, aparecem em outras passagens (como a já citada, do capítulo *The Great Adventure*, sobre as distinções filosóficas entre ambos).

Ernest, portanto, apresenta claramente que não é uma alma elevada, nem considera ter uma moral superior à das outras pessoas — em sua descrição do “homem comum”, no capítulo *Challenges*, ele também inclui, aliás, o adjetivo “selfish” [egoísta] (LONDON, 1908, p. 29). Apesar disso, ele é membro e porta-voz da classe trabalhadora e dos socialistas, e é um revolucionário. Algumas pistas sobre sua formação são apresentadas nesses primeiros capítulos, como, ainda em *Adumbrations*: “‘My father was a good man,’ Ernest once said to me. ‘The soul of him was good, and yet it was twisted, and maimed, and blunted by the savagery of his life’”<sup>71</sup>(LONDON, 1908, p. 29). Vê-se, aqui, uma avaliação moral complexa, não baseada na oposição simples entre bem e mal, mas que inclusive entende que algo bom pode ser desfigurado pelas condições materiais. A descrição que Ernest faz do próprio pai contrasta com a idealização de Avis em relação a Ernest. De fato, ela ressalta praticamente só suas características positivas, e o mesmo pode ser dito de Meredith, que embora modere a idealização de Avis, não chega a fazer críticas ou ressaltar aspectos negativos do protagonista. Vale ressaltar que a avaliação moral que Ernest tem sobre si mesmo, e sobre seu pai, não é a que ele leva para a discussão com os oligarcas no capítulo *Philomaths*. Nesse caso, ele faz questão de ressaltar que entre os revolucionários encontrou “warm faith in the human, ardent idealism, sweetnesses of unselfishness, renunciation, and martyrdom—all the splendid,

69 “Almas elevadas, como a dele, são feitas para a crucificação.”

70 “— E quanto a você? [...] — Eu, não — ele riu em resposta. — Posso ser executado ou assassinado, mas jamais serei crucificado. Estou muito sólida e obstinadamente plantado na terra.”

71 “— Meu pai era um homem bom — disse-me certa vez. — Era uma alma boa, que foi distorcida, mutilada e entorpecida pela selvageria da vida.”

stinging things of the spirit”<sup>72</sup> (LONDON, 1908, p. 79). Evidentemente, nesse caso, há o fator de colocar-se em comparação com os magnatas, os quais são fortemente criticados de um ponto de vista moral nesse discurso. Há outras passagens em que é possível identificar essa crítica de teor moral, como no capítulo *The beginning of the end*, quando Ernest percebe que os grandes sindicatos haviam sido comprados pela Oligarquia, o que ele chama de “dark business”<sup>73</sup> e denuncia como deserção (“You are leaving the battle-field like cowards”<sup>74</sup>) e corporativismo (“And you don't care a cent for what is best for the rest of labor”<sup>75</sup>) (LONDON, 1908, p. 221). Apesar disso, embora fique evidente que Ernest considera o ato moralmente recriminável, tal ato se opõe ao conjunto da atuação dos revolucionários, não a qualquer elevação moral específica do próprio Ernest.

Ressaltar esses elementos é importante para começar a identificar quais características de Ernest são igualmente reforçadas por todas as vozes narrativas: qualquer superioridade moral seja sobre sua classe ou sobre seus camaradas parece estar excluída pelas intervenções do próprio protagonista. Já suas capacidades política, teórica e organizativa parecem, em vários trechos, também ser destacáveis — sobre isso, há a idealização de Avis (em geral modulada por Meredith), e o reconhecimento da importância das obras filosóficas (embora o livro do pai de Avis também tenha sobrevivido ao regime da Oligarquia) e do papel na Segunda Revolta de Ernest por Meredith. O próprio Ernest, porém, em seus discursos, não se coloca como nada além de um porta-voz — exceto quando discorda dos líderes socialistas em suas previsões.

É o que ocorre no capítulo *The Vortex*, quando Ernest está certo de que a vitória pacífica nas eleições não pode mais acontecer — então Avis enfatiza que “His fellow-socialists could not agree with him. They still insisted that victory could be gained through the elections”<sup>76</sup> e que para esses mesmos líderes “there was no room in their theoretical social evolution for an oligarchy, therefore the Oligarchy could not be”<sup>77</sup> (LONDON, 1908, p. 175). Tal passagem dialoga com o trecho do *Foreword*, em que Meredith informa que mesmo séculos depois “the rise of the Oligarchy will always remain a cause of secret wonder to the

72 “uma calorosa fé no ser humano, um ardente idealismo, a doçura da abnegação, da renúncia e do sofrimento — qualidades esplêndidas e pungentes do espírito”

73 “ofício obscuro”

74 “Abandonam como covardes o campo de batalha.”

75 “E você não dá um vintém por aquilo que seja melhor para o restante dos trabalhadores”

76 “Seus companheiros socialistas não puderam concordar com ele. Continuavam insistindo que a vitória seria alcançada por meio das eleições.”

77 “Não havia lugar em sua evolução social teórica para uma oligarquia, logo a oligarquia não podia existir.”

historian and the philosopher”<sup>78</sup> (LONDON, 1908, p. XI). Aqui, de fato, a percepção de Ernest parece ultrapassar seu domínio teórico: se todos os líderes socialistas, além de historiadores e filósofos do futuro, não foram capazes de compreender o fenômeno da ascensão da Oligarquia, como pôde Ernest prevê-lo? É importante destacar, ainda, que após tornar-se socialista a principal discordância que Avis apresenta em relação a Ernest relaciona-se, também, a uma profecia que se cumpre — o lento desenvolvimento após a tomada do poder pela Oligarquia, sobre o qual a narradora afirma “I never agreed with him in it, and I disagree now, as I write these lines, more heartily than ever; [...]. Yet I have here given Ernest’s prophecy because it was his prophecy.”<sup>79</sup> (LONDON, 1908, p. 225)

Considerando esses elementos, as previsões ou “profecias” de Ernest parecem ser um aspecto fundamental de sua construção enquanto protagonista, o diferenciando inclusive dos outros socialistas. Assim sendo, torna-se essencial analisar tais previsões para refletir sobre seu significado para o todo da obra.

## 2.1 As Profecias de Ernest

Na única aparição da palavra “prophet” [profeta] no romance, ela se refere a Ernest — trata-se do jantar com os religiosos no capítulo *My Eagle*, quando Mr. Ballingford afirma jocosamente que “There is no God but Fact, and Mr. Everhard is its prophet,”<sup>80</sup> (LONDON, 1908, p. 15). Aqui, evidentemente, a referência não é à capacidade preditiva de Ernest, mas ao fato de ele “professar” algo como a fé, só que nos fatos. Em outra passagem, quando, devido aos processos de crise, as religiões ascenderam e havia uma grande confusão de conflitos e doutrinas, Avis afirma que “It was a time of visions and miracles, while seers and prophetesses were legion”<sup>81</sup> (LONDON, 1908, p. 235) — a própria hipérbole aqui indica a desqualificação das visões dessa “legião”. A temática das visões, associada ao seu cunho religioso, aparece em outros momentos, por exemplo no capítulo *The Bishop Vision*, quando o

78 “A ascensão da oligarquia será sempre um fator de espanto para o historiador e para o filósofo.”

79 “Eu nunca concordei com ele nesse ponto, e discordo ainda hoje, no momento em que escrevo estas linhas, mais sinceramente do que nunca [...]. Contudo, descrevi aqui a profecia de Ernest, porque era a sua profecia.”

80 “Não existe Deus, mas Fatos, e o senhor Everhard é o seu profeta”

81 “Era uma época de visões e de milagres, em que apareceu uma legião de videntes e profetas.”

bispo Morehouse apresenta a uma entidade religiosa as mudanças de sua percepção de mundo — embora a visão seja do bispo, Ernest é o “motor” que permite que essa visão ocorra (LONDON, 1908, p. 111). Da mesma forma, Ernest também é “motor” de uma visão no jantar com os pequenos empresários, em que Avis afirma que “out of abstractions Ernest had conjured a vision and made them see it”<sup>82</sup> (LONDON, 1908, p. 148). Essa última visão, aliás, diferencia-se daquela do bispo, referente apenas à situação atual do povo, porque diz algo sobre o futuro do capitalismo — Ernest está argumentando sobre a impossibilidade de gastar os excedentes da produção capitalista.

Mas o próprio Ernest tem visões, o que se mostra importante para o desenvolvimento do romance. Antes de entrar em suas principais previsões, cabe ainda ressaltar que Ernest, no desenrolar do romance, realiza várias previsões parciais, sobre o destino de personagens ou acontecimentos específicos, sempre baseadas e justificadas por sua análise sobre a realidade.

No capítulo *Challenges*, ele afirma ao bispo Morehouse “You will be discharged”<sup>83</sup> (LONDON, 1908, p. 37) caso protestasse contra a atuação injusta da Igreja, prevendo o processo de perseguição política pelo qual o bispo passa durante quase todo o romance. O uso do verbo “will” — em vez de algum outro modal — e a falta de qualquer advérbio que relativize a afirmação, reforça a impressão de certeza da previsão. No capítulo *Jackson’s Arm*, o mesmo ocorre quando Ernest afirma que Avis “You will find them all slaves of the machine”<sup>84</sup> (LONDON, 1908, p. 56), referindo-se ao advogado da corporação e aos editores que acompanharam o caso de Jackson. No capítulo *Philomaths*, Ernest também prevê que, quando ele ameaçasse as riquezas dos magnatas, “That will shake them to the roots of their primitive natures”<sup>85</sup> (LONDON, 1908, p. 74), e de fato a descrição posterior de Avis sobre as reações dá conta justamente desse aspecto. Além disso, nesse mesmo jantar, já ao fim do discurso, ele afirma “I dare to say to you now that when I have finished you will not answer. On that point you will be tongue-tied, though you will talk wordily enough about other things.”<sup>86</sup> (LONDON, 1908, p. 86). De fato, diversos dos membros do grupo dos “Philomaths” não conseguem responder à acusação de Ernest, mudam de assunto ou insultam Ernest. Nesse caso, porém, ele está errado, ao fim do jantar Mr. Wickson dá uma resposta não

82 “Mais do que abstrações, Ernest havia conjurado uma visão e feito com que eles a enxergassem”

83 “O senhor será punido”

84 “Descobrirá que todos são escravos da máquina.”

85 “Isso irá abalá-los até as raízes de sua natureza primitiva”

86 “me atrevo a dizer-lhes agora que, mesmo quando eu tiver terminado, não poderão me contestar. Nesse ponto, e sobre isso, os senhores estarão emudecidos, e só lhes restará mudarem de assunto.”

exatamente à acusação de mal gerenciamento da sociedade, mas afirma que por já deter o poder, a classe dos capitalistas manteria o poder. Ernest, então, considera sua acusação como respondida. Curiosamente também a única personagem a quem Ernest cede a razão durante o romance é o próprio Wickson, quando, no capítulo *The Vortex*, Ernest conclui que não haveria vitória pacífica nas urnas<sup>87</sup>.

Mais à frente, no capítulo *The Bishop Vision*, Ernest afirma que nada sobre o discurso do Bispo sairia nos jornais, e complementa:

“Let me prophesy. To-morrow’s papers will merely mention that the Bishop is in poor health, that he has been working too hard, and that he broke down last night. The next mention, some days hence, will be to the effect that he is suffering from nervous prostration and has been given a vacation by his grateful flock. After that, one of two things will happen: either the Bishop will see the error of his way and return from his vacation a well man in whose eyes there are no more visions, or else he will persist in his madness, and then you may expect to see in the papers, couched pathetically and tenderly, the announcement of his insanity. After that he will be left to gibber his visions to padded walls.”<sup>88</sup>(LONDON, 1908, p. 86)

Aqui Ernest assume diretamente que está profetizando — embora isso possa ser interpretado como irônico, dado que ele se fundamenta, mais uma vez, no conhecimento da situação social. A forma, porém, segue sendo a da previsão, com uso frequente da do verbo “will”, sem índices de dúvida — mesmo no que se depende exclusivamente da ação do bispo, ele reduz os desenvolvimentos a apenas duas possibilidades. De fato, a sequência do destino do bispo segue essa profecia, inclusive com a internação do Bispo em uma instituição de saúde mental — as “padded walls” [paredes acolchoadas] do trecho.

Nos capítulos subsequentes esse tipo de construção profética segue ocorrendo: no jantar com os pequenos empresários, por exemplo, há várias sequências em que Ernest prevê os acontecimentos dos períodos seguintes.

87 Mas pode se considerar irônico que o filho de Wickson encontre o esconderijo dos revolucionários, em que Avis mora durante meses, seja detido por eles e, ao fim, convertido para a causa dos socialistas — trata-se do capítulo *The Lost Oligarch* (LONDON, 1908, p. 286)

88 “Vou fazer uma profecia. Os jornais de amanhã apenas mencionarão que o bispo não anda muito bem de saúde, que anda trabalhado demais e que teve um esgotamento nervoso a noite passada. Alguns dias depois, dirão que ele estava sofrendo dos nervos e que o seu agradecido rebanho tinha-lhe dado férias. Depois, uma dessas duas coisas vai acontecer: ou o bispo reconhece o erro e volta de suas férias como um homem são, em cujos olhos não existem mais visões, ou persistirá em sua loucura e então veremos nos jornais, formulado com tristeza e compaixão, o anúncio de sua insanidade. No fim, ele irá gaguejar suas visões para as paredes... acolchoadas.”

Ernest havia ainda previsto, no capítulo *Adumbrations* que a renda principal de John Cunnighan, pai de Avis, poderia ser tirada com tanta facilidade quanto o salário (LONDON, 1908, p. 106), o que acaba ocorrendo no capítulo *The Great Adventure* (LONDON, 1908, p. 177).

Algumas dessas previsões, como dissemos, indicam uma importante capacidade de análise das contradições sociais — outras podem indicar apenas a convicção revolucionária. Não à toa, mais à frente no romance outros personagens fazem formulações que se parecem formalmente com as de Ernest. No capítulo *The roaring abysmal beast*, Avis afirma, sobre a construção das grandes cidades, que “we of the Revolution will go on with that great work, but it will not be done by the miserable serfs”<sup>89</sup> (LONDON, 1908, p. 303-304), e Galvin, durante a Comuna de Chicago: “‘Keep a stout heart,’ were his parting words. ‘What if the First Revolt is lost? There will be a second, and we will be wiser then’”<sup>90</sup> (LONDON, 1908, p. 312). Essas previsões se aproximam da última feita por Ernest, também durante a Comuna de Chicago, sobre a derrota dos revolucionários: “‘For this time lost, dear heart,’ he said, ‘but not forever. We have learned. To-morrow the Cause will rise again, strong with wisdom and discipline.’”<sup>91</sup> (LONDON, 1908, p. 351). Embora as três tenham sido confirmadas pelo desenvolvimento histórico interno à obra, facilmente podem ser interpretadas como apenas expressão de convicção, não de uma visão de fato mais apurada sobre os desenvolvimentos futuros. A combinação desse tipo de previsão, baseado na convicção, com os diversos acertos sobre o destino dos personagens, a ideia de que Ernest seria capaz de fazer pessoas terem “visões” e o uso, mesmo que irônico, das palavras profecia e profeta em relação a ele — tudo isso contribui para a construção de um personagem que seria capaz de ver o futuro com mais clareza que aqueles que o cercam.

Tal construção é fundamental para que se sustente, então, que Ernest teria sido capaz de fazer duas profecias fundamentais, referentes justamente aos dois níveis de futuro apresentadas pelo romance: a ascensão do regime oligárquico e a vitória final do socialismo.

89 “Nós, os revolucionários, continuaremos essa grande obra, mas ela não será realizada por servos miseráveis”

90 “— Seja forte — foram suas palavras de despedida. — Se a Primeira Revolta estiver perdida, haverá uma segunda, e teremos mais cautela dessa vez”

91 “— Perdida por enquanto, querida — murmurou —, mas não definitivamente. Levamos uma lição. Amanhã, a Causa se levantará novamente, fortalecida pela sabedoria e pela disciplina.”

Para Auerbach, a conclusão do debate no clube dos *Philomaths*, em que Wickson afirma que os capitalistas manterão o poder por estarem no poder, significa uma importante mudança no tom do texto, uma passagem da retórica da persuasão para a da profecia:

“Although Ernest at times continues to try to convince others of the inevitable triumph of socialism, from this point on he function more and more as a prophet preaching to the already converted about what the future holds. If he cannot change the present, at least he can prognosticate what is to come. The shift of the novel rhetoric from persuasion to prophecy is marked by a parallel change in Avis’ narrative voice, now less passionate and less preoccupied with Ernest’s sexual magnetism”<sup>92</sup> (AUERBACH, 2006, n.p.)

Como já apontado, há sinais desse caráter “profético” de Ernest antes do discurso frente aos *Philomaths*, e pode-se dizer também que o sentido persuasivo da obra segue existindo pelo menos até os capítulos que tratam do jantar com os pequenos empresários — apesar de os elementos persuasivos e proféticos se misturarem nesse caso. Também a retórica da narração de Avis permanece passional até o fim do manuscrito, como ilustram as passagens logo após o casamento e a mudança dos protagonistas para um bairro operário. No entanto, a análise de Auerbach parece justa para o movimento geral do romance, na medida em que a primeira das principais profecias do protagonista aparece justamente no capítulo seguinte ao *Philomaths*, e parece guiar os acontecimentos, além das ideias e ações do próprio Ernest, no período seguinte. A profecia é expressa particularmente no trecho abaixo, do capítulo chamado significativamente de *Adumbrations*:

“I wish I could convey to you the conception that is dimly forming in my own mind,” Ernest said. “Never in the history of the world was society in so terrific flux as it is right now. The swift changes in our industrial system are causing equally swift changes in our religious, political, and social structures. An unseen and fearful revolution is taking place in the fibre and structure of society. One can only dimly feel these things. But they are in the air, now, to-day. One can feel the loom of them — things vast, vague, and terrible. My mind recoils from contemplation of what they may crystallize into. You heard Wickson talk the other night. Behind what he said were the same nameless, formless things that I feel. He spoke out of a superconscious apprehension of them.”

“You mean . . . ?” father began, then paused.

92 “Embora Ernest, às vezes, continue tentando convencer os outros do inevitável triunfo do socialismo, a partir de então ele funciona cada vez mais como profeta pregando aos já convertidos sobre o que o futuro reserva. Se ele não pode mudar o presente, pelo menos ele pode prognosticar o que está por vir. A mudança da retórica do romance da persuasão para a profecia é marcada por uma mudança paralela na voz narrativa de Avis, agora menos apaixonada e menos preocupada com o magnetismo sexual de Ernest” (tradução minha)

“I mean that there is a shadow of something colossal and menacing that even now is beginning to fall across the land. Call it the shadow of an oligarchy, if you will; it is the nearest I dare approximate it. What its nature may be I refuse to imagine.”<sup>93</sup> (LONDON, 1908, p. 104-105).

Aqui fica evidente que Ernest está tendo uma “visão”, está tratando de algo que se forma “dimly” [vagamente] na sua mente. Isso parece bem diferente das previsões baseadas na convicção revolucionária, ou na interpretação científica dos fatos, embora no trecho haja percepção das mudanças no sistema econômico. O caráter vago da imagem é reforçado pela ideia de uma revolução “unseen” [invisível] e “fearful” [amedrontadora], aliás, o caráter invisível da transformação fortalece a noção de que, para prevê-la, Ernest tem que ter uma percepção acima do natural. Trata-se de uma percepção sensível, que capta a transformação “in the air” [no ar], enquanto ele sente seu caráter vasto, vago e terrível, sua mente recua em imaginar a cristalização — ou seja, a concretização — dessas suas impressões. A referência a Wickson, que segundo Auerbach é o mais perto que se chega, no romance, de ver o rosto da Oligarquia — e que, de fato, no trecho assume o papel de porta-voz da classe capitalista —, mostra que por trás dessas impressões está a consciência sobre o poder dos oligarcas e suas possibilidades de reação. A conclusão do trecho, reforçando que Ernest enxerga apenas uma sombra e se recusa a imaginar mais que isso, parece aproximá-lo ainda mais de um profeta perturbado. Vê-se no trecho, portanto, que não se trata apenas de um conteúdo manifestamente preditivo, mas que a própria forma do discurso assume esse caráter, sendo ela mesmo vaga, enigmática e metafórica.

É interessante destacar, ainda, que na sequência há uma nota de Meredith, que, fortalecendo a verossimilhança de tal percepção de Ernest, apresenta declarações de John C. Calhoun e de Abraham Lincoln que vão na mesma direção da profecia de Ernest.

93“ — Espero poder-lhe transmitir a ideia que vagamente se forma em minha própria mente — disse Ernest. — Jamais na história do mundo a sociedade esteve em um caminho tão terrível quanto neste preciso momento. As rápidas mudanças em nosso sistema industrial estão causando mudanças igualmente rápidas em nossas estruturas religiosas, políticas e sociais. Uma revolução invisível e tremenda está ocorrendo nos filamentos e na estrutura da sociedade. É uma coisa vaga, mas podemos pressenti-la; paira no ar. Pode-se perceber que ela avulta: algo vasto, impreciso e terrível. Minha mente se recusa a contemplar de que forma elas podem se cristalizar. O senhor ouviu Wickson falar, naquela noite. Por trás do que ele disse havia as mesmas coisas inomináveis e disformes que eu sinto. Ele falou claramente de uma percepção superconsciente delas.

— Quer dizer...? — começou meu pai, pausadamente.

— Quero dizer que há uma sombra de algo colossal e ameaçador que agora mesmo está começando a atingir a nação. Chame essa sombra de oligarquia, se quiser; não me atrevo a ir mais longe. Talvez me recuse a imaginar qual seja sua natureza”.



Trata-se da profecia da ascensão do regime do *Iron Heel*, que indica o futuro autoritário construído pelo romance, em algumas interpretações associado com a ascensão fascista. Essa previsão segue sendo importante na continuidade da obra — embora pareça estar condicionada à derrota da classe trabalhadora em sua luta contra a Oligarquia. No jantar com os pequenos empresários, por exemplo:

“But suppose the trusts win in this battle over the ownership of the machines and the world?” Mr. Kowalt asked.

“Then,” Ernest answered, “you, and labor, and all of us, will be crushed under the iron heel of a despotism as relentless and terrible as any despotism that has blackened the pages of the history of man. That will be a good name for that despotism, the Iron Heel.”<sup>94</sup> (LONDON, 1908, p. 152).

Segundo nota de Meredith ao trecho, seria o primeiro uso dessa expressão para caracterizar a Oligarquia, o que indica que Ernest estava amadurecendo sua visão inicial sobre o regime que ameaçava dominar a política nacional. A divergência com os demais socialistas aparece a partir desse ponto, sobre a possibilidade de derrotar a Oligarquia nas urnas. No capítulo *The Vortex*, o tom de Ernest já é o seguinte:

“It’s no use,” he said. “We are beaten. The Iron Heel is here. I had hoped for a peaceable victory at the ballot-box. I was wrong. Wickson was right. We shall be robbed of our few remaining liberties; the Iron Heel will walk upon our faces; nothing remains but a bloody revolution of the working class. Of course we will win, but I shudder to think of it.”<sup>95</sup>(LONDON, 1908, p. 175)

Segue um crescente de concretização sobre o significado do regime da Oligarquia — aqui, fica evidenciada uma consequência imediata e concreta, o roubo das liberdades, que já eram restritas no regime anterior, além da própria vitória nas urnas se mostrar impossível, e da imagem de Wickson parecer assombrar o protagonista, principalmente na medida em que recorda o erro de previsão do próprio Ernest, o qual já está, nesse ponto, corrigido.

Ernest falha em prever outro elemento, que é revelado alguns capítulos à frente. Trata-se da compra, pela Oligarquia, do apoio dos grandes sindicatos. Após uma reunião com

94 “esmagados sob o tacão de ferro de um despotismo tão cruel e terrível como qualquer despotismo que manchou as páginas da história humana. Eis um bom nome para esse despotismo: Tacão de Ferro “

95 “— É inútil — disse ele. — Estamos derrotados. O Tacão de Ferro está aqui. Eu tinha esperança em uma vitória pacífica nas urnas, mas estava errado. Wickson é quem tinha razão. Nós seremos despojados da pouca liberdade que nos resta; o Tacão de Ferro pisará em nossas cabeças; nada resta a não ser uma revolução sangrenta da classe trabalhadora. Certamente venceremos, mas tenho medo até de pensar nisso.”

as lideranças sindicais, “with the calmness of defeat”<sup>96</sup> (LONDON, 1908, p. 221), Ernest esboça os processos posteriores, de compra do apoio de alguns sindicatos principais e da decadência a condições próximas à escravidão de todos os setores de trabalhadores que não pertencem a eles. Essa previsão catastrófica é complementada pela previsão da derrota final do regime do *Iron Heel*:

“One of our generalizations is that every system founded upon class and caste contains within itself the germs of its own decay. When a system is founded upon class, how can caste be prevented? The Iron Heel will not be able to prevent it, and in the end caste will destroy the Iron Heel. The oligarchs have already developed caste among themselves; but wait until the favored unions develop caste. The Iron Heel will use all its power to prevent it, but it will fail. [...] Membership in the labor castes will become hereditary. Sons will succeed fathers, and there will be no inflow of new strength from that eternal reservoir of strength, the common people. This will mean deterioration of the labor castes, and in the end they will become weaker and weaker. At the same time, as an institution, they will become temporarily all-powerful. They will be like the guards of the palace in old Rome, and there will be palace revolutions whereby the labor castes will seize the reins of power. And there will be counter-palace revolutions of the oligarchs, and sometimes the one, and sometimes the other, will be in power. And through it all the inevitable caste-weakening will go on, so that in the end the common people will come into their own.”<sup>97</sup> (LONDON, 1908, p. 224)

É importante ressaltar que essa profecia apresenta evidente diferença de linguagem em relação à anterior, não se trata de uma impressão vaga, sensível, sobre acontecimentos próximos, descrita a partir de imagens e metáforas, mas praticamente uma apreensão

96 “com resignação” (no original usa-se a palavra “defeat”, que significa derrota)

97 “— Uma de nossas generalizações é que todo sistema fundado sobre classes e castas contém em si o germe de sua destruição. Quando um sistema é fundado sobre classes, o que se pode fazer para que uma casta não se desenvolva? O Táculo de Ferro não será capaz de evitar isso, e no final a casta destruirá o Táculo de Ferro. Os oligarcas já desenvolveram uma casta contra [sic] si mesmos; mas espere até que os sindicatos favorecidos desenvolvam uma. O Táculo de Ferro usará de toda a sua força para evitar que isso aconteça, mas falhará. Nos sindicatos favorecidos está a nata dos trabalhadores americanos. Eles são fortes e eficientes. Tornaram-se membros daqueles sindicatos por meio de uma competição. Todo bom trabalhador nos Estados Unidos será possuído pela ambição de se tornar membro dos sindicatos favorecidos. A oligarquia estimulará essa ambição e a conseqüente competição entre eles. Assim, os homens fortes, que poderiam se tornar revolucionários, serão cooptados e sua força será usada para sustentar a oligarquia. Por outro lado, as castas operárias, os membros dos sindicatos favorecidos, procurarão transformar suas organizações em corporações fechadas. E terão sucesso. A ocupação de cargos dentro dessas castas será hereditária. Os filhos sucederão os pais, e elas não receberão o fluxo de novas forças daquele eterno repositório de forças que é o povo comum. Isso significará a degeneração das castas operárias, que se tornarão cada vez mais fracas. Ao mesmo tempo, como uma instituição, elas se tornarão temporariamente todo-poderosas. Serão como a Guarda do palácio de Roma; e haverá revoluções palacianas à medida que as castas operárias alcançarem os reinos do poder. E haverá contrarrevoluções palacianas dos oligarcas; e algumas vezes uns, outras vezes outros estarão no poder. E por meio disso, ocorrerá o enfraquecimento inevitável das castas, de forma que no final o povo comum entrará em seu próprio palácio.”

científica — reforçada por conceitos como “generalizations”, “caste”, “palace revolutions” — que é reiterada, na sequência, quando Ernest diz a Avis: “Social evolution is exasperatingly slow, isn’t it, sweetheart?”<sup>98</sup> (LONDON, 1908, p. 228). Ainda assim, o tom profético se evidencia na frase final, novamente com o uso do verbo “will” sem modulações — e, sem dúvida, o caráter de profecia é reforçado pela sequência de três notas em que Meredith confirma a precisão das previsões de Ernest. Além disso, o próprio Ernest se refere a essa descrição como uma “visioning”, ao pedir para Avis cantar para ele esquecê-la, na sequência (LONDON, 1908, p. 228). É curioso observar como, em relação a um fenômeno muito mais próximo, a ascensão da Oligarquia, a expressão de Ernest é muito mais imprecisa do que em relação a fenômenos de séculos a frente. É coerente, porém, com a concepção, expressa mesmo por Meredith no *Foreword*, de que a ascensão da Oligarquia teria sido um “step aside, or a step backward” (LONDON, 1908, p. XII) na evolução social, ou seja, não seria necessário, enquanto a vitória do socialismo seria, como o trecho acima ressalta, inevitável. Também é interessante lembrar, conforme foi apontado no item anterior, que o principal ponto no qual Avis discorda de Ernest é justamente essa profecia.

O trecho acima, pertencente ao capítulo *The Beginning of the end*, marca mais uma virada no enredo do romance, que leva ao aprofundamento da crise social, o golpe contra os socialistas eleitos, a prisão de Ernest e a passagem de Avis para a ação propriamente revolucionária.

Assim, observou-se como Ernest, enquanto protagonista do romance, é construído pelo conjunto de vozes narrativas como capaz de previsões de curto e longo prazo, pontuais e de dimensão histórica, feitas a partir de percepções sensíveis ou de estrita análise científica. Tal construção contribui para dar centralidade a suas duas principais profecias, as quais não apenas marcam a passagem do romance da persuasão para a profecia e dessa para a ação —, como também definem os dois níveis de futuro com que o romance lida: o futuro do regime autoritário do *Iron Heel* e o inevitável futuro socialista.

98 “A evolução social é lenta, exasperadoramente lenta, não é, querida?”

### 3. Fato e ficção no romance

Outra característica formal que se destaca no romance *The Iron Heel* é o estabelecimento de um diálogo intenso entre os fatos históricos e a ficção. Para a historiadora Joan London, filha de Jack London, em seu *Jack London and his times*:

Few of the Jack London's books, even those which were consciously autobiographical, are so intensely personal as *The Iron Heel*. Ernest Everhard was the revolutionist Jack would have liked to be if he had not, unfortunately, also desire to be several other kinds of men. His best knowledge of the class struggle and the socialist movement, his best speeches and essays he gave to Everhard, as well as the achievements of other men. Everhard's book, for instance, entitled Working-class Philosophy, was John Spargo's *Socialism: a Summary and interpretation of socialist principles*. Everhard's love history and marriage were Jack's, and the revolutionists' Sonoma County refuge was placed on his recently acquired ranch<sup>99</sup>. (LONDON, 1939, p. 303)

O trecho acima é interessante não pelas curiosidades biográficas, mas porque aponta alguns elementos que contribuem para a análise da forma do romance. Primeiramente, fica evidenciado, como um dos elementos na construção da personagem Ernest Everhard, sua característica de alter ego de Jack London, o que é coerente com sua origem operária, com o fato do autor ter trabalhado em fábricas na infância, ser socialista etc. — o que talvez torne ainda mais significativa a cessão de voz ao personagem durante o desenvolvimento da narrativa escrita por Avis, bem como sua caracterização como porta-voz e profeta. Outros aspectos, como a existência factual de um livro com a mesma temática daquele que Ernest teria escrito, ou a existência factual do local descrito em grande riqueza de detalhes no capítulo *In the Shadow of Sonoma*. (LONDON, 1908, p.262), tendem a aumentar o realismo do romance, mas estão longe de serem os principais elementos para isso.

De fato, as especificidades biográficas de London que eventualmente aparecem na construção do romance dialogam com uma série de elementos históricos e factuais que interagem com os aspectos ficcionais. O conteúdo que perpassa esses aspectos factuais será

99 “Poucos livros de Jack London, mesmo aqueles que eram conscientemente autobiográficos, são tão intensamente pessoais quanto *The Iron Heel*. Ernest Everhard era o revolucionário que Jack queria ter sido se, infelizmente, também não desejasse ser vários outros tipos de homens. Seus melhores conhecimentos sobre a luta de classes e o movimento socialista, seus melhores discursos e ensaios, ele deu a Everhard, bem como as realizações de outros homens. O livro de Everhard, por exemplo, intitulado ‘Filosofia da classe trabalhadora’, era o ‘Socialismo: um resumo e interpretação dos princípios socialistas’ de John Spargo. A história do amor e o casamento de Everhard eram de Jack e o refúgio dos revolucionários em Sonoma County foi ambientado em seu rancho recentemente adquirido.” (tradução minha)

analisado em detalhe no segundo capítulo dessa dissertação, que busca aprofundar a consciência do presente histórico que London expressa no conteúdo manifesto do romance.

Pode ser adiantado, porém, que o romance está repleto de personagens e eventos históricos. Em geral, esses elementos são apresentados aos leitores pelas notas de Meredith, o que já mostra como a relação entre fato e ficção pode ser debatida sob uma perspectiva mais específica, relativa à forma de construção. O uso da autoridade científica de Meredith para apresentar elementos factuais de forma objetiva tem duplo sentido — por um lado, o acadêmico se credencia usando, como já colocado, discursos de autoridade de personagens reais, por outro lado, os conteúdos, mesmo a crítica ao sistema, são fortalecidos por serem expressos por um personagem que tem autoridade acadêmica e posição histórica privilegiada. Entre os personagens históricos citados e mencionados estão diversos políticos, o presidente Roosevelt, senadores, governadores, além dos socialistas como Eugene Debs e W.E.B. Du Bois. Também são mencionados grandes magnatas, e Rockefeller particularmente merece uma nota aprofundada e factual no capítulo *The Mathematics of a Dream* (LONDON, 1908, p.159). Vale ressaltar ainda que, embora de forma geral os elementos mais diretamente factuais sejam recuperados por Meredith, alguns aparecem no manuscrito de Avis: ela chega a mencionar W.E.B. Du Bois, William Hearst e dialoga com um militante que trata do racha do *Socialist Labour Party*. (LONDON, 1908, p.276; 204; 271).

De forma geral, essas citações e menções, a pessoas e eventos históricos, são plenamente factuais, embora haja casos em que se mencionam pessoas reais, mas são dados a elas destinos ficcionais, considerando que o romance se passa no futuro em relação ao tempo de sua escrita. O próprio W.E.B. Du Bois é preso no mesmo contexto que Ernest (LONDON, 1908, p.256). Também somos informados, por Avis, que Dubois se casa e, por Meredith, que ele tem um descendente no período socialista (LONDON, 1908, p.276). Ainda a morte do fura-greve James Farley nos é apresentada (LONDON, 1908, p.223), bem como a candidatura e derrota do milionário do ramo editorial William Hearst (LONDON, 1908, p.204). Trata-se de desenvolvimentos ficcionais para personagens históricos, o que evidencia a imbricação entre fato e ficção no romance.

Tal imbricação também fica evidente quando se analisa o diálogo entre o romance e certa obras não-ficcionais de Jack London. Joan London refere-se no trecho acima, por exemplo, aos discursos e ensaios que London “deu a Ernest” — o que se demonstra a partir de

algumas comparações. Phillip Foner, na biografia de London *American Rebel*, trata, por exemplo, da seguinte situação:

The University of California invited him [Jack London] to address the student body. He accepted eagerly. [...] So on January 20, 1905 he spoke to 3,500 people, most of them students, with President Wheeler in the chair. Instead of a discourse on literature he addressed the students and professors on “The Revolutionary Spirit of the American Proletariat”, opening his speech with the words that were soon to ring throughout the country:

“Yesterday morning I received a letter from a man in Arizona. It began, ‘Dear comrade’, and ended ‘Yours for the Revolution’. I answered that letter this morning. I began ‘Dear comrade’, and I ended ‘Yours for the Revolution’.

There are 500,000 men in the United States beginning and ending their letters as our letter were begun and ended. There are 1,000,000 men in France, 3,000,000 men in Germany, and 6,000,000 men in the world beginning and ending their letters as ours were begun and ended.

Now what do these facts mean? They mean that the Revolution is here, now. We are in it. It goes on every day. No man can scape it. Oh, it is great! There has been nothing like it in the world. Its battle cry is: ‘Workingmen of the world, unite. You have nothing to lose but yours chains. You have a world to gain’<sup>100</sup> [...] (FONER, 1947, p. 66)

No romance, Ernest tem a oportunidade de discursar frente a um clube da alta sociedade americana, no capítulo *Philomaths*. Tanto o conteúdo quanto o tom do discurso evidenciam a aproximação entre o narrado por Avis e o vivido pelo autor.

Ernest began by describing the army of revolution, and as he gave the figures of its strength (the votes cast in the various countries), the assemblage began to grow restless. Concern showed in their faces, and I noticed a tightening of lips. At last the gage of battle had been thrown down. He described the international organization of the socialists that united the million and a half in the United States with the twenty-three millions and a half in the rest of the world. “Such an army of revolution” he

100 “A Universidade da Califórnia o convidou [Jack London] para falar com o corpo discente. Ele aceitou ansiosamente. [...] Em 20 de janeiro de 1905, ele falou para 3.500 pessoas, a maioria delas estudantes, com o Presidente Wheeler presidindo. Em vez de um discurso sobre literatura, dirigiu-se aos estudantes e professores sobre “O Espírito Revolucionário do Proletariado Americano”, abrindo seu discurso com as palavras que em breve soariam em todo o país: ‘Ontem de manhã, recebi uma carta de um homem no Arizona. Começou, ‘Caro camarada’, e terminou ‘Seu pela Revolução’. Eu respondi essa carta hoje de manhã. Comecei ‘Caro camarada’ e terminei ‘Seu pela Revolução’.

Existem 500.000 homens nos Estados Unidos começando e terminando suas cartas da mesma forma como nossas cartas foram iniciadas e encerradas. Existem 1.000.000 de homens na França, 3.000.000 de homens na Alemanha e 6.000.000 de homens no mundo começando e terminando suas cartas da mesma forma como nossas cartas foram iniciadas e encerradas.

Agora, o que esses fatos significam? Eles querem dizer que a Revolução está aqui, agora. Nós estamos nela. Ela acontece todos os dias. Ninguém pode escapar. Oh, ela é grandiosa! Não houve nada igual no mundo. Seu grito de guerra é: ‘Trabalhadores do mundo, uni-vos. Você não tem nada a perder além de seus grilhões. Você tem um mundo a ganhar’[...]” (tradução minha)

said, “twenty-five millions strong, is a thing to make rulers and ruling classes pause and consider. The cry of this army is: No quarter! We want all that you possess. We will be content with nothing less than all that you possess. We want in our hands the reins of power and the destiny of mankind. Here are our hands. They are strong hands.”<sup>101</sup> (LONDON, 1908, p.83)

O discurso sobre a quantidade de votantes socialistas em cada país, tratando-os como exército da revolução, bem como o tom com que se discute a revolução, sendo enfático em relação a sua proximidade e ameaçador para o poder estabelecido, aproxima nitidamente a exposição ficcional de Ernest e aquela feita efetivamente por Jack London — a qual depois foi publicada sob o nome de *Revolution*.

Em uma situação ainda mais próxima do discurso do capítulo *Philomaths*, London discursa em 1906 para um grupo de americanos ricos em Nova York. Foner cita o relato de Joshua Wanhope, que reproduz um trecho do discurso de London, o qual tem um intenso paralelismo com o trecho do discurso de Ernest citado acima, principalmente na imagem das fortes mãos que tomam o poder da Oligarquia: “We want all you have! Look at us! We are strong! Consider ours hands! They are strong hands, and even now they are reaching forth for all you have, and they will take it, take it by the power of their strong hands; take it from your feeble grasp.”<sup>102</sup> (FONER, 1966, p. 72). As reações do público de elite em Nova York também podem ter inspirado esse capítulo. Segundo Foner: “‘There was a loud murmur of protest and dissent,’ Wanhope continued, ‘and one or two respectable-looking person choked up, and it seemed as if they were about to have apoplexy’”<sup>103</sup> (FONER, 1966, p. 72). Em *Philomaths*, Avis relata uma relação próxima a essa do público ao discurso socialista de Everhard, enfatizando que um “low, throaty rumble arose”<sup>104</sup> e comentando inclusive um ataque de histeria da anfitriã do debate. (LONDON, 1908, p.84) Mas não apenas os

101 “Ernest começou descrevendo o exército da revolução e, à medida que dava os números da sua força (os votos recebidos em vários países), as pessoas ali reunidas começavam a ficar inquietas. Suas faces denunciavam preocupação e percebi que alguns apertavam os lábios. Afinal, o desafio para o combate havia sido lançado. Descreveu a organização internacional dos socialistas que unia um milhão e meio nos Estados Unidos e vinte e três milhões e meio no resto do mundo.

— Um exército da revolução como esse — disse —, com vinte e três milhões de pessoas, é algo para fazer os que governam e as classes dominantes parar e pensar. O grito desse exército é: ‘Sem trégua!’ Queremos tudo o que vocês possuem. Não nos contentaremos com menos do que todas as suas posses. Queremos tomar em nossas mãos as rédeas do poder e o destino da humanidade. Eis aqui as nossas mãos. São mãos fortes.”

102 “Queremos tudo o que você tem! Olhe para nós! Nós somos fortes! Considere nossas mãos! São mãos fortes, e já agora estão alcançando tudo o que vocês têm, e elas tomarão tudo, tomarão pelo poder de suas mãos fortes; vão tirá-lo do seu fraco aperto.” (tradução minha)

103 “‘Houve um murmúrio alto de protesto e discordância’, continuou Wanhope, ‘e uma ou duas pessoas de aparência respeitável se engasgaram, parecendo prestes a ter apoplexia’.” (tradução minha)

104 “Um murmúrio surdo se ergueu”

discursos de London mostram-se presentes na construção do romance *The Iron Heel*. O desenvolvimento da expressão literária das experiências de vida do autor também fica evidente quando observamos um trecho de seu texto autobiográfico “What life means to me”, de 1905:

Here [groups of working-class and intellectual socialists] I found, also, warm faith in the human, glowing idealism, sweetnesses of unselfishness, renunciation, and martyrdom—all the splendid, stinging things of the spirit. Here life was clean, noble, and alive. Here life rehabilitated itself, became wonderful and glorious; and I was glad to be alive. I was in touch with great souls who exalted flesh and spirit over dollars and cents, and to whom the thin wail of the starved slum child meant more than all the pomp and circumstance of commercial expansion and world empire. All about me were nobleness of purpose and heroism of effort, and my days and nights were sunshine and starshine, all fire and dew, with before my eyes, ever burning and blazing, the Holy Grail, Christ’s own Grail, the warm human, long-suffering and maltreated, but to be rescued and saved at the last.<sup>105</sup> (LONDON, 2007, n.p)

E o comparamos com mais um trecho do discurso de Ernest em *Philomaths*:

“Amongst the revolutionists I found, also, warm faith in the human, ardent idealism, sweetnesses of unselfishness, renunciation, and martyrdom all the splendid, stinging things of the spirit. Here life was clean, noble, and alive. I was in touch with great souls who exalted flesh and spirit over dollars and cents, and to whom the thin wail of the starved slum child meant more than all the pomp and circumstance of commercial expansion and world empire. All about me were nobleness of purpose and heroism of effort, and my days and nights were sunshine and starshine, all fire and dew, with before my eyes, ever burning and blazing, the Holy Grail, Christ’s own Grail, the warm human, long-suffering and maltreated but to be rescued and saved at the last”<sup>106</sup>. (LONDON, 1908, p.79)

105 Aqui [nos grupos de socialistas da classe trabalhadora e intelectual] eu encontrei, também, fé calorosa no brilhante idealismo humano, a doçura do altruísmo, a renúncia e o martírio — todas as coisas esplêndidas e ardentes do espírito. Aqui a vida era limpa, nobre e viva. Aqui a vida se reabilitou, tornou-se maravilhosa e gloriosa; e fiquei feliz por estar vivo. Eu estava em contato com grandes almas que exaltavam a carne e o espírito acima de dólares e centavos, e para quem o gemido fino da criança empobrecida faminta significava mais do que toda a pompa e circunstância da expansão comercial e do império mundial. Tudo ao meu redor era nobreza de propósito e heroísmo de esforço, e meus dias e noites eram sol e brilho das estrelas, todos fogo e orvalho, diante de meus olhos, sempre ardendo e ardendo, o Santo Graal, o próprio Graal de Cristo, o calor do homem, por muito tempo sofrido e maltratado, mas resgatado e salvo por fim. (tradução minha)

106 — Entre os revolucionários, encontrei também uma calorosa fé no ser humano, um ardente idealismo, a doçura da abnegação, da renúncia e do sofrimento — qualidades esplêndidas e pungentes do espírito. Ali a vida era limpa, nobre e lúcida. Sentia-me em contato com espíritos elevados que davam mais valor ao corpo e à alma do que a dólares e centavos, e para os quais o delicado choro de uma criança faminta e carente significava mais do que toda a pompa da expansão comercial e do império mundial. Por toda parte, ao meu redor, encontrava a nobreza dos propósitos e o heroísmo dos esforços. Meus dias e minhas noites eram o brilho do sol e a luz das estrelas, fogo e orvalho. E tinha o Santo Graal, flamejante e reluzente, diante dos meus olhos: o próprio cálice de Cristo, representando o calor do homem, do homem há muito sofrido e maltratado, mas destinado à salvação no final.



Trata-se, então, de longa passagem quase idêntica entre os excertos do ensaio e do romance. Esse último trecho, é importante destacar, pertence ao manuscrito de Avis, mas se refere a um momento em que, assim como o discurso inflamado mais acima, ela cede a narração completamente a Ernest, que narra sua experiência de encontro com os socialistas. Observa-se em ambos os trechos o mesmo tipo de linguagem, cheia de adjetivos e imagens, que costuma caracterizar o discurso de Avis, não de Ernest, inclusive no aspecto da idealização.

A comparação entre os dois últimos trechos, portanto, demonstra a forma de construção do personagem protagonista enquanto um alter ego do autor e pode indicar que a narrativa de *The Iron Heel* consegue captar o “sentimento dos tempos” justamente por estar imersa em uma experiência real de organização e propaganda revolucionária, da qual Jack London fez parte, sendo o romance um processo de aperfeiçoamento de seus discursos e relatos, que são sintetizados no protagonista do romance. Essa experiência, além disso, não é apenas a experiência pessoal de London, mas a experiência coletiva e referenciada em uma tradição política, visto que London foi por muitos anos filiado a um partido socialista nos Estados Unidos.

Fato e ficção, assim, dialogam profundamente no romance devido a sua construção, que garante tanto a expressão dos fatos históricos a partir das inserções mais objetivas principalmente de Meredith, quanto uma apreensão sensível dessa mesma realidade histórica, que London transmite a partir da construção do protagonista como seu alter ego e das dinâmicas de concessão da voz da narradora para ele.

Essa relação entre fato e ficção, como veremos a seguir, em conjunto com a duplicidade narrativa e a construção do protagonista, talvez possa garantir não apenas uma representação da história, mas uma sensibilização para o processo histórico, ao figurar uma superação do presente ficcional tão evidentemente aproximado do presente factual.

#### **4. Historicidade da obra a partir de seus elementos formais**

No próximo capítulo desta dissertação serão analisados os elementos da realidade histórica de Jack London que se apresentam no conteúdo manifesto do romance *The Iron Heel*. Já se

observou, no entanto, como a historicidade da obra não depende exclusiva, ou mesmo principalmente, desses elementos. Para Jameson:

Historicity is, in fact, neither a representation of the past nor a representation of the future (although its various forms use such representations): it can first and foremost be defined as a perception of the present as history; that is, as a relationship to the present which somehow defamiliarizes it and allows us that distance from immediacy which is at length characterized as a historical perspective.<sup>107</sup> (JAMESON, 1991, p.283)

De fato, no romance, os elementos do conteúdo constituem uma representação do futuro — principalmente um futuro próximo, embora haja alguns indícios do que seria o futuro socialista. Cabe questionar, então, se o romance tem essa capacidade de apresentar o presente como história, de dar perspectiva histórica ao desfamiliarizar o tratamento dado ao presente.

Jameson, na citação acima, parece seguir algumas das mesmas ideias apresentadas por Lukács no debate sobre o Romance Histórico, uma referência importante para tratar da historicidade na literatura, ainda que nos afastemos dos padrões estabelecidos pelo autor para o romance histórico clássico — para ele datado estritamente e relacionado ao grande evento da Revolução Francesa. Para Lukács também, o tratamento da história como processo, e do passado como pré-história do presente, é importante para o que ele caracteriza como romance histórico.

Sem uma relação experienciável com o presente, a figuração da história é impossível. Mas, na verdadeira grande arte histórica, essa relação consiste não em referências a acontecimentos contemporâneos — o que Púchkin ridicularizou sem nenhuma piedade nos imitadores de Walter Scott —, mas na revivificação do passado como pré-história do presente, na vivificação ficcional daquelas forças históricas, sociais e humanas que, no longo desenvolvimento de nossa vida atual, conformaram-na e tornaram-na aquilo que ela é, aquilo que nós mesmos vivemos. (LUKÁCS, 2011, p. 73)

Para aproximar os debates de Lukács do romance de Jack London, no entanto, é importante ressaltar que o pensador está discutindo os romances que figuram o passado, diferenciando a mera referência à contemporaneidade da real compreensão do

107 “A historicidade não é, de fato, nem uma representação do passado nem uma representação do futuro (embora suas várias formas usem tais representações): ela pode antes de tudo ser definida como uma percepção do presente como história; isto é, como uma relação com o presente que, de alguma forma, o desfamiliariza e nos permite aquela distância do imediatismo que, por fim, é caracterizada como uma perspectiva histórica.”

desenvolvimento histórico e de suas consequências na conformação do presente. Nesse sentido, a percepção do presente como história, a que Jameson se refere, é construída a partir da compreensão dos processos do passado culminando no presente, o que leva à reflexão sobre o próprio presente e a sua “desnaturalização”. Já o romance de London figura apenas o futuro, embora a proximidade de um dos níveis desse futuro faça-o dialogar com o presente histórico de forma privilegiada. Essa perspectiva é ainda mais fortalecida pela existência de um nível mais distanciado de futuro.

Como já indicado, a separação temporal entre as duas personagens que narram o romance é um elemento central para garantir sua historicidade. Todos os conflitos sociais que perpassam o enredo do manuscrito de Avis apresentam-se imediatamente, desde o *Foreword*, como estranhados, pois já está dado o desenvolvimento futuro — o triunfo do socialismo — pelo acadêmico Anthony Meredith.

Uma comparação pode ser interessante para a reflexão sobre essa construção e seu efeito. No romance *The Handmaid's Tale*, de Margareth Atwood, o relato de uma mulher que vive em um futuro estadunidense distópico (embora relativamente próximo), no qual há uma teocracia baseada no controle reprodutivo, também é recuperado e debatido em um congresso acadêmico no ano de 2195 (ATWOOD, p.349). O mecanismo de construção parece próximo, mais o efeito literário é bastante distinto. No romance de Atwood, o debate acadêmico aparece ao fim, na forma de *Historical Notes*, e não há notas dos acadêmicos no corpo do relato. Esses aspectos são significativos porque o estranhamento com o futuro de superação do regime autoritário só acontece, em *The Handmaid's Tale*, ao final e separadamente do relato, enquanto, no *The Iron Heel*, a superação, e consequentemente o processo histórico que ela pressupõe, estão dados desde o *Foreword* e durante todo o manuscrito, a partir das notas de Meredith. Assim, o período de ascensão do regime oligárquico, no romance de London, já é dado desde o início como transitório, da mesma forma que todos os elementos que dialogam com o presente histórico do próprio autor.

Essa conexão entre os períodos históricos é feita, além disso, pelo próprio protagonista do romance. Como apontado, Ernest é construído como “profeta”, o que faz com que ele transite entre o presente imediato da trama, o futuro próximo de ascensão do regime oligárquico e a vitória final do socialismo — isso tudo, não só a partir de convicção ou análise sociológica, mas também da percepção sensível da mudança a partir de suas visões.

Há ainda outros elementos que podem ser destacados no romance de London para tratar de sua historicidade. Bárbara Foley, em seu artigo “From USA to Ragtime: Notes on the forms of historical Consciousness in Modern Fiction” destaca aspectos sobre o papel da história no romance *USA* de John dos Passos. Distinguindo-o de outras obras, particularmente *War and Peace* e *Esmond*, aponta que “in the strange medley of fact and fiction which is USA, however, history provides the frame for the novel in a far deeper sense”<sup>108</sup> (FOLEY, 1978, p.91-92). Esse sentido mais profundo, para Foley, aparece, por exemplo, na subordinação dos personagens ficcionais a eventos históricos específicos e verificáveis. Inclusive, ela destaca uma distorção na linha do tempo do personagem Mac, para adequá-la ao processo histórico de ascensão e queda do IWW (*Industrial Workers of the World*) (FOLEY, 1978, p.92-93).

Uma vez que está localizado no futuro, não há fatos ou eventos históricos que determinem o desenvolvimento do romance *The Iron Heel*. Apesar disso, é possível trazer alguma reflexão sobre a temporalidade do romance que talvez mostre como sua narrativa está submetida à necessidade de enfatizar o desenvolvimento histórico. Avis e Ernest conhecem-se em fevereiro de 1912. Nesse ponto ela vive uma vida pacata em uma cidade universitária e seu pai, físico renomado, está apenas começando a estudar sociologia. Por volta de um ano depois, ela se muda com Ernest para Washington após ele ser eleito como deputado pelo partido socialista. Nesse período ela passou por seu processo de formação socialista, seu pai passou a ser perseguido, ela e Ernest casaram-se, mudaram-se para num bairro pobre de São Francisco, contribuíram para a organização de uma greve geral que evitou uma guerra entre EUA e Alemanha e Ernest foi eleito. É interessante ressaltar que o período de pouco mais de um ano entre a primeira vez que Ernest e Avis se veem — quando os sinais da ascensão da Oligarquia estão apenas no crescimento do poder dos trustes — e o momento em que Ernest é preso, depois que uma bomba explode durante seu discurso no Congresso, constitui mais de 70% do manuscrito de Avis. Há, assim, uma aceleração da narração do manuscrito em seu último terço — a Comuna de Chicago, que marca aproximadamente o fim da ação de fato narrada no manuscrito, ocorre entre fins de 1917 e início de 1918. Por um lado, esse primeiro ano da narração apresenta longos debates sobre o socialismo, que servem à formação de Avis, mas também se trata de um momento de evidente virada conjuntural, o ponto nodal da

108 “Na estranha mistura de fato e ficção que é os EUA, no entanto, a história fornece o quadro para o romance em um sentido muito mais profundo” (tradução minha)

ascensão da Oligarquia. Os capítulos anteriores àquele em que Ernest assume seu cargo criam uma crescente tensão sobre as consequências dessa rápida ascensão — o que se expressa em seus títulos: *The General Strike*, *The beginning of the end*, *Last days*, *The End*.

Esse processo de aceleração dos acontecimentos em período de crise econômica, social e política pode ter paralelos verificáveis na história. É interessante ressaltar, por exemplo, que de acordo com o revolucionário russo León Trotsky “The Iron Heel bears the undoubted imprint of the year 1905. But at the time this remarkable book appeared, the domination of counter-revolution was already consolidating itself in Russia.”<sup>109</sup> (TROTSKY, 1937 apud LONDON, 1939, p.313). Inspirado, ou ao menos informado, pelo processo da revolução russa de 1905, intensa e curta, London concebeu um processo de transformações sociais também acelerado. Se essa aceleração, no entanto, parece plausível para o processo histórico, vale observar que a relação entre Ernest e Avis se submete completamente a essa aceleração dos acontecimentos — eles se conhecem, se casam e se mudam juntos duas vezes, uma delas para outra cidade, num lapso de um ano.

A ênfase do manuscrito no período de ascensão da Oligarquia, com a aceleração dos eventos relacionados a ela, assim, mostra também a consciência da história como processo no romance *The Iron Heel*. O mesmo pode ser dito da submissão e do entrelaçamento dos destinos individuais com as linhas de força da história — esse é outro elemento apresentado por Lukács em seu debate sobre o romance histórico que pode ser aproximado do romance de Jack London. Segundo Lukács: “Mas, para ele [Walter Scott], a caracterização histórica do espaço e do tempo, o ‘aqui’ e ‘agora’ histórico, é algo muito mais profundo. Significa o coincidir e o entrelaçar-se — condicionados por uma crise histórica — das crises que se abatem sobre o destino pessoal de uma série de homens”. (LUKÁCS, 2011, p. 58)

Esse elemento é verdadeiro para diversas das personagens do romance *The Iron Heel*. Dois merecem destaque por terem sido perseguidos por suas instituições, na medida em que se fortalece o regime autoritário da Oligarquia: John Cunningham e o bispo Morehouse. O pai de Avis, professor universitário, ao se aproximar dos socialistas, é cobrado diretamente pelo reitor em Berkeley (LONDON, 1908, p.101-102), tem a publicação de um livro sobre sociologia boicotada (LONDON, 1908, p. 164) e ainda perde o acesso às ações que possuía das Sierra Mills (LONDON, 1908, p. 179) — acaba mudando-se com Avis e Ernest para um

109 “*The Iron Heel* traz a marca indubitável do ano de 1905. Mas, na época em que este notável livro apareceu, o domínio da contra-revolução já estava se consolidando na Rússia” (minha tradução)

bairro proletário e mantém-se lá quando o casal muda-se para Washington devido à eleição de Ernest para o Congresso (LONDON, 1908, p. 237). Já o bispo, originalmente homem de igreja abastado, sob a influência de Ernest convence-se de que a Igreja denegava sua função de cuidar dos pobres (LONDON, 1908, p. 111), é mais de uma vez preso em um manicômio, conseguindo escapar apenas por um por curto período em que se dedica à caridade escondido também em um bairro pobre de São Francisco (LONDON, 1908, p. 188). Mas há outros exemplos. Anna Royston é uma revolucionária que recusa a maternidade e torna-se uma assassina sob ordens do partido (LONDON, 1908, p. 265, 302), há o caso de Philip Wickson, filho do oligarca, mantido prisioneiro em um esconderijo por um longo período, até convencer-se do socialismo e voltar para casa como espião (LONDON, 1908, p. 286). Há também os cinquenta e dois congressistas socialistas que são presos a partir de uma armadilha da Oligarquia para acusá-los de terrorismo (LONDON, 1908, p. 256). Isso para não falar do destino coletivo do povo do abismo na Comuna de Chicago, que é esmagado pelas forças da Oligarquia (LONDON, 1908, p. 297). Avis Everhard expressa também como seu destino individual mistura-se com o destino coletivo:

During that period I used to marvel at my own metamorphosis. At times it seemed impossible, either that I had ever lived a placid, peaceful life in a college town, or else that I had become a revolutionist inured to scenes of violence and death. One or the other could not be. One was real, the other was a dream, but which was which? Was this present life of a revolutionist, hiding in a hole, a nightmare? or was I a revolutionist who had somewhere, somehow, dreamed that in some former existence I have lived in Berkeley and never known of life more violent than teas and dances, debating societies, and lectures rooms? But then I suppose this was a common experience of all of us who had rallied under the red banner of the brotherhood of man<sup>110</sup>. (LONDON, 1908, p. 278).

É interessante que no fim do trecho Avis aponte a relação de sua experiência com a experiência coletiva dos socialistas — isso reforça como todos os destinos pessoais daqueles que lutam contra a Oligarquia em seu processo de ascensão estão determinados por esse contexto histórico. O trecho acima, no entanto, também apresenta outro elemento que pode

110 “Durante esse período, fui ficando cada vez mais admirada com a minha própria metamorfose. Às vezes, parecia impossível para mim que eu tivesse levado uma vida calma e tranquila numa cidade universitária, e tivesse me tornado uma revolucionária acostumada a cenas de morte e violência. Uma dessas duas coisas não podia ser verdade. Uma era real, a outra um sonho, mas eu não sabia qual era qual. A vida de uma revolucionária, escondida numa gruta, seria um pesadelo? E a existência de uma pessoa em Berkeley, levada entre o chá das tardes, bailes, debates sociais e as salas de aulas, não seria o sonho de uma revolucionária com uma vida anterior, como se de alguma forma ela a tivesse vivido? Concluí então que isso era uma experiência comum a todos aqueles que sustentam o estandarte vermelho da irmandade do homem.”

ser relacionado às análises de Lukács sobre o romance histórico: Avis tem uma posição mediana na sociedade, nela se encontram algumas tensões diferentes e ela tem um ponto de vista privilegiado para perceber as transformações históricas. Para Lukács: “Scott escolhe sempre personagens que, por seu caráter e seu destino, põem em contato os dois lados do conflito. O destino que cabe ao herói mediano, que na grande crise de seu tempo não se alia a nenhuma das partes em conflito, pode fornecer facilmente, do ponto de vista da composição, esse elo”. (LUKÁCS, 2011, p. 53) Evidente que Avis se alia a uma das partes na luta dos socialistas contra a Oligarquia, porém ela tem a característica de ser uma personagem mediana no que concerne à sua origem de classe, de forma que sua relação com o próprio movimento socialista aparece, em muitos sentidos, mediada por Ernest. O trecho acima mostra o contraste entre sua vida antes e após conhecer Ernest, embora isso coincida, no romance, justamente com o acirramento das contradições e com a ascensão do regime chamado de *Iron Heel*. O papel de Avis como revolucionária também não é o de liderança — após se casar com Ernest ela se torna sua secretária (LONDON, 1908, p. 187), passa meses escondida em um refúgio (LONDON, 1908, p. 274) e depois atua como espiã (LONDON, 1908, p. 296) — mesmo durante a Comuna de Chicago ela não pega em armas ao lado dos revolucionários, apenas assiste ao conflito escondida até ser encontrada por Ernest (LONDON, 1908, p. 343). Embora não se possa tratá-la propriamente como uma personagem mediana, sua falta de protagonismo enquanto revolucionária e sua origem de classe pequeno-burguesa permitem um olhar distinto para as transformações que ocorrem durante a ação do romance.

Podemos dizer, portanto, que a história é viva no romance *The Iron Heel* em mais de um sentido. Por um lado, como será à frente aprofundado, o seu próprio conteúdo expressa uma leitura sobre a história, ou antes a defesa de uma filosofia da história, próxima ao marxismo, e procura representar o presente em suas diversas contradições. Por outro, a forma do romance, baseada em um documento supostamente recuperado no futuro socialista, profusamente comentado de forma a causar estranhamento com o próprio presente do autor, além da construção de um protagonista com características proféticas e uma narradora com posição social intermediária cujas vivências pessoais se submetem ao desenvolvimento violento do regime autoritário da Oligarquia, são capazes de mostrar a história em movimento — o presente torna-se, assim, reconhecível como *pré-história do futuro*.

## 5. Primeiras conclusões

A partir da análise de alguns elementos da construção literária do romance *The Iron Heel*, a visão de que a forma do romance seria apenas uma moldura para seu conteúdo revolucionário — sustentada por Trotsky (TROTSKY, 1937 apud LONDON, 1939, p.313) — parece não se sustentar, devido a certos elementos formais que não podem ser abstraídos da totalidade de sentido criada pela obra.

Primeiramente, destaca-se a duplicidade na construção narrativa, a partir de duas vozes que intervêm na ação narrada a partir de pontos de vistas históricos, estilos e objetivos completamente distintos, eventualmente opostos, mas muitas vezes complementares na criação do quadro vivo do período de ascensão autoritária da Oligarquia. A essas duas vozes soma-se uma terceira, do protagonista, para quem o discurso é cedido em momentos de persuasão para a causa revolucionária e de profecia sobre os desenvolvimentos futuros. Tal estratificação narrativa, como visto, aparece como um elemento essencial na construção da historicidade da obra, e na credibilidade tanto da crítica ao presente como das soluções que ela indica.

Essa construção, além disso, inclui uma relação imbricada entre fato e ficção, que não só aprofunda o realismo da obra, como permite que ela tenha relações mais orgânicas com o período contemporâneo a sua publicação — o que é feito a partir do uso de figuras e fatos históricos, além do uso de composições não ficcionais do próprio London.

Assim, a obra constitui uma historicidade própria, a partir tanto da estratificação narrativa quanto das relações entre fato e ficção, mas também na forma da construção de suas personagens e na aceleração do tempo narrativo — submetido à ascensão da Oligarquia. Essa historicidade, construída na forma do romance, é fundamental para a expressão de uma perspectiva crítica ao presente e para a figuração de sua possível superação.

No capítulo seguinte será visto como London apreendeu e apresentou, na forma debatida até aqui, as tendências econômicas, políticas e ideológicas de seu período histórico, para que se possa refletir, no último capítulo dessa dissertação, sobre como elas apontaram para os processos históricos posteriores à publicação do romance.



**CAPÍTULO II — Consciência do presente em *The Iron Heel***

*The Iron Heel* é o romance mais diretamente socialista de Jack London. Sobre o autor, Philip Foner afirma que “[...] no American writer was more articulated and splendid spokesman for his time”<sup>111</sup> (FONER, 1947, p.03). A análise do período em que o autor viveu, particularmente até a escrita de *The Iron Heel*, é fundamental para a compreensão do romance e das ideias por ele expressas — além de elucidar a interpretação de London sobre as tendências socioeconômicas e ideológicas contemporâneas, permitindo identificar os elementos que ele considera centrais para o desenvolvimento histórico posterior. Tal análise pode ser feita a partir de aspectos conjunturais que se inserem no enredo e na construção do romance, de forma a elucidar esse caráter de “porta-voz de seu tempo” ao qual Foner se refere. Para refletir sobre o momento histórico em que se insere o romance *The Iron Heel*, então, é interessante destacar aspectos do desenvolvimento econômico do capitalismo nos EUA no período da virada do século XX, como o crescimento e fortalecimento do poder dos trustes e conseqüente decadência da pequena produção e comércio. Esse avanço das grandes corporações tem efeitos sobre a situação da classe trabalhadora em geral e particularmente de seus setores mais explorados, imigrantes, negros e mulheres, além de ter efeitos sobre os conflitos sociais no campo. Em conjunto com esses desenvolvimentos, será importante destacar as conseqüências ideológicas — avanço de certos conjuntos de ideias, como a defesa da guerra, e dos aparatos de controle sobre crenças e valores — e políticas, relativas tanto à submissão das instituições políticas às corporações quanto às formas de organização das classes subalternas. Os itens a seguir buscam debater esses aspectos sempre a partir de seu diálogo com a construção do conteúdo do romance, considerando os elementos formais tratados no capítulo anterior.

Usaremos, enquanto referências históricas, principalmente a obra *People’s History of the USA*, do historiador Howard Zinn, as obras de Philip Foner sobre a história do movimento dos trabalhadores nos EUA, e as biografias de Jack London escritas por Foner e Joan London. Além disso, teremos como referência a obra *Imperialismo, fase superior do capitalismo*, do revolucionário russo, Vladimir Lenin, a qual teoriza sobre as principais mudanças no capitalismo justamente no período tratado.

111 “nenhum escritor americano foi porta-voz mais articulado e esplêndido de sua época” (tradução minha)

## 1. Concentração e centralização do capital

A existência e importância social das corporações, bem como as funções de seus proprietários, são elementos essenciais para a construção do romance *The Iron Heel*, que descreve a ascensão de um regime autoritário, baseado nesses setores monopolistas, o qual esmaga a resistência dos trabalhadores e das classes médias. London inclusive apresenta, a partir de seu protagonista Ernest Everhard, uma concepção de evolução socioeconômica que explica, e considera necessária, a ascensão das corporações como se dava, naquele momento, nos Estados Unidos. Assim, dialogando com pequenos proprietários no capítulo *The Machine Breakers*, ele afirma:

You are in the midst of a transition stage now in economic evolution, but you do not understand it, and that's what causes all the confusion. Why cannot you return? Because you can't. You can no more make water run up hill than can you cause the tide of economic evolution to flow back in its channel along the way it came. Joshua made the sun stand still upon Gibeon, but you would outdo Joshua. You would make the sun go backward in the sky. You would have time retrace its steps from noon to morning.

In the face of labor-saving machinery, of organized production, of the increased efficiency of combination, you would set the economic sun back a whole generation or so to the time when there were no great capitalists, no great machinery, no railroads—a time when a host of little capitalists warred with each other in economic anarchy, and when production was primitive, wasteful, unorganized, and costly. Believe me, Joshua's task was easier, and he had Jehovah to help him. But God has forsaken you small capitalists. The sun of the small capitalists is setting. It will never rise again. Nor is it in your power even to make it stand still. You are perishing, and you are doomed to perish utterly from the face of society. (LONDON, 1908, p.131-2) <sup>112</sup>

112 “Os senhores estão no meio de um período de transição econômica, mas não compreendem isso, eis o porquê da confusão. Por que não podem retroceder? Porque não! Não podem fazer a marcha da evolução econômica andar para trás pelo mesmo caminho em que avança, da mesma maneira que não podem fazer a água correr morro acima. Josué fez o sol deter-se sobre Gibeão e os senhores querem sobrepujá-lo. Fariam o sol andar para trás no céu. Fariam o tempo retroceder seus passos do entardecer para o alvorecer. Diante de um maquinário que economiza tempo, de uma produção organizada, do melhoramento da eficiência e diante das fusões, ou conglomerados, fariam o sol voltar atrás toda uma geração, ou mais até o tempo em que não havia grandes capitalistas, grandes maquinarias, estradas de ferro... um tempo em que um exército de pequenos capitalistas travava uma luta anárquica; um tempo em que a produção era primitiva, cheia de desperdícios, desorganizada e cara. Acreditem, a tarefa de Josué era mais simples, e ele ainda contou com Jeová para ajudá-lo. Mas, quanto aos senhores, Deus os abandonou: o sol, para os pequenos capitalistas, está entrando no ocaso e nunca se porá novamente. E os senhores nem sequer possuem o poder de fazê-lo deter-se. Os senhores estão à beira da extinção, e vaticinados a serem varridos da face da sociedade.”

A percepção de London sobre o momento histórico é bastante definida nessa passagem. Ernest Everhard foca o processo de ascensão dos trustes e de conseqüente perecimento das antigas classes médias. Fica evidente, no trecho, o sentido de movimento para um novo estágio — “You are in the midst of a transition stage now in economic evolution” —, bem como ficam sintetizados os principais elementos que caracterizam esse estágio, “great capitalists” [grandes capitalistas], “great machinery” [grande maquinaria], “railroads” [ferrovias], todos elementos relacionados às transformações produtivas do período. Nessa passagem, o sentido de inevitabilidade histórica é reforçado pelas imagens da natureza (a água correndo montanha acima, sol voltando para trás no céu), que são usadas como comparação para o absurdo das tentativas das camadas médias de se organizarem contra o movimento histórico de concentração e centralização do capital <sup>113</sup>. London, nessas descrições, mostra-se bastante perceptivo sobre as mudanças do capitalismo no período, o que fica nítido a partir de comparação com obras que discutem a mesma dinâmica histórica. Lenin, por exemplo, também descreve, no primeiro capítulo de seu *Imperialismo, fase superior do capitalismo*, publicado quase dez anos depois do romance, o avanço do incremento da indústria, com rápida concentração de produção em empresas cada vez maiores e mais “combinadas” — incidindo em mais de um setor econômico. Para ele, justamente após a crise econômica entre 1900 e 1903 os cartéis tornaram-se as bases da vida econômica mundial. Tratando da situação em diversos países europeus e nos Estados Unidos, afirma que “millions of small, medium and even some big “proprietors” are in fact in complete subjection to some hundreds of millionaire financiers”<sup>114</sup> e considera que “This transformation of competition into monopoly is one of the most important — if not the most important — phenomena of modern capitalist economy” <sup>115</sup> (LENIN, 2008, p. 35)

De fato, o romance insere-se em um contexto de crescimento industrial inédito também especificamente nos Estados Unidos, e de organização da política pós-guerra civil.

<sup>113</sup> O economista Ernest Mandel, seguindo os pressupostos estabelecidos por Marx, diferencia os dois processos no glossário da obra “Capitalismo Tardio”. Pode-se entender que o romance *The Iron Heel* trata de ambos os fenômenos, na medida que discute o controle comum dos trustes, ao mesmo tempo em que apresenta o enriquecimento de capitalistas individuais:

“Centralização do Capital: fusão de diversos capitais sob um único controle comum” [...]

“Concentração de Capital: aumento de valor do capital em toda empresa capitalista importante em conseqüência da acumulação e da concorrência (eliminação de empresas menores e mais fracas)”. (MANDEL, 1985, p.412)

<sup>114</sup> “milhões de pequenos, médios e até mesmo alguns grandes “proprietários” estão de fato em completa sujeição a algumas centenas de financistas milionários” (tradução minha)

<sup>115</sup> “Esta transformação da competição em monopólio é um dos mais importantes - senão o mais importante - fenômeno da economia capitalista moderna” (tradução minha)

Segundo o historiador Howard Zinn, entre a Guerra Civil Americana e o ano de 1900 ocorreram as mudanças produtivas que permitiram um salto na produtividade. O historiador trata do crescimento do uso de vapor e eletricidade, e da expansão das ferrovias (em 1900 já havia 193 mil milhas de ferrovias nos Estados Unidos), além do surgimento do telefone e da máquina de escrever. No campo, particularmente, Zinn indica que antes da Guerra Civil eram necessárias 61 horas de trabalho para produzir um acre de trigo, e em 1900 eram necessárias apenas três horas e 19 minutos. (ZINN, 1980, p.234)

Tais mudanças produtivas tiveram consequências sociais e políticas importantes, estabelecendo novas relações entre as classes e alterando as condições de vida na cidade e no campo — ainda segundo Zinn: “Farmers unable to buy the new machinery or pay the new railroad rates would move to the cities”<sup>116</sup> (ZINN, 1980, p.234). A situação de ruína dos fazendeiros, aliás, também é um elemento retratado no *The Iron Heel*. No diálogo do capítulo *Mathematics of a Dream*, o protagonista Ernest Everhard aponta, dirigindo-se a setores da classe média:

“What power have the farmers? Over fifty per cent are thralls by virtue of the fact that they are merely tenants or are mortgaged. And all of them are thralls by virtue of the fact that the trusts already own or control (which is the same thing only better) — own and control all the means of marketing the crops, such as cold storage, railroads, elevators, and steamship lines.”<sup>117</sup> (LONDON, 1908, p.155)

Fica evidente que London observa as mudanças produtivas, identificando suas consequências no que concerne às relações de poder entre as classes — a perda de poder dos fazendeiros relaciona-se diretamente com o controle dos trusts. Trata-se de um processo em que os setores médios perdem o controle sobre suas propriedades — assim, tornam-se locatários ou se submetem a hipotecas; ou, ainda, perdem o controle sobre suas produções, devido à dependência em relação às ferrovias, formas de armazenamento etc.

O processo de concentração e centralização do capital e sua relação com o crescimento e diversificação da maquinaria e com as mudanças produtivas ocasionadas por

116 “Os agricultores incapazes de comprar as novas máquinas ou pagar as novas tarifas ferroviárias acabariam se mudando para as cidades” (tradução minha)

117 “Que poder possuem os agricultores? Mais de cinquenta por cento são escravos pelo fato de que são meros arrendatários ou têm de pagar uma hipoteca. E todos eles são escravos pelo fato de que os monopólios já possuem ou controlam (o que é o mesmo, só que melhor), possuem e controlam todos os meios de comercializar as colheitas, como os silos, as ferrovias, os elevadores de carga e as rotas dos barcos a vapor”

ele é, portanto, fundamental para a compreensão de London sobre as disputas de poder contemporâneas.

O controle dos trustes sobre a economia, mencionado no trecho acima, é uma característica evidente nesse período, com a ascensão de milionários que comandavam tais trustes. Zinn segue tratando da construção das diversas ferrovias norte-americanas, informando como ela dependeu de ocupação de terras livres, de concessões fraudulentas, do assassinato de povos originários e da ocupação de milhares de trabalhadores imigrantes com salários entre um e dois dólares por dia (ZINN, 1980, p. 235). Também trata do conseqüente crescimento das fortunas de alguns dos chamados “robber barons” no início do século XX, apontando como se tornaram proprietários de gigantescos impérios industriais e financeiros em diversas áreas econômicas:

J. P. Morgan had started before the war, as the son of a banker who began selling stocks for the railroads for good commissions. [...]Morgan had escaped military service in the Civil War by paying \$300 to a substitute. So did John D. Rockefeller, Andrew Carnegie, Philip Armour, Jay Gould, and James Mellon. [...] It was the firm of Drexel, Morgan and Company that was given a U.S. government contract to float a bond issue of \$260 million. The government could have sold the bonds directly; it chose to pay the bankers \$5 million in commission. [...]

John D. Rockefeller started as a bookkeeper in Cleveland, became a merchant, accumulated money, and decided that, in the new industry of oil, who controlled the oil refineries controlled the industry. He bought his first oil refinery in 1862, and by 1870 set up Standard Oil Company of Ohio, made secret agreements with railroads to ship his oil with them if they gave him rebates-discounts-on their prices, and thus drove competitors out of business. [...] A rival refinery in Buffalo was rocked by a small explosion arranged by Standard Oil officials with the refinery's chief mechanic. [...]

Andrew Carnegie was a telegraph clerk at seventeen, then secretary to the head of the Pennsylvania Railroad, then broker in Wall Street selling railroad bonds for huge commissions, and was soon a millionaire. He went to London in 1872, saw the new Bessemer method of producing steel, and returned to the United States to build a million-dollar steel plant. Foreign competition was kept out by a high tariff conveniently set by Congress, and by 1880 Carnegie was producing 10,000 tons of steel a month, making 100 million a year in profit. By 1900 he was making \$40 million a year, and that year, at a dinner party, he agreed to sell his steel company to J. P. Morgan. <sup>118</sup> (ZINN, 1980, p. 235)

118 “J. P. Morgan havia começado antes da guerra, como filho de um banqueiro que vendia ações para as ferrovias por boas comissões. [...] Morgan escapou do serviço militar na Guerra Civil pagando US \$ 300 a um substituto. John D. Rockefeller, Andrew Carnegie, Philip Armour, Jay Gould e James Mellon também o fizeram. [...] Foi a empresa da Drexel, Morgan and Company que recebeu um contrato do governo dos EUA para emitir títulos de US \$ 260 milhões. O governo poderia ter vendido os títulos diretamente; optou por pagar aos banqueiros \$ 5 milhões em comissão. [...] John D. Rockefeller começou como contador em Cleveland, tornou-se

London, no *The Iron Heel*, também destaca os mecanismos pelos quais os grandes capitalistas ascenderam e criaram as grandes corporações. Ele cita, em diferentes momentos, os mesmos elementos apontados por Zinn acima. A voz do cidadão do futuro, Anthony Meredith, aponta em uma nota ao capítulo *The Mathematics of a Dream*: “Rockefeller began as a member of the proletariat, and through thrift and cunning succeeded in developing the first perfect trust, namely that known as Standard Oil.”<sup>119</sup> (LONDON, 1908, p.159). Embora pareça meramente informativo, trata-se de uma escolha importante dar destaque para a origem proletária de Rockefeller, e o seu enriquecimento — o que reforça o processo de formação do truste até a “perfeição”. Na sequência dessa mesma nota, tratando da necessidade de reinvestimento do capital da *Standard Oil*, Meredith discute a ampliação do truste para as mais diversas áreas da economia:

The Rockefellers went into mines — iron and coal and copper and lead; into other industrial companies; into street railways, into national, state, and municipal bonds; into steamships and steamboats and telegraphy; into real estate, into skyscrapers and residences and hotels and business blocks; into life insurance, into banking. There was soon literally no field of industry where their millions were not at work.<sup>120</sup> (LONDON, 1908, p.160-2)

A hipérbole de Meredith, quando afirma que “literalmente” [literally] não havia área em que os Rockefeller não investiam, bem como sua metáfora de que os milhões estariam “trabalhando” [at work], tornam-se significativas devido ao contraste com o trecho anterior, basicamente uma listagem, de caráter informativo como a maior parte das notas do historiador

---

comerciante, acumulou dinheiro e decidiu que, na nova indústria de petróleo, quem controlava as refinarias de petróleo controlava a indústria. Ele comprou sua primeira refinaria de petróleo em 1862 e, em 1870, fundou a Standard Oil Company de Ohio, fez acordos secretos com ferrovias para transportar seu petróleo para elas lhes darem descontos em seus preços e, assim, expulsou os concorrentes. [...] Uma refinaria rival em Buffalo foi abalada por uma pequena explosão organizada por funcionários da Standard Oil com o mecânico chefe da refinaria. [...] Andrew Carnegie era funcionário de telégrafo aos dezessete anos e depois secretário do chefe da empresa ferroviária da Pensilvânia, depois corretor em Wall Street vendendo títulos ferroviários por comissões enormes, e logo tornou-se um milionário. Ele foi para Londres em 1872, viu o novo método de produção de aço da Bessemer e retornou aos Estados Unidos para construir uma fábrica de aço de um milhão de dólares. A concorrência estrangeira foi combatida por uma alta tarifa convenientemente estabelecida pelo Congresso, e em 1880 Carnegie produzia 10.000 toneladas de aço por mês, gerando lucro de 1 milhão de dólares por ano. Em 1900, ele ganhava US \$ 40 milhões por ano e, naquele ano, em um jantar, ele concordou em vender sua empresa de aço para a J. P. Morgan.” (tradução minha)

119 “Rockefeller começou como membro do proletariado e por meio de economia e perspicácia teve sucesso em desenvolver o primeiro monopólio perfeito, a Standard Oil”

120 “Os Rockefeller entraram para as minas: ferro, carvão, cobre e chumbo; para outras companhias industriais; para o transporte urbano, nacional, estadual: bonde e trens; para o transporte marítimo de carga e passageiros; para o telégrafo; para o ramo imobiliário: arranha-céus, residências, hotéis e conjuntos comerciais; no ramo de seguros de vida e bancário. Logo, não havia ramos da indústria onde seus milhões não estivessem em ação...”

do futuro. Nesse caso, reforça-se a ideia do controle dos Rockefeller, a partir de sua fortuna, sobre essa longa lista de áreas produtivas.

É interessante ressaltar que no conto *A curious Fragment*, de 1908, London usa um pano de fundo similar ao construído pelo romance *The Iron Heel* para tratar uma situação de revolta de trabalhadores no auge de um regime autoritário e exploratório (bem próximo do regime da Oligarquia no romance) e destaca também a forma como um proprietário ascendeu:

The first Vanderwater's name was not Vanderwater; it was Vange--Bill Vange, the son of Yergis Vange, the machinist, and Laura Carnly, the washerwoman. Young Bill Vange was strong. He might have remained with the slaves and led them to freedom; instead, however, he served the masters and was well rewarded. He began his service, when yet a small child, as a spy in his home slave pen. He is known to have informed on his own father for seditious utterance. This is fact. I have read it with my own eyes in the records. He was too good a slave for the slave pen. Alexander Burrell took him out, while yet a child, and he was taught to read and write. He was taught many things, and he was entered in the secret service of the Government.)<sup>121</sup> (LONDON, 1983, p.211

Novamente trata-se de um magnata que ascendeu desde as classes subalternas usando métodos moralmente criticáveis. A ideia de que esses poderosos magnatas também criam dinastias reforça inclusive a similaridade com os proprietários dos grandes trustes— assim como “os Rockefeller”, há “os Vanderwater”.

Assim, nos trechos acima fica evidenciado o movimento de ascensão dos grandes trustes americanos e de enriquecimento de seus proprietários. A origem proletária de alguns desses grandes magnatas — a partir do trecho de Zinn verifica-se que esse foi o caso pelo menos de Rockefeller e Carnegie — foi percebida e destacada por London, no romance e no conto posterior — no qual, além disso, observa-se que esses magnatas poderiam ter optado pelas fileiras dos revolucionários. Também a falta de ética e de limites que subjaz ao enriquecimento rápido dos proprietários dos trustes é importante: o romance fala de “cunning” [astúcia] e descreve as diversas áreas não relacionadas em que Rockefeller investiu; já o conto indica espionagem e traição em favor dos patrões. London, assim, sensibiliza os

121 “O primeiro nome de Vanderwater não era Vanderwater; era Vange — Bill Vange, filho de Yergis Vange, o mecânico, e Laura Carnly, a lavadeira. O jovem Bill Vange era forte. Ele poderia ter ficado com os escravos e os libertado; em vez disso, porém, ele serviu aos mestres e foi bem recompensado. Ele começou seu serviço, quando ainda criança, como espião em sua no dormitório dos escravos. Ele é conhecido por ter informado sobre declarações sediciosas de seu próprio pai. Isso é fato. Li com meus próprios olhos nos registros. Ele era um escravo bom demais para a senzala. Alexander Burrell o levou embora ainda criança, e ele foi ensinado a ler e escrever. Ele aprendeu muitas coisas e foi incluído no serviço secreto do governo.” (tradução minha)



leitores para a ascensão de uma camada gananciosa que rapidamente controla grande parte da produção nos Estados Unidos.

## 2. Situação política e dos aparatos ideológicos

O processo de fortalecimento dos monopólios no início do século XX também levou a mudanças na situação política dos Estados Unidos, afinal o poder político tinha que se adequar ao novo poder econômico ascendente. Esse fenômeno é percebido por London e traduzido na forma metafórica de “máquina política”. A nota de Meredith abaixo, do capítulo *The Philomaths*, evidencia um forte ceticismo em relação às eleições, que pode ser interpretado como reflexo da indiferenciação entre os partidos políticos do ponto de vista da defesa dos interesses do capital.

Even as late as 1912<sup>122</sup>, A.D., the great mass of the people still persisted in the belief that they ruled the country by virtue of their ballots. In reality, the country was ruled by what were called POLITICAL MACHINES. At first the machine bosses charged the master capitalists extortionate tolls for legislation; but in a short time the master capitalists found it cheaper to own the political machines themselves and to hire the machine bosses.<sup>123</sup> (LONDON, 1908, p.82)

Da mesma forma que se apropriam das terras e das produções dos fazendeiros e pequenos proprietários, os monopólios também se apropriam das “máquinas políticas”. London não desenvolve quem seriam esses “machine bosses” [chefes da máquina] no período anterior — possivelmente políticos voltados para o enriquecimento próprio — mas evidencia o crescimento do poder dos monopólios, capazes naquele momento de “own the political machines themselves”.

O sentido histórico dessa reflexão pode ser comprovado a partir do comentário do historiador Howard Zinn:

122 O romance foi publicado em 1907, mas a ação inicia-se em 1912. Trata-se de uma projeção de London de que as ilusões eleitorais ainda persistiriam.

123 “Até 1912, a grande massa da população ainda pensava que governava o país por meio de seus votos. Mas o país era de fato governado pela chamada máquina política. Inicialmente, os chefes da máquina cobravam tributos extorsivos dos principais capitalistas para legislar; mas com o passar do tempo os líderes capitalistas acharam que seria mais barato eles próprios assumirem a máquina política e contratar os chefes dessa máquina”

The arrangement between Democrats and Republicans to elect Rutherford Hayes in 1877 set the tone. Whether Democrats or Republicans won, national policy would not change in any important way.

When Grover Cleveland, a Democrat, ran for President in 1884, the general impression in the country was that he opposed the power of monopolies and corporations, and that the Republican party, whose candidate was James Blaine, stood for the wealthy. But when Cleveland defeated Blaine, Jay Gould wired him: "I feel ... that the vast business interests of the country will be entirely safe in your hands." And he was right.<sup>124</sup> (ZINN, 1980, p. 238)

Observa-se como, independente do partido, estava já estabelecida uma submissão dos governantes aos trustes, que passava por todas as esferas e chegava mesmo ao cargo máximo, a presidência.

Zinn segue indicando elementos que apontam no mesmo sentido, de controle da política pelos monopólios: afirma que Cleveland de fato teve um governo voltado para os mais ricos, o que incluiu favorecimento da *US Steel* de Carnegie na compra de aço para a marinha americana e veto a empréstimo a fazendeiros atingidos por secas no Texas. Zinn destaca ainda a *Interstate Commerce Act* de 1887, que teria a intenção de controlar as companhias ferroviárias e favorecer os consumidores, mas na prática foi usada para controlar a insatisfação, sem grandes efeitos práticos de supervisão. (ZINN, 1980, p. 239)

O presidente seguinte, o republicano Benjamin Harrison, governou de 1889 a 1893. Nesse período, foi aprovada uma medida que poderia significar um recuo nas tendências de centralização e concentração do capital que dominavam a economia norte-americana, e às quais London estava atento. Trata-se do *Sherman Anti-trust Act* aprovado em 1890, o qual definia, textualmente, que "Every contract, combination in the form of trust or otherwise, or conspiracy, in restraint of trade or commerce among the several States, or with foreign nations, is declared to be illegal."<sup>125</sup> Essa medida de controle, no entanto, tornou-se inócua devido às interpretações jurídicas dadas a ela no período posterior:

In 1895 the Court interpreted the Sherman Act so as to make it harmless. It said a monopoly of sugar refining was a monopoly in manufacturing, not commerce, and

124 "O acordo entre democratas e republicanos para eleger Rutherford Hayes em 1877 deu o tom. Vencessem democratas ou republicanos, a política nacional não mudaria de maneira importante. Quando Grover Cleveland, um democrata, concorreu à presidência em 1884, a impressão geral no país era que ele se opunha ao poder dos monopólios e corporações, e que o partido republicano, cujo candidato era James Blaine, representava os ricos. Mas quando Cleveland derrotou Blaine, Jay Gould ligou para ele: 'Sinto ... que os vastos interesses comerciais do país estarão inteiramente seguros em suas mãos'. E ele estava certo". (tradução minha)

125 "Todo contrato, combinação na forma de truste ou conspiração, para restrição do comércio ou comércio entre os vários Estados, ou com nações estrangeiras, é declarado ilegal." (tradução minha) Original disponível em: <https://www.law.cornell.edu/uscode/text/15/1>

so could not be regulated by Congress through the Sherman Act (U.S. v. E. C. Knight Co.). The Court also said the Sherman Act could be used against interstate strikes (the railway strike of 1894) because they were in restraint of trade. It also declared unconstitutional a small attempt by Congress to tax high incomes at a higher rate (Pollock v. Farmers' Loan & Trust Company). In later years it would refuse to break up the Standard Oil and American Tobacco monopolies, saying the Sherman Act barred only “unreasonable” combinations in restraint of trade.<sup>126</sup> (ZINN, 1980, p. 240)

A interpretação dada pelas cortes demonstra que a iniciativa do *Sherman Act* ia no sentido contrário às necessidades do capital naquele momento. Já no romance, o protagonista, de forma geral, se posiciona contra as medidas de restrição à combinação industrial, embora, enquanto socialista, defenda que essas combinações estejam sob controle dos trabalhadores. Como já apontado, ele identifica a combinação como lei da evolução econômica e rechaça tentativas de fazer “the sun go backward in the sky”<sup>127</sup> (LONDON, 1908, pp.131-2). Observa-se, assim, que o debate sobre os trustes e seus impactos na economia era bastante candente no período. Ao mesmo tempo em que sua ascensão significava a ruína dos pequenos empresários e a superexploração dos trabalhadores — sendo por isso favorecida pelos poderes políticos — também podia ser interpretada como evolução natural da economia, que levaria a formas econômicas superiores — na leitura de Everhard, ao próprio socialismo.

Sobre o papel das cortes na sustentação das elites monopolistas, no sentido dos julgamentos que tornaram inofensiva a *Sherman Act* a que Zinn se refere, London também diz muito, considerando o poder judiciário, assim como os outros poderes constitutivos do Estado, mero instrumento dos interesses da classe dominante. Esse elemento aparece em diversos momentos do romance. No caso abaixo, é apontado sob a forma de defesa apaixonada de Ernest no capítulo *The Philomaths*, em sua acusação ao sistema capitalista:

“This man, who endowed chairs in universities and erected magnificent chapels, perjured himself in courts of law over dollars and cents. This railroad magnate broke his word as a citizen, as a gentleman, and as a Christian, when he granted a secret rebate, and he granted many secret rebates. This senator was the tool and the slave,

126 Em 1895, o Tribunal interpretou a Lei Sherman de modo a torná-la inofensiva. Afirmou que o monopólio do refino de açúcar era monopólio da manufatura, não do comércio e, portanto, não podia ser regulamentado pelo Congresso através da Lei Sherman (EUA v. E. C. Knight Co.). O Tribunal também disse que a Lei Sherman poderia ser usada contra greves interestaduais (greve ferroviária de 1894) porque havia restrição do comércio. Também declarou inconstitucional uma pequena tentativa do Congresso de tributar altas rendas a uma taxa mais alta (Pollock v. Farmers' Loan & Trust Company). Nos anos posteriores, se recusaria a quebrar os monopólios da *Standard Oil* e da *American Tobacco*, dizendo que a Lei Sherman proibia apenas combinações “irracionais” para restringir o comércio. (tradução minha)

127 “o sol andar para trás no céu”

the little puppet, of a brutal uneducated machine boss; so was this governor and this supreme court judge; and all three rode on railroad passes; and, also, this sleek capitalist owned the machine, the machine boss, and the railroads that issued the passes.”<sup>128</sup> (LONDON, 1908, p.81)

O trecho evidencia ceticismo acerca da moralidade de todos os representantes políticos da contemporaneidade, e de todos que se alinham com a classe proprietária dos trusts. Assim, lista lado a lado os magnatas, o senador, o governador e o juiz da suprema corte e acusa a todos de desonestidade, ganância e subserviência aos interesses econômicos.

Nessa outra passagem, um dos pequenos comerciantes, no capítulo *Machine Breakers*, confessa que as decisões das cortes prejudicam as possibilidades de empoderamento do *Granger Party*:

“It is true,” Mr. Calvin confessed. “We captured the state legislature of Oregon and put through splendid protective legislation, and it was vetoed by the governor, who was a creature of the trusts. We elected a governor of Colorado, and the legislature refused to permit him to take office. Twice we have passed a national income tax, and each time the supreme court smashed it as unconstitutional. The courts are in the hands of the trusts. We, the people, do not pay our judges sufficiently. But there will come a time—”

“When the combination of the trusts will control all legislation, when the combination of the trusts will itself be the government,” Ernest interrupted.<sup>129</sup> (LONDON, 1908, p.135)

O pequeno proprietário lamenta-se, apresentando a perspectiva de alguém que ainda tinha esperanças na legalidade e na idoneidade das instituições, ao contrário do protagonista, que identifica essas movimentações contra o *Granger Party* como parte do controle da “máquina política” pelos magnatas. A resposta de Ernest nesse trecho evidencia que o revolucionário não vê a falta de moralidade e a ganância dos representantes políticos e jurídicos como um aspecto individual, como poderia parecer a partir da citação do capítulo *Philomaths*, mas

128 “Um outro, que patrocinava cátedras nas universidades e construía magníficas capelas, perjurava nos tribunais a troco de dólares ou de centavos. O magnata das estradas de ferro quebrava a sua palavra como cidadão, como cavalheiro e como cristão ao pagar propinas, e ele pagava muitas. Aquele senador era instrumento e escravo, um fantoche insignificante, de um chefe de uma máquina política brutal e ignorante que também controlava o governador e um ministro da Suprema Corte. Todos os três viajavam com passes da ferrovia e esse esperto capitalista tinha no seu bolso a máquina política, o chefe da máquina e a ferrovia que emitia os passes.”

129 “— É verdade — admitiu o sr. Calvin. — Tomamos a legislação do Estado de Oregon e a transformamos em uma magnífica legislação protetora, e ela foi vetada pelo Governador, uma cria dos monopólios. Elegemos o governador do Colorado, e a legislação não permitiu que ele tomasse posse. Por duas vezes, apresentamos uma proposta de imposto de renda e por duas vezes a Corte Suprema esmagou-a como inconstitucional. Os tribunais estão nas mãos dos monopólios. Nós, o povo, não pagamos nossos juízes o suficiente. Mas chegará o dia...— Em que a fusão dos monopólios controlará todas as leis; em que a fusão dos monopólios será o próprio Governo — interrompeu Ernest.”

estabelece relação entre elas e o próprio desenvolvimento dos trustes. É possível identificar como ele vê o desenvolvimento histórico encaminhando-se para o controle cada vez maior dos trustes sobre o poder político — até o ponto em que eles se tornariam o próprio governo.

Sobre a forma como o papel das cortes aparece no romance, vale citar ainda a seguinte nota, do capítulo *Beginning of the End*. London usa a construção de Meredith como acadêmico para apresentar dados do presente sobre as decisões judiciais:

As a sample of the decisions of the courts adverse to labor, the following instances are given. In the coal mining regions the employment of children was notorious. In 1905 A.D., labor succeeded in getting a law passed in Pennsylvania providing that proof of the age of the child and of certain educational qualifications must accompany the oath of the parent. This was promptly declared unconstitutional by the Luzerne County Court, on the ground that it violated the Fourteenth Amendment in that it discriminated between individuals of the same class—namely, children above fourteen years of age and children below. The state court sustained the decision. The New York Court of Special Sessions, in 1905 A.D., declared unconstitutional the law prohibiting minors and women from working in factories after nine o'clock at night, the ground taken being that such a law was "class legislation." Again, the bakers of that time were terribly overworked. The New York Legislature passed a law restricting work in bakeries to ten hours a day. In 1906 A.D., the Supreme Court of the United States declared this law to be unconstitutional. In part the decision read: "There is no reasonable ground for interfering with the liberty of persons or the right of free contract by determining the hours of labor in the occupation of a baker."<sup>130</sup> (LONDON, 1908, p.220)

Os três casos abordados parecem referir-se a situações factuais, de forma que o autor borra os limites entre ficção e fato, como em diversos momentos nas notas do acadêmico do futuro — mecanismo usado amplamente para denunciar abusos sofridos pela classe trabalhadora do período. Note-se que as situações descritas ocorreram nos anos imediatamente anteriores à publicação do romance, o que significa uma crítica atualizada dos conflitos de classe. Apesar

130 "Como exemplo das decisões dos tribunais contrárias aos operários, mencionamos os seguintes exemplos: Nas regiões das minas de carvão, era notório o emprego de crianças. Em 1905 d.C., o proletariado teve sucesso na aprovação de uma lei no Estado da Pensilvânia, que dispunha que a prova da idade da criança e de certas qualificações profissionais fosse acompanhada pelo juramento do pai. Logo foi declarada inconstitucional pela Câmara do Condado de Luzerne, com base no fato de que violava a 14a Emenda e que discriminava indivíduos da mesma classe, ou seja, as crianças com mais de 14 anos e as com menos. O Tribunal estadual manteve a decisão. A Corte de Nova York para Sessões Especiais, em 1905 d.C., declarou inconstitucional a lei que proibia menores e mulheres de trabalhar em fábricas após as nove horas da noite, baseando-se no fato de que uma lei como essa seria uma 'legislação de classe'. Houve um outro caso: os padeiros daquela época estavam sobrecarregados de serviço; a legislatura de Nova York promulgou uma lei que limitava o trabalho nas padarias a dez horas diárias. No ano de 1906 d.C., a Suprema Corte dos Estados Unidos declarou essa lei inconstitucional. Eis uma parte da decisão: 'Não há fundamento razoável para se interferir na liberdade das pessoas ou no direito de livre contratação de determinar as horas de trabalho na profissão de um padeiro'".

do tom aparentemente informativo, há expressões que mostram que Meredith, cidadão do socialismo, considera grave a situação da classe trabalhadora no período — considera os padeiros “terribly overworked” [terrivelmente sobrecarregados], por exemplo. Chama a atenção no trecho não só o caráter tendencioso das cortes, que recusavam qualquer proposta de melhoria das condições de trabalho, mas também o principal instrumento usado contra os trabalhadores: a própria constituição americana. Isso expressa uma crítica mordaz às ilusões democráticas que se poderia ter a partir das garantias constitucionais. Aliás, a distorção da 14ª emenda<sup>131</sup>, mencionada na nota acima, é mais um exemplo de como a Suprema Corte favorecia sistematicamente as corporações. Conforme Zinn:

By this time the Supreme Court had accepted the argument that corporations were “persons” and their money was property protected by the due process clause of the Fourteenth Amendment. Supposedly, the Amendment had been passed to protect Negro rights, but of the Fourteenth Amendment cases brought before the Supreme Court between 1890 and 1910, nineteen dealt with the Negro, 288 dealt with corporations.<sup>132</sup>(ZINN, 1980, p. 241)

Aqui fica evidente o que London procura expressar com o trecho mais acima: todas as tentativas de garantir direitos fundadas no sistema jurídico americano são inócuas, pois o poder dos proprietários e particularmente das corporações é o que define o sentido geral das decisões judiciais. Nos três casos citados por ele, assim como na tentativa de garantir direitos às pessoas negras a partir da 14ª emenda, as cortes funcionaram (usando a Constituição) como

131 O texto literal da primeira seção da emenda diz:

“Section 1

All persons born or naturalized in the United States, and subject to the jurisdiction thereof, are citizens of the United States and of the State wherein they reside. No State shall make or enforce any law which shall abridge the privileges or immunities of citizens of the United States; nor shall any State deprive any person of life, liberty, or property, without due process of law; nor deny to any person within its jurisdiction the equal protection of the laws.” (disponível em <https://www.law.cornell.edu/constitution/amendmentxiv>)

Tradução minha:

Seção 1

Todas as pessoas nascidas ou naturalizadas nos Estados Unidos e sujeitas à sua jurisdição, são cidadãos dos Estados Unidos e do estado em que eles residem. Nenhum estado deve aprovar ou fazer cumprir qualquer lei que reduza a privilégios ou imunidades de cidadãos dos Estados Unidos; nem nenhum estado pode privar qualquer pessoa da vida, liberdade ou propriedade, sem o devido processo legal; nem negar a qualquer pessoa dentro de sua jurisdição a igual proteção das leis.

132 “A essa altura, a Suprema Corte havia aceitado o argumento de que as corporações eram ‘pessoas’ e seu dinheiro era propriedade protegida pela cláusula do devido processo da Décima Quarta Emenda. Supostamente, a Emenda havia sido aprovada para proteger os direitos dos negros, mas dos casos da Décima Quarta Emenda levados à Suprema Corte entre 1890 e 1910, dezenove lidaram com negros, 288 trataram de corporações.”

uma estrutura de contenção contra a garantia desses direitos. No último caso, além disso, a emenda foi utilizada de modo enviesado para favorecer as próprias corporações.

Mas não só as cortes compõem o sistema jurídico que serve aos interesses dos grandes capitalistas. A investigação empreendida por Avis sobre o acidente de trabalho de Jackson, a partir do capítulo *Jackson's Arm*, apresenta outros elementos contemporâneos da relação da justiça — bem como da mídia — com as grandes corporações.

Em trecho que destaca como situações similares à de Jackson eram comuns, Avis relata:

He agreed with Peter Donnelly that Jackson should have got damages, and he went farther and called the action heartless and cold-blooded that had turned the worker adrift after he had been made helpless by the accident. Also, he explained that there were many accidents in the mills, and that the company's policy was to fight to the bitter end all consequent damage suits. <sup>133</sup> (LONDON, 1908, p.51)

O trecho expressa uma situação em que as corporações litigavam judicialmente “to the bitter end” para evitar dar compensações aos trabalhadores acidentados, mesmo em situações — como a de Jackson — em que não havia responsabilidade do trabalhador no acidente. A falta de ética e a ganância dos proprietários é ressaltada pelos adjetivos “heartless” [sem coração] e “cold-blooded” [com sangue frio]. London também apresenta, como veremos a seguir, os meios pelos quais era garantido que os litígios judiciais favorecessem em geral as empresas, meios que se relacionam sempre com o poder econômico.

Em nota logo antes do trecho citado, Meredith — o acadêmico que recupera o manuscrito de Avis no futuro socialista — nos apresenta o advogado de corporação, uma figura totalmente submissa a seus patrões:

The function of the corporation lawyer was to serve, by corrupt methods, the money-grabbing propensities of the corporations. It is on record that Theodore Roosevelt, at that time President of the United States, said in 1905 A.D., in his address at Harvard Commencement: “We all know that, as things actually are, many of the most influential and most highly remunerated members of the Bar in every center of wealth, make it their special task to work out bold and ingenious schemes by which their wealthy clients, individual or corporate, can evade the laws which

133 “Ele concordava com Peter Donnelly que Jackson deveria ter sido indenizado. E foi além ao afirmar que era cruel e desumano se livrar de um operário depois de ele ter se tornado sem serventia por causa de um acidente. Também disse que eram constantes os acidentes na fábrica e que a política da empresa consistia em lutar até o fim contra quaisquer reivindicações de indenização.”

were made to regulate, in the interests of the public, the uses of great wealth.”<sup>134</sup>  
(LONDON, 1908, p.47)

Aqui o tom acadêmico e informativo assume uma característica claramente irônica, por criar a impressão de que não apenas servir as corporações, mas fazê-lo por métodos corruptos e com atenção à sua sede de lucro, seria a função “oficial” desse tipo de advogado — como já indicado no capítulo anterior. Também a expressão “money-grabbing propensities” ressalta novamente a caracterização das corporações e seus proprietários como gananciosos. Nessa passagem, como em algumas anteriores, desenha-se a imagem de uma elite cujo objetivo exclusivo é a manutenção de seus lucros — sem dar-se limites seja pelas condições dos trabalhadores, seja por qualquer ética externa. Essa impressão é reforçada pela citação de Theodore Roosevelt, que fala em “schemes” [esquemas] para evitar as leis e favorecer os mais ricos. A citação de Roosevelt explicita também duas características já indicadas das notas de Meredith: o tom acadêmico exige que ele fundamente suas afirmações com discursos de autoridade, e London busca, através dele, nessa ocasião como em outras, usar o próprio discurso dos que detêm o poder contra as lógicas do sistema. Essas citações e referências são muitas vezes bem próximas ao período de escrita do romance (entre 1906 e 1907), o que indica um processo de pesquisa vivo sobre as condições sociais e econômicas do período.

Nos EUA, no período pós-guerra civil até o início de século XX, no entanto, não são apenas a política e a justiça que estão se submetendo às corporações, mas todos os aparelhos ideológicos do Estado. Escolas e igrejas, por exemplo, têm papel de disciplinamento e difusão da ideologia burguesa cada vez mais evidente. Esses elementos são bastante trabalhados no romance *The Iron Heel*, principalmente a partir de duas personagens que pertencem a essas estruturas e rompem com elas, convencidos pelos debates socialistas de Ernest Everhard: John Cunningham, pai de Avis, e o Bispo Morehouse.

O bispo, após entender a situação da classe trabalhadora sob sua jurisdição, tenta defender dentro da igreja uma maior atenção aos pobres e aos trabalhadores, e é afastado e depois encaminhado a um manicômio. O trecho seguinte trata do discurso que inicia seu processo de perseguição, para fiéis em uma associação:

134 “A função dos advogados de empresas era servir, por meios corruptos, às tendências gananciosas das corporações. Consta que Theodore Roosevelt, então presidente dos Estados Unidos, disse em um discurso de formatura em Harvard, em 1905: ‘Sabemos todos que, no atual estado de coisas, muitos dos mais influentes e bem-remunerados membros do tribunal, em cada centro de riqueza, se especializam em elaborar planos audaciosos e engenhosos para que seus clientes abastados, indivíduos ou empresas, possam se evadir das leis que foram feitas para regulamentar, para o bem do interesse do público, as grandes fortunas’”.



The audience was agitated, but unresponsive. Yet Bishop Morehouse was not aware of it. He held steadily on his way. “And so I say to the rich among you, and to all the rich, that bitterly you oppress the Master's lambs. You have hardened your hearts. You have closed your ears to the voices that are crying in the land—the voices of pain and sorrow that you will not hear but that some day will be heard. And so I say —”<sup>135</sup> (LONDON,1908, p.115-6)

O bispo também dá voz à ideia de classe proprietária que London constrói, uma classe gananciosa, que pouco se importa com aqueles que sofrem, que os oprime “bitterly” [amargamente] e tem os corações “hardened” [endurecidos]. Esse discurso, no desenvolvimento do romance, causa a perseguição e internação do bispo — ressaltando um contexto em que discordar da visão de mundo dos magnatas é entendido socialmente como loucura. Que o bispo seja assim tratado elucidada o quão distante ele está, ao defender os oprimidos, de todos os outros religiosos e membros da igreja. Evidencia-se, assim, como a religião tornara-se marionete dos interesses da classe dominante, o que se coaduna com a seguinte observação de Zinn:

Control in modern times requires more than force, more than law. It requires that a population dangerously concentrated in cities and factories, whose lives are tilled with cause for rebellion, be taught that all is right as it is. And so, the schools, the churches, the popular literature taught that to be rich was a sign of superiority, to be poor a sign of personal failure, and that the only way upward for a poor person was to climb into the ranks of the rich by extraordinary effort and extraordinary luck. <sup>136</sup> (ZINN, 1980, p.242)

Também as Universidades não estão fora desse contexto de controle ideológico. Em uma referência direta a esse contexto nas universidades, no romance, o intelectual John Cunningham é perseguido e afastado da universidade pelo seu contato com os socialistas. No caso dele, há uma tentativa de suborno para evitar polêmicas causadas por sua proximidade com socialistas:

135 “A plateia estava agitada, mas insensível. Mas o bispo Morehouse não se preocupava com isso. Prosseguia firmemente em seu caminho.

— Por isso, eu digo aos ricos entre vocês, e a todos os ricos, que vocês andam oprimindo cruelmente os cordeiros de Deus. Seus corações são duros como pedra e seus ouvidos não escutam as vozes que clamam da terra: vozes de dor e sofrimento; vozes que não desejam ouvir, mas que um dia terão de ouvir. E digo mais...”

136 “O controle nos tempos modernos exige mais que força, mais que lei. Exige que uma população perigosamente concentrada nas cidades e fábricas, cuja vida é repleta de motivos para rebelião, seja ensinada que tudo está certo como está. E assim, as escolas, as igrejas, a literatura popular ensinavam que ser rico era um sinal de superioridade, ser pobre um sinal de fracasso pessoal e que o único caminho para uma pessoa pobre era subir para as fileiras dos ricos por esforço extraordinário e sorte extraordinária.” (tradução minha)

Yes. I got that much out of him [o presidente da universidade]. He said the university needed ever so much more money this year than the state was willing to furnish; and that it must come from wealthy personages who could not but be offended by the swerving of the university from its high ideal of the passionless pursuit of passionless intelligence. When I tried to pin him down to what my home life had to do with swerving the university from its high ideal, he offered me a two years' vacation, on full pay, in Europe, for recreation and research. Of course, I couldn't accept it under the circumstances.”<sup>137</sup> (LONDON, 1908, p.103)

A dependência financeira da universidade frente a seus doadores fica evidente nessa passagem. Como tudo para essa classe de magnatas, as doações têm uma compensação que pode ser considerada lucrativa: o combate ao dissenso e a garantia da manutenção do sistema. A definição do ideal da Universidade feita por Cunningham, em tom irônico, enfatiza a falta de paixão nos conhecimentos buscados pela universidade — e se opõe à paixão sempre presente nos discursos políticos dos revolucionários. Que a vida pessoal de Cunningham, e não apenas sua produção acadêmica, tenha levado à perseguição, começa a dar indícios de fechamento de regime, que vão se fortalecendo no desenvolvimento da obra.

Zinn também aponta como as universidades estão submetidas aos interesses de seus doadores, pertencentes às elites das diferentes regiões do país — ele cita doações de milionários como Conwell, Rockefeller, Huntington e Carnegie, e adiciona:

The rich, giving part of their enormous earnings in this way, became known as philanthropists. These educational institutions did not encourage dissent; they trained the middlemen in the American system—the teachers, doctors, lawyers, administrators, engineers, technicians, politicians—those who would be paid to keep the system going, to be loyal buffers against trouble.<sup>138</sup> (ZINN, 1980, p.242)

O protagonista do romance, Ernest Everhard, em todos esses processos, é consciente do papel ideológico dessas estruturas e da impossibilidade da oposição individual a elas — ensaiada

137 “Sim. Eu percebi. Ele me contou que a universidade necessita sempre de muito mais dinheiro por ano do que o Estado está disposto a fornecer; e que esses recursos precisam vir de pessoas ricas que podem se sentir ofendidas ao ver a universidade se desviar de seus elevados ideais de busca imparcial do conhecimento. Quando tentei fazer com que ele fosse mais claro a respeito da relação de minha vida privada com o desvio dos elevados ideais da universidade, ele me ofereceu dois anos de férias, com pagamento integral, na Europa, para me distrair e pesquisar. Evidentemente, eu não pude aceitar isso, sob tais circunstâncias”

138 “Os ricos, dando parte de seus enormes ganhos dessa maneira, ficaram conhecidos como filantropos. Essas instituições educacionais não encorajavam o dissenso; eles treinavam os intermediários no sistema americano — professores, médicos, advogados, administradores, engenheiros, técnicos, políticos — aqueles que seriam pagos para manter o sistema funcionando, para serem leais amortecedores contra problemas.” (tradução minha)

tanto pelo bispo quanto pelo professor. No discurso do capítulo *Mathematics of a Dream*, o protagonista afirma:

“I spoke of the professional men and the artists as villeins. What else are they? One and all, the professors, the preachers, and the editors, hold their jobs by serving the Plutocracy, and their service consists of propagating only such ideas as are either harmless to or commendatory of the Plutocracy. Whenever they propagate ideas that menace the Plutocracy, they lose their jobs, in which case, if they have not provided for the rainy day, they descend into the proletariat and either perish or become working-class agitators. And don't forget that it is the press, the pulpit, and the university that mould public opinion, set the thought-pace of the nation. As for the artists, they merely pander to the little less than ignoble tastes of the Plutocracy.”<sup>139</sup> (LONDON,1908, p.157)

Nesse trecho, Ernest de fato posiciona-se contra qualquer ilusão de papel progressista dos intelectuais, homens de fé e artistas. Entende que eles trabalham justamente objetivando a reprodução ideológica adequada às necessidades da plutocracia. Isso significa necessariamente um descompromisso com a verdade, com a ciência e mesmo com a doutrina religiosa — afinal é critério para a reprodução das ideias que elas sejam inofensivas para a classe proprietária. Também apresenta uma visão de que profissionais são dispensados quando não cumprem esse papel — criando uma imagem de censura e perseguição como norma frente a qualquer contestação. Ernest descreve, então, um contexto em que a propagação de ideias também está praticamente monopolizada pelos grandes magnatas — a única opção seria tornar-se “working-class agitator” [agitador da classe trabalhadora].

Nessa última citação London apresenta também o debate sobre o papel da mídia no contexto de controle dos aparelhos ideológicos. O trecho abaixo, posterior ao discurso citado do bispo, reforça o lugar da imprensa na sustentação do sistema:

“Not a line of which will appear in to-morrow's papers.”  
 “I can't believe it,” I cried.  
 “Just wait and see,” was the answer. “Not a line, not a thought that he uttered.  
 The daily press? The daily suppressage!”  
 “But the reporters,” I objected. “I saw them.”

139 “Falo dos profissionais liberais e dos artistas como vilões. O que mais seriam? Todos eles, professores, sacerdotes e editores trabalham para servir à plutocracia e os seus serviços consistem em propagar apenas as ideias que pareçam inofensivas à plutocracia ou do agrado dela. Sempre que propagam ideias que ameacem à plutocracia, perdem os empregos, e, nesse caso, se não estiverem preparados para dias difíceis, descerão até o proletariado, perecendo ou se tornando agitadores da classe trabalhadora. Não nos esqueçamos de que é a imprensa, o púlpito e a universidade que moldam a opinião pública e a maneira de pensar da nação. Quanto aos artistas, eles simplesmente saciam os gostos pouco mais que ignóbeis da plutocracia.”

“Not a word that he uttered will see print. You have forgotten the editors. They draw their salaries for the policy they maintain. Their policy is to print nothing that is a vital menace to the established. The Bishop’s utterance was a violent assault upon the established morality. It was heresy. They led him from the platform to prevent him from uttering more heresy. The newspapers will purge his heresy in the oblivion of silence. The press of the United States? It is a parasitic growth that battens on the capitalist class. Its function is to serve the established by moulding public opinion, and right well it serves it.”<sup>140</sup> (LONDON, 1908, p.130-31)

A certeza de Ernest de que o polêmico discurso do bispo não será divulgado pela imprensa reforça a imagem de um regime fechado ao dissenso e ao contraditório. Aqui os editores aparecem como profissionais que justamente selecionam o que pode tornar-se público — invisibilizando tudo que pode ser uma ameaça ao domínio das corporações. O discurso do bispo, nesse contexto, seria considerado uma heresia — contra as corporações endeusadas e tornadas todo-poderosas — a ser purificada pelo esquecimento. Ao fim do trecho, apresenta-se a imagem da imprensa como um câncer, o que transmite sensivelmente o caráter repulsivo de suas ações.

Que os meios de comunicação tinham de fato a função apontada por London durante o período em que ele escrevia, demonstra a seguinte citação de W. J. Ghent usada por Joan London na biografia de seu pai: “Along with the morganization of industry steadily proceeds the munseyization of literature... Our popular magazines regularly keep before us a justification, actual or inferential, of things as they are”<sup>141</sup>. (GHENT apud LONDON, 1939, p.244). O processo de “morganization”, expressão criada a partir do sobrenome de J.P. Morgan, refere-se às técnicas de constituição de trustes e de controle da economia por eles. Já a expressão “munseyization” vem do sobrenome de Frank Andrew Munsey, editor e jornais e revistas populares desde o período da virada do século. Ghent, nesse trecho, pertencente à obra *Our Benevolent Feudalism*, estabelece, portanto, o mesmo paralelo entre o

140 “— Nem uma linha disso vai aparecer nos jornais de amanhã.

— Não acredito nisso — gritei.

— Espere para ver — foi a resposta dele. — Nenhuma linha, nenhuma opinião. Os jornais? Jamais!

— Mas e os repórteres? Eu os vi.

— Nem uma palavra do que ele disse será impressa. Você se esquece dos editores. O que determina o salário que eles recebem são as políticas que eles mesmos traçam, e essa política consiste em não dizer nada que coloque em risco o sistema. As ideias do bispo representam uma agressão contra a moral estabelecida. Foi uma heresia. Eles o retiraram do palanque para que não blasfemasse mais. Os jornais purgarão essa heresia no anonimato do silêncio. A imprensa norte-americana? É um parasita que engorda às custas da classe capitalista. Sua função é servir o sistema moldando a opinião pública, e desempenha essa função muito bem.”

141 “Juntamente com a morganization da indústria, procede constantemente à munseynização da literatura ... Nossas revistas populares mantêm regularmente diante de nós uma justificativa, real ou inferencial, das coisas como elas são.” (tradução minha)

fortalecimento das corporações e a submissão dos aparelhos ideológicos aos seus interesses que o romance de London destaca tantas vezes. Como apontado inicialmente, o contexto geral dos EUA a partir do final do século XIX é de transformações produtivas, as quais levam ao aumento da produtividade e ao crescimento da mecanização, inclusive no campo. O romance *The Iron Heel* destaca essas transformações e mostra que elas não poderiam ocorrer sem se refletirem de diversas formas nos aparatos políticos e ideológicos. Assim, a concentração do poder econômico leva a uma concentração do poder político, que se reflete na crescente submissão dos representantes dos poderes executivo, legislativo e judiciário tanto às necessidades gerais do lucro dos monopólios quanto às necessidades específicas dos diversos magnatas — necessidades essas que se opõem às necessidades da classe trabalhadora e da população em geral. A manutenção de tal poder exige, além disso, que não apenas as representações no Estado estejam submetidas à elite, mas que todos os trabalhos de propagação de ideias sejam crescentemente controlados — nas escolas, igrejas, universidades, na imprensa — o que é feito em parte com constrangimento econômico, em parte com censura e perseguição.

### **3. Situação da classe trabalhadora no contexto de crise capitalista**

A temática dos acidentes de trabalho, e as condições dos trabalhadores após serem dispensados por não poderem trabalhar, é central no *The Iron Heel*. A narradora-personagem Avis descobre as injustiças do sistema econômico a partir da investigação do caso de um homem, Jackson, que perde o braço em uma máquina na empresa onde o pai dela tem ações. Ernest conta a ela, no capítulo *Challenges*:

“He lost his arm in the Sierra Mills, and like a broken-down horse you turned him out on the highway to die. When I say 'you,' I mean the superintendent and the officials that you and the other stockholders pay to manage the mills for you.”<sup>142</sup>  
(LONDON, 1908, p.40)

142 “Ele perdeu o braço nos Moinhos Sierra e, como um cavalo de perna quebrada, os senhores o jogaram na rua para morrer. Quando eu digo ‘senhores’, estou me referindo o superintendente e aos funcionários que os senhores, e os outros acionistas, pagam para fazer a fábrica funcionar.”

A comparação com um animal ressalta a imagem do tratamento inumano dado aos trabalhadores — particularmente seu caráter “dispensável”. Nesse capítulo Ernest apresenta a Avis a responsabilidade coletiva da classe capitalista frente à produção exploratória, o que é ressaltado pelo uso do “you” [vocês] no trecho — que generaliza a ação dos administradores para todos aqueles que têm ações na empresa.

De fato, o crescimento e associação das grandes corporações, no período entre o fim do século XIX e início do século XX, significou seu fortalecimento não só à custa dos pequenos capitalistas do campo e da cidade. As principais vítimas são as massas trabalhadoras, submetidas a regimes de superexploração, à pobreza, às péssimas condições de trabalho e ao desemprego — em um contexto em que a submissão dos aparatos políticos e jurídicos às corporações dificultava enormemente qualquer resistência.

Dados sobre os acidentes em locais de trabalho apresentam indícios sobre as condições da classe: “There was a human cost to this exciting story of financial ingenuity. That year, 1889, records of the Interstate Commerce Commission showed that 22,000 railroad workers were killed or injured”<sup>143</sup> (ZINN, 1980, p.236). As grandes ferrovias foram um dos núcleos centrais para a expansão do capital monopolista — assim, os números indicados por Zinn apontam como esse crescimento dependeu de mortes e lesões físicas de milhares de trabalhadores no período.

O caráter das condições de trabalho, que leva ao tipo de acidente tratado, perpassa todas as condições de vida da classe trabalhadora. London também é sensível, por exemplo, às condições de moradia da classe trabalhadora, as quais, no período, eram gravemente precárias. No capítulo *Jackson’s Arm* de seu romance, London descreve essas moradias a partir de uma nota de Meredith ao termo *ramshackle*:

An adjective descriptive of ruined and dilapidated houses in which great numbers of the working people found shelter in those days. They invariably paid rent, and, considering the value of such houses, enormous rent, to the landlords.<sup>144</sup> (LONDON, 1908, p.43)

143 “Havia um custo humano nessa emocionante história de engenhosidade financeira. Naquele ano, 1889, registros da Comissão Interestadual do Comércio mostraram que 22.000 trabalhadores ferroviários foram mortos ou feridos” (tradução minha)

144 “Naquela época, boa parte dos trabalhadores residia nesse tipo de casa. Invariavelmente, pagavam um aluguel aos proprietários que era bastante caro, se se levar em conta o estado das habitações.”

A falta de condições fitossanitárias das habitações da classe trabalhadora e seu caráter arruinado são destacados também pelo historiador Howard Zinn: “And the slums of the southern cities were among the worst, poor whites living like the blacks, on unpaved dirt streets ‘choked up with garbage, filth and mud,’ according to a report of one state board of health.”<sup>145</sup> (ZINN, 1980, p.154). O trecho de London, no entanto, ainda destaca a contradição social subjacente a essas condições precárias de vida: os trabalhadores pagam altos aluguéis para os proprietários. Cria-se assim uma imagem também de cidades voltadas ao lucro, pois os trabalhadores, além de não terem condições de se manter em ambientes adequados, têm que pagar para morar em espaços arruinados. A situação descrita até aqui — apreendida tanto por Howard Zinn quanto por Jack London — inclui excesso de trabalho, baixos salários, acidentes de trabalho, além de condições de vida precárias. Nota-se, portanto, o enriquecimento das elites baseado na superexploração e na pobreza das classes subalternas.

Tal situação é agravada por processos de crise econômica — nesse período há duas depressões destacáveis, com ápices em 1873 e em 1893. Philip Foner, historiador e autor de biografia de Jack London intitulada *American Rebel*, apresenta os efeitos dessas crises na vida de London. Essas relações podem ser interessantes para se pensar como, posteriormente, elas foram figuradas no romance *The Iron Heel*.

A crise de 1873 atingiu a infância de Jack London — que trabalhou desde criança entregando jornais e em outras ocupações esporádicas. Foner descreve esse período relatando que havia centenas de milhares de trabalhadores desempregados, e os empregados tinham que se submeter a reduções salariais entre 40% e 60%. Apresenta-nos também à existência de pessoas sem-teto por todo o país, dependentes de trabalhos ocasionais ou vivendo de sobras (FONER, 1947, p. 09). As consequências dessa crise se aprofundam no período seguinte. Também Foner, em sua *History of the Labour Movement in the United States*, aponta:

Reliable figures of aggregate wages in the 1880’s are lacking, but there much truth to Samuel Gompers’ statement, in 1883, that “the wage of working men is less now than it was in 1870.” The United States Census of 1870 estimated the average annual income at a little over \$400 per capita; the Census of 1880 placed it at a little over \$300 per capita.<sup>146</sup> (FONER, 1955, p. 15)

145 “E as favelas das cidades do sul estavam entre as piores, brancos pobres vivendo como os negros, em ruas de terra batida, ‘asfixiados com lixo, sujeira e lama’, de acordo com um relatório de um conselho estadual de saúde”. (tradução minha)

146 “Faltam números confiáveis e salários agregados na década de 1880, mas há muito de verdade na afirmação de Samuel Gompers, em 1883, de que ‘o salário dos trabalhadores agora é menor do que era em 1870’. O Censo

Essa situação de rebaixamento dos salários se relaciona ainda com os processos de aumento do desemprego. Foner segue:

“I stand every morning in my factory,” said a New England manufacturer in 1884, “and am obliged to refuse the applications of men who want to come to work for a dollar a day ... and women begging for the opportunity to work for 50 cents a day .... It is evident ... that there are a large number of men who desire to be employed at the low rate of wages now prevailing, and who cannot find employment.”<sup>147</sup> (FONER, 1955, p.16)

A crise, como evidenciam as passagens, desenvolve-se pressionando tanto emprego quanto os salários, não só no momento de seu ápice, mas na década seguinte. A criação de um exército de desempregados aumenta a concorrência entre os trabalhadores e permite redução violenta nos ganhos dos trabalhadores — salários a menos de um dólar parecem, ainda em 1884, normais<sup>148</sup>. No ano de 1893, uma nova crise atinge a economia estadunidense, jogando ainda mais a classe trabalhadora na penúria. Foner também ressalta a situação dos trabalhadores nesse contexto, destacando como London a observou — o escritor havia acabado de voltar de uma viagem ao pacífico e deparou-se com a estrutura industrial paralisada, e com massas crescentes de desempregados (FONER, 1947, p.13).

Esses processos de crise econômica, com suas consequências sobre o salário e o desemprego, são marcantes também no romance *The Iron Heel*. No capítulo *Challenges*, um dos capítulos iniciais, Ernest apresenta a situação das crianças na produção algodoeira — criticando a igreja por não se posicionar contra os abusos:

Pardon my sneer, Bishop. But can you wonder that we lose patience with you? When have you protested to your capitalistic congregations at the working of children in the Southern cotton mills? Children, six and seven years of age, working every night at twelve-hour shifts? They never see the blessed sunshine. They die like flies. The dividends are paid out of their blood. And out of the dividends magnificent churches are builded in New England, wherein your kind preaches

---

dos Estados Unidos de 1870 estimou a renda média anual de pouco mais de US \$ 400 per capita; o censo de 1880 colocou um pouco mais de US \$ 300 per capita.” (tradução minha)

147 “‘Fico todas as manhãs em minha fábrica’, disse um fabricante da Nova Inglaterra em 1884’, e sou obrigado a recusar as solicitações de homens que desejam vir a trabalhar por um dólar por dia ... e mulheres implorando pela oportunidade de trabalhar por 50 centavos de dólar por dia .... É evidente ... que há um grande número de homens que desejam ser empregados com a baixa taxa de salários que agora prevalece e que não podem encontrar emprego”. (tradução minha)

148 Lembrando que Zinn, em passagem comentada no primeiro item, informa que os imigrantes que construíram ferrovias no início da ascensão das corporações recebiam entre 1 e 2 dólares por dia.



pleasant platitudes to the sleek, full-bellied recipients of those dividends.<sup>149</sup>  
(LONDON, 1908, p.35-6)

O tom da acusação é amargo, expressando uma situação, que parece não ser nova, de superexploração de crianças em moinhos. A idade das crianças também chama a atenção — e vale lembrar o caso citado no item anterior, de uma corte local considerando inconstitucional distinguir crianças abaixo e acima de 14 anos na legislação trabalhista. As imagens mobilizadas no trecho parecem ter o objetivo de sensibilizar o bispo — crianças que não podem ver a “blessed sunshine” [abençoada luz do sol] e que morrem como insetos. London também mostra o movimento dos conflitos sociais, relacionando diretamente o lucro dos capitalistas — e a construção de igrejas magníficas — com a superexploração e morte das crianças.

Em outra passagem, mais à frente no romance, no capítulo *The Bishop*, Avis se depara com as condições de trabalho de uma senhora alemã num bairro operário em São Francisco:

I took up a pair of trousers and examined her work.  
“Six cents, lady,” she said, nodding her head gently while she went on stitching. She stitched slowly, but never did she cease from stitching. She seemed mastered by the verb “to stitch.”  
“For all that work?” I asked. “Is that what they pay? How long does it take you?”  
“Yes,” she answered, “that is what they pay. Six cents for finishing. Two hours' sewing on each pair.”<sup>150</sup> (LONDON, 1908, p.195)

A trabalhadora, uma mulher idosa, trabalharia, portanto, uma jornada de dez horas para receber trinta centavos de dólar — por si só esse dado expressa a superexploração do trabalho. No contexto desse capítulo, o bispo está doando alimento para a idosa, que segue trabalhando ininterruptamente para sobreviver, ainda dependendo desse tipo de apoio. É curioso que Avis afirme que a trabalhadora parece “mastered by the verb ‘to stitch’”, pois isso cria uma

149 “Perdoe-me o sarcasmo. Mas pode imaginar por que perdermos a paciência com vocês? Quando foi que protestaram, em suas congregações capitalistas, contra o emprego de crianças nas tecelagens de algodão do Sul? Crianças de 6 ou 7 anos trabalhando todas as noites, em turnos de doze horas? Nunca veem a abençoada luz do dia. Morrem como moscas. Os dividendos são extraídos do sangue delas. E com esse dinheiro são construídas magníficas igrejas na Nova Inglaterra, nas quais seus colegas apreçoam agradáveis banalidades aos brilhantes beneficiários, de barrigas cheias desses dividendos.”

150 “— Seis centavos, dona — disse ela, balançando gentilmente a cabeça enquanto continuava a coser. Cosia devagar, mas nunca parava. Parecia que era movida pelo verbo costurar.

— Por todo este trabalho? — perguntei-lhe. — É isso o quanto pagam? Quanto tempo a senhora leva para fazer tudo isso?

— Sim, é o que pagam — respondeu. — Seis centavos pelo serviço pronto. Duas horas para costurar um par de calças.”

imagem de trabalhador “autômato”, sem vontade própria, totalmente submetido aos desígnios do patrão.

Esses dois últimos trechos citados indicam algumas das camadas mais exploradas da classe trabalhadora, as crianças e os idosos, que trabalham exaustivamente sem proteções legais. Esses destaques vão formando o quadro vivo de uma camada populacional heterogênea, mas que compartilha o destino de pobreza e exploração que se agrava em momentos de crise.

Os desenlaces do romance, então, passam também por crises econômicas e sociais, com paralelos àquelas vividas pelo autor. No capítulo *The vortex*, Avis faz uma descrição do aprofundamento desse processo, chamando a crise de *hard times*:

History was making fast. The air was vibrant with things happening and impending. The country was on the verge of hard times, caused by a series of prosperous years wherein the difficulty of disposing abroad of the unconsumed surplus had become increasingly difficult. Industries were working short time; many great factories were standing idle against the time when the surplus should be gone; and wages were being cut right and left.<sup>151</sup> (LONDON, 1908, p.170-1)

O trecho traz diversos elementos que caracterizam as crises econômicas, mostrando uma apreensão detalhada dos elementos históricos no romance. A aceleração do tempo na conjuntura da crise é construída a partir da imagem da história se fazendo com mais rapidez e do ar expressando acontecimentos atuais e iminentes. Os próprios “tempos duros” aparecem como iminentes, como se Avis estivesse sentindo ainda o prenúncio, não de um momento pontual, mas de um considerável período de dificuldades. A narradora procura também apontar as causas da crise, e a relaciona com o período próspero anterior e com a dificuldade de exportar o capital excedente.

Aqui cabe comentar que o período próspero anterior é justamente o período de grande ascensão dos trustes. A concentração e a centralização do capital também se relacionam com a produção de grandes excedentes, que permitem aos magnatas ampliarem suas corporações para as mais diversas áreas; até que o mercado interno se esgota (as principais produções já estão sob o domínio dos trustes), e passa a ser necessária a exportação

151 “A história estava sendo escrita com rapidez. O ar vibrava com as coisas que aconteciam e que estavam por acontecer. O país estava à beira de uma crise; e a causa dessa crise era a dificuldade de exportar o excedente que não havia sido consumido, excedente esse acumulado ao longo de vários anos de prosperidade. As indústrias estavam trabalhando em turnos reduzidos; muitas grandes indústrias estavam ociosas à espera da hora em que o excedente seria exportado; e os salários estavam sendo cortados a torto e a direito.”

do capital. Esse movimento é parcialmente descrito no capítulo *Mathematics of a Dream*. As consequências trabalhadas por Avis no trecho acima, a ociosidade das fábricas — causadora de desemprego — e os cortes salariais, são coerentes com os apontamentos de Foner nos trechos citados acima.

Como visto, a partir dos dados sobre queda dos salários e desemprego, e pela descrição das condições da classe trabalhadora no período de crise, o avanço da indústria e o enriquecimento das corporações significou uma situação de maior exploração dos trabalhadores, e de crescimento das desigualdades sociais. London apresenta, no romance, um quadro vivo dessa conjuntura, inclusive projetando para o futuro a piora dessas condições.

### 3.1 O desemprego e o “povo do abismo”

É importante enfatizar ainda que a problemática do desemprego assume centralidade no desenvolvimento do romance. Ernest, após ser eleito para o Congresso, sob grande pressão da Oligarquia, formada pelos donos de trustes, defende a assistência aos desempregados, em um contexto de aprofundamento da crise econômica e social:

Ernest was in the thick of the fight when the end came. It was in the debate on the bill to assist the unemployed. The hard times of the preceding year had thrust great masses of the proletariat beneath the starvation line, and the continued and wide-reaching disorder had but sunk them deeper. Millions of people were starving, while the oligarchs and their supporters were surfeiting on the surplus. We called these wretched people the people of the abyss, and it was to alleviate their awful suffering that the socialists had introduced the unemployed bill. <sup>152</sup> (LONDON, 1908, p.251-2)

A referência ao “fim” na passagem diz respeito ao momento da prisão dos congressistas socialistas. O fato de esse momento de clímax do romance acontecer depois da defesa dos desempregados expressa como esse elemento é nodal para a análise que London faz da situação contemporânea. Nesse trecho novamente ele relaciona a crise, os “hard times”, com o

152 “Ernest estava no meio da luta quando o fim chegou. Foi no debate sobre o projeto de assistência ao desempregado. A crise do ano anterior tinha deixado as grandes massas do proletariado sem ter o que comer, e a desordem contínua e de longo alcance agravava ainda mais essa situação. Enquanto milhões de pessoas morriam de fome, a oligarquia e seus patrocinadores engordavam com o excedente. Nós denominamos esse povo miserável de povo do abismo, e era para aliviar seu terrível sofrimento que os socialistas tinham introduzido o projeto de lei dos desempregados.”

desemprego e a carestia de vida, expressa pela noção de grandes massas caindo abaixo da linha da pobreza. De novo London se preocupa em mostrar a contradição social entre a fome de milhões e os lucros dos oligarcas. Curioso ainda comentar que a lei sobre os desempregados tinha a intenção de “alliviate their awful suffering”, mostrando que não se tratava de uma medida que os socialistas consideravam que poderia solucionar de fato a situação dessa camada populacional. Esses desempregados, chamados aqui de *people of the abyss*, terão importância no romance — durante a Comuna de Chicago, tornam-se a massa violenta que é massacrada pelas forças da Oligarquia.

A situação do desemprego nos EUA, devido às depressões tratadas anteriormente, já era conflituosa em fins do século XIX. Foner descreve, no trecho abaixo, uma tentativa de organização desse setor para reivindicar emprego e melhores condições de vida:

While these ideas [programas de trabalhos públicos] were being discussed in liberal magazines and at labor conventions, masses of unemployed workers were making their way by foot to Washington, the to register emphatic dissatisfaction with the conditions of the country and to demand redress of the grievance of a whole people. From hamlet and city the armies of the Commonweal were recruited, and the spring of 1894 saw them marching down from New England, straggling in from California, Arizona and Texas, and tramping through the late snow-storms in the Alleghanies. All told about 10000 men were on the march throughout the country with Washington as their destination.<sup>153</sup> (FONER, 1947, p.15)

A experiência biográfica de London parece ter contribuído para sua visão sobre esse movimento e sobre a situação dos trabalhadores desempregados no período, o que pode explicar a ênfase do tema no romance. Segundo Foner, London compôs um dos exércitos que se encaminhou para Washington com reivindicações para os desempregados, mas abandonou-o antes do destino final. No processo, no entanto, teve a oportunidade de conhecer a vida dos “vagabundos” [tramps], além de ter tido o primeiro contato com as ideias socialistas e com a prisão — foi preso por vagabundagem em Niagara Falls (FONER, 1947, p.15-21). A temática dos *tramps* aparece em outros pontos de sua obra, como nas suas memórias referentes ao período de “vagabundagem” publicadas com o título de *The Road*.

153 “Enquanto essas ideias [programas de trabalhos públicos] estavam sendo discutidas em revistas liberais e em convenções trabalhistas, massas de trabalhadores desempregados estavam caminhando a pé para Washington, para registrar insatisfação enfática com as condições do país e exigir reparação pela injustiça com um povo inteiro. De povoado e cidade, os exércitos da Commonweal foram recrutados, e na primavera de 1894 marcharam da Nova Inglaterra, vindo da Califórnia, Arizona e Texas, e caminhando pelas tempestades de neve tardias nos Alleghanies. No total, cerca de 10000 homens estavam em marcha em todo o país, com Washington como destino.” (tradução minha)

Outra experiência biográfica que parece ecoar no romance *The Iron Heel* foi o período de seis semanas, no ano de 1902, que London passou nas periferias de Londres, fazendo um estudo sociológico que seria publicado justamente com o nome de *People of the Abyss*, expressão usada no romance para se referir à população desempregada e empobrecida. Um trecho da obra dá ideia das condições dessa população empobrecida da Inglaterra, situação não muito diferente daquela que London tinha encontrado entre os desempregados nos EUA:

From the slimy, spittle-drenched, sidewalk, they were picking up bits of Orange peel, apple skin, and grape stems, and, they were eating them. The pits of greengage plums they cracked between their teeth for the kernels inside. They picked up stray bits of bread the size of peas, apple cores so black and dirty one would not take them to be apple cores, and these things these two men took into their mouths, and chewed them, and swallowed them; and this, between six and seven o'clock in the evening of August 20, year of our Lord 1902, in the heart of the greatest, wealthiest, and most powerful empire the world has ever seen.<sup>154</sup> (LONDON, 1903, p.78)

O trecho, bastante descritivo, indica a fome como importante marca da pobreza ao tratar de dois homens comendo restos. Como em muitos momentos do *The Iron Heel*, London também destaca a contradição entre a situação desses homens e o fato de eles viverem no centro do maior e mais rico império do período.

Sobre chamar esses setores — desempregados miseráveis — de *People of the Abyss*, London explica no *The Iron Heel*, a partir de uma nota do acadêmico Meredith, que a expressão foi cunhada por H. G. Wells, escritor britânico (LONDON, 1908, p.252). Trata-se de uma expressão de fato usada por Wells em seu livro *Anticipations of the reaction of mechanical and scientific progress upon human life and thoughts*, de 1901. Como o título já indica, trata-se de uma obra especulativa sobre diversos aspectos da vida social. A primeira aparição da expressão *People of the Abyss* na obra de Wells ocorre no capítulo sobre a guerra — o autor faz uma aproximação entre esse setor e a classe trabalhadora em geral e o julga inútil para a guerra moderna. (WELLS, 1901, P.188-9)

154 “Da calçada viscosa e cheia de saliva, eles estavam pegando pedaços de casca de laranja, casca de maçã e caules de uva, e estavam comendo-os. Quebravam os caroços de ameixas verdes entre os dentes pelos grãos de dentro. Eles pegaram pedaços de pão perdidos do tamanho de ervilhas, núcleos de maçã tão pretos e sujos que não os considerariam núcleos de maçã, e essas coisas esses dois homens colocaram na boca, mastigaram e engoliram; e isso, entre as seis e as sete da noite de 20 de agosto do ano de nosso Senhor de 1902, no coração do maior, mais rico e mais poderoso império que o mundo já viu.” (tradução minha)

Outra possível relação estabelece-se entre o *people of the abyss* e o conceito marxiano de “lumpemproletariado”, devido às condições precárias em que vive e às dificuldades de sua organização política. Segundo Marx, no “Manifesto Comunista”: “O lumpemproletariado, putrefação passiva das camadas mais baixas da velha sociedade, pode, às vezes, ser arrastado ao movimento por uma revolução proletária; todavia, suas condições de vida o predisõem mais a vender-se à reação” (MARX;ENGELS, 2017, p.31).

Essa interpretação, no entanto, pode ser problemática na medida em que a camada a qual London se refere claramente forma-se a partir de um empobrecimento da classe trabalhadora, não da “putrefação das camadas mais baixas da velha sociedade”, entendendo-se a velha sociedade como o Antigo Regime europeu. O conceito de “exército industrial de reserva”, portanto, pode ser mais útil:

O curso vital característico da indústria moderna, a forma de um ciclo decenal interrompido por oscilações menores de períodos de vitalidade média, produção a todo vapor, crise e estagnação, repousa sobre a formação constante, sobre a maior ou menor absorção e sobre a reconstituição do exército industrial de reserva ou superpopulação. (MARX, 2013, p.559)

A ideia de que o chamado *people of the abyss* constitui esse “exército industrial de reserva” é vantajosa inclusive porque aponta o lugar dessa camada frente ao desenvolvimento da indústria moderna. O trecho acima justamente relaciona a expansão desse setor com os ciclos de crise econômica — como os tratados por London no romance.

Assim, é coerente que, no desenvolvimento do *The Iron Heel*, o chamado *people of the abyss* sofra cada vez mais as consequências da crise econômica e social:

The condition of the people of the abyss was pitiable. Common school education, so far as they were concerned, had ceased. They lived like beasts in great squalid labor-ghettos, festering in misery and degradation. All their old liberties were gone. They were labor-slaves. Choice of work was denied them. Likewise was denied them the right to move from place to place, or the right to bear or possess arms. They were not land serfs like the farmers. They were machine-serfs and labor-serfs.<sup>155</sup> (LONDON, 1908, p.302-3)

155 “A condição do povo do abismo dava dó. A educação em escolas comuns, quando isso era possível, deixou de existir. Eles viviam como animais em grandes e esqualidos guetos operários, exasperados em meio à miséria e à degradação. Todas as suas antigas liberdades haviam desaparecido. Eram escravos do trabalho. Não havia, para eles, escolha de serviço. Da mesma forma, era-lhes negado o direito de se mudarem de um local para outro, ou de portarem ou possuírem armas. Não eram servos da gleba como os agricultores, eram servos das máquinas e servos do trabalho.”

É interessante observar que, no trecho acima, o *people of the abyss* não se restringe a quem está de fato sem emprego — embora a falta de escolha de emprego seja um sinal de que os postos estão restritos, e que a população tem que aceitar condições cada vez mais precárias. A aproximação de suas condições com as condições de servos, com destaque para a falta de liberdade e para condições miseráveis de moradia, completa o quadro de degradação a que é submetida essa camada populacional. Tal descrição, no entanto, pertence ao capítulo *The Roaring of the Abysmal Beast*, referindo-se a um momento de consolidação do regime oligárquico dos magnatas. Logo antes desse trecho, Avis afirma que “the great helpless mass of the population, the people of the abyss, was sinking into a brutish apathy of content with misery”<sup>156</sup> (LONDON, 1908, p.302), o que indica que, em um contexto em que há castas, inclusive uma de trabalhadores privilegiados, todo o resto da população trabalhadora cairia nessa camada empobrecida e desempregada. Vê-se, portanto, que há um desenvolvimento da situação, uma piora de condições e uma ampliação da camada chamada de *people of the abyss* no romance. Com esse processo, o *people of the abyss* faz sua última aparição no romance, no capítulo *People of the Abyss* como uma turba incontrolável e vingativa, que não pode ser dirigida mesmo pelos revolucionários — o que é interessante pela aproximação com a ideia de Wells de que essa camada não seria útil para a guerra, e com a reflexão de Marx sobre o lumpen-proletariado, embora como já visto esse conceito não caiba plenamente ao *people of the abyss*. O trecho abaixo descreve como London imaginou a posição desse setor em um conflito aberto entre a Oligarquia e os revolucionários — posição de massa de manobra, fundamentalmente —, e reflete sobre os motivos dessa postura:

It was not a column, but a mob, an awful river that filled the street, the people of the abyss, mad with drink and wrong, up at last and roaring for the blood of their masters. I had seen the people of the abyss before, gone through its ghettos, and thought I knew it; but I found that I was now looking on it for the first time. Dumb apathy had vanished. It was now dynamic—a fascinating spectacle of dread. It surged past my vision in concrete waves of wrath, snarling and growling, carnivorous, drunk with whiskey from pillaged warehouses, drunk with hatred, drunk with lust for blood—men, women, and children, in rags and tatters, dim ferocious intelligences with all the godlike blotted from their features and all the fiendlike stamped in, apes and tigers, anaemic consumptives and great hairy beasts of burden, wan faces from which vampire society had sucked the juice of life, bloated forms swollen with physical grossness and corruption, withered hags and

156 “a grande massa desesperada da população, o povo do abismo, estava afundando em uma apatia brutal, satisfeita com a miséria.”

death's-heads bearded like patriarchs, festering youth and festering age, faces of fiends, crooked, twisted, misshapen monsters blasted with the ravages of disease and all the horrors of chronic innutrition—the refuse and the scum of life, a raging, screaming, screeching, demoniacal horde.

And why not? The people of the abyss had nothing to lose but the misery and pain of living. And to gain? — nothing, save one final, awful glut of vengeance.

And as I looked the thought came to me that in that rushing stream of human lava were men, comrades and heroes, whose mission had been to rouse the abysmal beast and to keep the enemy occupied in coping with it.<sup>157</sup> (LONDON, 1908, p.326-7)

A oposição entre “column” [coluna] e “mob” [multidão] no início do trecho já destaca um caráter desorganizado desse setor, o que é fortalecido pela imagem da bebedeira e da loucura. É interessante notar, no entanto, que a massa estava “roaring for the blood of their masters” o que mostra algum nível de consciência de classe que não seria adequada ao conceito de lumpemproletariado. De fato, no romance, essa não é uma camada que se vende à reação, para usar as palavras de Marx — tal característica é mais adequada à camada de mercenários, que aparece no romance como desenvolvimento dos detetives particulares chamados de Pinkertons (um setor de profissionais liberais, pequeno-burgueses). A descrição que se segue da horda fortalece os elementos aterrorizantes a partir da referência à monstruosidade, que passa pela situação de fome, proximidade com a morte e adoecimento — além de apelar para imagem de pessoas zoomorfizadas, ferozes, comparáveis a macacos e a tigres. Todo o episódio da Comuna de Chicago no romance constrói-se nesse clima de horror, que passa pela massa do *people of the abyss*, mas também pela guerra campal promovida pela Oligarquia. Vê-se também que a organização revolucionária havia planejado usar essa massa semiconsciente para distrair o inimigo, reforçando a ideia de massa de manobra.

157 “Não era uma coluna, era uma enxurrada sem controle, um amontoado que ocupava a rua; era o povo do abismo, ensandecido pelo álcool e pela injustiça, rugindo pelo sangue de seus senhores. Eu já havia visto o povo do abismo antes, havia cruzado seus guetos e parecia conhecê-lo; mas, agora, era como se o visse pela primeira vez. Sua estúpida apatia desaparecera. Era dinâmico agora: um espetáculo de horror. Agitava-se diante de meus olhos como uma onda concreta de cólera, rugindo e crescendo, uma turba carnívora embriagada com o uísque saqueado nos armazéns, embriagada de ódio, embriagada pelo desejo de sangue; homens, mulheres e crianças cobertos de trapos, criaturas de bestuntos ferozes, de inteligência turva, em cujos caracteres se havia borrado o que tinham de divino para estampar a figura da besta. Criaturas tísicas e anêmicas, enormes bestas de carga peludas em cujas veias corria o sangue do macaco e do tigre. Rostos lívidos, dos quais o líquido vital tinha sido sugado por uma sociedade de vampiros; formas inchadas pelo sofrimento e pela corrupção do corpo. Tinham a cabeça seca e ostentavam uma barba como a dos patriarcas; era uma juventude corrompida que apodrecia com a idade, cujas faces diabólicas eram torcidas e deformadas: monstros desfigurados pelos estragos das doenças e pelos horrores de uma fome sem fim; dejetos e escórias da vida, hordas enfurecidas, bestas que rugem e que guincham. E por que seria diferente? As criaturas do abismo não tinham nada a perder, a não ser a miséria e a dor de viver. Mas o que tinham a ganhar? Nada, a não ser uma vingança definitiva, terrível e farta. Enquanto eu olhava para elas, lembrei-me de que nessa torrente de lava humana havia homens, companheiros e heróis, cuja missão seria a de sublevar essas criaturas abissais para que o inimigo se ocupasse com elas.”



Outro paralelo com o “Manifesto Comunista” é possível nesse trecho. Na passagem final do documento lê-se: “Nela [a revolução comunista] os proletários nada têm a perder a não ser seus grilhões. Têm o mundo a ganhar” (MARX; ENGELS, 2017, p.51). A adaptação para o contexto do *people of the abyss* é “The people of the abyss had nothing to lose but the misery and pain of living. And to gain? — nothing, save one final, awful glut of vengeance”<sup>158</sup> (LONDON, 1908, p.327). Por essa releitura, entende-se que, de fato, London não entende o *people of the abyss* como parte da classe proletária propriamente, mas como uma massa que não tem potencial de se autoemancipar.

A degeneração — devida ao desemprego e à fome — de uma camada de trabalhadores, até o ponto de perda da capacidade de ação política, completa o quadro da situação da classe frente à ascensão dos grandes monopólios que concentram o poder econômico, mas também político e militar. Na sequência analisaremos outra ideologia que ascende com os monopólios, a ideologia da guerra.

#### 4. A ideologia belicista e a expansão do capital

London também dá atenção à questão da guerra, e está alinhado aos socialistas em sua perspectiva sobre ela. No capítulo *The General Strike*, Avis apresenta os motivos pelos quais a guerra com a Alemanha era fundamental para a Oligarquia, citando os mesmos elementos apontados acima:

The Oligarchy wanted the war with Germany. And it wanted the war for a dozen reasons. In the juggling of events such a war would cause, in the reshuffling of the international cards and the making of new treaties and alliances, the Oligarchy had much to gain. And, furthermore, the war would consume many national surpluses, reduce the armies of unemployed that menaced all countries, and give the Oligarchy a breathing space in which to perfect its plans and carry them out. Such a war would virtually put the Oligarchy in possession of the world-market. Also, such a war would create a large standing army that need never be disbanded, while in the minds of the people would be substituted the issue, “America versus Germany,” in place of “Socialism versus Oligarchy.”<sup>159</sup> (LONDON, 1908, p.210-1)

<sup>158</sup> “As criaturas do abismo não tinham nada a perder, a não ser a miséria e a dor de viver. Mas o que tinham a ganhar? Nada, a não ser uma vingança definitiva, terrível e farta.”

<sup>159</sup> “A oligarquia desejava a guerra contra a Alemanha. E o queria por uma série de razões. No desenrolar dos eventos que uma guerra como essa causaria, na redistribuição internacional de papéis, na costura de novas alianças e no estabelecimento de novos tratados a oligarquia tinha muito o que ganhar. E, além do mais, a guerra

A identificação da guerra com a reordenação geopolítica que favoreceria a Oligarquia é o primeiro ponto fundamental — que afasta essa visão de qualquer ilusão com o caráter patriótico da guerra — e, assim, o domínio de todo mercado mundial é apresentado como possibilidade aberta pela guerra.

Os elementos seguintes relacionam-se com a questão da crise. Dois elementos inter-relacionados que são centrais nas crises econômicas poderiam ter a guerra como solução. Trata-se do consumo de excedentes industriais, seja na própria guerra, seja a partir do controle de mercados, e da redução do desemprego — tanto devido ao alistamento direto para a guerra quanto pela criação de vagas na indústria bélica. A imagem do “respiro” [breathing space] mostra como a guerra seria importante para a manutenção do poder da Oligarquia, com a vantagem da criação de um exército permanente.

O último elemento citado relaciona-se justamente à questão da “distração” que já era destacada na época pelos jornais socialistas, como veremos a seguir. As ideias patrióticas aparecem assim como forma de evitar o questionamento do sistema econômico capitalista, e como forma de abrandar os conflitos entre as classes — pois significam a luta entre trabalhadores americanos e alemães em lugar da luta comum desses trabalhadores contra os grandes capitalistas que os exploram.

Voltando à questão do dispêndio dos excedentes, trata-se de um assunto longamente debatido no romance ainda antes disso, nos debates do capítulo *Mathematics of a Dream*. Nesse capítulo, uma nota de Meredith aponta outro comentário de Roosevelt que ressalta essa preocupação:

Theodore Roosevelt, President of the United States a few years prior to this time, made the following public declaration: “A more liberal and extensive reciprocity in the purchase and sale of commodities is necessary, so that the overproduction of the United States can be satisfactorily disposed of to foreign countries.”<sup>160</sup> (LONDON, 1908, p.146)

---

consumiria uma boa parte dos insumos nacionais, reduziria o exército de desempregados que ameaçava todos os países, e daria à oligarquia fôlego para aperfeiçoar seus planos e levá-los adiante. Uma guerra como essa, na prática, daria à oligarquia a posse do mercado mundial. Além disso, uma guerra como essa poderia criar um grande exército permanente que não precisaria nunca ser desmobilizado, enquanto na alma dos povos seria substituída a máxima ‘Socialismo versus Oligarquia’ por ‘América versus Alemanha’”.

160 “Theodore Roosevelt, Presidente dos Estados Unidos, poucos anos antes disso, fez a seguinte declaração pública: ‘Uma reciprocidade mais ampla e liberal na compra e venda de bens de consumo é necessária, de forma que o excedente do país possa ser posto à disposição dos países estrangeiros de forma satisfatória’”.

Novamente Anthony Meredith aparece citando figuras de autoridade para legitimar um debate bastante ressaltado na obra: a crise de superprodução. O excesso produtivo do país aparece, então, como um fato econômico dado, e a reiteração da solução de dispor esse excedente no exterior — além de ser insuficiente porque os outros países também teriam excedentes — parece contrastar com a situação de miséria dos trabalhadores apresentada no romance.

Com o desenvolvimento da obra, a questão dos excedentes segue apresentando-se como um limite objetivo para o sistema capitalista. Se a guerra é uma forma de despender-los, London, a partir do relato de Avis, apresenta a revolução socialista como alternativa, no capítulo *Beginning of the End*, indicando como outros países lidaram com o controle dos EUA sobre o mercado mundial:

The American Oligarchy was practically in possession of the world-market, and scores of countries were flung out of that market with unconsumable and unsalable surpluses on their hands. For such countries nothing remained but reorganization. They could not continue their method of producing surpluses. The capitalistic system, so far as they were concerned, had hopelessly broken down. The reorganization of these countries took the form of revolution. It was a time of confusion and violence. Everywhere institutions and governments were crashing. Everywhere, with the exception of two or three countries, the erstwhile capitalist masters fought bitterly for their possessions. But the governments were taken away from them by the militant proletariat. At last was being realized Karl Marx's classic: "The knell of private capitalist property sounds. The expropriators are expropriated." And as fast as capitalistic governments crashed, cooperative commonwealths arose in their place.<sup>161</sup> (LONDON, 1908, p.217-18)

Aqui evidencia-se a compreensão de que a produção de excedentes impossíveis de serem consumidos é característica basilar do capitalismo — Ernest Everhard chega a explicar detalhadamente esse aspecto no capítulo *The Mathematics of a Dream* —, e se os Estados Unidos passam a despejar tais excedentes industriais em diversos países, suas economias não têm como se sustentar e, apesar da resistência dos proprietários, a reorganização se dá de forma socialista. Nesse trecho não parece haver opções para esses países além da revolução

161 "A oligarquia norte-americana estava praticamente de posse do mercado mundial, e muitos países estavam de posse de excedentes, que não podiam consumir nem vender. Só restava a esses países a reorganização. Eles não podiam continuar com os mesmos métodos de produção de excedentes. O sistema capitalista, da maneira que eles o concebiam, havia quebrado irremediavelmente. A reorganização desses países tomou a forma de uma revolução. Era uma época de sobressalto e violência. Em toda parte, instituições e governos, quebravam. Em toda parte, com exceção de dois ou três países, os mestres capitalistas do passado lutavam desesperadamente para manter as suas posses, mas os governos estavam sendo tomados deles pelo proletariado militante. Por fim, concretizou-se a máxima de Karl Marx: 'Soou a hora derradeira da propriedade privada capitalista. Os expropriadores são expropriados'. E assim que os governos capitalistas caíam, as comunidades cooperativas se levantavam em seus lugares"

socialista, embora mais à frente, no capítulo *The Last Days*, sejam informados que tanto Inglaterra quanto Japão conseguiram manter parte de suas áreas de dominação e esmagaram suas revoluções proletárias a partir de uma camada de proprietários com características próximas à Oligarquia estadunidense. Por fim, o romance explicita que a Oligarquia, mesmo com o controle do mercado mundial, logo teria que lidar com mais excedentes — dada que essa é a necessidade do sistema econômico capitalista. Também no capítulo *Beginning of the End*, Ernest busca apontar um possível novo mercado para o gasto desses excedentes:

“But if the Oligarchy persists,” I asked him that evening, “what will become of the great surpluses that will fall to its share every year?”

“The surpluses will have to be expended somehow,” he answered; “and trust the oligarchs to find a way. Magnificent roads will be built. There will be great achievements in science, and especially in art. When the oligarchs have completely mastered the people, they will have time to spare for other things. They will become worshippers of beauty. They will become art-lovers. And under their direction and generously rewarded, will toil the artists. The result will be great art; for no longer, as up to yesterday, will the artists pander to the bourgeois taste of the middle class. It will be great art, I tell you, and wonder cities will arise that will make tawdry and cheap the cities of old time. And in these cities will the oligarchs dwell and worship beauty.<sup>162</sup> (LONDON, 1908, p.226)

A necessidade de dispêndio dos excedentes cria aqui uma imagem de desperdício — que se tornaria possível na medida em que não houvesse mais oposição ao domínio dos oligarcas. Algumas palavras no trecho indicam a ideia da opulência vinda desse desperdício, como “magnificent” [magnífico], “great achievements” [grandes conquistas], “time to spare” [tempo para desperdiçar], “workshippers” [adoradores], “generously rewarded” [generosamente recompensados], “wonder cities” [cidades maravilhosas]. Apesar de não fazer uma crítica direta ao conteúdo dessas possíveis conquistas, o tom do trecho soa irônico no contexto, pois esses avanços dependem do esmagamento de toda a resistência da classe trabalhadora.

162 “— Mas se a oligarquia persistir — perguntei-lhe naquela manhã — o que acontecerá com o grande excedente que se acumulará cada vez mais a cada ano?

— O excedente terá de ser gasto de alguma maneira — respondeu-me —, e os monopólios e os oligarcas encontrarão uma maneira. Magníficas estradas serão construídas. Haverá grandes avanços na ciência e, sobretudo, na arte. Quando os oligarcas tiverem dominado por completo o povo, terão tempo para se dedicar a outras coisas e se tornarão adoradores do belo, amantes das artes. E sob a sua direção, e generosamente recompensados, trabalharão os artistas. O resultado será uma arte de grande vulto; pois não mais, como até ontem, os artistas cederão ao gosto burguês da classe média. Será uma arte de vulto, eu lhe digo, e maravilhosas cidades surgirão de forma que as cidades do passado, perto delas, serão consideradas coisa barata e de mau gosto. E nessas cidades novas, os oligarcas residirão e se tornarão adoradores do belo.”

Assim, ideologia belicista é destacada no romance sempre se relacionando com a crise gerada pela expansão do modo de produção capitalista e com as necessidades de controle da oposição operária ao domínio dos magnatas. Tal tratamento é coerente com visões contemporâneas tanto das elites partidárias da guerra quanto dos socialistas que se opunham a ela.

De fato, o fortalecimento da ideologia bélica relaciona-se com os desenvolvimentos históricos apontados até aqui: as tendências de concentração e centralização do capital e a necessidade de superexploração do trabalho. Segundo Zinn: “Theodore Roosevelt wrote to a friend in the year 1897: ‘In strict confidence ... I should welcome almost any war, for I think this country needs one.’”<sup>163</sup> (ZINN, 1980, p.257). O que Roosevelt apresenta como necessidade do país caracteriza-se, na verdade, como necessidade do capital. O autor continua:

The profit system, with its natural tendency for expansion, had already begun to look overseas. The severe depression that began in 1893 strengthened an idea developing within the political and financial elite of the country: that overseas markets for American goods might relieve the problem of underconsumption at home and prevent the economic crises that in the 1890s brought class war.<sup>164</sup> (ZINN, 1980, p.257)

Aparece acima o primeiro elemento pelo qual a guerra é interessante para o capital: ela significa o dispêndio de excedentes industriais, tanto no processo da guerra quanto com a maior influência sobre territórios e mercados. A afirmação de um Senador americano vai nesse sentido, no contexto que antecedeu a declaração da guerra hispano-americana:

Senator Albert Beveridge of Indiana in early 1897 declared: “American factories are making more than the American people can use. American soil is producing more than they can consume. Fate has written our policy for us; the trade of the world must and shall be ours.”<sup>165</sup> (ZINN, 1980, p.277)

<sup>163</sup> “Theodore Roosevelt escreveu a um amigo no ano de 1897: ‘Em estrita confiança ... Devo saudar quase qualquer guerra, pois acho que este país precisa de uma.’” (tradução minha)

<sup>164</sup> “O sistema de lucro, com sua tendência natural à expansão, já começara a olhar para o exterior. A grave depressão que começou em 1893 fortaleceu uma ideia que se desenvolvia na elite política e financeira do país: que os mercados externos para mercadorias americanas poderiam aliviar o problema de subconsumo doméstico e impedir as crises econômicas que na década de 1890 provocaram a guerra de classes.” (tradução minha)

<sup>165</sup> “O senador Albert Beveridge, de Indiana, no início de 1897 declarou: ‘As fábricas americanas estão fazendo mais do que o povo americano pode usar. O solo americano está produzindo mais do que pode consumir. O destino escreveu nossa política para nós; o comércio do mundo deve ser e será ser nosso.’ (tradução minha)

Observa-se que o problema em questão é de superprodução levando a crises: a concentração das indústrias e os avanços na maquinaria significam uma produção crescente no período, e a necessidade de novos mercados para essas mercadorias fortalece as tendências belicistas norte-americanas. Vale lembrar que se trata de um contexto em que as potências imperialistas europeias, particularmente a Inglaterra, comandam amplas áreas coloniais, que absorviam seus excedentes.

Segundo Lenin, inclusive, nesse momento “Colonial possession alone gives the monopolies complete guarantee against all contingencies in the struggle against competitors”<sup>166</sup> (LENIN, 2008, p. 87). Ainda segundo o revolucionário russo, em prefácio de 1920 à obra já mencionada, “the war of 1914-18 was imperialist (that is, an annexationist, predatory, war of plunder) on the part of both sides; it was a war for the division of the world, for the partition and repartition of colonies, and spheres of influence of finance capital, etc”<sup>167</sup> (LENIN, 2008, p. 27). Fica evidenciado, portanto, o sentido de controle geopolítico e a necessidade de dispêndio de excedentes industriais que estimula a ocorrência de guerras entre potências — como a que quase ocorre no romance — nesse período específico do capitalismo, chamado por Lenin de “imperialismo”.

Há também o sentido para a guerra relacionado ao conflito entre as classes sociais: o avanço do sentimento patriótico e a busca por “desviar” a atenção dos trabalhadores com conflitos externos. Quando ocorre uma insurreição contra o domínio colonial espanhol em Cuba, os socialistas opõem-se à possibilidade de intervenção militar dos Estados Unidos baseando-se nesse elemento e nas concepções internacionalistas:

*The People*, newspaper of the Socialist Labor Party, called the issue of Cuban freedom “a pretext” and said the government wanted war to “distract the attention of the workers from their real interests.” *The Appeal to Reason*, another Socialist newspaper, said the movement for war was “a favorite method of rulers for keeping the people from redressing domestic wrongs.” In the *San Francisco Voice of Labor*, a Socialist wrote: “It is a terrible thing to think that the poor workers of this country should be sent to kill and wound the poor workers of Spain merely because a few leaders may incite them to do so.”<sup>168</sup> (ZINN, 1980, p.285)

<sup>166</sup> “Apenas a posse de colônias dá garantias completas ao monopólio contra todas as contingências da luta com o adversário” (tradução minha)

<sup>167</sup> “A guerra de 1914-1918 foi uma guerra imperialista (isto é, uma guerra de anexação, de pilhagem e de rapina), de ambos os lados, uma guerra pela divisão do mundo, pela divisão e redistribuição das colônias, das ‘esferas de influência’, do capital financeiro etc” (tradução minha)

<sup>168</sup> “O jornal *O Povo*, do Partido Socialista do Trabalho, chamou a questão da liberdade cubana de ‘um pretexto’ e disse que o governo queria que a guerra ‘desviasse a atenção dos trabalhadores de seus reais interesses’. O *Apelo à Razão*, outro jornal socialista, disse que o movimento pela guerra era ‘um método favorito

Vê-se, nesse trecho, como diversos dos órgãos de propaganda socialista identificavam a guerra como forma de “distração” dos problemas internos, e como sua perspectiva expressava uma priorização da solidariedade com trabalhadores de outros países em relação à defesa da pátria.

Assim, evidencia-se como London constrói a crítica à ideologia bélica no romance *The Iron Heel* de forma próxima à crítica dos socialistas contemporâneos e coerente com a percepção que as próprias elites tinham sobre a necessidade da guerra.

## 5. Outros elementos ideológicos: filosofia, ciência e sociologia para London

O romance *The Iron Heel* passa pela formação de Avis Cunningham-Everhard, a protagonista-narradora, enquanto revolucionária. Por isso, os primeiros capítulos do seu manuscrito, principalmente, centram-se em debates teóricos, com destaque para o debate metodológico a partir da crítica filosófica — além de debates sociológicos e históricos.

A crítica filosófica está presente de forma geral na obra de London. Segundo Patrick K. Dooley: “While virtually every narrative expresses a ‘philosophy’, some writers—Jack London is notably one of them—take great care to shape their writing to expressly articulate (and often critique) specific philosophical positions”<sup>169</sup> (DOOLEY, 2012).

O primeiro capítulo do manuscrito, *My Eagle*, consiste em um jantar na casa dos Cunningham — oportunidade na qual Avis conhece Ernest Everhard — em que diversos membros da igreja debatem a situação classe operária. Ernest, o revolucionário vindo da classe trabalhadora, critica a visão de mundo e o método metafísico dos outros convidados em uma longa sequência de contrapontos que visam mostrar como os membros da igreja não compreendem de fato a situação da classe trabalhadora.

---

de governantes para impedir que as pessoas reparassem nos problemas domésticos”. Na *Voz do Trabalho* de São Francisco, um socialista escreveu: ‘É uma coisa terrível pensar que os trabalhadores pobres deste país devem ser enviados para matar e ferir os trabalhadores pobres da Espanha apenas porque alguns líderes podem incentivá-los a fazê-lo.’ (tradução minha)

169 “Embora praticamente todas as narrativas expressem uma ‘filosofia’, alguns escritores — Jack London é notavelmente um deles — tomam muito cuidado para moldar sua escrita para expressamente articular (e muitas vezes criticar) posições filosóficas específicas.” (tradução minha)

Nesse debate, algumas tendências do pensamento de Everhard — construído, devemos lembrar, também como alter ego de Jack London — são desde logo evidenciadas. Everhard chama a sociologia dos religiosos de viciosa e inútil, assim como seu método de pensamento. E desenvolve:

“You are metaphysicians. You can prove anything by metaphysics; and having done so, every metaphysician can prove every other metaphysician wrong—to his own satisfaction. You are anarchists in the realm of thought. And you are mad cosmos-makers. Each of you dwells in a cosmos of his own making, created out of his own fancies and desires. You do not know the real world in which you live, and your thinking has no place in the real world except in so far as it is phenomena of mental aberration. [...]”<sup>170</sup> (LONDON, 1908, p.08)

O sentido mordaz da crítica vai sempre no sentido de mostrar como os metafísicos estão afastados da realidade material e dos fatos em geral, além de carecerem de um método adequado para analisá-los, como a expressão “anarchists in the realm of thought” [anarquistas no domínio do pensamento] evidencia. Tal crítica ao pensamento metafísico não é exclusiva de uma única linha filosófica. Considerando o contato que London teve com o marxismo, seria possível imaginar que foi através dele que a análise acima foi sintetizada. De fato, em uma de suas obras de maturidade, o *Anti-Duhring*, Friedrich Engels também critica fortemente a metafísica:

Para o metafísico, as coisas e seus retratos ideais, os conceitos, constituem objetos de investigação isolados, a serem analisados um após o outro e um sem o outro — objetos sólidos, petrificados, dados de uma vez para sempre. Ele pensa unicamente mediante antagonismos não mediados: ele diz, sim, não, não, e o que passar disso é do mal. Para ele, uma coisa existe ou não existe: uma coisa tampouco pode ser, simultaneamente, ela própria e outra coisa. (ENGELS, 2015, p.50)

É fato que Jack London poderia ter tido acesso a essa obra antes da escritura do *The Iron Heel*. Segundo Joan London, Austin Lewis, amigo pessoal e companheiro de partido de Jack London, traduziu a obra para o inglês no início do século XX (LONDON, 1939, p.188). Apesar disso, a comparação entre ambos os trechos deixa dúvidas sobre se a crítica aponta na

170 “— Os senhores são metafísicos. Podem provar o que quiserem por meio da metafísica; e, assim, qualquer metafísico pode provar que um outro metafísico está errado, para sua própria satisfação. Os senhores são anarquistas no domínio do pensamento. São doidos por elaborar criações cósmicas. Cada um dos senhores vive em seu próprio cosmo, criado a partir de suas próprias fantasias e desejos. Nada conhecem do verdadeiro mundo em que vivem e seu pensamento não tem lugar no mundo real, a não ser como fenômeno de aberração mental.”



mesma direção. Para Everhard aparentemente o problema principal da metafísica está na falta de método e de relação com a realidade material, enquanto Engels enfatiza a crítica às “verdades eternas” e às oposições unilaterais. Para o primeiro trata-se de opor a metafísica à ciência:

“As you say, you do not understand,” Ernest replied. “The metaphysician reasons deductively out of his own subjectivity. The scientist reasons inductively from the facts of experience. The metaphysician reasons from theory to facts, the scientist reasons from facts to theory. The metaphysician explains the universe by himself, the scientist explains himself by the universe.”<sup>171</sup> (LONDON, 1908, p.10)

Já Engels opõe a metafísica à dialética:

Todos esses processos e métodos de pensar não cabem na moldura do pensamento metafísico. Para a dialética, em contrapartida, que concebe as coisas e seus retratos conceituais essencialmente em seu nexos, em seu encadeamento, em seu movimento, em seu devir e fenecer, processos como os anteriormente mencionados são outras tantas confirmações do seu próprio modo de proceder. (ENGELS, 2015,51)

De fato, a palavra “dialética” não aparece uma única vez no romance de London, apesar de ser importante para o instrumental teórico marxista, devendo ser pelo menos parte da visão de mundo de um personagem propagandista socialista. Dado isso, temos desencontros de análise importantes entre o personagem e o cofundador do marxismo. Para London:

“Yet the thought of Aristotle ruled Europe for twelve centuries,” Dr. Ballingford announced pompously. “And Aristotle was a metaphysician.”  
Dr. Ballingford glanced around the table and was rewarded by nods and smiles of approval.  
“Your illustration is most unfortunate,” Ernest replied. “You refer to a very dark period in human history. In fact, we call that period the Dark Ages. A period wherein science was raped by the metaphysicians, wherein physics became a search for the Philosopher's Stone, wherein chemistry became alchemy, and astronomy became astrology. Sorry the domination of Aristotle's thought!”<sup>172</sup> (LONDON, 1908, p.13)

171 “— Como o senhor mesmo disse, o senhor não entende — replicou Ernest. — O metafísico raciocina por dedução, a partir de sua própria subjetividade; o cientista raciocina por indução, baseando-se em fatos fornecidos pela experiência. O metafísico argumenta da teoria para os fatos, o cientista vai dos fatos para a teoria. O metafísico explica o universo pelo próprio universo, o cientista explica a si mesmo pelo universo.”

<sup>172</sup> — No entanto, o pensamento de Aristóteles predominou na Europa durante doze séculos — enunciou pomposamente o dr. Ballingford. — E Aristóteles era um metafísico.  
O dr. Ballingford correu a mesa com os olhos e foi recompensado com sorrisos e sinais de aprovação.

Para Engels, por outro lado, Aristóteles não poderia ser considerado um metafísico: “Os antigos filósofos gregos haviam sido dialéticos naturais, e a mente mais universal dentre eles, Aristóteles, já tinha examinado as formas mais essenciais do pensamento dialético” (ENGELS, 2015, p. 48).

A relação de Aristóteles com o período obscuro para o pensamento que é a Idade Média, na visão de Everhard, e a caracterização dele como um metafísico afastam o discurso do personagem das reflexões de Engels no *Anti-Duhring*, da mesma forma que a falta de oposição entre metafísica e dialética. É importante destacar que, embora o discurso do personagem Ernest apresente esse distanciamento em relação a um acúmulo do marxismo, isso não implica que London não use elementos do método histórico-dialético em sua análise e exposição dos conflitos sociais de seu tempo. De fato, o próprio sentido histórico do romance *The Iron Heel*, que aponta as contradições da sociedade contemporânea e projeta formas de desenvolvimento e superação futuras, aproxima-o desses elementos da tradição marxista.

Isso fica evidente na apreensão materialista da história: na sequência do argumento contra Aristóteles, um dos representantes religiosos afirma que a metafísica foi responsável por tirar a humanidade do período das trevas representado pela Idade Média. A isso Ernest responde:

“Metaphysics had nothing to do with it,” Ernest retorted.

“What?” Dr. Hammerfield cried. “It was not the thinking and the speculation that led to the voyages of discovery?”

“Ah, my dear sir,” Ernest smiled, “I thought you were disqualified. You have not yet picked out the flaw in my definition of philosophy. You are now on an unsubstantial basis. But it is the way of the metaphysicians, and I forgive you. No, I repeat, metaphysics had nothing to do with it. Bread and butter, silks and jewels, dollars and cents, and, incidentally, the closing up of the Overland trade-routes to India, were the things that caused the voyages of discovery. With the fall of Constantinople, in 1453, the Turks blocked the way of the caravans to India. The traders of Europe had to find another route. Here was the original cause for the voyages of discovery. Columbus sailed to find a new route to the Indies. It is so stated in all the history books. Incidentally, new facts were learned about the nature,

---

— Foi um exemplo infeliz — respondeu Ernest. — O senhor se refere a um dos períodos mais sombrios da história humana: aquele que de fato chamamos de Idade das Trevas; época em que a ciência era violada pela metafísica, a física se reduzia à procura da pedra filosofal, a química tornou-se alquimia e a astronomia, astrologia. Triste predomínio, o do pensamento de Aristóteles!

size, and form of the earth, and the Ptolemaic system went glimmering.”<sup>173</sup>  
(LONDON, 1908, p.14)

Há um rechaço evidente a qualquer visão que coloque o pensamento, ainda mais o pensamento metafísico, como motor de transformações históricas — rechaço reforçado por ironias e desqualificação do opositor no debate. A enumeração dos elementos fundamentais para o desenvolvimento histórico, iniciando-se por alimentos de primeira necessidade, passando por riquezas e chegando à necessidade de garantir rotas de comércio mostram que Everhard vê as necessidades materiais como fundamento do avanço histórico que as grandes navegações representam. Trata-se, assim, de uma leitura materialista da história: não foi apenas o pensamento que levou aos desenvolvimentos da humanidade, mas as próprias necessidades materiais, que levaram a avanços no conhecimento sobre a natureza e a ampliação do domínio sobre ela.

Pode-se dizer que, no que concerne à crítica filosófica de Ernest nesse primeiro debate, não é o marxismo a única referência da personagem, porque mesmo a visão materialista não se restringe a essa tradição. Certas referências que aparecem nesse primeiro capítulo, então, podem indicar outras linhas do pensamento contemporâneo que tiveram influência sobre London. Também a realidade material aparece como fundamento para o teste da verdade que London toma emprestado de David Starr Jordan, cientista norte-americano: “Dr. Jordan has stated it very clearly,” Ernest said. “His test of truth is: ‘Will it work? Will you trust your life to it?’”<sup>174</sup> (LONDON, 1908, p.16-7) O caráter pragmático desse teste da verdade é evidente, e é na mesma linha que Everhard também faz a crítica à metafísica de Berkeley, a qual, segundo ele, não funcionaria:

173 “— A metafísica nada tem que ver com isso — retrucou Ernest.

— O quê? — bradou indignado o dr. Hammerfield. — Então não foi o pensamento especulativo que conduziu às viagens dos descobrimentos?

— Ora, meu caro senhor — Ernest sorriu —, e eu que o julguei desqualificado. Não percebeu ainda a brecha em minha definição de filosofia. Agora está se apoiando em uma base irreal. Mas é assim que agem os metafísicos, e eu o perdoo. Não, torno a repetir, a metafísica nada tem que ver com isso. Arroz e feijão, sedas e joias, especiarias e dinheiro, e, por acaso, o fechamento das rotas comerciais por terra para a Índia: essas foram as causas das viagens de descoberta. Com a queda de Constantinopla, em 1453, os turcos bloquearam o caminho das caravanas para a Índia. Os mercadores europeus precisaram procurar outras rotas. Essa é a causa original das grandes descobertas. Cristóvão Colombo navegou para encontrar uma nova rota para as Índias. Todos os manuais de história repetem isso. A propósito, foram descobertos novos fatos acerca da natureza, do tamanho e da forma da Terra, e o sistema de Ptolomeu lançou luz sobre isso”

174 “— O dr. Jordan estabeleceu isso muito claramente — respondeu Ernest. — Seu método de provar a verdade é: ‘Funciona? Confiaria a ela sua vida?’”

“I take it as proof that Berkeley's metaphysics did not work, because—” Ernest paused calmly for a moment. “Because Berkeley made an invariable practice of going through doors instead of walls. Because he trusted his life to solid bread and butter and roast beef. Because he shaved himself with a razor that worked when it removed the hair from his face.” <sup>175</sup>(LONDON, 1908, p.17-8)

A crítica a Berkeley vai no sentido de entender que, por mais especulações que o filósofo fizesse acerca da real existência das coisas — como das paredes — o que determinava sua ação no mundo eram crenças na materialidade. Ou seja, a prática, nesse trecho, aparece como pedra de toque da verdade, da mesma forma que na prova da verdade citada de Jordan. Avis, assim, descreve a continuidade do debate, enfatizando como Ernest considerava os “fatos” como base para a verdade:

On point after point, Ernest challenged the ministers. When they affirmed that they knew the working class, he told them fundamental truths about the working class that they did not know, and challenged them for disproof. He gave them facts, always facts, checked their excursions into the air, and brought them back to the solid earth and its facts. <sup>176</sup> (LONDON, 1908, p.19)

Como no resto desse debate, a oposição entre o ar e o chão sólido expressa imagetivamente a oposição entre o metafísico e o materialista. É interessante notar que, embora essas visões não se oponham necessariamente, o foco nos “fatos” como base da verdade substitui, nesse trecho, o foco no processo histórico que estava evidente na passagem sobre a superação da Idade Média. Em ambos os excertos a realidade material é enfatizada, mas o destaque para os fatos isoladamente é mais próprio de um pensamento materialista não-histórico, portanto, empirista ou pragmático.

Para refletir sobre as referências em que London se apoia para construir a visão filosófica de Ernest Everhard, vale destacar ainda a definição de filosofia que aparece em trecho anterior do mesmo capítulo:

Philosophy is merely the widest science of all. Its reasoning method is the same as that of any particular science and of all particular sciences. And by that same method of reasoning, the inductive method, philosophy fuses all particular sciences into one

175 “— A prova que tenho de que a metafísica de Berkeley não funcionava é que o próprio Berkeley — Ernest respirou tranquilamente — preferia passar pelas portas em vez de atravessar as paredes; que ele confiava sua vida ao arroz, feijão e bife; que se barbeava com uma navalha que funcionava, para tirar os pelos do rosto.”

176 “E Ernest, ponto por ponto, ia desafiando os ministros. Quando diziam conhecer a classe operária, expunha verdades fundamentais a respeito dela, verdades que eles ignoravam, e os desafiava a contestá-lo. Argumentava com fatos, sempre com fatos, controlando seus voos e trazendo-os de volta à terra e aos fatos.”

great science. As Spencer says, the data of any particular science are partially unified knowledge. Philosophy unifies the knowledge that is contributed by all the sciences. Philosophy is the science of science, the master science, if you please. How do you like my definition?"<sup>177</sup>(LONDON, 1908, p.11)

A própria definição de filosofia do protagonista, então, aparece como uma defesa da ciência e do método científico. Tal elemento pode ser coerente com o marxismo — na medida em que, por exemplo, no “Manifesto Comunista” os autores formulam um “socialismo científico”. Apesar disso, London opta por usar uma referência a Herbert Spencer, filósofo pragmático, para defender seu ponto de vista.

No capítulo *My Eagle*, assim, o protagonista faz referência a Jordan e Spencer, ao mesmo tempo em que são citados criticamente filósofos como Aristóteles e Berkeley. Além disso, há uma nota de Meredith em que Nietzsche é tratado como “filósofo louco” (LONDON, 1908, p.11). Em um capítulo mais à frente, Avis relata também a reação crítica de Ernest a Kant: “Also, he used to call me his dualist, and he would explain how Kant, by means of pure reason, had abolished reason, in order to worship God.”<sup>178</sup> (LONDON, 1908, p.183). Dados esses elementos, é coerente observar a influência da filosofia pragmática americana na construção da visão filosófica de Ernest Everhard. Patrick K. Dooley reflete sobre essas influências:

Just out of high school, he tackled the social and political thought of Karl Marx, John Ruskin, Thomas Carlyle, Matthew Arnold, and William Morris, and the works of evolutionary biologists Herbert Spencer, Thomas Huxley, and Charles Darwin. At the age of 21, London took Darwin’s *On the Origin of Species* (1859) along on his foray into the Klondike gold fields. [...] As for works of philosophy, London immersed himself in European thought, notably the works of Henry Bergson, Arthur Schopenhauer, Friedrich Engels, Ludwig Feuerbach, and Frederick Nietzsche. London also read the important American philosophers. While London’s voracious reading exposed him to a wide variety of philosophical positions, he gravitated toward thinkers whose metaphysical commitments were materialistic and relied on evolutionary processes. He also aligned himself with thinkers who considered philosophical positions to be tentative, revisable, empirically verifiable, and probabilistic, because they patterned their conclusions after scientific findings.

177 “A filosofia é simplesmente a mais vasta de todas as ciências. Seu método de raciocínio é o mesmo de qualquer ciência em particular, ou de todas as ciências em geral. E é por esse método, o método indutivo, que a filosofia funde todas as ciências particulares em uma só e grande ciência. De acordo com Spencer, os dados de uma ciência em particular é conhecimento parcialmente unificado. A filosofia unifica os conhecimentos fornecidos por todas as ciências. É a ciência das ciências, ou a senhora das ciências, se preferirem. O que acham da minha definição?”

178 “Ele também costumava me chamar de dualista, e me explicava como Kant, por meio da razão pura, tinha abolido a razão, para adorar a Deus”

London paid close attention to the intellectual matrix that he shared with other American thinkers at the end of the last century. Accordingly, he responded to a cultural agenda that energized artists, jurists, scientists, clergy, and fellow novelists; he also drew upon the resources of classical American pragmatic philosophy[...] London's American philosophical mentors were Charles Sanders Pierce, the founder of pragmatism; William James, its most prominent and famous spokesperson; and (though generally under acknowledged and/or forgotten) the West Coast publicist of pragmatism, David Starr Jordan, who was also the first president of Stanford University.<sup>179</sup> (DOOLEY, 2012)

De fato, apesar de se tratar de uma obra de cunho socialista — que defende diretamente a revolução contra os proprietários dos meios de produção — não parece ser apenas o marxismo que está no cerne, ao menos filosófico, das reflexões de *The Iron Heel*. A filosofia pragmática americana, em conjunto com uma perspectiva evolucionista e materialista (embora não dialética), apresenta-se como uma das referências principais do pensamento de Everhard.

O próprio Marx é citado apenas duas vezes no romance e, embora seja apresentado como “the great intellectual hero of Socialism”<sup>180</sup> em nota de Meredith (LONDON, 1908, p.150), ambas as passagens são insuficientes para verificar-se uma real compreensão e defesa do método marxista. Em uma delas Avis limita-se a citar uma frase de Marx, ao refletir sobre a situação contemporânea. No trecho já citado, ela afirma: “At last was being realized Karl Marx's classic: ‘The knell of private capitalist property sounds. The expropriators are expropriated.’”<sup>181</sup> (LONDON, 1908, p.218). Apesar de a frase pertencer ao primeiro livro de “O Capital” de Marx, os biógrafos de London tendem a concordar que provavelmente London nunca leu de fato o livro. Da mesma forma, na outra passagem em que Marx é citado em *The*

179 “Recém-saído do ensino médio, ele enfrentou o pensamento social e político de Karl Marx, John Ruskin, Thomas Carlyle, Matthew Arnold e William Morris, e os trabalhos dos biólogos evolucionistas Herbert Spencer, Thomas Huxley e Charles Darwin. Aos 21 anos de idade, London levou “A Origem das Espécies” de Darwin (1859), em sua incursão nos campos de ouro de Klondike. [...] Quanto a obras de filosofia, London mergulhou no pensamento europeu, notadamente os trabalhos de Henry Bergson, Arthur Schopenhauer, Friedrich Engels, Ludwig Feuerbach e Frederick Nietzsche. London também leu importantes filósofos americanos. Enquanto a leitura voraz de London o expunha a uma grande variedade de posições filosóficas, ele gravitava em direção a pensadores cujos compromissos metafísicos eram materialistas e contavam com processos evolutivos. Ele também alinhou-se com pensadores que consideravam as posições filosóficas como experimentais, revisáveis, empiricamente verificáveis e probabilísticas, porque eles padronizaram suas conclusões após descobertas científicas. London dá atenção à matriz intelectual que ele compartilhou com outros pensadores americanos no final do século passado. Nesse sentido, ele respondeu a uma agenda cultural que energizou artistas, juristas, cientistas, clérigos e colegas romancistas; ele também recorreu aos recursos da filosofia pragmática clássica americana [...] Os mentores filosóficos americanos de London foram Charles Sanders Pierce, o fundador do pragmatismo; William James, seu mais proeminente e famoso porta-voz; e (embora geralmente sob reconhecimento e / ou esquecimento) o publicitário de pragmatismo da costa oeste, David Starr Jordan, que também foi o primeiro presidente da Universidade de Stanford.” (tradução minha)

180 “o grande intelectual do socialismo”

181 “Por fim, concretizou-se a máxima de Karl Marx: ‘Soou a hora derradeira da propriedade privada capitalista. Os expropriadores são expropriados’”

*Iron Heel*, Ernest está apresentando, no capítulo *Mathematics of a dream*, para um grupo de interlocutores da classe média, o que Avis identifica como a “doutrina da mais-valia” (LONDON, 1908, p.150). A exposição, embora trate de elementos econômicos e sociológicos pertinentes, não se assemelha a exposição marxiana do conceito de mais-valia (ou mais-valor). Ernest inicia, assim como Marx, em um processo de produção específico, no qual trabalho e capital adicionam valor à matéria-prima. Isso feito, o produto é dividido entre capital e trabalho — na suposição de Ernest a divisão é igual —, com apenas metade do valor, porém, os salários poderiam comprar apenas metade dos produtos. A partir daí o protagonista envereda em uma reflexão macroeconômica sobre as formas como os capitalistas podem se livrar do excedente produzido, investindo em países ainda não industrializados. A ampliação do esquema para o mundo, no entanto, geraria crises de superprodução — argumento usado para defender a inevitabilidade do socialismo. De fato, Everhard toca em pontos importantes da teoria marxiana, mas deixa de tratar de elementos fundamentais — em sua exposição, a mais-valia não aparece como expropriação do trabalho alheio e o salário é entendido como pagamento pelo trabalho feito. A opção por tratar essas questões levando-as diretamente à reflexão sobre a economia mundial é útil para o enredo do romance — em que a crise se espalha mundialmente, levando a diversas mudanças de regime — mas torna toda a exposição demasiadamente ampla e imprecisa.

Joan London observa que Darwin, Spencer, Nietzsche e Marx de forma geral são consideradas as fontes do pensamento de London. Mas contrapõe: “As a matter of fact these four thinkers did not influence Jack London as greatly as has been supposed. He read very little of any of them, and studied none.”<sup>182</sup> (LONDON, 1939, p.209) E mais à frente, sobre Marx:

As for Marx, only the first volume of *Das Kapital* was then available in English [...]. There is no evidence, however, to indicate that Jack studied even the one volume [...] So Marx, save for *The Communist Manifesto*, went by the board, although, in all fairness, it must be stated that letting Marx go by the board was not uncommon practice among American Socialists in those days.<sup>183</sup> (LONDON, 1939, p.209)

182 “Na verdade, esses quatro pensadores não influenciaram tanto Jack London quanto se supunha. Ele leu muito pouco deles e não estudou nenhum” (tradução minha)

183 “Quanto a Marx, apenas o primeiro volume de ‘O Capital’ estava disponível em inglês [...] Não há, no entanto, para indicar que Jack estudou até o único volume [...] Assim, Marx, exceto pelo ‘Manifesto Comunista’, passou batido, embora, com toda a justiça, deva-se declarar que deixar Marx passar batido não era uma prática incomum entre os socialistas americanos naqueles dias. (tradução minha)

Essa é apenas uma das passagens da biografia de Jack London escrita por sua filha, Joan London, em que a historiadora questiona não apenas o marxismo de Jack London, mas extrapola a crítica, apresentando um contexto em que poucos socialistas tinham de fato contato e aprofundamento no marxismo. Isso explica, pelo menos parcialmente, porque, apesar de seu referencial teórico heterodoxo e suas falhas de formação, London tornou-se propagandista socialista — o que agradou seus companheiros de partido devido à visibilidade que ele tinha como escritor que começava a ser reconhecido nacionalmente. Para Joan: “Not only did he [Jack London] cease to question his socialism, but no one else questioned it. Thus he was permitted to write and speak an amazing amount of nonsense which passed for socialism and was not.”<sup>184</sup> (LONDON, 1939, p.207). Quanto à origem de certas ideias de Jack London, Joan defende que pode ser encontrada principalmente em Benjamin Kidd, sociólogo britânico contemporâneo a London. De acordo com ela, Kidd tornou-se famoso mundialmente após a publicação do livro *Social Evolution* em 1894, traduzido para oito línguas nos seis anos seguintes. Ela explica a popularidade do pensador:

“Why then his vogue at the turn of the century? Merely because, while Marxians dismissed him as a reactionary, and academic circles refused to take his works seriously, a large number of enlightened laymen saw in his doctrines a reconciliation between religion and the profoundly disturbing theory of evolution”<sup>185</sup> (LONDON, 1939, p.210)

Trata-se de uma filosofia social que transpõe para a sociologia as ideias de “evolução” e de “sobrevivência do mais apto”, a partir de desenvolvimentos teóricos, nesse mesmo sentido, de Spencer. Jack London usa, de fato, em algumas passagens do *The Iron Heel*, o conceito de “evolução social”. Na primeira aparição, no entanto, trata-se de um uso que pode ser associado ao marxismo. Logo no *Foreword* de Meredith, lê-se que:

The rise of the Oligarchy will always remain a cause of secret wonder to the historian and the philosopher. Other great historical events have their place in social evolution. They were inevitable. Their coming could have been predicted with the same certitude that astronomers to-day predict the outcome of the movements of

184 “Não apenas ele [Jack London] deixou de questionar seu socialismo, mas ninguém mais o questionou. Assim, ele foi autorizado a escrever e falar uma quantidade incrível de absurdos que passavam por socialismo e não eram.” (tradução minha)

185 “Por que então sua moda na virada do século? Simplesmente porque, enquanto os marxistas o rejeitavam como reacionário, e os círculos acadêmicos se recusavam a levar a sério suas obras, um grande número de leigos esclarecidos via em suas doutrinas uma reconciliação entre religião e a profundamente perturbadora teoria da evolução.” (tradução)



stars. Without these other great historical events, social evolution could not have proceeded. Primitive communism, chattel slavery, serf slavery, and wage slavery were necessary stepping-stones in the Evolution of society. But it were ridiculous to assert that the Iron Heel was a necessary stepping-stone. <sup>186</sup> (LONDON, 1908, p. XI-XII)

A ideia da evolução social, e as fases pelas quais a humanidade passou nessa evolução, parece aproximar-se da leitura de Marx no *Manifesto Comunista*:

A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história da luta de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor feudal e servo, mestre de corporação e companheiro, em resumo, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre ou por uma transformação revolucionária da sociedade inteira, ou pela destruição das classes em conflito. (MARX; ENGELS, 2017, p.22)

Na comparação dos trechos acima, chama a atenção a compreensão da história baseada nas mesmas etapas — escravidão antiga, servidão — exceto pelo comunismo primitivo, que não é citado por Marx porque não se trata de uma sociedade de classes, e pelo capitalismo, mas nesse caso apenas porque o objetivo do primeiro capítulo do “Manifesto Comunista” é justamente apresentar o conflito entre burgueses e proletários.

Ainda no *Foreword*, London trata mais diretamente da evolução social, referindo-se a Spencer, em trecho já mencionado no primeiro capítulo desta dissertação.

Capitalism was adjudged by the sociologists of the time to be the culmination of bourgeois rule, the ripened fruit of the bourgeois revolution. And we of today can but applaud that judgment. Following upon Capitalism, it was held, even by such intellectual and antagonistic giants as Herbert Spencer, that socialism would come. Out of the decay of self-seeking capitalism, it was held, would arise that flower of the ages, the Brotherhood of Man. Instead of which, appalling alike to us who look back and to those that lived at the time, capitalism, rotten-ripe, sent forth that monstrous offshoot, the Oligarchy. <sup>187</sup>(LONDON, 1908, p. XII-XIII)

186 “A ascensão da oligarquia será sempre um fator de espanto para o historiador e para o filósofo. Outros grandes eventos históricos tiveram seu lugar na evolução social. Eram inevitáveis. Sua chegada pôde ser prevista com a mesma certeza que os astrônomos de hoje preveem o movimento das estrelas. Sem esses outros grandes eventos históricos, a evolução social não tomaria seu curso: o comunismo primitivo, a escravidão, a servidão e o trabalho assalariado representaram passos dados no caminho da evolução da sociedade. Mas seria ridículo afirmar que o Tacão de Ferro tivesse sido um passo necessário.”

187 “O capitalismo foi considerado pelos sociólogos da época como sendo a culminação do governo burguês, o fruto maduro da revolução burguesa. E nós, do mundo de hoje, só podemos aplaudir esse juízo. Foi sustentado, mesmo por intelectuais e antagonistas de enorme estatura como Herbert Spencer, que depois do capitalismo viria o socialismo. Com a decadência desse sistema egoísta que foi o capitalismo, sustentou-se que deveria surgir a flor das eras, a Irmandade do Homem. Em vez disso, o capitalismo, apodrecendo de maduro, produziu um

Também aqui fica evidente uma ideia de evolução de formas sociais, e inclusive de uma evolução linear, esquema apenas perturbado pela ascensão da Oligarquia no período em que o socialismo deveria ser vitorioso. Meredith usa, como já apontado, o discurso de autoridade de um opositor, Spencer, para enfatizar que, respeitando a noção de evolução social, o socialismo deveria triunfar.

A ideia de “evolução social” ainda aparece algumas outras vezes no romance. No capítulo *The Machine Breakers*, Ernest enfatiza que os pequenos empresários não entendem de evolução social, porque criticam a formação dos trustes e desejam voltar a um período anterior onde a concorrência era garantida (LONDON, 1908, p. 131). Nesse caso, o protagonista entende que a evolução social se dá com base na cada vez maior “combinação”, que permite que mais seja produzido, opondo-a à concorrência, que leva a desperdícios. É por isso, aliás, que os pequenos empresários são chamados de quebradores de máquinas, pois são comparados aos operários luditas do século XIX na Inglaterra, que atacavam as máquinas ao invés de questionar a propriedade privada das mesmas.

A ideia de que a evolução social ocorre com formas crescentes de “combinação” ou “colaboração”, no entanto, não se adequa a uma visão que ressalta — trazendo Darwin para o campo da sociologia — a “sobrevivência do mais forte” ou do mais adaptado. Joan London justamente aponta, sobre Benjamin Kidd:

Ignorant of the work of De Vries in mutations, as well as of Kropotkin’s brilliant exposition of the superiority of mutual aid against mutual struggle as a factor in progress, Kidd eagerly applied the principle of natural selection to society [...] <sup>188</sup> (LONDON, 1939, p.211)

As consequências desse elemento para o pensamento de Jack London — particularmente visões racistas — serão tratadas mais à frente, mas observa-se que, ao menos no *The Iron Heel*, Jack London optou pela leitura de Piotr Kropotkin, líder anarquista russo que escreveu, em 1902, a obra *Mutual Aid: A Factor of Evolution*. O trecho que conclui a obra pode dar ideia do sentido em que Kropotkin pensa a evolução social:

---

monstruoso desdobramento, a oligarquia; o que é aterrador para nós, que olhamos para o passado, e para aqueles que viveram naquela época.”

188 “Ignorando o trabalho de De Vries em mutações, bem como a brilhante exposição de Kropotkin da superioridade da ajuda mútua contra a luta mútua como um fator em progresso, Kidd aplicou ansiosamente o princípio da seleção natural à sociedade [...]” (tradução minha)

Na prática da ajuda mútua, que remonta aos primeiros passos da evolução, encontramos a origem evidente e indubitável de nossas concepções éticas; e podemos afirmar que, no progresso ético do homem, a ajuda mútua — e não a luta de uns contra os outros — tem o papel principal. Em seu avanço, mesmo no momento presente, vemos também a melhor garantia de uma evolução ainda mais grandiosa de nossa espécie. (KROPOTKIN, 2009, p.234)

Ainda que não se possa afirmar que London leu a obra, a época da publicação indica que pelo menos as ideias expressas por Kropotkin podem ter chegado a ele, como o trecho abaixo do romance parece indicar:

“This is the fiat of evolution. It is the word of God. Combination is stronger than competition. Primitive man was a puny creature hiding in the crevices of the rocks. He combined and made war upon his carnivorous enemies. They were competitive beasts. Primitive man was a combinative beast, and because of it he rose to primacy over all the animals. And man has been achieving greater and greater combinations ever since. It is combination versus competition, a thousand centuries long struggle, in which competition has always been worsted. Whoso enlists on the side of competition perishes.”<sup>189</sup> (LONDON, 1908, p. 132).

Há outra passagem do romance, no entanto, em que a ideia da “sobrevivência do mais forte” aparece relacionada com a evolução social. No capítulo *The Beginning of the End*, Ernest descobre que as lideranças sindicais haviam sido subornadas para não participar de uma segunda greve geral. É o momento em que o revolucionário percebe que as tentativas de derrubada da Oligarquia estavam fadadas ao fracasso, pois se criaria uma aristocracia operária, e então prevê o desenvolvimento social posterior:

“In the favored unions are the flower of the American workingmen. They are strong, efficient men. They have become members of those unions through competition for place. Every fit workman in the United States will be possessed by the ambition to become a member of the favored unions. The Oligarchy will encourage such ambition and the consequent competition. Thus will the strong men, who might else be revolutionists, be won away and their strength used to bolster the Oligarchy. “On the other hand, the labor castes, the members of the favored unions, will strive to make their organizations into close corporations. And they will succeed.

189 “Esse é o decreto da evolução. É a palavra de Deus. A fusão é mais forte do que a competição. O homem primitivo era uma criatura frágil que se escondia nas fendas das rochas. Ele se agrupou para lutar contra os seus inimigos carnívoros. Estes eram feras competitivas. Os homens primitivos eram feras que se fundiram, se agruparam, e por causa disso atingiram a supremacia sobre todos os animais. E o homem tem feito fusões cada vez maiores desde sempre. Trata-se de  *fusão* contra  *competição*, uma luta de centena de milhares de anos, na qual a competição tem sempre levado a pior. Aqueles que se alistam nas fileiras da competição sempre perecem.”

Membership in the labor castes will become hereditary. Sons will succeed fathers, and there will be no inflow of new strength from that eternal reservoir of strength, the common people. This will mean deterioration of the labor castes, and in the end they will become weaker and weaker. At the same time, as an institution, they will become temporarily all-powerful. They will be like the guards of the palace in old Rome, and there will be palace revolutions whereby the labor castes will seize the reins of power. And there will be counter-palace revolutions of the oligarchs, and sometimes the one, and sometimes the other, will be in power. And through it all the inevitable caste-weakening will go on, so that in the end the common people will come into their own.”<sup>190</sup> (LONDON, 1908, p. 224-5).

Trata-se da “profecia” parcialmente já citada no capítulo I desta dissertação, a qual é ainda reforçada por uma nota de Meredith, que informa aos leitores que, de fato, assim se deu, durante séculos, o desenvolvimento histórico após a morte de Ernest e Avis. É interessante observar como tal previsão é construída a partir de uma concepção em que a “força” aparece como determinante para que um grupo social se mantenha no poder — dessa forma, a própria linguagem mais científica, já mencionada anteriormente, explica-se por essa busca por adaptar a teoria da evolução darwinista para o contexto social. Curiosamente, o trecho inicia destacando como esses homens fortes foram selecionados pela competição (justamente o contrário do apontado no trecho anterior), e como a falta dela — a hereditariedade nas castas — enfraqueceria esse grupo social. Assim, pode-se dizer que, quando trata da “evolução social”, London apresenta perspectivas influenciadas tanto pelo marxismo/anarquismo, quanto pelo “darwinismo social” de Spencer e Kidd.

Joan London em mais de uma passagem de sua biografia trata o pensamento de Jack London como uma confusão de referências, e defende que suas mudanças de humor influenciavam na ênfase que ele dava, a cada momento, a essas referências. Ela indica, entre os elementos que contribuíam para essa confusão, a falta de autonomia intelectual — com

190 “Nos sindicatos favorecidos está a nata dos trabalhadores americanos. Eles são fortes e eficientes. Tornaram-se membros daqueles sindicatos por meio de uma competição. Todo bom trabalhador nos Estados Unidos será possuído pela ambição de se tornar membro dos sindicatos favorecidos. A oligarquia estimulará essa ambição e a conseqüente competição entre eles. Assim, os homens fortes, que poderiam se tornar revolucionários, serão cooptados e sua força será usada para sustentar a oligarquia. “Por outro lado, as castas operárias, os membros dos sindicatos favorecidos, procurarão transformar suas organizações em corporações fechadas. E terão sucesso. A ocupação de cargos dentro dessas castas será hereditária. Os filhos sucederão os pais, e elas não receberão o fluxo de novas forças daquele eterno repositório de forças que é o povo comum. Isso significará a degeneração das castas operárias, que se tornarão cada vez mais fracas. Ao mesmo tempo, como uma instituição, elas se tornarão temporariamente todo-poderosas. Serão como a Guarda do palácio de Roma; e haverá revoluções palacianas à medida que as castas operárias alcançarem os reinos do poder. E haverá contrarrevoluções palacianas dos oligarcas; e algumas vezes uns, outras vezes outros estarão no poder. E por meio disso, ocorrerá o enfraquecimento inevitável das castas, de forma que no final o povo comum entrará em seu próprio palácio.”

destaque para a importância da influência de pessoas próximas — e a leitura superficial dos textos teóricos.

A influência de Kidd levou London a defender a superioridade da etnia anglo-saxã, como consequência da transposição da seleção natural para a sociologia. Ao mesmo tempo, a força de sua convicção socialista variou conforme os momentos de sua vida, bem como seu acordo com as concepções socialistas.

Embora possa ser explicada em parte por esses elementos, a heterodoxia e heterogeneidade nas fontes do pensamento de London também se relacionam com o momento histórico em que ele viveu. A própria Joan London descreve o clima intelectual do período na cidade de São Francisco:

During the second half of the nineteenth century America was constantly swept by epidemics of movements which ebbed and flowed, merged and split apart, as men and women earnestly sought the most effective means to reform Society [...] Any cause whose appeal was either humanitarian, pseudoscientific or religious, or which promised freedom from old beliefs and restraints, found enthusiastic followers.  
<sup>191</sup>(LONDON, 1939, p.01)

Não parece tão surpreendente, nesse contexto, que London tenha sido influenciado tanto pelo marxismo quanto pelo pragmatismo americano, cujas tendências científicas relacionam-se com as transposições do darwinismo para o terreno das ciências sociais. Eric Hobsbawm também discute, em sua obra *A Era dos Impérios*, a situação das ciências no período:

Estas [as preocupações sociais e políticas dos cientistas] eram, obviamente, dominantes nas ciências sociais; e, mesmo nas ciências naturais mais relevantes para a sociedade e suas preocupações, o elemento social e político era muitas vezes crucial. No período que nos interessa, este era plenamente o caso de todas as áreas da biologia que atingiam diretamente o homem social, e de todas que podiam ser vinculadas ao conceito de “evolução” e ao nome cada vez mais carregado de conotações políticas de Charles Darwin. Ambos tinham um conteúdo ideológico forte. Sob a forma de racismo, cujo papel central nunca será demais ressaltar, a biologia era essencial para uma ideologia burguesa teoricamente igualitária, pois deslocava a culpa das evidentes desigualdades humanas da sociedade para a “natureza” (HOBBSAWM, 1992, p.351)

191 “Durante a segunda metade do século XIX, a América foi constantemente varrida por epidemias de movimentos que diminuía e fluía, se fundiam e se separavam, enquanto homens e mulheres buscavam seriamente os meios mais eficazes para reformar a sociedade [...] Qualquer causa cujo apelo fosse humanitário, pseudocientífico ou religioso, ou que promettesse libertar de velhas crenças e restrições, encontrava seguidores entusiasmados.” (tradução minha)

Nota-se aí que as preocupações de London com a “evolução” estão longe de serem pessoais, mas fazem parte do contexto intelectual do período. Mesmo o racismo que transparece nas obras e em cartas pessoais de London — e era, segundo Joan London, advindo de preconceitos anteriores — encontrava respaldo nas teorias circulantes no período. Veremos posteriormente como esse elemento se apresenta no *The Iron Heel*.

Cabe questionar, por fim, como, mesmo nesse contexto intelectual, um autor socialista — filiado e frequentador de círculos socialistas por anos, além de propagandista reconhecido — parece sofrer tanta influência de autores pragmáticos ou positivistas no que concerne aos fundamentos filosóficos. Mais um trecho de Hobsbawm talvez esclareça esse ponto:

Em muitos sentidos o marxismo, na versão de Karl Kautsky (1854-1938), definidor de sua ortodoxia, foi o último triunfo da confiança científica positivista de século XIX. Era materialista, determinista, inevitabilista, evolucionista e identificava firmemente as “leis da história” com as leis da ciência. O próprio Kautsky considerou inicialmente a teoria da história de Marx como “nada além da aplicação do darwinismo ao desenvolvimento social” [...] (HOBSBAWM, 1992, p.369)

Ou seja, para o leitor do presente, que acompanhou o desenvolvimento do marxismo e sua influência em pensadores que não tinham essas tendências positivistas e deterministas, ou mesmo para Joan London, influenciada por uma linha não-hegemônica do marxismo já em meados do século XX (como sua correspondência com Trotsky atesta), o pensamento de Jack London parece distanciar-se daquele de Marx. É importante, porém, observar que esses desvios eram lugar comum a partir de certa versão contemporânea do marxismo, a qual era sem dúvida referência para London, como indicam as passagens do *The Iron Heel* em que a colaboração entre os revolucionários estadunidenses e alemães é enfatizada.

## **6. Situação da organização dos trabalhadores**

Outro elemento caracteriza a conjuntura que cerca a escritura do romance *The Iron Heel* e impacta London sobremaneira: a organização do trabalho e sua repressão. Evidencia-se, no período, uma situação de repressão e perseguição contra os trabalhadores organizados, em um contexto de ascensão do movimento sindical e das organizações socialistas — todos elementos que aparecem de forma viva no romance.

## 6.1. Movimentação e repressão dos trabalhadores organizados

No romance, com a ameaça de declaração de guerra entre EUA e Alemanha, a narradora-personagem Avis descreve os socialistas, tanto alemães como estadunidenses, organizando uma greve geral que paralisa ambas as nações:

The United States was paralyzed. No one knew what was happening. There were no newspapers, no letters, no despatches. Every community was as completely isolated as though ten thousand miles of primeval wilderness stretched between it and the rest of the world. For that matter, the world had ceased to exist. And for a week this state of affairs was maintained. In San Francisco we did not know what was happening even across the bay in Oakland or Berkeley. The effect on one's sensibilities was weird, depressing.

It seemed as though some great cosmic thing lay dead. The pulse of the land had ceased to beat. Of a truth the nation had died. There were no wagons rumbling on the streets, no factory whistles, no hum of electricity in the air, no passing of street cars, no cries of news-boys—nothing but persons who at rare intervals went by like furtive ghosts, themselves oppressed and made unreal by the silence.<sup>192</sup> (LONDON, 1908, p.214-5)

O trecho dá grande destaque para a capacidade de os socialistas organizarem um movimento de fato nacional, que consegue, afinal, ser vitorioso — o que ecoa os movimentos nacionais contemporâneos a London, expressando a convicção do autor na capacidade de organização da classe trabalhadora. Ao mesmo tempo, ao destacar o sentido “depressivo” da situação e afirmar que “the pulse of the land ceased to beat”, a narradora enfatiza a centralidade do trabalho como elemento que dá vida aos territórios.

Vale observar que o trecho acima se trata de uma apreensão da greve geral baseada na forma como ela foi sentida pela população. Tratando-se de um trecho de Avis, nota-se coerência com o trecho já citado do *Foreword* no qual Meredith afirma que o manuscrito é “Especially valuable is it in communicating to us the FEEL of those terrible times”<sup>193</sup>

<sup>192</sup> “Os Estados Unidos estavam paralisados. Ninguém sabia o que estava acontecendo. Não havia jornais, cartas, nenhum meio de comunicação. Todas as comunidades estavam completamente isoladas como se milhares de quilômetros de mata virgem as separassem do resto do mundo. Para elas, o mundo praticamente tinha deixado de existir. E por uma semana, esse estado de coisas perdurou. Em São Francisco, nem sequer sabíamos o que se passava do outro lado da baía, em Oakland ou em Berkeley. O efeito que isso causava na sensibilidade das pessoas era misterioso, deprimente. Era como se uma grande energia cósmica deixasse de existir; como se o pulso da terra deixasse de bater; como se a nação tivesse morrido de verdade. Os bondes não faziam barulho nas ruas, não se ouviam os apitos das fábricas, o zumbido da eletricidade no ar, a passagem dos carros, o grito dos jornalheiros... nada além de algumas pessoas que, a raros intervalos, surgiam como fantasmas, oprimidas pelo silêncio que as tornava irreais.”

<sup>193</sup> “de valor especial para nós é a comunicação dos *sentimentos* vividos naqueles tempos terríveis”

(LONDON, 1908, p. X). Em muitos trechos, como já desenvolvido, essa comunicação sensível é complementada por intervenções mais “sóbrias” e acadêmicas de Meredith. No capítulo citado, o cidadão do futuro intervém, não para descrever a greve geral ficcional, mas para descrever outra situação — essa histórica — em que os socialistas de diversos países se unificaram contra a guerra:

[...] On May 21, 1905 A.D., when war threatened between Austria and Italy, the socialists of Italy, Austria, and Hungary held a conference at Trieste, and threatened a general strike of the workingmen of both countries in case war was declared. This was repeated the following year, when the “Morocco Affair” threatened to involve France, Germany, and England. <sup>194</sup> (LONDON, 1908, p.211)

A nota tem tom evidentemente informativo e historiográfico, mas apresenta a função, no romance, de dar maior verossimilhança à ação dos socialistas, de declarar greve geral contra a guerra — afinal isso passa a aparecer como a tática mais comum frente a ameaça bélica.

A comparação entre esses dois últimos trechos mostra como London se apropria de seu contexto histórico de forma tanto “objetiva” — a partir de dados historiográficos — quanto de forma “subjativa”, absorvendo e expressando de forma sensível, os processos de luta.

E de fato, no período prévio à publicação do romance esses processos de luta e a repressão contra eles se intensificavam. O já citado exército de desempregados de Coxley é reprimido violentamente ao chegar em Washington, pelo reeleito presidente Cleveland:

Cleveland, facing the agitation in the country caused by the panic and depression of 1893, used troops to break up "Coxey's Army," a demonstration of unemployed men who had come to Washington, and again to break up the national strike on the railroads the following year. <sup>195</sup> (ZINN, 1980, p.240)

Novamente aqui a função do Estado como instrumento de controle da insatisfação social fica evidenciada. Isso se aprofunda na medida em que se trata de um contexto de crescimento da organização das classes populares:

194 “No dia 21 de maio de 1905 d.C., quando ameaçou estourar uma guerra entre a Itália e a Áustria, os socialistas italianos, austríacos e húngaros, durante uma conferência em Trieste, levantaram a ameaça de greve geral dos trabalhadores dos dois países, em caso de ser a guerra declarada. Isso se repetiu no ano seguinte, quando o “Caso Marrocos” ameaçou envolver a França, a Alemanha e a Inglaterra.”

195 “Cleveland, enfrentando a agitação no país causada pelo pânico e pela depressão de 1893, usou tropas para acabar com o ‘Exército de Coxey’, uma manifestação de homens desempregados que haviam chegado a Washington, e novamente para acabar com a greve nacional nas ferrovias no ano seguinte.” (tradução minha)



They were helped in this by the great movements of workers and farmers that swept the country in the 1880s and 1890s. These movements went beyond the scattered strikes and tenants' struggles of the period 1830-1877. They were nationwide movements, more threatening than before to the ruling elite, more dangerously suggestive. It was a time when revolutionary organizations existed in major American cities, and revolutionary talk was in the air.<sup>196</sup> (ZINN, 1980, p.244)

Além do crescimento de diversas iniciativas de organização sindical, como o *Knights of Labor* e posteriormente, a partir de 1892, a *American Federation of Labor*, nesse período já havia se organizado o *Socialist Labor Party*, em 1877, com maioria de trabalhadores imigrantes, e em 1883 ocorria um congresso anarquista em Pittsburg.

A luta pela jornada de oito horas de trabalho se deu nesse contexto e apresenta elementos explorados por London em seu romance. Segundo Zinn:

By the spring of 1886, the movement for an eight-hour day had grown. On May 1, the American Federation of Labor, now five years old, called for nationwide strikes wherever the eight-hour day was refused. [...]. So, 350,000 workers in 11,562 establishments all over the country went out on strike. In Detroit, 11,000 workers marched in an eight-hour parade. In New York, 25,000 formed a torchlight procession along Broadway, headed by 3,400 members of the Bakers' Union. In Chicago, 40,000 struck, and 45,000 were granted a shorter working day to prevent them from striking. Every railroad in Chicago stopped running, and most of the industries in Chicago were paralyzed.<sup>197</sup> (ZINN, 1980, p.249)

A força desse movimento e seu alcance, com greves espalhadas nacionalmente, apresenta o contexto no qual London se inspirou para pensar os desenvolvimentos da luta de classes sob o regime ficcional do *Iron Heel*.

A luta pelas oito horas ainda desembocou em um acontecimento importante para o movimento dos trabalhadores do período e que encontra ecos também no romance. Trata-se do *Haymarket Affair*:

196 “Eles foram ajudados nisso pelos grandes movimentos de trabalhadores e agricultores que varreram o país nas décadas de 1880 e 1890. Esses movimentos foram além das greves dispersas e das lutas de inquilinos do período de 1830 a 1877. Eles eram movimentos nacionais, mais ameaçadores do que antes para a elite dominante, mais perigosamente sugestivos. Era uma época em que organizações revolucionárias existiam nas principais cidades americanas, e conversas revolucionárias estavam no ar.” (tradução minha)

197 “Na primavera de 1886, o movimento pela jornada de oito horas havia crescido. Em 1º de maio, a Federação Americana do Trabalho, agora com cinco anos, convocou greves em todo o país onde quer que a jornada de oito horas fosse recusada. [...] Assim, 350.000 trabalhadores em 11.562 estabelecimentos em todo o país entraram em greve. Em Detroit, 11.000 trabalhadores marcharam em uma manifestação de oito horas. Em Nova York, 25.000 formaram uma procissão à luz de tochas ao longo da Broadway, liderada por 3.400 membros do sindicato dos padeiros. Em Chicago, 40.000 entraram em greve 45.000 conseguiram o dia útil mais curto para impedir que atacassem. Todas as ferrovias de Chicago pararam de funcionar e a maioria das indústrias de Chicago ficou paralisada.” (tradução minha)

A meeting was called for Haymarket Square on the evening of May 4, and about three thousand persons assembled. It was a quiet meeting, and as storm clouds gathered and the hour grew late, the crowd dwindled to a few hundred. A detachment of 180 policemen showed up, advanced on the speakers' platform, ordered the crowd to disperse. The speaker said the meeting was almost over. A bomb then exploded in the midst of the police, wounding sixty-six policemen, of whom seven later died. The police fired into the crowd, killing several people, wounding two hundred. With no evidence on who threw the bomb, the police arrested eight anarchist leaders in Chicago. <sup>198</sup> (ZINN, 1980, p.250)

Sem evidências sobre a responsabilidade da explosão — segundo Zinn a maior parte dos líderes sequer estava em Haymarket naquela ocasião — eles foram condenados à morte no julgamento. Foram enforcados, mesmo após muita resistência, inclusive com manifestações internacionais de solidariedade. O evento acendeu a solidariedade de classe e manteve-se na memória das lutas por décadas. (ZINN, 1980, p.251)

London constrói, no romance, um evento de caráter parecido com o *Haymarket Affair*. Após Ernest Everhard e alguns companheiros serem eleitos para o congresso, no contexto da defesa de uma lei que favorecia os desempregados, uma bomba é jogada e os líderes socialistas são considerados culpados e presos:

Ernest could not make himself heard, but he remained on his feet waiting for a lull. And then it happened. From my place in the gallery I saw nothing except the flash of the explosion. The roar of it filled my ears and I saw Ernest reeling and falling in a swirl of smoke, and the soldiers rushing up all the aisles. His comrades were on their feet, wild with anger, capable of any violence. But Ernest steadied himself for a moment, and waved his arms for silence. “It is a plot!” his voice rang out in warning to his comrades. “Do nothing, or you will be destroyed.” Then he slowly sank down, and the soldiers reached him. The next moment soldiers were clearing the galleries and I saw no more.<sup>199</sup> (LONDON, 1908, p.255)

198 “Uma reunião foi convocada para a Haymarket Square, na noite de 4 de maio, e cerca de três mil pessoas se reuniram. Foi uma reunião silenciosa e, quando as nuvens de tempestade chegaram e ficou tarde, a multidão diminuiu para algumas centenas. Um destacamento de 180 policiais apareceu, avançado na plataforma dos oradores, ordenando que a multidão se dispersasse. O orador disse que a reunião estava quase no fim. Uma bomba explodiu no meio da polícia, ferindo sessenta e seis policiais, dos quais sete morreram mais tarde. A polícia disparou contra a multidão, matando várias pessoas, ferindo duzentas. Sem evidências de quem atirou a bomba, a polícia prendeu oito líderes anarquistas em Chicago.”

199 Ernest não pôde se fazer ouvir, mas permaneceu no lugar à espera de que os rumores diminuíssem. E então aconteceu. De onde eu estava na galeria, vi o brilho de uma explosão. O barulho me deixou surda, e vi Ernest cambaleando e caindo em um redemoinho de fumaça, e os soldados irrompendo por todos os corredores. Seus companheiros estavam a seus pés, dominados pela raiva, capazes de qualquer coisa. Mas Ernest firmou-se por um momento e agitou o braço pedindo silêncio.

— É um complô — sua voz soou avisando seus companheiros. — Não façam nada ou serão chacinados.

O contexto é de uma sessão atribulada no Congresso, o que reforça a imagem de confusão criada para o evento. É interessante que a reação imediata de Ernest seja identificar a conspiração — o que aponta para um contexto em que esse tipo de ataque era esperado. Anthony Meredith adiciona uma nota a esse relato, contando-nos os desenvolvimentos posteriores do caso:

Avis Everhard took for granted that her narrative would be read in her own day, and so omits to mention the outcome of the trial for high treason. Many other similar disconcerting omissions will be noticed in the Manuscript. Fifty-two socialist Congressmen were tried, and all were found guilty. Strange to relate, not one received the death sentence. Everhard and eleven others, among whom were Theodore Donnelson and Matthew Kent, received life imprisonment. The remaining forty received sentences varying from thirty to forty-five years [...] <sup>200</sup> (LONDON, 1908, p.256)

Apesar do tom bastante objetivo, a expressão “strange to relate” [é estranho de se dizer] parece apontar algo que ficou evidente no caso do *Haymarket Affair*: a pena de morte era normal para em casos como esses. Vale ainda ressaltar que pelo menos um revolucionário real e contemporâneo a London é citado na sequência da nota: W. E. B. Du Bois, que teria ficado preso em Porto Rico.

London viveu um contexto em que as autoridades estadunidenses utilizavam diversos métodos para destruir as resistências dos trabalhadores. No capítulo citado, ele não só recria um famoso evento ocorrido mais de vinte anos antes da publicação do romance, como também reforça a visão de que os líderes operários sofreram uma falsa incriminação. Avis segue o manuscrito ressaltando o aspecto de armadilha por parte da Oligarquia, ao afirmar que os socialistas nada tiveram a ver com a explosão da bomba:

As a revolutionist myself, as one on the inside who knew the hopes and fears and secret plans of the revolutionists, I am fitted to answer, as very few are, the charge that they were guilty of exploding the bomb in Congress. And I can say flatly, without qualification or doubt of any sort, that the socialists, in Congress and out,

---

Então, devagar, sentou-se, e os soldados o alcançaram. Em seguida, os soldados limparam as galerias e eu não vi mais nada.”

200 “Avis Everhard acreditava que sua narrativa seria lida em sua própria época, e por isso deixou de mencionar o resultado do julgamento por alta traição. Muitas outras omissões desconcertantes são encontradas nos Manuscritos. Cinquenta e dois parlamentares foram julgados e todos considerados culpados. É estranho de se dizer, mas nenhum deles recebeu a pena de morte. Everhard e outros onze homens, entre eles Theodore Donnelson e Matthew Kent, receberam prisão perpétua. Os outros quarenta receberam sentenças que variavam de trinta a trinta e cinco anos de prisão [...]”

had no hand in the affair. Who threw the bomb we do not know, but the one thing we are absolutely sure of is that we did not throw it. <sup>201</sup> (LONDON, 1908, p.256-7)

Ao fim do mesmo capítulo, uma longa nota de Meredith nos informa que a confissão do homem que jogou a bomba no Congresso sob ordens da Oligarquia foi encontrada seis séculos depois do período do manuscrito (LONDON, 1908, p.259). A ideia de que o evento ficcional foi responsabilidade de um agente infiltrado também o aproxima do *Haymarket affair*:

Some evidence came out that a man named Rudolph Schnaubelt, supposedly an anarchist, was actually an agent of the police, an agent provocateur, hired to throw the bomb and thus enable the arrest of hundreds, the destruction of the revolutionary leadership in Chicago. But to this day it has not been discovered who threw the bomb. <sup>202</sup> (ZINN, 1980, p.251)

Para não sobrar dúvidas de que a criação literária se inspira nos processos reais vividos pela classe trabalhadora no período anterior, é interessante observar a continuidade dessa nota de Meredith, que cita o caso de Haymarket, e também o caso Haywood-Moyer:

There is the classic instance of the ferocious and wanton judicial murder of the innocent and so-called Haymarket Anarchists in Chicago in the penultimate decade of the nineteenth century A.D. In a category by itself is the deliberate burning and destruction of capitalist property by the capitalists themselves. For such destruction of property innocent men were frequently punished—“railroaded” in the parlance of the times. [...]

Then, during this same period, there was the case of Moyer and Haywood, two strong, fearless leaders of labor. One was president and the other was secretary of the Western Federation of Miners. The ex-governor of Idaho had been mysteriously murdered. The crime, at the time, was openly charged to the mine owners by the socialists and miners. Nevertheless, in violation of the national and state constitutions, and by means of conspiracy on the parts of the governors of Idaho and Colorado, Moyer and Haywood were kidnapped, thrown into jail, and charged with the murder. <sup>203</sup> (LONDON, 1908, p.260-1)

201 “Como revolucionária e alguém de dentro que conhecia as esperanças, os medos e os planos secretos dos revolucionários, estou preparada para responder, como poucos, sobre a culpa que nos foi imputada por causa da explosão da bomba no Congresso. E posso dizer, sem rodeios, sem comprometimento ou dúvida de qualquer natureza, que os socialistas, no Congresso ou fora dele, não tiveram nada que ver com o acontecido. Quem jogou a bomba, não sabemos, mas uma coisa é absolutamente certa: não fomos nós.”

202 “Surgiram algumas evidências de que um homem chamado Rudolph Schnaubelt, supostamente anarquista, era na verdade um agente da polícia, um agente provocador, contratado para jogar a bomba e, assim, permitir a prisão de centenas, a destruição da liderança revolucionária em Chicago. Mas até hoje não foi descoberto quem jogou a bomba” (tradução minha)

203 “Existe um exemplo clássico de selvageria e maldade que foi o assassinato judicial de inocentes conhecidos como os anarquistas de Haymarket, em Chicago, na penúltima década do século XIX d.C. Em uma categoria a parte, podemos mencionar o incêndio deliberado e a destruição de propriedades capitalistas pelos próprios

A nota segue com o tom objetivo característico das intervenções de Meredith, mas com bastante nitidez sobre a responsabilidade histórica dos capitalistas nas mortes e prisões arbitrárias, como demonstram a ênfase na inocência dos acusados e o uso de adjetivos como “strong” [fortes] e “fearless” [destemidos] para Moyer e Haywood.

Os dois casos citados acima — vale dizer que a nota, bem mais longa, ainda cita outros casos de repressão — têm entre eles quase vinte anos de diferença, tornaram-se famosos e mantiveram-se na memória da organização coletiva da classe trabalhadora estadunidense. Sobre o evento Haywood-Moyer, Foner informa, ao comentar um conto de London que trata dos mesmos eventos, *Something Rotten in Idaho*, que o clímax de anos de conflito de classes em Idaho entre a *Western Federation of Miners* e as corporações ocorreu em 1905, quando o ex-governador Steunenberg, cuja a administração havia sido particularmente violenta com os trabalhadores, foi assassinado. O assassino tinha longa ficha criminal, mas foi entregue aos Pinkertons para fazer um acordo, garantindo a incriminação de Charles Moyer e William “Big Bill” Haywood, ação orquestrada entre os governadores de Idaho e Colorado e as corporações de mineração. (FONER, 1947, p. 85)

Esse contexto de conspiração entre o Estado e corporações é coerente com a construção ficcional do regime chamado *Iron Heel*, que parece apenas aprofundar características que London já enxerga nos EUA contemporâneos. A forma como são tratados os movimentos de resistência, particularmente as greves, durante esse período, reforçam essa perspectiva. O ano de 1886 foi particularmente emblemático para a organização dos trabalhadores. Segundo Zinn: “In 1886 there were over 1,400 strikes, involving 500,000 workers.”<sup>204</sup> (ZINN, 1980, p.253).

O avanço dos trabalhadores foi enfrentado pelas corporações nos EUA com violenta repressão. Vale pontuar o caso da greve de Homestead: em 1892, na planta da *Carnegie Steel* em Homestead, Pensilvânia, os salários foram reduzidos e o sindicato atacado, os Pinkertons foram contratados para proteger os fura-greves. Mesmo a parcela não sindicalizada dos

---

capitalistas. A culpa por esses atos era imputada a homens inocentes que eram frequentemente punidos — ‘ferrados’, na expressão da época”. [...]Durante esse mesmo período, ocorreu o caso de Moyer e Haywood, dois fortes e temíveis líderes operários. Um era presidente e o outro secretário da Federação de Mineiros do Oeste. O ex-governador do Estado de Idaho tinha sido misteriosamente assassinado. O crime, na época, foi abertamente imputado aos donos de minas, tanto pelos socialistas quanto pelos mineiros. Mesmo assim, violando a Constituição nacional e estadual, e por meio de conspirações da parte dos governadores de Idaho e do Colorado, Moyer e Haywood foram capturados, colocados na cadeia e processados pelo assassinato.”  
204 “Em 1886, houve mais de 1.400 greves, envolvendo 500.000 trabalhadores” (tradução minha)

trabalhadores votou pela greve, e um comitê dos grevistas tomou a cidade. Em uma das noites da greve, centenas de Pinkertons desceram pelo rio, e quando tentaram desembarcar houve troca de tiros e mortos de ambos os lados — lideranças e grevistas foram processados por diversos crimes, mas os júris populares não os condenaram. (ZINN, 1980, p.255).

Aqui aparecem dois elementos contemporâneos muito vivos na história do movimento operário e aos quais London se refere em seu romance: os fura-greve e os Pinkertons. Os Pinkertons são citados apenas em uma passagem, do capítulo *Philomaths*, na qual Ernest discursa recriminando moralmente a burguesia e seus apoiadores pela forma como tratam os trabalhadores, incluindo o uso dos Pinkertons como exército particular — da mesma forma como foram usados na greve de Homestead: “‘I met men,’ he [Ernest] said, ‘who invoked the name of the Prince of Peace in their diatribes against war, and who put rifles in the hands of Pinkertons with which to shoot down strikers in their own factories.’”<sup>205</sup> (LONDON, 1908, p.80-1). O foco do trecho é a hipocrisia dos capitalistas — o uso dos Pinkertons evidentemente aparece aqui como ação de extrema violência, em direta oposição a qualquer convicção religiosa que pregue a paz. Nesse trecho há uma nota em que Meredith informa quem são os Pinkertons, associando-os diretamente a repressão ao movimento operário e apresentando um desenvolvimento ficcional de suas práticas sob o regime do *Iron Heel*: “Originally, they [Pinkertons] were private detectives; but they quickly became hired fighting men of the capitalists, and ultimately developed into the Mercenaries of the Oligarchy.”<sup>206</sup> (LONDON, 1908, p.80).

Já a primeira aparição de um fura-greve ocorre no capítulo *Jackson's Arm*, quando Avis vai entrevistar um capataz sobre o acidente de Jackson e ele relata como tornou-se um fura-greve. É interessante que London apresenta como os demais trabalhadores lidavam com sua posição, como o capataz afastou-se de qualquer solidariedade e convivência com os trabalhadores por assumir o lado da companhia nos processos grevistas:

“I mean what I said. It's long years I've worked in the mills. I began as a little lad on the spindles. I worked up ever since. It's by hard work I got to my present exalted position. I'm a foreman, if you please. An' I doubt me if there's a man in the mills that'd put out a hand to drag me from drownin'. I used to belong to the union. But I've stayed by the company through two strikes. They called me 'scab.' There's not a

205 “— Encontrei homens que invocaram o nome do Príncipe da Paz em suas diatribes contra a guerra, mas distribuíaam armas de fogo aos Pinkertons para que atirassem contra os grevistas de suas fábricas”

206 “Originalmente, eram detetives particulares, mas logo se tornaram combatentes a soldo dos capitalistas e, por fim, converteram-se em Mercenários da Oligarquia”

man among 'em to-day to take a drink with me if I asked him. D'ye see the scars on me head where I was struck with flying bricks? There ain't a child at the spindles but what would curse me name. Me only friend is the company. It's not me duty, but me bread an' butter an' the life of me children to stand by the mills. That's why.”<sup>207</sup> (LONDON, 1908, p.50)

O tom envergonhado do capataz, bem como a violência e isolamento a que ele é submetido por ser um fura-greve — o termo “scab” é usado popularmente com o mesmo sentido — são destacados no trecho, bem como a explicação de que essa atitude viria das necessidades materiais — pão, manteiga e a vida dos filhos. É interessante que esse personagem, Peter Donnelly, reaparece ainda no romance, anos depois, como membro de um grupo de luta chamado *Frisco Reds*, e afirma que se tornou um revolucionário justamente após a morte da esposa e filhos.

Complementando essa perspectiva sensível da vivência do fura-greve, Meredith os define de forma mais informativa em nota no capítulo *The Vortex*:

Strike-breakers—these were, in purpose and practice and everything except name, the private soldiers of the capitalists. They were thoroughly organized and well armed, and they were held in readiness to be hurled in special trains to any part of the country where labor went on strike or was locked out by the employers. Only those curious times could have given rise to the amazing spectacle of one, Farley, a notorious commander of strike-breakers, who, in 1906, swept across the United States in special trains from New York to San Francisco with an army of twenty-five hundred men, fully armed and equipped, to break a strike of the San Francisco street-car men. Such an act was in direct violation of the laws of the land. The fact that this act, and thousands of similar acts, went unpunished, goes to show how completely the judiciary was the creature of the Plutocracy.<sup>208</sup> (LONDON, 1908, p.171)

207 “— É isso mesmo. Tem muitos ano que trabalho nos moinho. Comecei quando era moleque, nas lançadeira, e dou duro até hoje. Foi por causa disso que consegui chegar ao posto que tenho hoje. Sou contramestre. Ninguém nos moinho mexeria um dedo pra salvar meu couro. Já fui do sindicato. Mas fiquei do lado da firma em duas greve e, por isso, eles me chama de “fura-greve”. Ninguém da fábrica iria tomar uma cerveja comigo no bar se eu chamasse. Tá vendo as cicatrizes na minha cabeça, que eu ganhei quando jogaram tijolos em mim? Não tem um único aprendiz nas lançadeira que não fale mal de mim. O único amigo que tenho é a companhia. Não é minha obrigação, mas meu arroz com feijão, o sustento dos meus filhos depende dos moinho. Foi por causa disso.”

208 “Fura-greves: eram, na prática, exceto no nome, soldados particulares dos capitalistas. Estavam muito bem organizados e armados, e eram mantidos em estado de prontidão para serem colocados em trens especiais para qualquer parte do país onde os trabalhadores entrassem em greve; caso contrário, seriam despedidos pelos patrões. Apenas aqueles tempos curiosos poderiam ter produzido um espetáculo tão espantoso quanto o de Farley, um notório comandante dos fura-greves, que, em 1906, percorreu os Estados Unidos nos trens especiais, de Nova York até São Francisco, com um exército de quinhentoshomens, totalmente armados e equipados, para acabar com uma greve dos condutores de bondes de São Francisco. Esses atos violavam por completo as leis do país. O fato de que esse e milhares de atos semelhantes ficavam impunes serve para mostrar que o poder judiciário era uma criatura engendrada dos pés à cabeça pela plutocracia”

Novamente, apesar do tom informativo, Meredith posiciona-se convictamente a favor dos trabalhadores, denunciando a ilegalidade do uso dos fura-greves. Observa-se que London constrói a nota com referência a um caso contemporâneo à escritura do romance (escrito entre 1906-07), método usado em algumas das notas de Meredith e que mostra a preocupação de London com a atualidade de seu discurso. O fura-greve a que Meredith se refere, Farley, é mencionado novamente em uma nota de Meredith no capítulo *The Beginning of the End*:

James Farley — a notorious strike-breaker of the period. A man more courageous than ethical, and of undeniable ability. He rose high under the rule of the Iron Heel and finally was translated into the oligarch class. He was assassinated in 1932 by Sarah Jenkins, whose husband, thirty years before, had been killed by Farley's strike-breakers.<sup>209</sup> (LONDON, 1908, p.223)

Além da ironia da comparação entre a coragem e a ética do fura-greve, nessa última nota destaca-se a mistura de elementos de realidade e ficção, pois London apresenta um desenvolvimento ficcional para um fura-greve de fato atuante durante a escritura do romance. Em nota sobre sua morte, em 1913, afirma o jornal *The New York Times*: “James Farley was born 30 years ago in Malone, NY. It was eighteen years ago that he created the industry of strikebreaking, in which he grew rich in a few years.”<sup>210</sup> Farley, no entanto, não é o único fura-greve citado por London:

Albert Pocock, another of the notorious strike-breakers of earlier years, who, to the day of his death, successfully held all the coal-miners of the country to their task. He was succeeded by his son, Lewis Pocock, and for five generations this remarkable line of slave-drivers handled the coal mines.<sup>211</sup>(LONDON, 1908, p.245)

Sobre Albert Pocock, no entanto, não são encontradas referências historiográficas, o que tende a indicar que se trata de uma criação ficcional, útil para reforçar a ambientação no desenvolvimento do romance.

209 “James Farley, conhecido fura-greve do período. Um homem sob ordens do Tacono de Ferro que rapidamente passou a fazer parte da classe oligárquica. Foi assassinado em 1932 por Sarah Jenkins, cujo marido, trinta anos antes, tinha sido assassinado pelos fura-greves de Farley”

210 “James Farley nasceu há 30 anos em Malone, NY. Foi há dezoito anos que ele criou a indústria de fura-greve, com a qual ele ficou rico em alguns anos.” Tradução minha. Original disponível em: <https://timesmachine.nytimes.com/timesmachine/1913/09/11/100645243.pdf>

211 “Albert Pocock, outro notório fura-greve dos primeiros anos. Manteve a fama, até o dia de sua morte, de manter os mineiros do país longe das greves. Foi sucedido por seu filho, Lewis Pocock e, durante cinco gerações, essa notável linhagem de senhores de escravos controlou as minas de carvão”



Observa-se que, a partir de diferentes construções, London apresenta o contexto de forte repressão e sabotagem do movimento dos trabalhadores, que tem os fura-greve e os Pinkertons como instrumentos fundamentais.

## 6.2. Ascensão dos sindicatos

No romance, além disso, destaca-se função dos sindicatos e do partido socialista no processo de resistência ao regime da Oligarquia. Esses mesmos instrumentos mostraram-se importantes na resistência da classe trabalhadora às corporações no período anterior à escritura do romance. De acordo com Morris Hillquit, socialista contemporâneo a London, em seu *History of socialism in the United States*, a relação entre sindicatos e organizações socialistas é particular nos EUA:

On the continent of Europe, socialism had in some cases preceded and to a certain degree created the trade-union movement; in other cases both movements had developed simultaneously and were regarded as a necessary complement to each other. On the whole the trade-unions were in full accord with the socialist movement. In the United States the trade-union movement made its appearance before the socialist movement; the Socialist Labor Party found it just entering on the period of its bloom. In 1878 the first general assembly of the Knights of Labor was held, and the period of phenomenal growth of the order began. Three years later the Federation of Trade and Labor Unions, which subsequently developed into the American Federation of Labor, was organized. <sup>212</sup> (HILLQUIT, 1910, p.195)

O período entre o nascimento de London e a escritura do romance, portanto, é de importante crescimento da ferramenta sindical da classe trabalhadora — o que se reflete no destaque dado à organização sindical no desenvolvimento do romance. Um exemplo desse crescimento no período é a *Central Labor Union of New York*, fundada em 1882 a partir de 14 sindicatos. De acordo com Foner, essa central cresceu rapidamente: em agosto de 1883 tinha 60 sindicatos afiliados e três anos depois já tinha 207 sindicatos, representando 150 mil membros

212 “No continente europeu, em alguns casos o socialismo precedeu e, em certo grau, criou o movimento sindical; em outros casos, ambos os movimentos se desenvolveram simultaneamente e foram considerados um complemento necessário um do outro. No geral, os sindicatos estavam de pleno acordo com o movimento socialista. Nos Estados Unidos, o movimento sindical apareceu antes do movimento socialista; o Partido Socialista do Trabalho encontrou-o quando estava no período de seu florescimento. Em 1878, foi realizada a primeira assembleia geral dos Cavaleiros do Trabalho, e o período de crescimento fenomenal da ordem começou. Três anos depois, foi organizada a Federação dos Sindicatos do Comércio e Trabalho, que posteriormente se tornou a Federação Americana do Trabalho.” (tradução minha)

(FONER, 1955, p.33). Sobre o crescimento em geral dos instrumentos sindicais, Zinn afirma que pouco depois da virada do século havia dois milhões de membros nos sindicatos, ou seja, um a cada 14 trabalhadores, e 80% deles estavam na *American Federation of Labour* (ZINN, 1980, p.306). No mesmo sentido do que se passava no período, London apresenta proximidade dos sindicatos com os socialistas em seu romance:

Day by day unions and more unions voted their support to the socialists, until even Ernest laughed when the Undertakers' Assistants and the Chicken Pickers fell into line. Labor became mulish. While it packed the socialist meetings with mad enthusiasm, it was impervious to the wiles of the old-party politicians. The old-party orators were usually greeted with empty halls, though occasionally they encountered full halls where they were so roughly handled that more than once it was necessary to call out the police reserves.<sup>213</sup> (LONDON, 1908, p.170)

Esse trecho destaca dois elementos interessantes, primeiramente o enraizamento da sindicalização e de sua relação com os socialistas nas mais diversas áreas do mundo do trabalho, exagerado pelo tom cômico da adesão dos agentes funerários e dos depenadores de galinhas. Além disso, novamente London enfatiza o conflito e a polarização social ao opor o crescimento dos socialistas ao esvaziamento dos encontros dos políticos tradicionais.

London sinaliza, no entanto, desconfiança em relação aos sindicatos, devido ao caráter corporativo dessas estruturas:

“The socialists used to foretell with joy,” he said, “the coming of the day when organized labor, defeated on the industrial field, would come over on to the political field. Well, the Iron Heel has defeated the labor unions on the industrial field and driven them over to the political field; and instead of this being joyful for us, it will be a source of grief. The Iron Heel learned its lesson. We showed it our power in the general strike. It has taken steps to prevent another general strike.”  
 “But how?” I asked.  
 “Simply by subsidizing the great unions. They won’t join in the next general strike. Therefore it won’t be a general strike.”  
 “But the Iron Heel can’t maintain so costly a programme forever,” I objected.  
 “Oh, it hasn’t subsidized all of the unions. That’s not necessary. Here is what is going to happen. Wages are going to be advanced and hours shortened in the railroad unions, the iron and steel workers unions, and the engineer and machinist unions. In these unions more favorable conditions will continue to prevail.

213 “Dia a dia, sindicatos e mais sindicatos davam apoio aos socialistas. Até mesmo Ernest riu quando os agentes funerários e os depenadores de galinhas se juntaram a ele. Os trabalhadores se tornavam obstinados. Ao mesmo tempo em que lotavam as reuniões socialistas com louco entusiasmo, permaneciam impermeáveis à astúcia dos políticos dos velhos partidos, cujos oradores eram geralmente recebidos por salas vazias, embora ocasionalmente encontrassem salas cheias nas quais eram tão rudemente tratados que muitas vezes era preciso chamar a polícia”

Membership in these unions will become like seats in Paradise.”<sup>214</sup> (LONDON, 1908, p.221-2)

Novamente aqui, a oposição social é destacada, na forma como a Oligarquia manipula os sindicatos, particularmente alguns sindicatos essenciais, para impedir os socialistas de levar à frente a greve geral, que defenderia as necessidades da classe trabalhadora como um todo em oposição ao regime. Merece destaque também que o trecho opõe uma previsão anterior dos socialistas a uma profecia de Ernest, introduzida pela expressão “Here is what is going to happen” [eis o que vai acontecer]. Como em diversas passagens do romance, é a profecia de Ernest que se mostra acertada.

É importante destacar que London identifica corretamente a tendência de privilégio dos sindicalistas e de relações com os altos círculos de poder nos EUA. Segundo Zinn:

AFL [American Federation of Labour] officials drew large salaries, hobnobbed with employers, even moved in high society. A press dispatch from Atlantic City, New Jersey, the fashionable seaside resort, in the summer of 1910:

Engaged in a game of bathing suit baseball with President Sam Gompers, Secretary Frank Morrison and other leaders of the A.F. of T. on the beach this morning, John Mitchell, former head of the mine workers' union, lost a \$ 1000 diamond ring presented to him by his admirers after the settlement of the big Pennsylvania coal strike. Capt. George Berke, a veteran life guard, found the ring, whereupon Mitchell peeled a hundred dollar bill from a roll he carried in his pocket and handed it to the captain as a reward for his find.<sup>215</sup> (ZINN, 1980, p.307)

214 “— Os socialistas prediziam com alegria a chegada da hora em que o proletariado organizado, vencido no campo industrial, se juntaria no terreno político. Muito bem, o Tacão de Ferro esmagou os sindicatos trabalhistas no terreno industrial e levou-os para o terreno político; e isso, ao invés de representar para nós uma fonte de alegria, será uma fonte de pesar. O Tacão de Ferro aprendeu a lição. Mostramos a ele o poder que tínhamos durante a greve geral. Ele se adiantou para evitar que outra greve geral aconteça.

— Mas como? — perguntei.

— É simples: financiando os grandes sindicatos. Eles não se juntarão à próxima greve geral. Logo, não será uma greve geral.

— Mas o Tacão de Ferro não poderá manter um plano tão dispendioso como esse para sempre — objetei.

— Mas ele não tem que financiar todos os sindicatos. Não é necessário. Eis o que vai acontecer: os salários vão subir e a jornada de trabalho vai diminuir nos sindicatos ferroviários, nos sindicatos trabalhistas da indústria do ferro e do aço e nos dos engenheiros e maquinistas. Nesses sindicatos, condições mais favoráveis continuarão a existir. Os membros desses sindicatos vão se sentir no paraíso.”

215 “Os funcionários da AFL [Federação Americana do Trabalho] obtiveram altos salários, tornaram-se íntimos dos empregadores e até se mudaram para a alta sociedade. Um comunicado de imprensa de Atlantic City, Nova Jersey, a elegante estância balnear, no verão de 1910: ‘Em uma partida de beisebol com o presidente Sam Gompers, o secretário Frank Morrison e outros líderes da AF of T na praia nesta manhã, John Mitchell, ex-chefe do sindicato dos trabalhadores das minas, perdeu um anel de diamante de US \$ 1000 presenteado a ele por seus admiradores após o acordo da grande greve de carvão da Pensilvânia. O capitão George Berke, um veterano salva-vidas, encontrou o anel, e então Mitchell tirou uma nota de cem dólares de um rolo que carregava no bolso e o entregou ao capitão como recompensa por sua descoberta.’ (tradução minha)

A traição dos grandes sindicatos é importante, no enredo do romance, para a derrota dos revolucionários e para o fortalecimento da Oligarquia. Aqui valeria lembrar, por exemplo, a seguinte passagem de Trotsky em que ele analisa esse fenômeno, construindo uma crítica aos processos já em desenvolvimento, de burocratização e traição dos sindicatos.

One must accentuate especially the role which Jack London attributes to the labor bureaucracy and to the labor aristocracy in the further fate of mankind. Thanks to their support, the American plutocracy not only succeeds in defeating the workers' insurrection but also in keeping its iron dictatorship during the following three centuries.<sup>216</sup> . (TROSTKY, 1937, apud LONDON, 1939, p.314)

Vê-se, assim, que London não apenas percebe o fenômeno contemporâneo de crescimento e fortalecimento dos sindicatos, mas também procura figurar como certas tendências de burocratização poderiam se desenvolver, favorecendo as classes dominantes no processo de enriquecer as lideranças sindicais.

### **6.3. O desenvolvimento das organizações socialistas**

O romance, no que concerne à organização do movimento dos trabalhadores, também se detém bastante na atuação dos socialistas. Ernest Everhard é apresentado como líder socialista vindo da classe trabalhadora, e Foner afirma que: “According to Ernest Untermann, who spent several years with London on his ranch after 1910, Everhard was a composite of three people: Jack London, Eugene V. Debs, and Untermann himself”<sup>217</sup>. (FONER, 1947, p.89)

Eugene Debs foi um importante líder sindical e socialista, forjado no processo de luta, particularmente na greve da Pullman de 1894 — greve nacional dos ferroviários ligados à Pullman, uma das principais corporações no ramo —, devido à qual ele foi preso. Na prisão, estudou e converteu-se ao socialismo:

As Debs himself put it: “... in the gleam of every bayonet and the flash of every rifle the class struggle was revealed.” Later, while in jail for having defied an injunction

<sup>216</sup> “É preciso acentuar especialmente o papel que Jack London atribui à burocracia trabalhista e à aristocracia operária no futuro destino da humanidade. Graças ao seu apoio, a plutocracia americana não apenas conseguiu derrotar a insurreição dos trabalhadores, mas também manteve sua ditadura de ferro durante os três séculos seguintes.” (tradução minha)

<sup>217</sup> “De acordo com Ernest Untermann, que passou vários anos com London em seu rancho depois de 1910, Everhard era um composto de três pessoas: Jack London, Eugene V. Debs e o próprio Untermann” (tradução minha)

during the strike, he read many books and pamphlets dealing with social and economic problems, including the first volume of Marx's Capital. He emerged from jail a confirmed socialist. <sup>218</sup> (FONER, 1947, p.43)

Debs é citado no *The Iron Heel* apenas uma vez diretamente, em uma nota em que Meredith o apresenta como “nacional leader of the American socialists at the time” <sup>219</sup> (LONDON, 1908, p.261). Vale dizer, assim, que não há dúvida de que o partido a que se refere o romance *The Iron Heel* é o *Socialist Party of America*. A referência à Debs como principal liderança já indica isso, sendo que se tratava de fato da principal figura pública do partido, não à toa escolhido para representar o partido como candidato à presidência em seguidas eleições. Para que ele chegasse a essa posição, no entanto, ocorreram alguns processos aos quais vale observarmos em mais detalhe. Apesar de Debs ter apoiado em 1896 o candidato democrata William Jennings Bryan, também apoiado pelos populistas, no período posterior ele voltou-se para a construção socialista. Em 1897, com remanescentes de duas organizações de caráter sindical, a *American Railway Union* e a *Brotherhood of the Cooperative*, esteve à frente da formação da *Social Democracy of America*. Poucos meses depois, os judeus socialistas do leste se juntaram ao novo partido, após terem sido, em 1896, expulsos do *Socialist Labor Party*, controlado por Daniel de Leon. (FONER, 1955, p.276)

O SLP foi o primeiro partido a que London se filiou, na seção de Oakland, ainda em 1895, a partir de seu contato com círculos de intelectuais. Esse partido, surgido da fusão de grupos marxistas e lassalianos em 1876 — inicialmente chamava-se *Working Men's Party of US* — estava presente nas lutas dos trabalhadores nos anos 1880, apesar das dificuldades mantidas pelo conflito entre as facções:

In 1881 the party membership had dwindled to less than 2,600, but the influence of the S.L.P. in the labor movement far outweighed its numbers. Many of the unions of the late 'seventies and early 'eighties were of socialist parentage, outstanding examples being the organization of the carpenters and joiners, dress and cloak makers, seamen, cigar makers, furriers, and furniture workers. <sup>220</sup> (FONER, 1955, p.33)

218 “Como o próprio Debs disse: ‘... no brilho de toda baioneta e no clarão de todo rifle, a luta de classes foi revelada’. Mais tarde, na prisão por ter desafiado uma liminar durante a greve, ele leu muitos livros e panfletos sobre problemas sociais e econômicos, incluindo o primeiro volume do ‘Capital’ de Marx. Ele saiu da prisão como socialista confirmado.” (tradução minha)

219 “líder nacional dos socialistas dos Estados Unidos na época”

220 “Em 1881, o número de membros do partido diminuiu para menos de 2.600, mas a influência da S.L.P. no movimento trabalhista superou em muito seus números. Muitos dos sindicatos do final dos anos setenta e início dos anos oitenta eram de ascendência socialista, sendo exemplos notáveis a organização dos carpinteiros e

Já na época em que London se filiou, o SLP enfrentava problemas para continuar se desenvolvendo devido ao conflito que se dava em torno da figura de Daniel de Leon, principal liderança à época:

To a very large degree, the S.L.P.'s isolation in the years immediately preceding 1896 was due to its complete capitulation to the sectarian policies of the former Columbia University lecturer in international law, Daniel De Leon, who joined the party in 1890, and almost immediately assumed leadership of the socialist movement in America. (...) To this arrogance and dogmatism was added a sectarian trade union policy, an indifference to immediate demands, a deliberate fostering of dual unionism in the labor movement, and a deep-seated hostility to any and all alliances between workers and non-working class elements. <sup>221</sup> (FONER, 1955, p.179-80)

Tanto o SLP quando o *Social Democracy of America* passaram por processos de racha entre os últimos anos do século XIX e o início do século XX. No caso do partido de Eugene Debs, a divergência era relativa à questão da colonização. Debs posicionou-se pelo programa internacionalista:

In the summer of 1898, a split occurred in the Social Democracy over the colonization plan. The anti-colonizationists favoring political action were defeated at the party's convention, but they bolted and decided to organize a new socialist party to be composed only of those who believed in the "principles and program of International Socialism". The group adopted as its name, The Social Democratic Party of America. Debs went along with the bolters and toured the country for the new party. <sup>222</sup> (FONER, 1947, p.44)

Alguns anos depois o conflito interno ao SLP levou também a um importante racha, com aproximação em relação ao *Social Democratic Party*:

---

marceneiros, fabricantes de roupas e mantos, marinheiros, fabricantes de charutos, peleiros e fabricantes de móveis.” (tradução minha)

221 “Em grande medida, o isolamento do SLP nos anos imediatamente anteriores a 1896 foi devido à sua completa capitulação às políticas sectárias do ex-professor de direito internacional da Universidade Columbia, Daniel De Leon, que se juntou ao partido em 1890, e quase imediatamente assumiu a liderança do movimento socialista na América. [...] A essa arrogância e dogmatismo foi adicionada uma política sindical sectária, uma indiferença às demandas imediatas, uma promoção deliberada do duplo sindicalismo no movimento trabalhista e uma hostilidade profunda a toda e qualquer aliança entre trabalhadores e não trabalhadores.” (tradução minha)

222 “No verão de 1898, ocorreu uma divisão na Social-Democracia sobre o plano de colonização. Os anti-colonizacionistas que favoreciam a ação política foram derrotados na convenção do partido, mas romperam e decidiram organizar um novo partido socialista para ser composto apenas daqueles que acreditavam nos ‘princípios e programa do Socialismo Internacional’. O grupo adotou como nome, o Partido Social Democrata da América. Debs seguiu a ruptura e viajou pelo país pelo novo partido.” (tradução minha)

A major break was occurring in the Socialist Labor Party as members everywhere rose up in revolt against the dictatorial methods of De Leon and his sectarian policies. Early in 1900 the discontented elements [...] appointed a committee to work for unification with the Social Democratic Party [...] In the political campaign of 1900 Debs was nominated for president of the United States by both groups and polled nearly a hundred thousand votes. <sup>223</sup> (FONER, 1947, p.44)

E então finalmente em 1901 formou-se um novo partido, o *Socialist Party of America*:

A year later those who had worked for a united socialist movement saw their hopes realized. In August, 1901, a resolution was adopted at a convention in New York attended by delegates from both groups proclaiming the birth of the new Socialist Party under the leadership of Eugene V. Debs, Victor Berger and Morris Hillquit. <sup>224</sup> (FONER, 1947, p.45)

Jack London, que já era admirador de Debs, seguiu o racha do SLP em Oakland:

Therefore he [Jack London] expressed no views on the issues involved in the conflict inside the Socialist Labor Party, but he must have been a follower of Debs, for whom he had the greatest respect and admiration, and when the great majority of the Oakland Socialists left the Socialist Labor Party and affiliated with the Socialist Party Jack London went along with them. <sup>225</sup>(FONER, 1947, p.45)

Ainda no mesmo ano London concorreu à prefeitura de Oakland pelo *Socialist Party*, recebendo 245 votos. (FONER, 1947, p.45)

London também se refere diretamente ao racha do SLP no romance. Ele usa apenas as siglas, sem maiores explicações, seja no texto ou em notas, quando um militante, John Carlson, relata sua história para Avis. Apesar da brevidade, o trecho evidencia que Ernest e Avis Everhard pertenciam ao *Socialist Party*:

223 “Uma grande ruptura estava ocorrendo no Partido Socialista do Trabalho, quando membros de toda parte se revoltaram contra os métodos ditatoriais de De Leon e suas políticas sectárias. No início de 1900, esses elementos descontentes [...] nomearam um comitê para trabalhar pela unificação com o Partido Social Democrata [...] Na campanha política de 1900, Debs foi nomeado presidente dos Estados Unidos por ambos os grupos e atingiu quase cem mil votos.” (tradução minha)

224 “Um ano depois, aqueles que haviam trabalhado por um movimento socialista unido viram suas esperanças realizadas. Em agosto de 1901, uma resolução foi adotada em uma convenção em Nova York, com a participação de delegados de ambos os grupos proclamando o nascimento do novo Partido Socialista, sob a liderança de Eugene V. Debs, Victor Berger e Morris Hillquit.” (tradução minha)

225 “Assim, ele [Jack London] não expressou pontos de vista sobre as questões envolvidas no conflito dentro do Partido Socialista do Trabalho, mas deve ter sido um seguidor de Debs, por quem ele tinha maior respeito e admiração, e quando a grande maioria de dos socialistas de Oakland deixaram o Partido Socialista do Trabalho e se afiliaram ao Partido Socialista, Jack London os acompanhou.” (tradução minha)

When I came to the United States I hunted up the socialists. I became a member of a section — that was in the day of the S. L. P. Then later, when the split came, I joined the local of the S. P. I was working in a livery stable in San Francisco then. <sup>226</sup> (LONDON, 1908, p.271)

Apesar disso, o aparente alheamento de London sobre os conflitos internos à vida partidária, indicado na citação de Foner mais acima, pode explicar a seguinte nota de Meredith:

This reference is to the socialist vote cast in the United States in 1910. The rise of this vote clearly indicates the swift growth of the party of revolution. Its voting strength in the United States in 1888 was 2068; in 1902, 127,713; in 1904, 435,040; in 1908, 1,108,427; and in 1910, 1,688,211. <sup>227</sup> (LONDON, 1908, p.56)

É interessante observar que ele considera votos socialistas desde 1888, bem antes da unificação que gerou o *Socialist Party*. Isso indica que ele está considerando os votos em alguns dos grupos anteriores como votos socialistas. Segundo Hillquit, a situação em 1888 era a seguinte:

The socialists of New York initiated the movement by placing a full ticket in the field in 1888. In the city of New York, the gubernatorial, mayoralty, congressional, and presidential elections that year coincided. J. Edward Hall was nominated for Governor, Alexander Jonas for Mayor, and a full list of State, local, and congressional candidates was put in the field. But a rather embarrassing question arose on the nomination of a presidential ticket. A presidential ticket presupposes a national campaign, but the political activity of the party was practically confined to the city of New York. Besides, the Platform of the Socialist Labor Party at that time contained a plank demanding the abolition of the Presidency of the United States, and it seemed inconsistent to nominate a candidate for an office to the existence of which the party was opposed. The difficulty was finally overcome by a rather ingenious device: the party nominated a full ticket of presidential electors with instructions to cast their votes in the electoral college for “No President.”

In that campaign less than 3,000 votes were cast for the socialist ticket in the entire State of New York. Of this number about 2,500 fell to the credit of the city of New York, 232 were cast in Albany, 49 in Syracuse, and 32 in Utica. Outside of the State of New York the socialists had nominated candidates in only two places, Milwaukee and New Haven. They received 586 votes in the former and 82 in the latter. <sup>228</sup> (HILLQUIT, 1910, p.257)

226 “Quando vim para os Estados Unidos, procurei os socialistas e tornei-me membro de uma seção; foi na época do SLP. Então, mais tarde, quando houve o racha, juntei-me ao PS. Eu trabalhava em um estábulo em São Francisco na época.”

227 “Referência ao número de votos dos socialistas nos Estados Unidos em 1917. O aumento do eleitorado indica o crescimento do partido da revolução. Em 1888, o partido recebeu 2.068 votos, e em 1910, 1.688.211”

228 “Os socialistas de Nova York iniciaram o movimento indicando uma chapa completa em 1888. Na cidade de Nova York, as eleições para governador, prefeituras, congressos e presidências naquele ano coincidiram. J. Edward Hall foi nomeado para governador, Alexander Jonas para prefeito, e uma lista completa de candidatos



Os dados usados por London no romance, fica evidente, não são precisos. Segundo Jack Ross, em 1904: “In its premiere as a unified party, the Socialist ticket received 402,810 votes, just a hair under 3 percent of the national total”<sup>229</sup>. (ROSS, 2015, pp. 77). Também é interessante notar que os números referentes a 1908 e 1910 são, como outras passagens do romance, especulações sobre possíveis desenvolvimentos — dado que o livro foi publicado em 1907. Eugene Debs, candidato à presidência pelo *Socialist Party*, recebeu nesses anos respectivamente 420.852 e 901.551 votos — números que, apesar de abaixo das expectativas de London, mostram que ele acertou na tendência de crescimento dos socialistas. A votação de 1920 — 913.693 votos — foi o ponto mais alto dessa ascensão.

## 7. Concepção de organização dos trabalhadores

Ainda é interessante, a partir da leitura do romance *The Iron Heel*, aprofundar a observação das concepções de London sobre a organização dos trabalhadores e dos revolucionários. O protagonista do romance, Ernest Everhard, pertence ao *Socialist Party*, como já colocado, e é liderança entre os trabalhadores, de forma que várias passagens apresentam elementos de visões sobre as funções das direções, as tarefas dos revolucionários, além da relação com os sindicatos e com os setores médios.

Como já mencionado, o protagonismo de Ernest entre os socialistas é objeto de divergência entre Avis Everhard e Anthony Meredith desde a *Foreword*:

We know that Ernest Everhard was an exceptionally strong man, but not so exceptional as his wife thought him to be. He was, after all, but one of a large

---

estaduais, locais e do congresso foi colocada em campo. Mas surgiu uma pergunta bastante embaraçosa sobre a indicação de uma chapa presidencial. Uma chapa presidencial pressupõe uma campanha nacional, mas a atividade política do partido estava praticamente confinada à cidade de Nova York. Além disso, a Plataforma do Partido Socialista Trabalhista da época continha uma demanda exigindo a abolição da Presidência dos Estados Unidos, e parecia inconsistente nomear um candidato a um cargo cuja existência o partido se opunha. A dificuldade foi finalmente superada por um dispositivo bastante engenhoso: o partido nomeou uma chapa completa com instruções para votar no colégio eleitoral em “Nenhum Presidente”. Nessa campanha, menos de 3.000 votos foram dados para a chapa socialista em todo o estado de Nova York. Desse número, cerca de 2.500 foram creditados à cidade de Nova York, 232 foram em Albany, 49 em Siracusa e 32 em Utica. Fora do estado de Nova York, os socialistas haviam indicado candidatos em apenas dois lugares, Milwaukee e New Haven. Eles receberam 586 votos no primeiro e 82 no segundo.” (tradução minha)

229 “Em sua estreia como partido unificado, o ingresso socialista recebeu 402.810 votos, pouco menos de 3% do total nacional” (tradução minha)

number of heroes who, throughout the world, devoted their lives to the Revolution [...]”<sup>230</sup>. (LONDON, 1908, p. IX)

Aqui aparece uma tensão que pode ser encontrada em outros momentos da obra: a ação individual de um herói contra a concepção de que as revoluções são produto da ação coletiva. Embora Meredith critique Avis pela idealização excessiva do marido, vale observar que ele também usa o termo “herói” para caracterizar o conjunto dos revolucionários e, no capítulo seguinte, ressalta a importância de Ernest especificamente para a Segunda Revolta contra o regime oligárquico:

The Second Revolt was largely the work of Ernest Everhard, though he cooperated, of course, with the European leaders. The capture and secret execution of Everhard was the great event of the spring of 1932 A.D. Yet so thoroughly had he prepared for the revolt, that his fellow-conspirators were able, with little confusion or delay, to carry out his plans.<sup>231</sup> (LONDON, 1908, p.01)

O conjunto dessa nota chama a atenção por alguns elementos. De fato, a importância de Ernest nesse contexto parece exagerada para um projeto coletivo, principalmente porque parece, nesse trecho, que ele teria idealizado quase completamente os planos para a revolta, deixando ao resto de sua organização a tarefa de executá-los. Esse tipo de divisão de tarefas entre os principais dirigentes e o conjunto da organização também vai se repetir em outras passagens. Além disso, chamar os companheiros de organização de “fellow-conspirators” [companheiros de conspiração] dá o tom de uma concepção de organização secreta e restrita. Por fim, desde aqui a cooperação com os líderes europeus indica também que a organização, ou pelo menos a articulação entre os revolucionários, é internacional.

No capítulo *Challenges*, Avis nos informa como seu pai conheceu Ernest:

And after the guests were gone, I learned how he had met him, passing down a street at night and stopping to listen to a man on a soap-box who was addressing a crowd of workingmen. The man on the box was Ernest. Not that he was a mere soap-box orator. He stood high in the councils of the socialist party, was one of the leaders,

230 “Sabemos também que Ernest Everhard era um homem extraordinariamente forte, mas não tão excepcional quanto sua esposa pensava. Foi, apesar de tudo que fez, apenas um entre os heróis que, pelo mundo todo, devotaram a vida à Revolução”

231 “Segunda Revolta foi em grande parte obra de Ernest Everhard, embora seja certo que ele tenha cooperado com dirigentes europeus. Sua prisão e execução secreta foram os acontecimentos mais marcantes do ano de 1932 d.C. Mas ele havia preparado a revolta tão minuciosamente que seus companheiros de conspiração puderam, com pouca confusão e atraso, levar adiante seus planos.”

and was the acknowledged leader in the philosophy of socialism.<sup>232</sup> (LONDON, 1908, p.24)

A função de propaganda do partido evidencia-se nesse trecho. O próprio London, bastante jovem, já fazia discursos em cima da “soap-box” [caixote] e, assim como Ernest, passou a fazer discursos para públicos mais elitizados posteriormente. Mas Avis destaca nesse trecho que ele não era um “mero” propagandista, e nos revela que o *Socialist Party* concebido por London na ficção não apenas tinha conselhos, mas também tinha líderes em posições hierarquicamente superiores a outros — não diferentemente do *Socialist Party* contemporâneo a London. Nesse mesmo capítulo, Austin Lewis, revolucionário real e amigo pessoal de London, também é citado como líder — além de candidato ao governo da Califórnia<sup>233</sup>. Mais à frente, Eugene Debs e outras lideranças reais são mencionados, em diferentes trechos. Em um capítulo à frente, Ernest discute a revolução com Avis, e indaga: “And if I and a few others should lead a million and a half of men into the houses of all the well-to-do, there would be a great deal of shooting, wouldn’t there?”<sup>234</sup> (LONDON, 1908, p.56). Esse milhão e meio de homens, explica Meredith, refere-se à votação dos socialistas nos Estados Unidos no período. Em que pese que Ernest está apresentando elementos gerais para uma pessoa recém-iniciada nos debates socialistas, trata-se de uma concepção na qual alguns poucos lideram massas votantes para o processo revolucionário. Na nota subsequente, Meredith chama o *Socialist Party* de “party of revolution” (LONDON, 1908, p.56), dando também a entender que o processo revolucionário seria dirigido por um único partido.

No capítulo *Philomaths*, novamente o peso dos socialistas é medido pelo voto, inclusive internacionalmente. Como já mencionado, Avis afirma que no discurso aos burgueses: “Ernest began by describing the army of revolution, and as he gave the figures of its strength (the votes cast in the various countries), the assemblage began to grow restless”<sup>235</sup> (LONDON, 1908, p.83). Nesse ponto, é importante lembrar que há o trecho citado no primeiro capítulo da presente dissertação, pertencente ao discurso *Revolution*, proferido por

232 “Depois que os convidados se foram, papai me contou como o havia encontrado. Andava pela rua certa noite e parou para ouvir um homem que, em cima de um caixote, falava para um grupo de trabalhadores. Esse homem era Ernest. Mas não se tratava de um simples pregador de rua: ocupava um alto posto no conselho do Partido Socialista, era um dos seus líderes, um líder por excelência, de acordo com a filosofia do socialismo.”

233 Ele de fato concorreu ao cargo em 1906.

234 “— E se eu, junto com outros, levássemos um milhão e meio de homens às casas de todos os ricos, haveria um tiroteio, não é?”

235 “Ernest começou descrevendo o exército da revolução e, à medida que dava os números da sua força (os votos recebidos em vários países), as pessoas ali reunidas começavam a ficar inquietas.”

Jack London — posteriormente publicado em uma coletânea em 1910 —, o qual vai em um sentido bastante parecido, pois nele aparentemente os números se baseiam na quantidade de votos em diferentes países, possivelmente por falta de outras formas de medir forças. Isso, no entanto, também indica a importância dada aos resultados eleitorais. Esse elemento aparece em outros momentos do romance, por exemplo, quando nos é dito que Ernest teria sido o primeiro revolucionário a perder as esperanças nas urnas, depois da ascensão da Oligarquia. Nesse caso, é interessante ressaltar que o discurso, escrito em março de 1905, não cita a Rússia, já em processo revolucionário. No terceiro capítulo abordaremos as consequências da centralidade dada pelos socialistas aos processos eleitorais.

Cabe também a observação, no trecho acima do capítulo *Philomaths*, de que Avis via a organização dos revolucionários como um exército, o que é coerente com a indicação de hierarquia entre os líderes e o resto dos militantes que é apresentada em trechos anteriores.

Essa ideia ainda retorna nesse mesmo capítulo, quando Ernest apresenta uma noção de revolução em que uma minoria lidera:

You have failed in your management of society, and your management is to be taken away from you. A million and a half of the men of the working class say that they are going to get the rest of the working class to join with them and take the management away from you. This is the revolution, my masters. Stop it if you can.  
<sup>236</sup> (LONDON, 1908, p.86-7)

A expressão “get the rest of the working class” parece indicar um processo revolucionário em que há poucos espaços para participação e auto-organização, como os presentes em diversas revoluções do século XX — sendo os conselhos operários russos, os soviets, um exemplo emblemático. O autor também enfatiza a tomada do poder como mera mudança de mãos da “administração”, o que pode significar pouca valorização de aspectos relativos à democratização e garantia de direitos igualitários.

Interessante observar que esse capítulo, em que Ernest discursa para um grupo de grandes empresários, conclui-se com uma reflexão estratégica. Após acusar os ouvintes de não terem, enquanto classe, sido capazes de administrar a sociedade, Everhard afirma que por isso mereceriam perder seu poder para a classe trabalhadora, através da eleição dos socialistas. Ernest oferece-lhes a palavra para se defender. Nenhum se defende da acusação,

<sup>236</sup> “Os senhores fracassaram em seu governo e o controle será arrancado de suas mãos. Um milhão e meio de operários vai reunir o restante da classe operária para tirar dos senhores o governo. Esta é a revolução, meus senhores. Detenham-na, se puderem.”

mas o último afirma que não eles precisam responder, e que defenderão pela força seu poder, mesmo que os socialistas sejam eleitos. A isso Ernest responde:

“That, also, have we considered,” Ernest replied. “And we shall give you a answer in terms of lead. Power you have proclaimed the king of words. Very good. Power it shall be. And in the day that we sweep to victory at the ballot- box, and you refuse to turn over to us the government we have constitutionally and peacefully captured, and you demand what we are going to do about it— in that day, I say, we shall answer you; and in roar of shell and shrapnel and in whine of machine-guns shall our answer be couched.”<sup>237</sup> (LONDON, 1908, p.98)

Isso evidencia, bem como o desenvolvimento do romance, que a concepção de revolução passa pela vitória eleitoral, sendo a revolta armada a alternativa no caso de a Oligarquia recusar-se a aceitar essa vitória. A construção do trecho ainda reforça uma visão de vitória eleitoral constitucional e pacífica, em oposição ao “roar of shell and shrapnel and in whine of machine-guns” — o que ressalta a violência dos próprios oligarcas, de ameaçar o poder conseguido pacificamente.

No capítulo seguinte, *Adumbrations*, evidencia-se outro elemento da organização e atuação dos socialistas: “Ernest had already questioned father's policy of having socialists and labor leaders at his house, and of openly attending socialist meetings; and father had only laughed at him for his pains”<sup>238</sup> (LONDON, 1908, p.100). Os círculos socialistas, compostos não só por trabalhadores, mas por intelectuais como Cunningham, fizeram parte da construção dos revolucionários em diversos momentos e lugares. Exemplos podem ser encontrados desde a Rússia pré-revolucionária até a Hungria em 1956 — onde um círculo de intelectuais, o Círculo Petöfi, foi fundamental para um levante mais amplo contra o domínio burocrático soviético. De fato, embora London pense uma organização revolucionária secreta e conspirativa, cheia de agentes duplos e espiões, seu contato com os socialistas parece ter se dado principalmente em reuniões e círculos desse tipo. Joan London afirma, sobre o período do *Socialist Labour Party*:

237 “— Também pensamos nisso — replicou Ernest. — E nós lhes responderemos com chumbo. Poder, o senhor proclamou, é rainha e mãe das palavras. Muito bem. Será o poder. No dia em que marcharmos para a vitória nas urnas, e que os senhores se recusarem a nos passar o governo que conquistamos constitucional e pacificamente... o senhor pergunta o que faremos... nesse dia, eu digo, nós lhes responderemos; e no troar de bombas e granadas e no ecoar das metralhadoras se estribará a nossa resposta.”

238 “Ernest já havia questionado a política de meu pai de receber líderes socialistas e operários em casa, e de comparecer abertamente a assembleias socialistas; meu pai apenas ria desse receio.”

A Socialist Labor party meeting in those days was composed of grave, well disciplined men and women, for the most part middle aged, and nearly all of them bearing the marks of people with regular standing in regular communities. If the proletariat proper was conspicuous by its absence, the number of intellectual members and sympathizers was gratifyingly high. [...] The meetings were decidedly not agitational but educational; in fact, the Socialist Labour Party was at that time conducting a very distinguished cultural campaign. The cream of the Bay region intellectuals attended more or less regularly [...] <sup>239</sup> (LONDON, 1939, p.196)

Parece, portanto, coerente tanto que a “campanha cultural” dos socialistas tenha chegado a um físico renomado<sup>240</sup> quanto que Cunningham estivesse presente em reuniões socialistas, mesmo nunca tendo pertencido à classe trabalhadora. Outra experiência biográfica de London também pode ajudar a compreender esse primeiro momento do romance, permeado de debates teóricos e de contato com intelectuais. Ele fez parte do *Ruskin Club*, grupo de debates formado principalmente por intelectuais, de maioria socialista, e fundado e organizado por Frederick Iron Bamford, amigo pessoal de London:

For some years before it finally faded out of existence the Ruskin Club was bright but not a brilliant spot in the social life of a community which was for the most part indescribably philistine. Very earnestly it discussed the "many phases of socialism", but at best its connections with the movement was tenuous. <sup>241</sup> (LONDON, 1939, p.226)

239 “Naquela época, uma reunião do Partido Socialista do Trabalho era composta por homens e mulheres graves e bem disciplinados, em sua maioria de meia idade, e quase todos com as marcas de pessoas com status mediano em comunidades medianas. Se o proletariado propriamente dito era notório por sua ausência, o número de membros intelectuais e simpatizantes era gratificadamente alto. [...] As reuniões eram decididamente não agitativas, mas educativas; de fato, o Partido Socialista do Trabalho estava naquele tempo conduzindo uma campanha cultural muito distinta. Os intelectuais da nata da região da Baía o frequentavam mais ou menos regularmente [...]” (tradução minha)

240 Meredith nos informa em nota que: “John Cunningham, Avis Everhard's father, was a professor at the State University at Berkeley, California. His chosen field was physics, and in addition he did much original research and was greatly distinguished as a scientist. His chief contribution to science was his studies of the electron and his monumental work on the “Identification of Matter and Energy,” wherein he established, beyond cavil and for all time, that the ultimate unit of matter and the ultimate unit of force were identical. This idea had been earlier advanced, but not demonstrated, by Sir Oliver Lodge and other students in the new field of radio-activity.” (LONDON, 1908, p.04)

Tradução: “John Cunningham, pai de Avis Everhard, era professor da Universidade Estadual de Berkeley, na Califórnia, onde ocupava a cadeira de Física; apresentou muitos trabalhos originais em pesquisa e gozava de grande reputação como cientista. Sua principal contribuição à Ciência foram os estudos do elétron e sua monumental obra Afinidade entre matéria e energia, em que estabelece definitivamente que a unidade final da matéria e a unidade final da força eram idênticas. Suas propostas haviam sido anteriormente desenvolvidas, mas não demonstradas, por Sir Oliver Lodge e outros pesquisadores, no nascente campo da radiatividade.”

241 “Por alguns anos, antes de finalmente desaparecer, o Clube Ruskin era um ponto fulgente, embora não brilhante, na vida social de uma comunidade que era na maior parte indescritivelmente filistina. Com muita seriedade, discutiu as ‘muitas fases do socialismo’, mas, na melhor das hipóteses, suas conexões com o movimento eram tênues.” (tradução minha)

O destaque de Joan London para a tênue relação entre o *Ruskin Club* e o movimento real dos trabalhadores pode ser interessante para a reflexão sobre alguns elementos do romance *The Iron Heel*. O papel de Cunnighan, por exemplo, parece coerente com essa falta de conexão com o movimento. Embora ele seja perseguido, perdendo seu emprego e seus bens, nunca se tornou uma liderança revolucionária, mantendo-se, assim, um intelectual estudioso da classe trabalhadora — após deixar a física para aventurar-se na sociologia — mas sem relações mais orgânicas com a organização revolucionária.

Outro elemento organizativo que aparece no romance e que se relaciona com a organização histórica dos socialistas são os jornais. Particularmente sobre o *Appeal to Reason*, jornal político dos socialistas factualmente publicado semanalmente no Meio-Oeste americano de 1895 até 1922, afirma Avis no capítulo *The Vortex*:

The Appeal to Reason was a weekly, and its regular circulation amongst the proletariat was seven hundred and fifty thousand. Also, it very frequently got out special editions of from two to five millions. These great editions were paid for and distributed by the small army of voluntary workers who had marshalled around the Appeal.<sup>242</sup> (LONDON, 1908, p.167)

Observa-se aqui que o jornal não era apenas um instrumento de propaganda dos socialistas, mas também tinha função de organizar trabalhadores para sua distribuição. Essa também era a concepção de Lenin, no mesmo período, sobre o jornal político.

O jornal não é apenas um propagandista coletivo e um agitador coletivo. Ele é, também, um organizador coletivo. Neste último sentido pode ser comparado com os andaimes que são levantados ao redor de um edifício em construção, que assinala seus contornos, facilitam as relações entre os diferentes pedreiros, ajudam-lhes a distribuírem as tarefas e a observar os resultados gerais alcançados pelo trabalho organizado” (LENIN, 1963, p. 17).

Nota-se que, para Lenin, o jornal tem essa dupla função de organização e de propaganda/agitação do socialismo, sendo fundamental para ambas. A importância que London dava ao *Appeal to Reason* tem o mesmo sentido — e é destacada no enredo, pois as instalações do jornal são alvo do primeiro ataque das “Black Hundreds” americanas no romance: “And then, without warning, a mob arose one night, and, under a waving American

242 “O *Appeal to Reason* era um semanário, e sua circulação regular entre os operários era de 750 mil exemplares. Além disso, frequentemente lançava edições especiais de dois a cinco milhões. Essas grandes edições eram pagas e distribuídas pelo pequeno exército de trabalhadores voluntários organizados em torno do *Appeal*.”

flag, singing patriotic songs, set fire to the great plant of the Appeal and totally destroyed it.”<sup>243</sup> (LONDON, 1908, p.168) O fato de o jornal ter esse papel de organizador, assim, explica porque ele seria um alvo tão central para a garantia da manutenção da Oligarquia no poder.

Ainda nesse mesmo capítulo apresenta-se outro elemento organizativo que vale ser observado. De forma geral, a organização dos revolucionários é apresentada de forma vaga, como se estivessem subentendidos os processos pelos quais o partido passa internamente. No trecho seguinte, por exemplo, não há indicações de como ou por que métodos se deu a nomeação de Ernest para concorrer ao congresso: “History was making fast. The fall elections were soon to occur, and Ernest was nominated by the socialist party to run for Congress”<sup>244</sup> (LONDON, 1908, p.169). Foram os círculos superiores do partido a escolher seu nome? O romance em geral não trata de Congressos ou Conferências do partido socialista, embora elas ocorressem a durante a vida de London. São chamadas de Conferência apenas uma pequena reunião entre socialistas e sindicalistas, de caráter informal, no capítulo *The Beginning of the end*, e uma conferência em Trieste, entre socialistas de diversos países Europeus para debater uma questão de âmbito internacional, o *Morocco Affair*, que é citada em nota no capítulo *The General Strike*. O desenvolvimento do romance mantém as tendências até aqui apontadas. Ainda no capítulo *The Vortex*, Avis cita uma reunião secreta. No capítulo seguinte, Avis conta como tornou-se secretária de Ernest, ressaltando um aspecto de divisão — inclusive sexual — do trabalho.

Já o capítulo sobre a greve geral aborda novamente os aspectos internacionais da organização dos socialistas, que a partir de reuniões organizam a greve tanto nos EUA quanto na Alemanha — enfatizando o papel de Ernest em sua articulação. Avis destaca a participação de trabalhadores não organizados (não pertencentes a sindicatos) e de mulheres — essas como promotoras da greve principalmente — na ação.

O capítulo *The Beginning of the end* trata de uma discussão com os líderes sindicalistas, em que Ernest percebe que eles estariam se associando com a Oligarquia para garantir benesses a alguns setores dos trabalhadores: “Never shall I forget the night when, after a hot discussion with half a dozen labor leaders, Ernest turned to me and said quietly:

243 “De repente, sem nenhum aviso, uma multidão apareceu durante a noite e, agitando a bandeira americana e cantando canções patrióticas, atearam fogo à grande oficina gráfica do *Appeal* e a destruíram por completo.”

244 “A história estava sendo escrita com rapidez. As eleições se aproximavam e Ernest foi nomeado candidato pelo Partido Socialista a uma vaga no Congresso”



‘That settles it. The Iron Heel has won. The end is in sight.’”<sup>245</sup> (LONDON, 1908, p.219).

Tanto nesse ponto como em algumas passagens anteriores, fica evidenciado que há algum nível de liberdade de discussão entre os revolucionários e entre os líderes trabalhadores. Isso aparece nesse capítulo principalmente porque Ernest percebe antes dos outros líderes a necessidade da revolução, entendendo que a Oligarquia não permitiria que os deputados socialistas assumissem. A discordância com os outros líderes atrasou os preparativos necessários, e a liberdade dos sindicalistas deu-os a oportunidade de trair a causa dos trabalhadores. Mais à frente, o capítulo *The End* mostra as formas de organização dos revolucionários em contexto de cerco repressivo da Oligarquia: a organização passa a ser mais secreta, passa a fazer julgamento dos traidores e a formar *Fighting Groups*:

The task we set ourselves was threefold. First, the weeding out from our circles of the secret agents of the Oligarchy. Second, the organizing of the Fighting Groups, and outside of them, of the general secret organization of the Revolution. And third, the introduction of our own secret agents into every branch of the Oligarchy—into the labor castes and especially among the telegraphers and secretaries and clerks, into the army, the agents-provateurs, and the slave-drivers. It was slow work, and perilous, and often were our efforts rewarded with costly failures.<sup>246</sup> (LONDON, 1908, p.247-8)

O contexto de espionagem e contra-espionagem cria uma imagem de uma teia subterrânea que desafia o poder da Oligarquia a partir de diversos espaços sociais. Esses elementos, bem como a noção de uma direção que comanda e de uma base que executa, seguem até o fim do manuscrito de Avis. No capítulo *The shadow of Sonoma*, por exemplo, somos apresentados a John Carlson, perfeita imagem do militante de “base”:

Before I go on I want to say a word for this comrade, a humble figure of the Revolution, one of the countless faithful ones in the ranks. [...] For nearly twenty years now John Carlson has been custodian of the refuge. No thought of disloyalty, I am sure, has ever entered his mind during all that time. To betray his trust would have been in his mind a thing undreamed. He was phlegmatic, stolid to such a

245 “Nunca esquecerei da noite em que, depois de uma acalorada discussão com meia dúzia de líderes operários, Ernest voltou-se para mim e disse:— Isso põe fim à discussão. O Tacaõ de Ferro venceu. O fim já pode ser visto.”

246 “A tarefa de que nos incumbimos era tripla. Primeiro, o extermínio, de nossos círculos, dos agentes secretos da oligarquia. Segundo, organizar os Grupos de Luta e, além deles, a organização geral secreta da Revolução. A terceira parte da tarefa era a introdução de nossos próprios agentes secretos em cada ramo da oligarquia: nas castas operárias, entre os telegrafistas, secretárias e escriturários, no exército, entre os agentes de provocação e entre os senhores de escravos. Era um trabalho demorado e perigoso, e muitas vezes o sucesso pelos nossos esforços custava-nos muito caro.”

degree that one could not but wonder how the Revolution had any meaning to him at all. And yet love of freedom glowed sombrely and steadily in his dim soul. In ways it was indeed good that he was not flighty and imaginative. He never lost his head. He could obey orders, and he was neither curious nor garrulous. [...] <sup>247</sup> (LONDON, 1908, p.270)

E nas próprias palavras de Carlson: “I have paid my dues for twenty-two years. I am yet a member, and I yet pay my dues, though it is very secret now. I will always pay my dues, and when the cooperative commonwealth comes, I will be glad.” <sup>248</sup> (LONDON, 1908, p.271).

Avis expressa sua admiração pela convicção e senso de responsabilidade de Carlson, mas os trechos não deixam de explicitar algum nível de simplismo em seus raciocínios, bem como certa falta de ambição — pela aceitação da mesma posição no partido por décadas. Sua disciplina também é exagerada, de uma forma que chega a idealizar a base do *Socialist Party* — destacando que ele se manteve protegendo um refúgio por vinte anos e pagando cotizações financeiras para a organização. Trata-se de um dos poucos revolucionários mencionados que não está em uma posição de direção. Por esses trechos também é possível perceber que sua disciplina é baseada em confiança e devoção à causa, não em qualquer processo de debate democrático interno ao partido.

O capítulo seguinte trata da transformação de Avis, exercício que ela faz de mudar sua aparência e seu gestual para escapar da detecção da Oligarquia. Ernest também, recém-saído da prisão, passa por uma operação plástica para mudar de rosto. No período anterior ao seu retorno, Avis está em um esconderijo e dá mais um indício de como era organizado o trabalho revolucionário clandestino:

Six lonely months I spent in the refuge, but they were not idle months. Our organization went on apace, and there were mountains of work always waiting to be done. Ernest and his fellow-leaders, from their prisons, decided what should be done; and it remained for us on the outside to do it. <sup>249</sup> (LONDON, 1908, p.276)

247 “Antes de continuar, quero dizer algumas palavras sobre esse companheiro, John Carlson, uma personagem humilde da Revolução, um dos incontáveis fiéis de nossas fileiras. Durante quase vinte anos, John Carlson tem sido o guardião de nosso refúgio. Nenhum pensamento desleal, estou certa, passou por sua mente durante todo esse tempo. Traição era algo que não lhe ocorria nem em sonhos. Era uma pessoa calma e impassível que não se podia imaginar que significado a Revolução tinha para ele. E apesar de tudo, o amor à liberdade iluminava de maneira melancólica e constante sua alma ensombrecida. De certa forma, era bom que ele não fosse muito imaginativo. Nunca perdia a cabeça. Conseguia obedecer ordens sem ser curioso nem falador.”

248 “Paguei minha cota durante vinte e dois anos. Ainda sou membro, e continuo cotizando, mas isso é segredo. Vou continuar pagando minha cota, e, quando a comunidade cooperativa chegar, eu vou ser feliz”

249 “Passei seis solitários meses no esconderijo, mas não foram meses de ócio. Nossa organização crescia rapidamente, e havia sempre uma quantidade enorme de trabalho por fazer. Ernest e seus companheiros de liderança, de suas prisões, decidiam o que devia ser feito; e cabia a nós, do lado de fora, fazê-lo.”

Novamente destaca-se o papel formulador dos líderes: mesmo presos, seguiam dando as principais ordens e fazendo os planos para a ação revolucionária. Também no capítulo sobre a Comuna de Chicago fica evidente um detalhado planejamento, feito pelos líderes, e uma execução relegada a agentes infiltrados, membros dos sindicatos e militantes em geral (LONDON, 1908, p.306-7).

Assim, é possível observar que London concebe uma organização com foco na propaganda teórica e na ação — de acordo com os diferentes momentos da conjuntura figurada por ele. Essa é uma organização hierarquizada, em que não há, ou não têm destaque, debates democráticos e abertos, e em que os líderes têm prerrogativa para pensar, enquanto o resto dos membros se mantém na posição de execução. Conforme o regime se fecha, essa organização vai tornando-se mais secreta e enfatiza medidas de segurança e infiltração. Curiosamente, a palavra “democracy” [democracia] aparece apenas uma vez no romance (a variante “democrat” [democrata] sempre aparece se referindo ao Partido Democrata), na primeira descrição de Avis sobre Ernest. Fica evidente que não se trata de uma reivindicação importante, nem de uma característica destacável do *Socialist Party* na construção de London. Pode-se dizer, é claro, que isso também indica como a ideia de “democracia” já estava impregnada pelo significado atribuído a ela pelas camadas burguesas.

Apesar disso, vale observar uma contradição interessante: o socialismo é referido como *Brotherhood of Man* ou *Cooperative Commonwealths* no romance, apesar de termos como “ditadura do proletariado” já existirem. Isso indica que, se London provavelmente não concebia a organização como um espaço democrático, ele possivelmente considerava a democracia como necessária para a nova sociedade a ser construída.

## 8. Situação no campo

A já explorada ascensão dos monopólios teve um significado específico para o desenvolvimento das relações sociais no campo durante o período que precedeu a escritura do romance *The Iron Heel*.

A partir de 1862, o *Homestead Act* definiu que quem cultivasse uma área (de até 160 hectares) por cinco anos teria sua propriedade. A lei poderia ter contribuído para o avanço para o leste e para mitigar os conflitos nas cidades, permitindo a dispersão da população urbana. A situação de fortalecimento das grandes corporações, bem como o processo de

industrialização que chegava também ao campo, impediram que esses possíveis objetivos fossem alcançados:

Between 1860 and 1910, the U.S. army, wiping out the Indian villages on the Great Plains, paved the way for the railroads to move in and take the best land. Then the farmers came for what was left. From 1860 to 1900 the population of the United States grew from 31 million to 75 million; now 20 million people lived west of the Mississippi, and the number of farms grew from 2 million to 6 million. With the crowded cities of the East needing food, the internal Market for food was more than doubled; 82 percent of the farm produce was sold inside the United States.

Farming became mechanized—steel plows, mowing machines, reapers, harvesters, improved cotton gins for pulling the fibers away from the seed, and, by the turn of the century, giant combines that cut the grain, threshed it, and put it in bags. In 1830 a bushel of wheat had taken three hours to produce. By 1900, it took ten minutes. Specialization developed by region: cotton and tobacco in the South, wheat and corn in the Midwest. Land cost money, and machines cost money—so farmers had to borrow, hoping that the prices of their harvests would stay high, so they could pay the bank for the loan, the railroad for transportation, the grain merchant for handling their grain, the storage elevator for storing it. But they found the prices for their produce going down, and the prices of transportation and loans going up, because the individual farmer could not control the price of his grain, while the monopolist railroad and the monopolist banker could charge what they liked.<sup>250</sup> (ZINN, 1980, p.262)

Trata-se de uma situação na qual os camponeses lutam constantemente por sua própria sobrevivência e pela manutenção de suas terras — o endividamento tornava muitos deles locatários das terras, por exemplo. Tais condições de submissão aos grandes monopólios diferenciam-se daquelas dos trabalhadores industriais por serem mais indiretas, não mediadas por um salário, mas não deixam por isso de ser relações de dependência e dominação. A

250 “Entre 1860 e 1910, o exército dos EUA, destruindo as aldeias indígenas nas Grandes Planícies, abriu o caminho para as ferrovias se moverem e tomarem a melhor terra. Então os agricultores vieram buscar o que restava. De 1860 a 1900, a população dos Estados Unidos cresceu de 31 milhões para 75 milhões; agora 20 milhões de pessoas vivem a oeste do Mississippi e o número de fazendas cresceu de 2 milhões para 6 milhões. Com as cidades lotadas do leste precisando de comida, o mercado interno de alimentos mais que dobrou; 82% dos produtos agrícolas era vendido nos Estados Unidos. O trabalho agrícola passou a ser feito com arados de aço mecanizado, segadoras, ceifeiras, colheitadeiras, descaroçadores de algodão aprimorados para puxar as fibras para longe das sementes e, na virada do século, combinações gigantes que cortavam o grão, o debulhavam e o colocavam em sacos. Em 1830, um alqueire de trigo levava três horas para ser produzido. Em 1900, levava dez minutos. Especialização desenvolvida por região: algodão e tabaco no sul, trigo e milho no centro-oeste. As terras custam dinheiro e as máquinas custam dinheiro — então os fazendeiros tinham que tomar emprestado, esperando que os preços de suas colheitas continuassem altos, para que pudessem pagar o banco pelo empréstimo, a estrada de ferro para o transporte, o comerciante de grãos por manusear seus grãos, o elevador de armazenamento para armazená-lo. Mas eles descobriram que os preços de seus produtos estavam diminuindo e os preços de transporte e empréstimos subindo, porque o agricultor individual não podia controlar o preço de seus grãos, enquanto a estrada de ferro monopolista e o banqueiro monopolista podiam cobrar o que quisessem. (tradução minha)

dispersão dos camponeses, que isoladamente produzem em suas terras, os impede de comprar maquinaria adequada à redução do tempo de produção necessária para se tornarem competitivos no mercado. Por isso, eles sempre dependem dos bancos, das corporações que detêm a maquinaria e controlam as estradas de ferro. Esse domínio via empréstimos é também característico da situação dos pequenos comerciantes urbanos, cuja dependência em relação aos monopólios se aprofunda no período.

Essas duas classes de “pequeno-burgueses” — o camponês e o pequeno comerciante — são objeto também do romance *The Iron Heel*, tanto por suas condições quanto pela sua organização política. No capítulo *Machine Breakers*, Avis relata um jantar organizado por seu pai com pequenos empresários, representantes da classe média.

Lemos, então, sobre um proprietário de uma pedreira:

Especially interesting was Mr. Asmunsen's narrative of his tribulations as a quarry owner. He confessed that he never made any profits out of his quarry, and this, in spite of the enormous volume of business that had been caused by the destruction of San Francisco by the big earthquake. For six years the rebuilding of San Francisco had been going on, and his business had quadrupled and octupled, and yet he was no better off. “The railroad knows my business just a little bit better than I do,” he said. “It knows my operating expenses to a cent, and it knows the terms of my contracts. How it knows these things I can only guess. It must have spies in my employ, and it must have access to the parties to all my contracts. For look you, when I place a big contract, the terms of which favor me a goodly profit, the freight rate from my quarry to market is promptly raised. No explanation is made. The railroad gets my profit. Under such circumstances I have never succeeded in getting the railroad to reconsider its raise. On the other hand, when there have been accidents, increased expenses of operating, or contracts with less profitable terms, I have always succeeded in getting the railroad to lower its rate. What is the result? Large or small, the railroad always gets my profits.”<sup>251</sup> (LONDON, 1908, p.121)

O controle do truste ferroviário sobre a produção dos pequenos proprietários parece exagerado — dada a teoria da personagem sobre possíveis espões — bem como outros

251 “As histórias do sr. Asmunsen sobre suas tribulações como dono de pedreira foram particularmente interessantes. Ele confessou que nunca obteve lucros com a pedreira, apesar do enorme volume de negócios provocado pela destruição de São Francisco por causa do grande terremoto. Durante seis anos, procedeu-se à reconstrução de São Francisco e seus negócios aumentaram de quatro a oito vezes, e nem por isso ele tinha melhorado de vida.— A ferrovia conhece mais do meu negócio do que eu mesmo — disse ele.

— Sabe para onde vai cada centavo dos meus gastos operacionais e conhece em pormenores os termos de meus contratos. Como sabe? Posso apenas imaginar. Deve ter espões na minha firma e saber com quem assino os contratos. Veja bem, quando eu assino um contrato importante, cujos termos me proporcionam um bom lucro, a taxa de frete da pedreira para o mercado aumenta em seguida e sem explicações. A ferrovia fica com todo o meu lucro. Nessas circunstâncias, nunca consegui fazer com que a ferrovia reconsiderasse os aumentos. Por outro lado, quando há acidentes, aumento de custos operacionais, ou contratos menos vantajosos, sempre consigo que reduza essas taxas. Conclusão: seja o meu lucro alto ou baixo, a ferrovia sempre fica com ele”

pontos no relato, como a inexistência de absolutamente nenhum lucro. Ainda assim, a noção de que o monopólio se apropria dos lucros da pedreira é coerente com a situação pela qual passavam os camponeses. A forma dessa apropriação, nesse trecho como na sequência do capítulo, fica evidente: a concentração de capital permite que os monopólios controlem o transporte das mercadorias e o uso de máquinas e estruturas de armazenamento.

No capítulo seguinte, *Mathematics of a Dream* essa condição próxima entre camponeses e pequenos empresários é destacada, bem como a situação de fragilidade de ambos os grupos:

“Day by day the trusts squeeze out the farmers as they squeezed out Mr. Calvin and the rest of the dairymen. And day by day are the merchants squeezed out in the same way. Do you remember how, in six months, the Tobacco Trust squeezed out over four hundred cigar stores in New York City alone? Where are the old-time owners of the coal fields? You know today, without my telling you, that the Railroad Trust owns or controls the entire anthracite and bituminous coal fields. [...] The small manufacturer is like the farmer; and small manufacturers and farmers today are reduced, to all intents and purposes, to feudal tenure. For that matter, the professional men and the artists are at this present moment villeins in everything but name, while the politicians are henchmen.”<sup>252</sup>[...] (LONDON, 1908, p.156)

A imagem do esmagamento dos setores intermediários é evidente no trecho, pelo uso de palavras como “squeeze” [espremem], repetida algumas vezes, bem como a redução dos camponeses a “feudal tenure” [glebas feudais] e de profissionais e artistas a “villeins” [vilões]. London, assim, procura destacar as consequências da concentração e centralização do capital também para as camadas pequeno-burguesas, da mesma forma que apresenta a maior exploração dos trabalhadores e os problemas relativos ao desemprego e à carestia de vida. É importante, no entanto, reiterar que Ernest entende como “progressista” a maior “combinação” na economia — não é a favor de abrir mão do desenvolvimento industrial para manter a situação confortável para os pequenos empresários, como já foi apontado mais acima.

252 “Dia a dia, os monopólios espremem os agricultores assim como espremeram o sr. Calvin e os leiteiros. E dia a dia os comerciantes são espremidos da mesma maneira. Lembram-se de como, em seis meses, o monopólio do tabaco espremeu quatrocentas tabacarias apenas na cidade de Nova York? Onde estão os proprietários das minas de carvão de antigamente? Sabem hoje, sem que eu precise lhes dizer, que o monopólio das estradas de ferro possui ou controla todas as minas de carvão, seja de antracite ou do betuminoso. [...] Os pequenos manufatureiros são como os agricultores; e os pequenos manufatureiros e agricultores de hoje estão reduzidos, para todos os efeitos, às glebas feudais. Da mesma forma, pode-se dizer que os profissionais e os artistas são hoje vilões, em tudo menos no nome, e os políticos meros capachos.”

Esse posicionamento do protagonista leva a uma discordância com relação à estratégia política dos pequenos empresários. Ernest defende que, em vez de tentar organizar os camponeses e a “classe média” (os pequenos empresários), em um partido próprio, as lideranças deveriam se juntar aos socialistas contra os monopólios.

### 8.1. A organização dos camponeses

Também ocorrem nesse período da história dos EUA as primeiras tentativas de organizar os camponeses em um partido independente, elemento que não foge à atenção de London. Em nota explicativa no capítulo *Machine Breakers*, Meredith informa: “Many efforts were made during this period to organize the perishing farmer class into a political party, the aim of which was destroy the trusts and corporations by drastic legislation. All such attempts ended in failure”<sup>253</sup> (LONDON, 1908, p.124). Observa-se no trecho que, apesar o tom enciclopédico de Meredith, ele entende o campesinato como uma classe decadente e identifica sua organização com a tentativa de combater os trustes por vias internas às instituições. De fato, os “muitos esforços” a que Meredith sem refere na nota parecem referir-se aos processos reais de organização dessa classe, as quais se iniciaram com a *Farmers Alliance* e culminaram na formação do *People’s Party* ou *Populist Party*. A relação de ambos os partidos dominantes com os interesses dos monopólios é o que determina a necessidade dessa organização:

Lawrence Goodwyn, in his study of the Populist movement (The Democratic Promise), says that after the Civil War both parties now were controlled by capitalists. They were divided along North-South lines, still hung over with the animosities of the Civil War. This made it very hard to create a party of reform cutting across both parties to unite working people South and North—to say nothing of black and white, foreign-born and native-born.<sup>254</sup> (ZINN, 1980, p.263)

Apesar dessa dificuldade apontada, a *Farmers Alliance* cresceu durante o último período do século XIX, desafiando economicamente o controle que os monopólios tinham sobre a

253 “Muitos esforços foram feitos durante esse período para organizar a moribunda classe agropecuária em um partido político. O objetivo era acabar com os monopólios e as corporações por meio de uma legislação rigorosa. Essa tentativa redundou em fracasso.”

254 “Lawrence Goodwyn, em seu estudo do movimento populista (A Promessa Democrática), diz que após a Guerra Civil os dois partidos agora eram controlados pelos capitalistas. Eles estavam divididos ao longo das linhas Norte-Sul, ainda de ressaca com as animosidades da Guerra Civil. Isso dificultava a criação de um partido reformista que dividisse ambos os partidos para unir os trabalhadores do Sul e do Norte — sem falar em negros e brancos, estrangeiros e nativos.” (tradução minha)

produção no campo. Zinn informa que, sob o peso da depressão de 1877, um grupo de fazendeiros brancos no Texas formou a primeira *Farmers Alliance*, e que em 1882 havia já 120 sub-alianças, que davam alternativas aos fazendeiros, como formar cooperativas para comprar conjuntamente e conseguir melhores preços (ZINN, 1980, p.264). Esse movimento seguiu crescendo nos anos seguintes, elegendo representantes no Kansas, na Geórgia e no Congresso Nacional. Esses cargos, no entanto, pouco significavam dado que os setores mais importantes se mantinham no controle do Partido Republicano e do Partido Democrata:

This was, however, Goodwyn says, “an elusive revolution, because the party machinery remained in the hands of the old crowd, and the crucial chairmanships of important committees, in Congress, in the state legislatures, remained in the hands of the conservatives, and corporate power, in the states, in the nation, could use its money to still get what it wanted.”<sup>255</sup> (ZINN, 1980, p.266)

Zinn destaca como o movimento, agora já um partido independente, desenvolveu posições anticapitalistas e de solidariedade com a luta dos trabalhadores industriais:

The Alliances were not getting real power, but they were spreading new ideas and a new spirit. Now, as a political party, they became the People's party (or Populist party), and met in convention in 1890 in Topeka, Kansas. The great Populist orator from that state, Mary Ellen Lease, told an enthusiastic crowd: “Wall Street owns the country. It is no longer a government of the people, by the people, and for the people, but a government of Wall Street, by Wall Street and for Wall Street... Our laws are the output of a system which clothes rascals in robes and honesty in rags... the politicians said we suffered from overproduction. Overproduction, when 10,000 little children... starve to death every year in the U.S. and over 100,000 shop girls in New York are forced to sell their virtue for bread.”<sup>256</sup> (ZINN, 1980, p.267)

Tal solidariedade não se restringia às manifestações genéricas, se expandiu para demonstrações de apoio a lutas concretas, algumas das quais já tratadas mais acima:

255 “Goodwyn diz que isso foi ‘uma revolução ilusória, porque a maquinaria do partido permaneceu nas mãos do velho grupo e as presidências cruciais de importantes comitês, no Congresso, nas legislaturas estaduais, permaneceram nas mãos dos conservadores, e o poder corporativo, nos estados e no país, poderia usar seu dinheiro para ainda conseguir o que queria’. (tradução minha)

256 “As Alianças não estavam conseguindo poder real, mas estavam espalhando novas ideias e um novo espírito. Agora, como partido político, elas se tornaram o partido do povo (ou partido populista) e se reuniram em convenção em 1890 em Topeka, Kansas. A grande oradora populista daquele estado, Mary Ellen Lease, disse a uma multidão entusiasmada:

‘Wall Street é dona do país. Não é mais um governo do povo, pelo povo e para o povo, mas um governo de Wall Street, por Wall Street e por Wall Street ... Nossas leis são a saída de um sistema que veste malandros em mantos e honestidade em trapos... os políticos disseram que sofreremos de superprodução. Superprodução, quando 10.000 crianças pequenas morrem de fome todos os anos nos EUA e mais de 100.000 trabalhadoras em Nova York são forçadas a vender sua virtude por pão.’ (tradução minha)



More important than theoretical connections were the Populist expressions of support for workers in actual struggles. The Alliance-Independent of Nebraska, during the great strike at the Carnegie steel plant, wrote: "All who look beneath the surface will see that the bloody battle fought at Homestead was a mere incident in the great conflict between capital and labor." Coxe's march of the unemployed drew sympathy in the farm areas; in Osceola, Nebraska, perhaps five thousand people attended a picnic in Coxe's honor. During the Pullman strike, a farmer wrote to the governor of Kansas: "Unquestionably, nearly, if not quite all Alliance people are in fullest sympathy with these striking men."<sup>257</sup> (ZINN, 1980, p.272)

Apesar das perspectivas avançadas do movimento, ele tornou-se cada vez mais restrito aos âmbitos eleitorais, o que tendia a favorecer os setores menos frágeis e radicalizados das classes médias representadas pelo partido. Essa situação fica evidente a partir do processo eleitoral de 1892, culminando no processo eleitoral de 1896, em que o Partido Populista apoiou o candidato do Partido Democrata:

A People's party nominating convention in Omaha in July of 1892 nominated James Weaver, an Iowa Populist and former general in the Union army, for President. The Populist movement was now tied to the voting system. Their spokesman Polk had said they could "link their hands and hearts together and march to the ballot box and take possession of the government, restore it to the principles of our fathers, and run it in the interest of the people." Weaver got over a million votes, but lost. (ZINN, 1980, p.267)

[...]

Once allied with the Democratic party in supporting William Jennings Bryan for President in 1896, Populism would drown in a sea of Democratic politics.

The pressure for electoral victory led Populism to make deals with the major parties in city after city. If the Democrats won, it would be absorbed. If the Democrats lost, it would disintegrate. Electoral politics brought into the top leadership the political brokers instead of the agrarian radicals.<sup>258</sup> (ZINN, 1980, p.272)

257 "Mais importantes que as conexões teóricas foram as expressões populistas de apoio aos trabalhadores em lutas reais. O *Alliance-Independent*, de Nebraska, durante a grande greve na fábrica de aço de Carnegie, escreveu: 'Todos os que olham abaixo da superfície verão que a sangrenta batalha travada em Homestead foi um mero incidente no grande conflito entre capital e trabalho'. A marcha dos desempregados de Coxe atraiu simpatia pelas áreas agrícolas; em Osceola, Nebraska, talvez cinco mil pessoas assistiram a um piquenique em homenagem a Coxe. Durante a greve de Pullman, um fazendeiro escreveu ao governador do Kansas: 'Inquestionavelmente, quase, senão todo o povo da Aliança está em total simpatia por esses homens atingidos'". (tradução minha)

258 "Uma convenção de indicação do Partido Populista em Omaha, em julho de 1892, nomeou James Weaver, um populista de Iowa e ex-general do exército da União, para presidente. O movimento populista estava agora vinculado ao sistema de votação. O porta-voz Polk disse que eles poderiam 'unir suas mãos e corações e marchar para as urnas e tomar posse do governo, restabelecer os princípios de nossos pais e administrá-los no interesse do povo'. Weaver conseguiu mais de um milhão de votos, mas perdeu. (...) Uma vez aliado ao Partido Democrata, apoiando William Jennings Bryan à presidência em 1896, o populismo se afogaria em um mar de política democrática. A pressão pela vitória eleitoral levou o populismo a fazer acordos com os principais partidos cidade após cidade. Se os democratas vencessem, ele seria absorvido. Se os democratas perdessem, se desintegraria. A

Essa aliança com um dos partidos das corporações, assim, aponta a dificuldade de criação de um partido independente dos camponeses, identificada pela nota de Meredith acima citada. Vale ressaltar que, ainda nessa nota, Meredith se refere aos camponeses como classe “decadente”, o que tem a ver com a leitura de que o progresso em economia depende de maior “combinação” entre os produtores. Então, a solução da situação da classe média não poderia vir de sua organização independente, por tratar-se de uma tentativa retrógrada, de restabelecer a pequena propriedade em um contexto em que os monopólios sistematicamente a esmagam. É por isso que o personagem Ernest Everhard defende a unidade entre a classe operária e a classe média:

“I’ll show you another way!” he cried. “Let us not destroy those wonderful machines that produce efficiently and cheaply. Let us control them. Let us profit by their efficiency and cheapness. Let us run them for ourselves. Let us oust the present owners of the wonderful machines, and let us own the wonderful machines ourselves. That, gentlemen, is socialism, a greater combination than the trusts, a greater economic and social combination than any that has as yet appeared on the planet. It is in line with evolution. We meet combination with greater combination. It is the winning side. Come on over with us socialists and play on the winning side.”<sup>259</sup> (LONDON, 1908, p.134)

Fica evidente que o protagonista está disputando, ao mesmo tempo, a concepção de progresso dos pequenos proprietários e sua organização política — defende que a produção a partir da maquinaria seria superior, chegando a usar o adjetivo “wonderful” [maravilhosas] para as máquinas, e chama literalmente esses setores para juntarem-se ao “winning side” [lado vitorioso].

O desenvolvimento do romance dá razão para Ernest. Além das já citadas manobras legislativas e judiciárias contra o *Granger Party*, o avanço do regime da Oligarquia ataca fortemente a sobrevivência dos camponeses, e sua organização política.

The seven great trusts, working together, had pooled their enormous surpluses and made a farm trust. The railroads, controlling rates, and the bankers and stock

---

política eleitoral trouxe à liderança superior os intermediários políticos, em vez dos radicais agrários.” (tradução minha)

259 “ — Vou mostrar-lhe outra maneira. Em vez de destruir essas máquinas maravilhosas que produzem com eficiência e pouco gasto, por que não as controlamos? Por que não passamos a lucrar com a eficiência e o pouco gasto? Por que não tirá-las dos proprietários atuais e possuí-las nós mesmos? Isso, cavalheiros, é socialismo, uma fusão muito maior do que os monopólios, uma fusão social e econômica maior do que qualquer outra que já apareceu na face da terra. Pertence ao curso da evolução. Enfrentamos a fusão com uma fusão ainda maior. Esse é o lado vencedor. Juntem-se a nós socialistas e lutem no lado vencedor.”

exchange gamesters, controlling prices, had long since bled the farmers into indebtedness. The bankers, and all the trusts for that matter, had likewise long since loaned colossal amounts of money to the farmers. The farmers were in the net. All that remained to be done was the drawing in of the net. This the farm trust proceeded to do.<sup>260</sup> (LONDON, 1908, p.206)

E mais à frente, no capítulo *The End*:

The trouble arose first with the Grangers in the various states they had captured at the last election. There were a dozen of these states, but the Grangers who had been elected were not permitted to take office. The incumbents refused to get out. It was very simple. They merely charged illegality in the elections and wrapped up the whole situation in the interminable red tape of the law. The Grangers were powerless. The courts were in the hands of their enemies.<sup>261</sup> (LONDON, 1908, p.240-1)

London apresenta, assim, a destruição dos fazendeiros a partir da concorrência com um truste agrícola poderoso, com relações com os outros trustes. Novamente, a perda do poder econômico desses setores é acompanhada pela perda, ou antes impossibilidade de desenvolvimento, de um poder político independente.

Vale ainda ressaltar a ideia de que os socialistas teriam que disputar a influência sobre os setores pequeno-burgueses, o que é coerente com a preocupação de alguns socialistas contemporâneos. Lenin, por exemplo, criticando as tendências de pensamento de Kautsky, define essa disputa como tarefa do partido: “To combat these tendencies is the bounden duty of the party of the proletariat, which must win away from the bourgeoisie the small proprietors who are duped by them, and the millions of working people who enjoy more or less petty-bourgeois conditions of life”<sup>262</sup> (LENIN, 2008, p. 30). As consequências da incapacidade dos socialistas de organizarem essa classe média serão desenvolvidas no próximo capítulo.

<sup>260</sup> “Os sete grandes monopólios, trabalhando juntos, uniram seus enormes excedentes e criaram um monopólio agrícola. As ferrovias, controlando o frete, e os banqueiros e os especuladores da bolsa, controlando os preços, tinham, há muito tempo, colocando os fazendeiros em insolvência. Os banqueiros e todos os monopólios relacionados agiam com o mesmo objetivo, emprestando grandes somas de dinheiro aos fazendeiros. Os fazendeiros haviam caído na rede. Tudo o que restava a fazer era jogar a rede. Foi isso o que fez o monopólio agrícola.”

<sup>261</sup> “O problema começou a surgir com os ruralistas. Foi nos Estados onde tinham sido eleitos. Em alguns deles, não tiveram permissão de tomar posse. Os antigos parlamentares se recusavam a deixar o cargo. Eles declararam que houve irregularidade nas eleições e arrolaram a situação nos trâmites da justiça. Os ruralistas não tinham força. Os tribunais eram o último recurso, mas os tribunais estavam nas mãos do inimigo.”

<sup>262</sup> “A luta contra tais tendências é obrigatória para o partido do proletariado, que deve arrancar à burguesia os pequenos proprietários que ela engana e os milhões de trabalhadores cujas condições de vida são mais ou menos pequeno-burguesas.” (tradução minha)

## 9. Setores marginalizados da classe trabalhadora

Por fim, é importante notar que há aspectos fundamentais do contexto contemporâneo dos quais London não trata, particularmente aqueles referentes a setores superexplorados e oprimidos, como os imigrantes, as mulheres e os negros.

A força de trabalho imigrante foi abundantemente utilizada para o crescimento industrial já analisado, sendo essencial na ampliação da rede de transporte, particularmente o ferroviário. Ainda assim, trabalhavam em diversos setores, sempre em condições piores que os trabalhadores estadunidenses. Zinn informa que a construção da estrada de ferro *Central Pacific* foi feita por três mil imigrantes irlandeses e dez mil chineses por um período de quatro anos. Já a *Union Pacific* foi construída por vinte mil trabalhadores — veteranos de guerra e irlandeses — com muitas mortes inclusive em batalhas com indígenas. Destaca também a importação em massa dos imigrantes para os mais diversos trabalhos: nos anos 1880 eram da ordem de dois milhões e meio, subindo para 4 milhões na década seguinte. Sua exploração mantinha os salários em geral mais baixos, eles eram mais controláveis, mais vulneráveis e deslocados culturalmente, sendo úteis inclusive como fura-greves. (ZINN, 1980, p.235)

Os sindicatos e as organizações socialistas preocupavam-se com a organização dos imigrantes, apesar de grandes dificuldades que os diversos idiomas e situações traziam para eles. Foner indica que a discriminação era condenada nos inícios do *Knights of Labor* e AFL, duas importantes centrais sindicais, embora isso não atingisse a todos os imigrantes:

Far from discouraging these requests, the leadership of the Knights repeatedly stressed the necessity of organizing workmen, regardless of nationality, bringing the message and educational material of the Order to them in their own languages, engaging organizers who would be able to speak to these workers in their native tongues, and forming assemblies based on nationality groupings. In forming "mixed" assemblies composed of workers of different nationalities, organizers were often required to be linguists. (FONER, 1955, p. 58) [...]

Candidates for the youthful A. F. of L. were required to take the following pledge: "I promise never to discriminate against a fellow worker on account of color, creed or nationality." One group, however, was not included within the scope of this pledge — the Asian workers.<sup>263</sup> (FONER, 1955, p.204)

263 “Longe de desencorajar esses pedidos, a liderança dos *Knights* enfatizou repetidamente a necessidade de organizar os trabalhadores, independentemente da nacionalidade, trazendo a mensagem e o material educacional da Ordem para eles em seus próprios idiomas, contratando organizadores que pudessem falar com esses trabalhadores em suas línguas nativas e formando assembleias com base em grupos de nacionalidades. Ao

Apesar dessa situação de opressão e superexploração dos imigrantes, a qual era reconhecida pelas organizações trabalhistas do período, London pouco trata dos trabalhadores imigrantes no romance *The Iron Heel*.

Avis destaca, ao apresentar Ernest, que ele era “descendant of the old line of Everhards that for over two hundred years had lived in America”<sup>264</sup> e nesse ponto Meredith adiciona uma nota: “The distinction between being native born and foreign born was sharp and invidious in those days.”<sup>265</sup> (LONDON, 1908, p.25). Trata-se do reconhecimento da divisão entre nativos e imigrantes, mas sem aprofundamentos sobre as consequências dessa distinção social no período. Por outro lado, a nota de Meredith implica que na *Brotherhood of Man*, o futuro socialista, essa distinção não faz mais sentido. O romance ainda reproduz estereótipos, como na seguinte nota de Meredith à palavra “Irishism”: “Verbal contradictions, called BULLS, were long an amiable weakness of the ancient Irish.”<sup>266</sup> (LONDON, 1908, p.67). A única nacionalidade que aparece mais vezes no romance é a alemã. A situação de uma trabalhadora idosa alemã é retratada detidamente no capítulo *The Bishop*, como já citado mais acima. Os alemães ainda são citados como aliados na greve geral contra a guerra imperialista, e um revolucionário alemão, Biedenbach, também se torna um militante próximo a Avis no período em que Ernest está preso.

Outra fraqueza notável está na referência às pessoas negras no romance. A situação no período, pouco posterior ao fim do sistema escravagista, é de extrema superexploração no trabalho, opressão e violência contra a população negra. Os sindicatos, apesar do racismo existente entre os trabalhadores brancos, buscavam organizar os trabalhadores negros:

In the cotton fields, blacks were dispersed in their work, but in the sugar fields, work was done in gangs, so there was opportunity for organized action. In 1880, they had struck to get a dollar a day instead of 75 cents, threatening to leave the state. Strikers were arrested and jailed, but they walked the roads along the sugar fields, carrying banners: "A DOLLAR A DAY OR KANSAS." They were arrested again and again

---

formar assembleias “mistas” compostas por trabalhadores de diferentes nacionalidades, os organizadores eram frequentemente linguistas. [...] Os candidatos à jovem A. F. de L. foram obrigados a assumir o seguinte compromisso: ‘Prometo nunca discriminar um colega de trabalho por causa de cor, credo ou nacionalidade’. Um grupo, no entanto, não foi incluído no escopo dessa promessa — os trabalhadores asiáticos.” (tradução minha)

264 “Era filho de operários, mas descendia de uma família tradicional, estabelecida há mais de duzentos anos nos Estados Unidos”

265 “Na época, a distinção entre as pessoas nascidas no país e as que vinham de fora era aguda e discriminatória”

266 “Irishism ou Irish bulls, uma contradição verbal, considerada como uma agradável peculiaridade dos irlandeses.”

for trespassing, and the strike was broken. By 1886, however, the Knights of Labor was organizing in the sugar fields, in the peak year of the Knights' influence. The black workers, unable to feed and clothe their families on their wages, often paid in store scrip, asked a dollar a day once more. The following year, in the fall, close to ten Thousand sugar laborers went on strike, 90 percent of them Negroes and members of the Knights. The militia arrived and gun battles began.<sup>267</sup> (ZINN, 1980, p.253)

Os socialistas defendiam a igualdade racial, mas davam pouca ênfase ao tratamento de questões específicas desse setor da classe trabalhadora:

There were Negroes in the Socialist party, but the Socialist party did not go much out of its way to act on the race question. As Ray Ginger writes of Debs: "When race prejudice was thrust at Debs, he always publicly repudiated it. He always insisted on absolute equality. But he failed to accept the view that special measures were sometimes needed to achieve this equality."<sup>268</sup> (ZINN, 1980, p.326)

London também não dá a devida atenção, no romance, para a situação desses trabalhadores. Por um lado, ele indica que há negros no partido socialista, como mostra o trecho seguinte, em que Avis encontra uma militante negra no trem para Chicago, no capítulo *The Chicago Commune*:

I asked the maid in the dressing-room how late the train was, and she told me two hours. She was a mulatto woman, and I noticed that her face was haggard, with great circles under the eyes, while the eyes themselves were wide with some haunting fear.

"What is the matter?" I asked.

"Nothing, miss; I didn't sleep well, I guess," was her reply.

I looked at her closely, and tried her with one of our signals. She responded, and I made sure of her.

267 "Nos campos de algodão, os negros estavam dispersos em seu trabalho, mas nos campos de açúcar, o trabalho era realizado em grupos, de modo que havia oportunidade de ação organizada. Em 1880, eles haviam conseguido um dólar por dia em vez de 75 centavos, ameaçando deixar o estado. Os grevistas foram presos, mas percorreram as estradas ao longo dos campos de açúcar, carregando cartazes: 'UM DÓLAR POR DIA OU KANSAS'. Eles foram presos repetidamente por invasão e a greve foi interrompida. Em 1886, no entanto, os *Knights of labour* estavam se organizando nos campos de açúcar, no ano de pico da influência dos *Knights*. Os trabalhadores negros, incapazes de alimentar e vestir suas famílias com seus salários, geralmente pagos em espécie, pediam um dólar por dia mais uma vez. No ano seguinte, no outono, quase dez mil açucareiros entraram em greve, 90% deles negros e membros dos *Knights*. A milícia chegou e as batalhas começaram." (tradução minha)

268 "Havia negros no partido socialista, mas o partido socialista não se esforçou muito para agir sobre a questão racial. Como Ray Ginger escreve sobre Debs: 'Quando o preconceito racial era colocado para Debs, ele sempre o repudiava publicamente. Ele sempre insistia na igualdade absoluta. Mas ele não aceitava a opinião de que às vezes eram necessárias medidas especiais para alcançar essa igualdade'". (tradução minha)

“Something terrible is going to happen in Chicago,” she said. “There’s that fake train in front of us. That and the troop-trains have made us late.”<sup>269</sup> (LONDON, 1908, p.314)

Por outro lado, além de os negros não serem citados particularmente nas discussões sobre a situação da classe trabalhadora, há um trecho em que Avis evidentemente considera-os menos capazes intelectualmente na sequência desse mesmo capítulo:

Hartman and I had breakfast together in the dining car, and I forced myself to eat. The sky had clouded, and the train rushed on like a sullen thunderbolt through the gray pall of advancing day. The very negroes that waited on us knew that something terrible was impending.<sup>270</sup> (LONDON, 1908, p.314-5)

Foner aponta que, na obra de London, a “supremacia branca” é um desvio importante, relacionado à referência que o autor tinha em certos pensadores pragmáticos, como já desenvolvido. Os traços de preconceito racial e nacional que encontramos no *The Iron Heel*, no entanto, são pontuais, pois, também de acordo com Foner, em suas obras socialistas o autor tende a evitar esses posicionamentos.

Nothing that he read in Spencer and his disciple, Haeckel and Kidd, weakened London's belief in the inevitability of the class struggle under capitalism system or his confidence in the ultimate triumph of socialism. From them he did obtain, however pseudo-scientific justification for the most serious flaw in his thinking - the doctrine of white supremacy, a doctrine that was to remain with him to the end of his life. One persistently recurrent themes in London's stories is the supremacy over all other peoples of the white man.

[...]

The amazing thing, however, is that so little of this actually entered into Jack London's writings and speeches for the socialist movement, for here he lowered the race barrier and called all men Comrades, the black, and the brown as well as the white.<sup>271</sup> (FONER, 1947, p.36)

269 “Perguntei à arrumadeira na cabina quanto tempo estávamos atrasados, e ela me disse que em duas horas. Era mulata e percebi que seu rosto demonstrava sinais de cansaço, com olheiras, apesar de seus olhos serem grandes e parecerem assustados.

— O que aconteceu? — perguntei-lhe.

— Nada, senhora. Acho que não dormi direito — respondeu.

Olhei mais de perto e fiz-lhe um de nossos sinais secretos. Ela respondeu e se revelou.

— Algo terrível vai acontecer em Chicago — ela disse. — É aquele trem de mentirinha que vai à frente. Ele e mais o trem das tropas estão nos atrasando.”

270 “Hartman e eu tomamos o café da manhã juntos no carro-restaurante, e eu me esforcei para comer. O céu estava cheio de nuvens, e o trem avançava como um triste corisco através da mortalha cinza do dia que avançava. Até os negros que nos serviam sabiam que algo terrível estava para acontecer.”

271 “Nada do que ele leu em Spencer e seus discípulos, Haeckel e Kidd, enfraqueceu a crença de London na inevitabilidade da luta de classes sob o sistema capitalista ou em sua confiança no triunfo final do socialismo. A partir deles, obteve, qualquer justificativa pseudo-científica para a falha mais séria em seu pensamento — a

Cabe ainda ressaltar, porém, que London integra de forma interessante o socialista negro W.E.B. Du Bois ao romance. Em uma nota de Meredith, após a prisão de Ernest, nos é informado que Du Bois era um dos 52 congressistas do partido socialista que foram presos:

The fifty-two socialist Congressmen were confined in military fortresses scattered all over the United States. Thus, Du Bois and Woods were held in Porto Rico, while Everhard and Merryweather were placed in Alcatraz, an island in San Francisco Bay that had already seen long service as a military prison.<sup>272</sup> (LONDON, 1908, p.256)

Essa passagem é interessante porque Du Bois, que havia se aproximado das doutrinas socialistas por volta de 1905, só entra no *Socialist Party* depois da escritura do romance, em 1912 (RUDWICK, 1998, n.p.). Há ainda outra passagem, de pouco destaque, em que Avis conta-nos que uma de suas companheiras revolucionárias casou-se com Du Bois — não é evidenciado se ela é negra, e portanto se se trata de um casamento interracial —, e Meredith informa-nos em nota subsequente que um dos descendentes de Du Bois trabalha na biblioteca da cidade de Ardis, no período da *Brotherhood of Man*. (LONDON, 1908, p.276)

A situação das mulheres e sua participação no movimento dos trabalhadores era também importante no período debatido, com importantes greves protagonizadas por elas. Zinn relata que, em 1884, assembleias de trabalhadoras têxteis entraram em greve, e que, no ano seguinte, trabalhadoras da indústria de camisas e casacos (em conjunto com trabalhadores homens, mas com reuniões separadas) em Nova York também entraram em greve. As reivindicações passavam por maiores salários e menores jornadas. No mesmo ano o primeiro grupo de trabalhadoras se filiou ao *Knights of Labour* e houve piquetes de 2500 mulheres, muitas das quais se sindicalizaram posteriormente (ZINN, 1980, p.247). As mulheres também se organizavam entre os socialistas, ainda que sem o protagonismo que muitas vezes era mostrado na luta:

---

doutrina da supremacia branca, uma doutrina que deveria permanecer com ele até o fim de sua vida. Um persistentemente recorrente tema nas histórias de London é a supremacia do homem branco sobre todos os outros povos. [...]

O mais surpreendente, no entanto, é que tão pouco disso realmente entrou nos escritos e discursos de Jack London para o movimento socialista, pois aqui ele abaixava a barreira racial e chamava todos os homens de camaradas, pretos e pardos assim como brancos.” (tradução minha)

272 “Os cinquenta e dois parlamentares socialistas foram presos em fortes militares espalhados por todos os Estados Unidos. Assim, Du Bois e Woods foram levados para Porto Rico, enquanto Everhard e Merry Weather ficaram em Alcatraz, uma ilha na baía de São Francisco que há muito tempo servia de prisão militar.”



Women were active in the socialist movement, more as rank-and-file workers than as leaders and, sometimes, as sharp critics of socialist policy. [...] Only 3 percent of the Socialist party's members were women in 1904. At the national convention that year, there were only eight women delegates. But in a few years, local socialist women's organizations, and a national magazine, *Socialist Woman*, began bringing more women into the party, so that by 1913, 15 percent of the membership was women.<sup>273</sup> (ZINN, 1980, p.320)

Essa presença das mulheres é apresentada de forma contraditória no *The Iron Heel*. Se por um lado London constrói a narrativa a partir de uma narradora-personagem, que se filia ao socialismo e em nenhum momento sofre situações de sexismo ou exclusão de espaços por seu gênero, a presença das mulheres no movimento é pouco destacada — e seu papel muitas vezes restrito a seu lugar na família.

Em diversos dos seus discursos Ernest destaca a situação de superexploração das mulheres e crianças, o que também aparece na seguinte nota de Meredith, no capítulo *Challenges*:

There is no more horrible page in history than the treatment of the child and women slaves in the English factories in the latter half of the eighteenth century of the Christian Era. In such industrial hells arose some of the proudest fortunes of that day.<sup>274</sup> (LONDON, 1908, p.34)

O momento em que mais se destaca a participação das mulheres no movimento é a greve geral, mas não como agentes, e sim como promotoras, em defesa de seus “homens”. No trecho abaixo evidencia-se que a oposição das mulheres à guerra relacionava-se destacadamente a esses laços familiares:

Even the common laborers and all unorganized labor ceased work. The strike had tied everything up so that nobody could work. Besides, the women proved to be the strongest promoters of the strike. They set their faces against the war. They did not want their men to go forth to die.<sup>275</sup> (LONDON, 1908, p.34)

273 “As mulheres eram ativas no movimento socialista, mais como trabalhadoras comuns do que como líderes — e, às vezes, como fortes críticas da política socialista. [...] Apenas 3% dos membros do Partido Socialista eram mulheres em 1904. Na convenção nacional daquele ano, havia apenas oito delegadas. Mas, em alguns anos, as organizações sociais socialistas femininas e uma revista nacional, *Socialist Woman*, começaram a trazer mais mulheres para o partido, de modo que, em 1913, 15% dos membros eram mulheres.” (tradução minha)

274 “Não existe na história uma página mais terrível do que o tratamento que recebiam as mulheres e crianças escravizadas nas fábricas inglesas na segunda metade do século XVIII. Desses infernos industriais nasceram algumas das mais arrogantes fortunas da época.”

275 “Mesmo os trabalhadores comuns e os trabalhadores que não eram sindicalizados deixaram de trabalhar. A greve interrompeu todos os serviços, de forma que ninguém pôde trabalhar. Além disso, as mulheres provaram ser os promotores mais fortes da greve. Colocaram-se contra a guerra. Não queriam que seus homens morressem na frente de batalha.”

No capítulo *The Chicago Commune*, mais um trecho mostra o papel das mulheres como secundário, dessa vez no movimento socialista:

Many things were to occur simultaneously when the signal went forth. The Canadian and Mexican patriots, who were far stronger than the Iron Heel dreamed, were to duplicate our tactics. Then there were comrades (these were the women, for the men would be busy elsewhere) who were to post the proclamations from our secret presses. <sup>276</sup> (LONDON, 1908, p.307)

Mais uma vez as mulheres aparecem como promotoras ou divulgadoras, não como agentes diretas, de forma que se reproduz uma divisão o trabalho em que aqueles que vão lutar diretamente na batalha, ou cumprir as tarefas diretamente necessárias à revolta, são os homens.

E ainda, no capítulo *Terrorists*, último do manuscrito de Avis, em uma nota em que Meredith apresenta diversas organizações terroristas surgidas no período em que a vitória da Oligarquia parecia certa, há uma organização de mulheres também definida por relações familiares:

The Valkyries were women. They were the most terrible of all. No woman was eligible for membership who had not lost near relatives at the hands of the Oligarchy. They were guilty of torturing their prisoners to death. Another famous organization of women was The Widows of War. <sup>277</sup> (LONDON, 1908, p.353)

A perda das relações familiares aparece aqui como elemento central que organiza essas mulheres. Observa-se que a atuação delas não se baseia em convencimento racional da derrubada do regime, mas em elementos passionais relativos à perda de familiares. A imagem desse caráter passional é fortalecida pela caracterização como “most terribles” [mais terríveis] e pela afirmação de que elas torturavam prisioneiros.

Vale ainda comentar outra personagem mulher socialista que aparece em algumas passagens do romance. Embora bastante elogiada enquanto revolucionária, é entendido que seu principal sacrifício era ter abdicado da família, o que em nenhum momento é dito sobre nenhum dos companheiros homens de Avis e Ernest.

276 “Muitas coisas ocorreriam simultaneamente quando o sinal fosse dado. Os patriotas canadenses e mexicanos, que eram muito mais fortes do que imaginava o Tacão de Ferro, copiavam nossas táticas. Além disso, algumas companheiras deveriam afixar os decretos de nossos órgãos secretos (eram mulheres, pois os homens estariam ocupados em outras tarefas).”

277 “As mulheres eram denominadas Valquírias. Formavam o grupo mais terrível de todos. Apenas mulheres cujos parentes foram eliminados pelas mãos da oligarquia podiam fazer parte desse grupo. Torturavam os prisioneiros até a morte. Uma outra organização famosa eram as Viúvas de Guerra.”

Now Anna Royston was a fascinating woman. All she had to do was to beckon a man to her. She broke the hearts of scores of our young comrades, and scores of others she captured, and by their heart-strings led into our organization. Yet she steadfastly refused to marry. She dearly loved children, but she held that a child of her own would claim her from the Cause, and that it was the Cause to which her life was devoted. <sup>278</sup> (LONDON, 1908, p.283)

Essa personagem, segundo Joan London, inspirou-se de fato em uma socialista que London conheceu durante a vida:

Jane Roulston, a woman of great force of character and intellectual integrity, was ten or twelve years older than Jack. [...] Jane Roulston remained loyal to the Socialist Labor party when the split came, while Jack went with the majority. [...] Nevertheless, Jack never forgot her, and she appears in *The Iron Heel* as Anna Royston, the Red Virgin, fascinating, lovable genius, whom all men desired, but whose devotion to the Cause was so all-embracing that she denied herself love, marriage and motherhood. <sup>279</sup> (LONDON, 1939, p.181)

Assim, inspirada em uma revolucionária convicta que foi referência para o autor, Anna Royston reúne uma série de características valorizadas nas mulheres no contexto do romance. Trata-se de uma mulher sedutora, mas que usa essa sedução a favor da causa, atraindo homens para a organização. Ela valorizava a família — e especialmente gostava de crianças — e só evitou formá-la porque era, além disso, uma mulher devota — o apelido de *Red Virgin* reforça esse aspecto —, e dirigia sua devoção à causa do socialismo.

## 10. Conclusões sobre a consciência do tempo presente

O conjunto dos elementos apresentados no presente capítulo ilustra como London apresenta, no desenvolvimento do romance *The Iron Heel*, grande percepção sobre a situação contemporânea e sobre os principais aspectos do conflito entre trabalhadores e capitalistas no período. Tais aspectos são tratados não apenas a partir de exposição de fatos, dados e

278 “Anna Royston era uma mulher extremamente sedutora; tudo o que tinha a fazer era estalar os dedos. Partiu os corações de muitos jovens companheiros nossos, e de outros que havia conquistado como o objetivo de ganhá-los para a nossa organização. Apesar disso, ela se recusava terminantemente a casar. Adorava crianças, mas sentia que um filho exigiria muito dela em detrimento da Causa, e era para a Causa que a vida dela estava devotada.”

279 “Jane Roulston, uma mulher de grande força de caráter e integridade intelectual, era dez ou doze anos mais velha que Jack. [...] Jane Roulston permaneceu leal ao Partido Socialista do Trabalho quando a divisão chegou, enquanto Jack foi com a maioria. [...] No entanto, Jack nunca a esqueceu, e ela aparece no *Iron Heel* como Anna Royston, a Virgem Vermelha, gênio fascinante e adorável, que todos os homens desejavam, mas cuja devoção à Causa era tão abrangente que ela se negou amor, casamento e maternidade.” (tradução minha)

informações referentes ao período inicial do século XX, mas também a partir de construções literárias que buscam transmitir a sensibilidade contemporânea para as transformações abordadas.

Entre os elementos mais importantes dessa consciência do presente de Jack London estão os debates sobre o crescimento das corporações e a conseqüente situação de desemprego e empobrecimento das classes subalternas, acirrada pelas crises econômicas. Destacam-se, além disso, elementos como a importância dos aparatos ideológicos e políticos, bem como da ideologia belicista, para o fortalecimento do poder das corporações, e elementos sobre o avanço da organização dos trabalhadores em geral e dos socialistas especificamente — desses últimos, London constrói a imagem de uma organização socialista militante e propagandista, mas hierarquizada e com divisão rígida do trabalho, com poucos elementos de democracia interna.

Vale indicar que, enquanto descrição das transformações do sistema econômico, trata-se de uma visão coerente com as descrições de Lenin sobre a fase imperialista do capitalismo, inclusive em relação ao fim de suas características de “livre concorrência” e ao desenvolvimento do gigantesco poder dos monopólios, que se manifesta inclusive belicamente:

Private property based on the labour of the small proprietor, free competition, democracy, all the catchwords with which the capitalists and their press deceive the workers and the peasants — are things of the distant past. Capitalism has grown into a world system of colonial oppression and of the financial strangulation of the overwhelming majority of the population of the world by a handful of “advanced” countries. And this “booty” is shared between two or three powerful world plunderers armed to the teeth (America, Great Britain, Japan), are drawing the whole world into their war over the sharing of their booty.<sup>280</sup> (LENIN, 2008, p. 28)

Apesar de suas percepções aguçadas, no entanto, London falha em perceber a situação específica de alguns setores da classe trabalhadora. A superexploração dos trabalhadores imigrantes e negros sequer é levada em consideração como um aspecto particular da dominação das corporações no período, nem suas condições de vida e trabalho

<sup>280</sup> “Propriedade privada baseada no trabalho do pequeno proprietário, livre competição, democracia, todos os lemas com os quais os capitalistas e sua imprensa enganam os trabalhadores e os camponeses — são coisas do passado distante. O capitalismo se tornou um sistema mundial de opressão colonial e de estrangulamento financeiro da esmagadora maioria da população mundial por um punhado de países ‘avançados’. E este ‘butim’ é compartilhado entre dois ou três poderosos saqueadores mundiais armados até os dentes (América, Grã-Bretanha, Japão), estão atraindo o mundo inteiro para sua guerra pela divisão de seu butim. (tradução minha)

são apontadas como mais precárias que a média da classe trabalhadora. Já as mulheres, embora identificadas como especificamente superexploradas e embora presentes na organização da classe trabalhadora e dos socialistas, são relegadas a lugares secundários, de forma naturalizada devido a sua posição de submissão na família.

Tais insuficiências na visão de London, porém, longe de tornarem o romance *The Iron Heel* obsoleto, permitem a interpretação da obra como uma síntese de diversas tendências de pensamento contemporâneo, o que implica uma totalidade repleta de contradições. Da mesma forma que o autor apresenta uma amálgama entre o marxismo e as linhas positivistas e pragmáticas do pensamento estadunidense, também expressa preconceitos e discriminações ao lado de uma visão que, no geral, defende a igualdade. Ainda pode-se enfatizar que a crítica às estruturas da sociedade burguesa coloca-se ao lado de uma concepção de organização dos trabalhadores rígida e hierarquizada.

O presente capítulo buscou mostrar como nenhuma dessas contradições é estranha à época histórica em que o romance foi produzido, sendo que a obra de fato enfatiza alguns aspectos centrais do período. Disso conclui-se que London tem percepção aguçada sobre seu presente, a partir da qual apresenta com firmeza uma perspectiva de transformação social profunda. A necessidade de tal transformação, no entanto, está subordinada não apenas ao seu diagnóstico do presente, mas também ao sentido das tendências por ele identificadas. Como Jack London concebeu esses desenvolvimentos e o quanto ele foi capaz de adiantar processos históricos posteriores, será debatido no capítulo a seguir.

**CAPÍTULO III — Profecia do fascismo?**

Na introdução da presente dissertação, foi apontado como Leon Trotsky, pensador e líder revolucionário russo, interpretou o romance *The Iron Heel* como uma previsão do futuro fascista, e como George Orwell, romancista norte-americano, opunha-se a essa perspectiva. Para refletir sobre essa afirmação, este último capítulo buscará apresentar os elementos do romance que o aproximariam ou afastariam da figuração de um regime fascista. Será usada como base para essa análise a teorização principalmente de Trotsky sobre o fascismo, e se recorrerá subsidiariamente também a observações de Orwell.

Como já indicado, em sua carta a Joan London, Trotsky considera a forma do romance como mera “courage” para a análise política (TROTSKY, 1937, apud LONDON, 1939, p. 313). É curioso, no entanto, que, apesar dessa afirmação, ele enfatiza o recurso literário da hipérbole como forma de construção dessa análise política (TROTSKY, 1937, apud LONDON, 1939, p. 314). Esse elemento será comentado na conclusão deste capítulo.

Acerca da avaliação de Trotsky sobre o romance, cabe apontar que ele destaca a independência de London em relação à corrente de pensamento reformista, que já havia tomado conta do movimento socialista no período, e que levaria, como já apontado, à não oposição à votação nos créditos da Primeira Guerra Mundial por parte das lideranças da II Internacional na Alemanha. Para Trotsky, o romance traz forte marca do ano de 1905, ou seja, da primeira Revolução Russa, que justamente permitiu um fortalecimento, ainda que momentâneo, das perspectivas revolucionárias no seio do movimento operário internacional.

Trotsky ainda enfatiza como London mostra-se atento às tendências destrutivas do capitalismo — ele trata rapidamente da recepção da obra para defender que London era mais consciente dessas tendências, e principalmente dos desastres que elas ocasionariam, do que de forma geral os dirigentes socialistas mundialmente. Entre tais tendências encontramos a da concentração da riqueza e ampliação da desigualdade, já tratadas no capítulo anterior como marcantes no desenvolvimento do romance.

Em outra passagem, Trotsky destaca que a leitura do romance força o leitor a “ask himself again and again with astonishment: when was this written? really before the war?”.<sup>281</sup> (TROTSKY, 1937, apud LONDON, 1939, p. 314). Também a guerra como uma necessidade do capital monopolista foi explorada no capítulo anterior dessa dissertação, mas nesse ponto Trotsky se refere especificamente à Primeira Guerra Mundial, cuja experiência afetou

281 “Perguntar-se repetidas vezes com espanto: quando isso foi escrito? de fato antes da guerra?”. (tradução minha)

profundamente uma geração: “nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela guerra de material e a experiência ética pelos governantes” (BENJAMIN, 1994, p. 198). Tudo se passa como se London tivesse adiantado a experiência da guerra e suas consequências políticas. Pode-se dizer, no entanto, que o que mais impressionou Trotsky foi o fato de London ter figurado a traição das lideranças sindicais e a formação de uma aristocracia operária a qual se aliaria ao grande capital. Para Trotsky:

“One can say with assurance that in 1907 not one of the revolutionary marxists, not excluding Lenin and Rosa Luxemburg, imagined so fully the ominous perspective of an alliance between finance capital and labour aristocracy. This suffices itself to determine the specific weight of the novel”<sup>282</sup> (TROTSKY, 1937, apud LONDON, 1939, p. 315).

Desse ponto de vista é que Trotsky pode, contrariamente à recepção contemporânea do *The Iron Heel*, afirmar que London não é pessimista por ter previsto um período de três séculos de dominação de uma autocracia sanguinária baseada nos grandes monopólios — pelo contrário, Trotsky o vê como otimista, “only a penetrating and farsighted one”<sup>283</sup>, pois os acontecimentos posteriores à escrita do livro quase o ultrapassam no que concerne à violência dos processos históricos, ainda inacabados, e London vislumbra, ainda assim, sua superação (TROTSKY, 1937, apud LONDON, 1939, p. 315). Ainda cabe ressaltar que Trotsky considerava uma visão genuinamente profética a descrição dos métodos de dominação usados pelos grandes capitalistas. A falta de ilusão na democracia burguesa teria permitido a London, assim, a criação de uma imagem precisa do fascismo, com sua economia, sua técnica de governo e sua psicologia política, a partir da perspectiva da constituição de uma sociedade em que uma oligarquia financeira domina sobre castas de aristocracia operária, de militares e sobre uma massa de população empobrecida (TROTSKY, 1937, apud LONDON, 1939, p. 315). Assim, em seu comentário sobre o romance, Trotsky identifica que London não só apresenta uma leitura crítica do presente, mas pôde figurar o regime fascista tanto no que

282 “Pode-se dizer com certeza que em 1907 nenhum dos marxistas revolucionários, sem excluir Lenin e Rosa Luxemburgo, imaginava tão plenamente a perspectiva sinistra de uma aliança entre capital financeiro e a aristocracia trabalhista. Isso basta para determinar o peso específico do romance”. (tradução minha)

283 “Apenas um penetrante e previdente” (tradução minha)



concerne à sua ascensão quanto a seu funcionamento. Nas próximas páginas serão identificadas, no romance, essas aproximações.

Antes, no entanto, é importante voltar a George Orwell e apontar o núcleo do argumento contrário à tese de que haveria essa previsão no romance. Para o escritor britânico, “It is merely a tale of capitalist oppression, and it was written at a time when various things that have made Fascism possible — for instance, the tremendous revival of nationalism — were not easy to foresee”<sup>284</sup> (ORWELL, 1969a, p. 30). A análise subsequente, retomando elementos do capítulo anterior, buscará indicar como esse “conto da opressão capitalista” aproxima-se das tendências fascistas. Vale ressaltar ainda que Orwell indica que London parece ser capaz de compreender a psicologia política da elite dominante. Em oposição à camada privilegiada do romance *Brave New World*, de Aldous Huxley, onde há uma elite hedonista e ociosa, os magnatas do *The Iron Heel* de fato creem que a sobrevivência da sociedade depende deles, o que lhes imbuí de uma “strict morality, a quasi-religious belief in itself, a mystique”<sup>285</sup>. Esse elemento seria essencial para a compreensão das formas de ação dessas elites. Esse não seria, no entanto, o único elemento. Para Orwell, embora intelectualmente apoiado no marxismo, London era, no que concerne ao temperamento, muito diferente dos marxistas: “With his love of violence and physical strength, his belief in ‘natural aristocracy’, his animal-worship and exaltation of the primitive, he had in him what some might fairly call a Fascist strain”<sup>286</sup> (ORWELL, 1969a, p. 31). Embora não se tratem de elementos que poderão ser aprofundados na presente dissertação, cabe pontuar que Orwell, assim, também indica que London teria uma visão privilegiada sobre os possíveis comportamentos das elites quando ameaçadas. A sequência de seu artigo, aliás, menciona como London teve mais visão do que muitos marxistas, os quais no devido tempo sequer identificaram o perigo representado por Hitler — nesse ponto vale ressaltar que Orwell faz a mesma crítica que Trotsky à política da III Internacional, de identificar a socialdemocracia com o fascismo, identificação que originou o conceito de “social-fascismo” (ORWELL, 1969a, p.31). Dessa forma, a visão de longo prazo de London e a sua percepção sobre a psicologia das elites são elementos nos quais as análises de Trotsky e Orwell convergem.

284 “Meramente um conto de opressão capitalista, e foi escrito numa época em que várias coisas que tornaram possível o fascismo — por exemplo, o tremendo renascimento do nacionalismo — não eram fáceis de prever”. (tradução minha)

285 “moral estrita, uma crença quase religiosa em si mesma, uma mística” (tradução minha)

286 “Com seu amor à violência e força física, sua crença na ‘aristocracia natural’, seu culto aos animais e exaltação do primitivo, ele tinha o que alguns poderiam chamar de cepa fascista”. (tradução minha)

Opta-se, nesse capítulo, por identificar os elementos do romance com desenvolvimentos posteriores de regimes fascistas a partir da teorização de Leon Trotsky sobre o tema, devido à importância dessas análises dentro do marxismo. Para isso usaremos como referência também texto de Ernest Mandel que introduz uma das coletâneas de textos de Trotsky sobre o tema. George Orwell, além do artigo já mencionado, é autor também de um artigo sobre o conceito de fascismo, mas apresenta principalmente as dificuldades de defini-lo, apontando apenas a oposição genérica à democracia, simpatia por Hitler e um significado que ele entende como emocional relacionado a crueldade e arrogância. Apesar disso ele menciona um sentido antiliberal e anticlasse trabalhadora que vai no sentido da discussão feita nesse capítulo. (ORWELL, 1969b, p. 114)

### 1. A “evolução social” e as ilusões eleitorais

O regime do *Iron Heel* é apresentado aos leitores do romance a partir de uma análise *a posteriori*, de caráter acadêmico. Essa análise enfatiza algumas de suas características, notadamente sua falta de lugar no desenvolvimento histórico, entendido enquanto evolução de formas socioeconômicas, conforme trecho já citado:

The rise of the Oligarchy will always remain a cause of secret wonder to the historian and the philosopher. Other great historical events have their place in social evolution. They were inevitable. Their coming could have been predicted with the same certitude that astronomers to-day predict the outcome of the movements of stars. Without these other great historical events, social evolution could not have proceeded. Primitive communism, chattel slavery, serf slavery, and wage slavery were necessary stepping-stones in the evolution of society. <sup>287</sup> (LONDON, 1908, p. XI)

A expressão “secret wonder” [surpresa secreta] aponta como o próprio discurso acadêmico ou científico, que será reiteradamente legitimado no romance, é, ainda naquele momento, sete séculos depois da ascensão da Oligarquia, incapaz de estabelecer sua causalidade. Vê-se que a perspectiva da evolução social, da análise histórica baseada na inevitabilidade, não foi abandonada no período que separa o manuscrito do *Foreword* de Meredith; há apenas uma

287 “A ascensão da oligarquia será sempre um fator de espanto para o historiador e para o filósofo. Outros grandes eventos históricos tiveram seu lugar na evolução social. Eram inevitáveis. Sua chegada pôde ser prevista com a mesma certeza que os astrônomos de hoje preveem o movimento das estrelas. Sem esses outros grandes eventos históricos, a evolução social não tomaria seu curso: o comunismo primitivo, a escravidão, a servidão e o trabalho assalariado representaram passos dados no caminho da evolução da sociedade.

constatação de que tal método de análise não foi capaz de prever, ou explicar, o regime do *Iron Heel*.

A lógica apresentada no *Foreword* indica que a evolução social levaria do capitalismo, “ripened fruit” [fruto maduro] da dominação burguesa, para o socialismo, e usa como referência inclusive Herbert Spencer, opositor do capitalismo, para fortalecer esse ponto de vista (LONDON, 1908, p. xiI). A metáfora segue, porém, indicando que esse fruto “rotten-ripened” [podre e estragado] foi capaz de lançar um “monstrous offshoot” (LONDON, 1908, p. xiiI), um novo ramo monstruoso, a Oligarquia. A imagem, que apela para um suposto caráter natural do desenvolvimento social, conclui então com o estranhamento frente à monstrosidade que a Oligarquia representa nesse sistema entendido como natural.

É interessante ressaltar que Meredith indica que esse desenvolvimento foi “appalling alike to us who look back and to those that lived at the time”<sup>288</sup>(LONDON, 1908, XIII), o que reforça a ideia de que a falta de previsão de ascensão do regime da Oligarquia não foi causada por limitação na visão histórica dos contemporâneos, mas porque, de fato, se trataria de um desenvolvimento imprevisível, ilógico, fora do sentido da evolução social. Isso seria a razão para o fenômeno ser surpreendente para os teóricos do futuro socialista. Quanto àqueles que teriam sido contemporâneos à ascensão do *Iron Heel*, também já no *Foreword* é indicado que o movimento socialista não só demorou para percebê-la, como, após o estabelecimento do regime, atribuiu a ele um caráter passageiro (LONDON, 1908, XIII). Os motivos para essa falta de visão do movimento socialista aparecem na continuidade do romance, no desenvolvimento do manuscrito de Avis Cunningham-Everhard.

London, assim, constrói um enredo em que o protagonista Ernest Everhard assume em diversos momentos características proféticas ao modo de Cassandra, pois constantemente acerta previsões catastróficas — confirmadas pelo manuscrito ou pelo cidadão do futuro — sem que ninguém, nem mesmo sua esposa Avis, acredite nelas.

Particularmente sobre a diferença de percepção entre Ernest e o restante dos socialistas, alguns trechos são interessantes. No capítulo *The Vortex*, após grande perseguição aos jornais operários e esmagamento da classe média:

He [Ernest] shook his head ominously and looked forward without hope to the fall elections.

288 “aterrador para nós, que olhamos para o passado, e para aqueles que viveram naquela época.”

“It's no use,” he said. “We are beaten. The Iron Heel is here. I had hoped for a peaceable victory at the ballot-box. I was wrong. Wickson was right. We shall be robbed of our few remaining liberties; the Iron Heel will walk upon our faces; nothing remains but a bloody revolution of the working class. Of course we will win, but I shudder to think of it.”

And from then on Ernest pinned his faith in revolution. In this he was in advance of his party. His fellow-socialists could not agree with him. They still insisted that victory could be gained through the elections. It was not that they were stunned. They were too cool-headed and courageous for that. They were merely incredulous, that was all. Ernest could not get them seriously to fear the coming of the Oligarchy. They were stirred by him, but they were too sure of their own strength. There was no room in their theoretical social evolution for an oligarchy, therefore the Oligarchy could not be.

“We'll send you to Congress and it will be all right,” they told him at one of our secret meetings.

“And when they take me out of Congress,” Ernest replied coldly, “and put me against a wall, and blow my brains out—what then?”<sup>289</sup> (LONDON, 1908, pp.175-176)

Nesse trecho, já parcialmente comentado no capítulo I da presente dissertação, é notável como apenas Ernest tinha sido capaz de identificar os sinais da ascensão do regime da Oligarquia. Aqui, no entanto, cabe enfatizar não essa construção de Ernest como profeta, mas os motivos pelos quais as demais lideranças foram incapazes de chegar as mesmas conclusões: a ilusão com o processo democrático — as eleições resolveriam seus problemas — e a crença cega na “evolução social”, que não previa a instauração de um regime oligárquico.

Esses seguem sendo os motivos de ilusões das lideranças socialistas no desenvolvimento do romance. No capítulo *The General Strike*, Avis relata que “Thus it was that in the fall of 1912 the socialist leaders, with the exception of Ernest, decided that the end

289 “Ele balançou a cabeça preocupado e olhava sem esperanças para as eleições de outono.

— É inútil — disse ele. — Estamos derrotados. O Tacão de Ferro está aqui. Eu tinha esperança em uma vitória pacífica nas urnas, mas estava errado. Wickson é quem tinha razão. Nós seremos despojados da pouca liberdade que nos resta; o Tacão de Ferro pisará em nossas cabeças; nada resta a não ser uma revolução sangrenta da classe trabalhadora. Certamente venceremos, mas tenho medo até de pensar nisso.

E a partir de então, Ernest depositou suas esperanças na revolução. Nisso, ele estava bem à frente de seu partido. Seus companheiros socialistas não puderam concordar com ele. Continuavam insistindo que a vitória seria alcançada por meio das eleições. Não que eles estivessem abalados. Eram muito ponderados e corajosos para isso. Estavam céticos, apenas isso. Ernest não conseguiu fazer com que eles se acautelassem seriamente da chegada da oligarquia. Ele conseguiu deixá-los preocupados, mas estavam muito seguros da própria força. Não havia lugar em sua evolução social teórica para uma oligarquia, logo a oligarquia não podia existir.

— Nós o colocaremos no Congresso e tudo ficará bem — disseram-lhe em uma de nossas reuniões secretas.

— E quando eles me tirarem do Congresso — replicou Ernest friamente —, e me colocarem contra a parede e me estourarem os miolos, o que será?”

of capitalism had come”<sup>290</sup> (LONDON, 1908, p. 207-208). Novamente apresenta-se como as lideranças conseguiam enxergar apenas dentro da limitada visão da “evolução social”, e como a crise descrita, para eles, teria como sentido o fim do regime capitalista e a vitória do socialismo. Enfatizando a subestimação do inimigo, Avis afirma justamente que “everywhere the socialists proclaimed their coming victory at the ballot-box”<sup>291</sup> (LONDON, 1908, p. 208), reforçando a ilusão na democracia eleitoral, mesmo em contexto de convulsões sociais. Mais à frente, no capítulo *Last Days*, os líderes socialistas reforçam sua crença de que o sistema se despedaçava, e colocam esperanças nos cinquenta representantes eleitos no congresso, vislumbrando inclusive vitórias eleitorais mais amplas nos anos seguintes — nessa ocasião Ernest segue cético e pergunta sobre a quantidade de rifles que eles têm disponíveis, indicando que ainda acredita que eles terão que passar às vias revolucionárias (LONDON, 1908, p. 236).

O regime da Oligarquia no romance *The Iron Heel*, portanto, é figurado como um fenômeno histórico que se destaca do desenvolvimento social esperado pelos socialistas, e isso torna a resposta a ele lenta, devido à crença nas instituições democráticas e à subestimação do inimigo de classe, as grandes corporações. Nesse ponto, há importantes aproximações com o fenômeno do fascismo.

Ernest Mandel, em sua introdução à coletânea de textos de Trotsky, *Sobre o Fascismo*, apresenta acerca do regime fascista uma consideração próxima a de Meredith no *Foreword* do romance:

A história do fascismo é simultaneamente a história da análise teórica do fascismo. A simultaneidade de aparição de um fenômeno social e das tentativas feitas para o compreender é mais evidente no caso do fascismo do que em qualquer outro exemplo da história moderna.

Esta simultaneidade explica-se pelo facto do aparecimento súbito deste novo fenômeno parecer vir a desviar o curso da história para o “progresso”. O choque sentido pelos observadores atentos foi ainda maior por esta modificação da história ser acompanhada pelo exercício da violência física direta sobre os indivíduos (MANDEL, 1976, p.9).

Segundo essa interpretação, a dificuldade de compreensão do fascismo como fenômeno histórico relaciona-se justamente ao fato de que esse regime teria contrariado o

290 “Assim, ocorreu que, no outono de 1912, os líderes socialistas, com exceção de Ernest, concluíram que o fim do capitalismo havia chegado.”

291 “Em todos os lugares, os socialistas proclamavam a iminente vitória nas urnas, em termos que não deixavam margem para dúvidas”

esperado progresso entre as formas sociais — a “evolução social” [social evolution] a que os trechos do romance se referem. Conforme apontado no segundo capítulo dessa dissertação, as ideias relacionadas ao “evolucionismo”, ou as transposições para as ciências sociais das ideias darwinistas, eram bastante disseminadas no período anterior à escritura do romance, e atingiam a própria versão do marxismo que era referência no período, associada por Hobsbawm ao socialista alemão Karl Kautsky (HOBSBAWM, 1992, p.369). Mandel não atribui exclusivamente aos marxistas essa dificuldade de análise — a questão sobre o que é o fascismo teria fascinado “tanto os principais teóricos do movimento operário como a *intelligentsia* burguesa.” (MANDEL, 1976, p. 10).

Já Orwell, que em artigo posterior afirmaria que “of all the unanswered questions of our time, perhaps the most important is: ‘What is Fascism?’”<sup>292</sup>, e debateria como diversos grupos caracterizam opositores de formas pouco precisas como “fascistas” (ORWELL, 1969b, p.111), em 1940 indicava uma crítica específica aos marxistas:

Their [dos marxistas] interpretation of history has been so mechanistic that they have failed to foresee dangers that were obvious to people who had never heard the name of Marx. It is sometimes urged against Marx that he failed to predict the rise of Fascism. I do not know whether he predicted it or not — at that date he could only have done so in very general terms — but it is at any rate certain that his followers failed to see any danger in Fascism until they themselves were at the gate of the concentration camp. A year or more *after* Hitler had risen to power official Marxism was still proclaiming that Hitler was of no importance and ‘Social Fascism’ (i.e. democracy) was the real enemy. London would probably not have made this mistake. His instincts would have warned him that Hitler was dangerous. He knew that economic laws do not operate in the same way as the law of gravity, that they can be held up for long periods by people who, like Hitler, believe in their own destiny.<sup>293</sup> (ORWELL, 1969a, p.31).

Aqui de fato é central a crítica a uma perspectiva mecanicista sobre a história, perspectiva essa que pode ser associada justamente à ideia de uma evolução unívoca das

292 “De todas as perguntas sem resposta de nosso tempo, talvez a mais importante seja: ‘O que é o fascismo?’” (tradução minha)

293 Sua [dos marxistas] interpretação da história tem sido tão mecanicista que eles falharam em prever perigos óbvios para pessoas que nunca ouviram o nome de Marx. Às vezes, insiste-se contra Marx que ele não conseguiu prever a ascensão do fascismo. Não sei se ele previu ou não — naquele momento, ele só poderia ter feito isso em termos muito gerais — mas é de qualquer maneira certo que seus seguidores não viram nenhum perigo no fascismo até que eles mesmos estivessem na entrada do campo de concentração. Um ano ou mais *depois* de Hitler ter subido ao poder, o marxismo oficial ainda estava proclamando que Hitler não tinha importância e o “social-fascismo” (ou seja, a democracia) era o inimigo real. London provavelmente não teria cometido esse erro. Seus instintos o alertariam que Hitler era perigoso. Ele sabia que as leis econômicas não operam da mesma maneira que a lei da gravidade, que elas podem ser seguradas por longos períodos por pessoas que, como Hitler, acreditam em seu próprio destino. (tradução minha)

formas sociais, ao progresso, nas palavras de Mandel. A imagem criada por Orwell de fato se aproxima daquela que é construída no romance *The Iron Heel*, em que os socialistas só passam a reconhecer a força do regime da Oligarquia quando suas lideranças sofrem um golpe e são todas presas — no capítulo *The End*. Vale ressaltar ainda que Orwell associa o mecanicismo da interpretação dos marxistas com uma visão objetivista das leis econômicas — vide a comparação com a lei da gravidade — e ressalta como a subjetividade de pessoas como Hitler afeta a história. Trotsky não tenderá a colocar o desenvolvimento do fascismo na conta de características individuais, embora tenha sido à época grande crítico da mencionada teoria do social-fascismo e tenha dado maior atenção à ascensão de Hitler que outros marxistas contemporâneos.

Sobre esse ponto, não seria seguro indicar a hipótese de que London constrói na narrativa uma crítica específica à visão mecanicista da história. É fato que, por um lado, a cegueira dos líderes socialistas é atribuída a essa concepção por Avis: “There was no room in their theoretical social evolution for an oligarchy, therefore the Oligarchy could not be”<sup>294</sup> (LONDON, 1908, p. 176). Também é fato, porém, que tanto Meredith quanto Ernest são apresentados como defensores dessa concepção. O historiador do futuro apenas coloca-se como incapaz de definir por que essa lei não funcionou no caso da ascensão do regime oligárquico, enquanto Ernest parece ajustá-la à percepção da força da Oligarquia — não à toa, no capítulo *The Beginning of the End*, ele prevê o desenvolvimento dos séculos seguintes e se lamenta sobre o ritmo da evolução social (LONDON, 1908, p.229), indicando que suas leis seguiriam se desenvolvendo apesar do imprevisto regime do *Iron Heel*.

Há outro elemento que parece ser comum entre as avaliações sobre o fascismo e as avaliações dos socialistas no romance: a subestimação do inimigo de classe. Mandel se refere ao choque de observadores com a manifestação do fascismo a partir da violência física (MANDEL, 1976, p.9), uma característica fundamental dessa ideologia e regime. Orwell aponta que os marxistas só identificaram o perigo quando estavam às portas dos campos de concentração. O romancista inclusive aponta que London teria sido capaz de identificar antecipadamente essa tendência à violência devido a sua já mencionada “fascist strain” [cepa fascista] (ORWELL, 1969a, p.31).

294 “Não havia lugar em sua evolução social teórica para uma oligarquia, logo a oligarquia não podia existir.”

Independentemente dessa hipótese sobre a psicologia do autor, é fato que London identificava a possibilidade violência das elites. Em debate sobre a recepção do romance *The Iron Heel*, Foner cita London: “History shows that no master class is ever willing to let go without a quarrel. The capitalist own governments, the armies and the militia. Don’t you think the capitalists will use these institutions to keep themselves in power? I do”<sup>295</sup> (LONDON apud FONER, 1947, p. 96). Nesse ponto, a visão de London sobre o regime da Oligarquia relaciona-se mais à sua percepção de que as elites se tornariam violentas ao ver sua dominação ameaçada — o que reforça a visão de Orwell de que romance é um “tale of capitalist oppression” [conto da opressão capitalista] (ORWELL, 1969a, p. 30). Há, no entanto, uma crítica aos socialistas contemporâneas que se destaca: não esperar a violência da classe dominante significava seguir confiando nas possibilidades de vitória eleitoral sobre elas. Tal ilusão no romance é evidente, como indicam as passagens acima, em que qualquer tentativa de Ernest de alertar seus companheiros de partido levava à reafirmação de que a vitória eleitoral resolveria a situação. É importante notar a significativa passagem, ao fim do capítulo *Philomaths*, em que o próprio Ernest expõe sua aposta nas eleições para o clube da elite, e em que um dos magnatas, Mr. Wickson, indica que eles não aceitarão tal vitória eleitoral dos socialistas. É o primeiro momento em que Ernest aponta a alternativa revolucionária, à qual ele adere completamente bem antes de seus companheiros (LONDON, 1908, p.98).

A recepção do romance expõe que tais divergências apresentavam-se de fato entre os socialistas americanos no período. Segundo Foner:

The socialists were divided in their reactions. The more militant leaders like Eugene Debs, Bill Haywood and Mary Marcy praised it unstintingly and urged that its lessons be taken to heart by the entire movement. But the middle class leaders of the Party were even more vehement in their denunciations than the bourgeois critics. Here the Socialist Party was making headway at the pools and along came Jack London and took the edge of these victories with the pessimism and black despair of *The Iron Heel*. What would happen to those who had joined the movement because they were led to believe that in this country socialism was a matter of a few years of peaceful transition from capitalism and who were convinced that thought the

295 “A história mostra que nenhuma classe dominante está disposta a deixar-se vencer sem uma briga. Os capitalistas têm os governos, os exércitos e as milícias. Você não acha que os capitalistas usarão essas instituições para se manterem no poder? Eu acho” (tradução minha)



capitalists would resist, the will of the voters in the ballot box would prevail? <sup>296</sup>  
(FONER, 1947, p. 96)

Pode ser considerado sintomático que as lideranças mais ligadas ao movimento, e que, portanto, passaram por processos de repressão mais diretos como a prisão, no caso de Eugene Debs, não tenham considerado o romance tão pessimista quanto as outras lideranças — de quem Foner inclusive enfatiza a origem de classe. Embora essa análise não vá se deter na recepção do romance, o trecho acima indica o contexto do debate estratégico a partir do qual London figurou as divergências entre Ernest e os outros socialistas — um contexto em que uma parte considerável das lideranças submetia a análise dos conflitos de classe à noção de transição pacífica para o socialismo a partir das eleições.

Internacionalmente também as ilusões eleitorais se mantinham no movimento socialista décadas depois da escritura do romance *The Iron Heel*. Trotsky enfatiza a falta de iniciativas de autodefesa da socialdemocracia contra os fascistas na Alemanha, e Mandel aponta o resultado de suas políticas eleitorais: “Em 1932 os socialdemocratas apoiaram a sua [Paul von Hinderberg] reeleição como ‘mal menor’ em relação aos Nazis. Nomeou Hitler como chanceler em janeiro de 1933.” (MANDEL, 1976, p. 92; 103)

Assim sendo, London aparentemente concebeu, no romance *The Iron Heel*, um regime fora da “evolução social” que dominava as leituras científicas e particularmente marxistas do período — mesmo sem criticar diretamente essa concepção. Esse regime seria possibilitado pela violência das classes dominantes ameaçadas, as quais não se submeteriam a resultados eleitorais desfavoráveis a elas, e sua ascensão seria facilitada pela inação dos socialistas iludidos com as garantias do voto. De forma geral essa construção emana das interpretações de London sobre seu presente histórico — o potencial de violência das elites, as ilusões eleitorais dos socialistas — as quais foram confirmadas nos processos históricos posteriores, inclusive com o processo de ascensão do fascismo.

296 “Os socialistas estavam divididos em suas reações. Os líderes mais militantes como Eugene Debs, Bill Haywood e Mary Marcy elogiaram sem hesitar e pediram que suas lições fossem levadas a sério por todo o movimento. Mas os líderes da classe média do Partido foram ainda mais veementes em suas denúncias do que os críticos burgueses. Ali, o Partido Socialista avançava eleitoralmente e veio Jack London e tirou a vantagem dessas vitórias com o pessimismo e o desespero sombrio de *The Iron Heel*. O que aconteceria com aqueles que se juntaram ao movimento porque foram levados a acreditar que neste país o socialismo era uma questão de alguns anos de transição pacífica do capitalismo e que estavam convencidos de que mesmo que os capitalistas resistissem, a vontade dos eleitores nas urnas iria prevalecer?” (tradução minha)

## 2. A função histórica do fascismo

O romance apresenta, principalmente em sua primeira parte, análises sobre a situação do capitalismo, e o protagonista Ernest Everhard interpreta sinais de uma crise em um sentido amplo, como mostra trecho citado no primeiro capítulo: “Never in the history of the world was society in so terrific flux as it is right now. The swift changes in our industrial system are causing equally swift changes in our religious, political, and social structures”<sup>297</sup> (LONDON, 1908, p. 104). Ernest apresenta essa imagem da crise como processo rápido de ruptura e busca indicar que ele se desenvolveria a partir das mudanças econômicas no sistema industrial e, portanto, materiais, para as estruturas ideológicas. Tais mudanças econômicas são bastante aprofundadas nos capítulos *Machine Breakers* e *Mathematics of a Dream*, em que Ernest procura convencer pequenos proprietários não só de que a passagem aos monopólios é necessária, mas também que ela carrega contradições que poderão apenas ser superadas pelo socialismo, uma vez que esse significaria a substituição da combinação industrial representada pelos trustes por uma combinação ainda mais ampla (LONDON, 1908, p.134). Para convencê-los do caráter insustentável do capitalismo baseado nos monopólios, Ernest então avança no debate sobre as consequências da produção capitalista e na impossibilidade a longo prazo de investimento dos excedentes : “What will happen when every country in the world, down to the smallest and last, with a surplus in its hands, stands confronting every other country with surpluses in their hands?”<sup>298</sup> (LONDON, 1908, p. 148). A questão da produção de excedentes, como limite objetivo da produção capitalista e como causadora de crises e guerras, já foi abordada no segundo capítulo desta dissertação. Trata-se de uma tendência do período que Jack London explora no romance, especulando sobre suas consequências.

No capítulo seguinte, *The Vortex*, a narrativa se constrói relacionando a crise com o crescimento da perseguição à classe trabalhadora e aos socialistas. Avis enfatiza que “The

297 “Jamais na história do mundo a sociedade esteve em um caminho tão terrível quanto neste preciso momento. As rápidas mudanças em nosso sistema industrial estão causando mudanças igualmente rápidas em nossas estruturas religiosas, políticas e sociais. Uma revolução invisível e tremenda está ocorrendo nos filamentos e na estrutura da sociedade. É uma coisa vaga, mas podemos pressenti-la; paira no ar. Pode-se perceber que ela avulta: algo vasto, impreciso e terrível. Minha mente se recusa a contemplar de que forma elas podem se cristalizar.”

298 “O que acontecerá quando todos os países do mundo, até o menor e o último, com um excedente em suas mãos, defrontarem-se com os outros países que também estão com excedentes nas mãos?”

crisis in my own fortunes came simultaneously with great crises in society”<sup>299</sup> (LONDON, 1908, p.163), pois o livro de seu pai — que versa sobre a relação entre capitalismo e educação — é censurado, e posteriormente a tentativa de editá-lo pela imprensa socialista malogra porque essa passou a ser perseguida pelas “Black Hundreds”, multidões reacionárias que violentamente destruíram os órgãos socialistas. Nesse capítulo também é enfatizada a aproximação da classe trabalhadora com os socialistas, com crescimento do apoio eleitoral a Ernest, devido também à vontade de vingança decorrente das derrotas de diversas greves. É nesse ponto em que a narradora, chamando a crise de *hard times*, relata como a Oligarquia ascende, se aproveitando da crise, voltando-se com violência contra a classe trabalhadora e a classe média:

A number of the labor leaders had been executed; many others had been sentenced to prison, while thousands of the rank and file of the strikers had been herded into bull-pens and abominably treated by the soldiers.

The years of prosperity were now to be paid for. [...] The land was convulsed with industrial dissensions. Labor was striking here, there, and everywhere; and where it was not striking, it was being turned out by the capitalists. The papers were filled with tales of violence and blood. And through it all the Black Hundreds played their part. [...]

Never had labor received such an all-around beating. [...]

Labor was bloody and sullen, but crushed. Yet its defeat did not put an end to the hard times. The banks, themselves constituting one of the most important forces of the Oligarchy, continued to call in credits. The Wall Street group turned the stock market into a maelstrom where the values of all the land crumbled away almost to nothingness. And out of all the rack and ruin rose the form of the nascent Oligarchy, imperturbable, indifferent, and sure. Its serenity and certitude was terrifying. [...] the trusts did more than stand firm. They were active. They sowed wind, and wind, and ever more wind; for they alone knew how to reap the whirlwind and make a profit out of it. And such profits! Colossal profits!<sup>300</sup> (LONDON, 1908, p. 174)

299 “A crise em meu destino coincidiu com grandes crises sociais”

300 “Uma série de líderes operários foi executada; muitos outros foram condenados à prisão, enquanto centenas de operários grevistas eram colocados em currais e tratados de maneira abominável pelos soldados. Os anos de prosperidades deveriam ser pagos agora. [...] O país estava convulsionado por dissensões industriais. Os trabalhadores faziam greves em toda parte; e onde não estavam em greve, estavam sendo despedidos pelos capitalistas. Os jornais estavam repletos de histórias de violência e sangue. E em todas elas, as Centenas Negras cumpriam um papel importante. [...] A classe operária nunca havia levado uma surra tão grande. [...] O movimento operário estava dominado pela raiva e pelo desejo de vingança, mas estava esmagado. Contudo a sua derrota não pôs fim à crise. Os bancos, que constituíam uma das forças mais importantes da oligarquia, continuavam recebendo depósitos. O grupo de Wall Street transformou a bolsa em um maelström no qual os valores de todo o país foram tragados até os alicerces. E sobre as suas ruínas, começou a aparecer a forma da nascente oligarquia, imperturbável, indiferente e segura. Sua serenidade e certeza eram terríveis. [...] os monopólios faziam mais do que se firmar. Agiam. Semeavam vento sem parar, pois sabiam como colher tempestades e tirar lucro disso. E que lucros! Lucros colossais.

O trecho ainda caracteriza o período como “time of terror” [tempo de terror], o que é bastante coerente com a descrição da violência e da repressão contra os trabalhadores, que passa por termos como “abominably” [abominável], “bloody” [sangrento], “sullen” [sombrio], “crushed” [esmagado]. O mais importante, no entanto, é a correlação entre a derrota da classe trabalhadora e a ascensão da Oligarquia, que por sua vez é caracterizada como “imperturbable” [imperturbável], “indifferent” [indiferente], “sure” [certa]. O movimento entre esses dois polos, evidente inclusive na seleção vocabular que enfatiza a oposição, conclui-se justamente com a ironia de que a Oligarquia teria, afinal, passado a lucrar com a crise violenta. No segundo capítulo foi debatido como a repressão à classe trabalhadora caracterizava já o período de escritura do romance. As passagens acima, no entanto, expressam mais do que isso: elas relacionam os processos de crise com o aprofundamento da repressão aos trabalhadores e à classe média — também sendo resposta à aproximação da primeira em relação às ideias socialistas. Mais do que isso, o trecho indica que o próprio processo de crise pode ser vantajoso para um setor das elites no sentido de um reforço violento do seu poder.

O mesmo trecho do capítulo *Philomaths* já mencionado no item anterior também dialoga com esses elementos. No capítulo, Ernest apresenta ao clube de elite a acusação de que a classe burguesa teria falhado ao administrar a sociedade, cobrando uma resposta dos representantes capitalistas:

“No answer is necessary,” Mr. Wickson said with slow deliberation. [...] “A change, a great change, is coming in society; but, haply, it may not be the change the bear [Ernest] anticipates. The bear has said that he will crush us. What if we crush the bear?”

[...] “But not by buzzing will we crush the bear,” Mr. Wickson went on coldly and dispassionately. “We will hunt the bear. We will not reply to the bear in words. Our reply shall be couched in terms of lead. We are in power. Nobody will deny it. By virtue of that power we shall remain in power.”<sup>301</sup> (LONDON, 1908, 95-96)

---

301 “O sr. Wickson disse, com uma demora deliberada: — Nenhuma resposta é necessária. [...] Está acontecendo uma mudança na sociedade, uma grande mudança; mas, felizmente, pode não ser a mudança que o urso está prevendo. O urso disse que ele vai nos esmagar. E se nós esmagarmos o urso?”

— Mas não será com zumbidos que esmagaremos o urso — continuou o sr. Wickson, tranquilo e sereno. — Nós caçaremos o urso. Não responderemos a ele com palavras. Nossa resposta se estripará em chumbo. Nós estamos no poder. Ninguém pode negar isso. E será graças ao poder que permaneceremos no poder.”

Esse trecho demonstra, de fato, que a primeira personagem a prever o regime do *Iron Heel* é o burguês Wickson, o qual percebe não só o as grandes mudanças que estão para acontecer — a crise econômica e social que se desenvolve na sequência do romance — como indica o caminho da resposta violenta contra a ascensão dos socialistas. Apenas no capítulo seguinte Ernest, em tom de profecia, trata da de uma concepção vaga que está se formando em sua mente, que ele chama de “shadow of an oligarchy” [sombra de uma oligarquia].

O regime da Oligarquia, portanto, ascende como resposta violenta a uma crise ampla, de caráter estrutural, do capitalismo, esmagando com violência generalizada a resistência da classe trabalhadora e da classe média, com ênfase na repressão aos líderes e órgãos socialistas.

Nesse sentido, como já apontado, a ideia de Orwell de que o romance *The Iron Heel* é um “conto da opressão capitalista” não se opõe à constatação de Trotsky de que London pode ter vislumbrado consequências das tendências de desenvolvimento do capitalismo — inclusive a ascensão de regimes fascistas —, principalmente se entendermos que a “opressão capitalista” tratada no romance não é genérica, mas histórica, tratando especificamente do momento de ascensão dos monopólios capitalistas. Tal interpretação, no entanto, depende de uma análise do fascismo como desenvolvimento das contradições do próprio capitalismo monopolista. Isso não equivale a afirmar que o fascismo foi um fenômeno histórico inevitável, mas que há sentido histórico em sua ascensão.

Ernest Mandel sintetiza os principais elementos da teoria de Leon Trotsky sobre o fascismo em seis pontos, sendo o primeiro deles justamente:

a) O ascenso do fascismo é a expressão da grave crise social do capitalismo decadente, uma crise estrutural que pode coincidir — como nos anos 1929-1933 — com uma crise econômica clássica de sobreprodução, mas que é muito mais ampla que uma simples flutuação na conjuntura. Fundamentalmente é uma crise de reprodução do capital: é a impossibilidade de continuar uma acumulação “natural” de capital dadas as condições de concorrência no mercado mundial (isso é, com o nível dos salários reais, de produtividade do trabalho, de disponibilidade de matérias primas e de mercados). A função histórica da tomada do poder pelo fascismo é a alteração pela força e pela violência, a favor dos grupos decisivos do capital monopolista, das condições de reprodução do capital. (MANDEL, 1976, p.29)

A isso, podemos adicionar que, ainda segundo Mandel: “e) Para que a ditadura fascista possa cumprir a sua função histórica, o movimento operário tem de ser previamente derrotado e

esmagado; mas isto só é possível se antes da tomada do poder, o equilíbrio se deslocar a favor dos bandos fascistas e em detrimento da classe operária” (MANDEL, 1976, p. 34).

A ideia de que o fascismo seria expressão da crise estrutural do capitalismo pode ser útil para explicar de que forma London poderia ter concebido um regime análogo ao fascismo, a partir da percepção de sinais dessa crise. Entre esses sinais está a impossibilidade de continuação da geração de excedentes industriais por falta de setores ou mesmo territórios terrestres para despendê-los, a qual é apontada por Ernest no capítulo *Mathematics of a Dream*, e que em Mandel aparece sob a forma de “impossibilidade de continuar uma acumulação ‘natural’ de capital dadas as condições de concorrência no mercado mundial”.

Justamente o que Ernest Everhard (e os outros socialistas, com bastante atraso) vai percebendo ao longo do romance, principalmente a partir da ameaça de Wickson ao fim do capítulo *The Philomaths*, é que as grandes corporações usarão a violência para garantir sua manutenção no poder. A descrição do esmagamento do movimento operário no romance, bem como o golpe contra os socialistas eleitos, vai nesse sentido.

Assim sendo, London parece ter percebido a possibilidade de um regime violento contra a classe trabalhadora para a manutenção do poder das grandes corporações em um contexto de crise ampla do modo de produção e dominação capitalista, contexto esse no qual, além disso, o movimento socialista crescia e apresentava-se como alternativa. Como apontado anteriormente, outros socialistas não previram tal possibilidade, mesmo no período posterior ao de London, porque estavam presos a concepções de progresso positivo da história e a ilusões de transição pacífica para o socialismo.

### **3. O lugar das camadas intermediárias**

No romance *The Iron Heel* observa-se, como já pontuado, um crescente conflito de classe entre os grandes capitalistas, que vão se constituindo como Oligarquia, e a classe trabalhadora, representada no campo político pelos socialistas. É interessante observar como, nesse conflito, o posicionamento de certos setores torna-se fundamental para a correlação de forças entre os dois polos, particularmente setores que assumem posições intermediárias na sociedade.

O primeiro desses setores é o dos pequenos empresários, que inclui os produtores rurais. Não é à toa que o mais longo dos debates educativos de Ernest Everhard aconteça nos

capítulos *Machine Breakers* e *Mathematics of a Dream*, com um grupo de representantes dessas camadas, que se autodenominam membros das classes médias. Entre os interlocutores, são destacados Owen, sócio em uma rede de supermercados, Kowalt e Washburn, donos de uma firma de drogarias, Mr. Asmunsen, dono de uma pedreira e Mr. Calvin, que já fora dono de uma grande empresa de laticínios (LONDON, 1908, p. 120). Todos eles tiveram seus lucros restritos pela ascensão dos grandes monopólios.

Nos capítulos em que debate com esses representantes, Ernest Everhard busca incansavelmente não apenas demovê-los de ideias reacionárias contra os avanços industriais, mas principalmente convencê-los de que a vitória estaria no campo do socialismo. Para isso, ele apela inclusive para a imagem de que eles seriam esmagados entre as grandes potências, o capital e o trabalho (LONDON, 1908, p. 151). Seus esforços acabam sendo em vão, os pequenos empresários a princípio se recusando a apoiar os socialistas.

A partir do capítulo seguinte, *The Vortex*, acompanha-se a evolução das relações entre esses setores e a classe trabalhadora, particularmente nos capítulos intermediários que marcam a ascensão da oligarquia. É destacada a aliança entre os pequenos empresários e os grandes capitalistas para a derrota das greves operárias, e depois a forma como os oligarcas se voltam contra a classe média, completando assim o quadro de crise indicado no item anterior:

Never had labor received such an all-around beating. The great captains of industry, the oligarchs, had for the first time thrown their full weight into the breach the struggling employers' associations had made. These associations were practically middle-class affairs, and now, compelled by hard times and crashing markets, and aided by the great captains of industry, they gave organized labor an awful and decisive defeat. It was an all-powerful alliance, but it was an alliance of the lion and the lamb, as the middle class was soon to learn. [...] The captains of industry had turned upon the middle class. The employers' associations, that had helped the captains of industry to tear and rend labor, were now torn and rent by their quondam allies. Amidst the crashing of the middle men, the small business men and manufacturers, the trusts stood firm. [...] Thus the summer of 1912 witnessed the virtual death-thrust to the middle class.<sup>302</sup> (LONDON, 1908, p.174)

302 “A classe operária nunca havia levado uma surra tão grande. Os grandes capitães da indústria, os oligarcas, tinham, pela primeira vez, lançado todo o seu peso na brecha que as combativas associações operárias tinham aberto. Essas associações eram, na prática, negócios da classe média. E, então, estimuladas pela crise, pela quebra dos mercados, e ajudadas pelos grandes capitães da indústria, deram aos operários organizados uma terrível e decisiva derrota. Era uma aliança muito forte, mas uma aliança entre o leão e o cordeiro, como a classe média logo viria a saber. [...] Os capitães da indústria se voltaram contra a classe média. A associação dos empregadores, que havia ajudado os capitães da indústria a fraturar e desarticular os trabalhadores, ela mesma foi logo em seguida quebrada e desarticulada pelos seus aliados de antes. Em meio à quebra da classe média, dos

Nesse trecho, London enfatiza a ideia de que os oligarcas foram os únicos a se beneficiar de sua aliança com as classes médias, a partir da metáfora da aliança entre a ovelha e o leão e das expressões que indicam as graves consequências dessa política: “the crashing of the middle men” [quebra da classe média] e “the virtual death thrust to the middle class” [na prática o golpe de misericórdia na classe média].

Mais à frente, no capítulo *The General Strike*, Avis trata da destruição da influência política de Hearst, milionário das comunicações dependente dos anúncios pagos pela classe média. Nesse ponto, a situação dessa camada intermediária é descrita da seguinte forma:

The whole middle class had not yet been exterminated. The sturdy skeleton of it remained; but it was without power. The small manufacturers and small businessmen who still survived were at the complete mercy of the Plutocracy. They had no economic nor political souls of their own. When the fiat of the Plutocracy went forth, they withdrew their advertisements from the Hearst papers.<sup>303</sup> (LONDON, 1908, p. 204-205)

Desde as primeiras menções às camadas médias no romance, a ideia de que se tratavam da “perishing class” [classe decadente] é enfatizada (LONDON, 1908, p.124). Isso se fortalece no trecho, com a imagem do “sturdy skeleton” [esqueleto duro] e com a ideia de que essa classe não teria alma econômica ou política própria, estando à mercê da plutocracia — é muito destacada, portanto a falta de independência desses setores.

Apesar disso, ainda no capítulo *The General Strike*, a narradora Avis descreve uma tentativa de organização política independente de um desses setores intermediários, os fazendeiros, que organizam o *Granger Party* — contra grandes esforços dos socialistas, que desejavam seu apoio. Mais uma vez, no entanto, o poder dos trustes evidencia-se quando sete deles se juntam para formar um “farm trust”, que captura os lucros e deixa os fazendeiros endividados. Essa impotência econômica reflete-se politicamente também, pois o *Granger Party*, mesmo elegendando-se ao governo de doze estados, não consegue, na primavera seguinte, assumir seus cargos (LONDON, 1908, p.209).

---

pequenos negociantes e manufatureiros, os monopólios se firmaram. [...] Assim, o verão de 1912 representou na prática o golpe de misericórdia na classe média.”

303 “A classe média não tinha sido exterminada por inteiro. Seu esqueleto duro ainda existia; mas não tinha força. Os pequenos empresários e manufatureiros que ainda sobreviviam estavam à completa mercê da plutocracia. Não possuíam almas políticas e econômicas próprias. Quando a plutocracia decretou, eles retiraram a publicidade dos jornais de Hearst.”



Curiosamente, no capítulo *Beggining of the End*, Avis relata que os socialistas haviam conseguido “ganhar” os membros do *Granger Party*, e estavam confiantes de que esses doze estados se tornariam “Cooperative Commonwealths” [comunidades cooperativas]. Apenas Ernest, chamado inclusive de “calamity howler” [ave de mau agouro] por isso, vislumbra a possibilidade de que a Oligarquia os impeça de assumir (LONDON, 1908, p. 218). É o que ocorre, no capítulo *The End*, em que os ex-governadores declaram ilegalidade das eleições, recusam-se a abandonar os cargos e são apoiados pelas cortes, ligadas à Oligarquia. Os socialistas tentam evitar que os partidários dos *Granger Party* reajam, mas a revolta se alastra e é esmagada. Trata-se do fim dessa camada intermediária, que potencialmente se aliaria aos socialistas (LONDON, 1908, p. 240-245).

Os representantes reunidos no jantar dos “destruidores de máquinas”, porém, não são os únicos setores intermediários que aparecem no romance. De fato, alguns dos principais personagens vêm dessas camadas, são exemplos o professor Cunningham, pai de Avis, a própria Avis e o bispo Morehouse. É fundamental para narrativa o fato de que Ernest convenceu os três, ao contrário dos “destruidores de máquinas”, a passar para o campo do proletariado (mesmo que o bispo não tenha se tornado um socialista). No que concerne ao papel social dos religiosos, artistas e intelectuais, em mais de uma oportunidade Ernest defende que também esses não têm independência em relação aos capitalistas que os financiam: “One and all, the professors, the preachers, and the editors, hold their jobs by serving the Plutocracy, and their service consists of propagating only such ideas as are either harmless to or commendatory of the Plutocracy”<sup>304</sup> (LONDON, 1908, p.157). Ainda vale ressaltar que, como já apontado, há um processo que transforma os detetives particulares *Pinkerton*, que do ponto de vista de classe podem ser identificados com essas camadas médias, em mercenários a serviço da Oligarquia (LONDON, 1908, p. 80), e que se constituem em uma casta militar própria com a ascensão do regime. O papel que esse setor cumpre é fundamental também no confronto entre as classes sociais que se desenrola no romance — é também contra eles que os revolucionários lutam na Comuna de Chicago.

Por fim, há certas camadas que originalmente pertencem à classe trabalhadora e cujo alinhamento com a Plutocracia é essencial para a definição dos resultados dos confrontos entre as classes. Primeiramente, há os “strikebreakers” [fura greves], os quais são chamados

304 “Todos eles, professores, sacerdotes e editores trabalham para servir à plutocracia e os seus serviços consistem em propagar apenas as ideias que pareçam inofensivas à plutocracia ou do agrado dela.”

de soldados privados dos capitalistas, recrutados entre o exército de desempregados não só para substituir os trabalhadores em greve, mas para atacá-los fisicamente (LONDON, 1908, 171).

É fato, no entanto, que a camada que mais desloca a balança do conflito de classes de forma a garantir a derrota dos socialistas é, sem dúvida, a que pode ser chamada de aristocracia operária. No capítulo *The Beginning of the End*, Ernest percebe que as lideranças sindicais haviam negociado com os magnatas, evitando assim que ocorresse uma nova greve geral. Trata-se de um ponto crítico na percepção de Ernest sobre as possibilidades de vitória contra a Oligarquia, como já mencionado (LONDON, 1908, p.219). A Oligarquia havia adotado a tática de subsidiar os grandes sindicatos — ferroviários, siderúrgicos, maquinistas. Entre esses grandes sindicatos sequer os mineiros são incluídos, para surpresa de Avis, e Ernest lhe informa que: “They are practically unskilled labor. They will not count. Their wages will go down and their hours will increase”<sup>305</sup> (LONDON, 1908, p.223). Esse subsídio aos grandes sindicatos, portanto, dá-se à custa do resto da classe trabalhadora. É ao fim desse capítulo que o protagonista prevê um longo desenvolvimento, com o estabelecimento de castas, entre as quais estão esses trabalhadores privilegiados. No desenvolvimento do romance, cresce a separação entre essa camada e o resto da classe trabalhadora, que define.

A posição das camadas intermediárias no romance é coerente com uma visão marxista sobre a situação de tais setores. O trecho abaixo, do *Manifesto Comunista*, aponta que:

De todas as classes que ora enfrentam a burguesia, só o proletariado é uma classe verdadeiramente revolucionária. As outras classes degeneram e perecem com o desenvolvimento da grande indústria; o proletariado pelo contrário, é seu produto mais autêntico. As classes médias - pequenos comerciantes, pequenos fabricantes, artesãos, camponeses - combatem a burguesia porque esta compromete sua existência como classes médias. Não são, pois, revolucionárias, mas conservadoras; mais ainda, reacionárias, pois pretendem fazer girar para trás a roda da História. Quando são revolucionárias é em consequência de sua iminente passagem para o proletariado; não defendem então seus interesses atuais, mas seus interesses futuros; abandonam seu próprio ponto de vista para se colocar no do proletariado. (MARX; ENGELS, 2017, p.14)

Trata-se justamente da análise que Ernest busca transmitir aos pequenos empresários no jantar relatado nos capítulos *Machine Breakers* e *Mathematics of a Dream*. Além disso, a

305 “— São trabalhadores praticamente sem qualificação. Não contam. Seus salários cairão e sua jornada aumentará”

ideia da passagem dos setores das classes médias para o campo do proletariado é explorada no romance — já que tanto os socialistas quanto os grandes capitalistas buscam o apoio das camadas médias.

A importância do posicionamento de tais camadas é um ponto de destaque na teoria de Trotsky sobre o fascismo. Para o teórico russo, o que diferencia o fascismo de outras ditaduras é que ele é um movimento “plebeu”, com caráter de massas:

O movimento fascista italiano era um movimento espontâneo e massivo, com novos dirigentes saídos das massas. Trata-se de um movimento plebeu na sua origem, dirigido e financiado por grandes potentados capitalistas, que se destacou da pequena burguesia, do lumpemproletariado, e mesmo, em certa medida das massas proletárias [...] (TROTSKY, 1931, apud MANDEL, 1976, p. 85)

Segundo Mandel, isso se relaciona às próprias relações entre as classes no período de ascensão do fascismo — dada a desproporção numérica entre o proletariado e a grande burguesia, não bastaria um estado policial para desmoralizar, e atomizar a longo prazo o proletariado, isso teria que vir de um movimento massivo, de oposição à organização do proletariado. A pequena burguesia é a camada mais adequada para dar origem a esse movimento inclusive porque é fortemente atingida pela crise do capitalismo, e pode recair em desespero que contribui para o desenvolvimento de reminiscências ideológicas ou rancor psicológico (MANDEL, 1976, p. 32).

Vale ressaltar, ainda, que a relação entre pequena burguesia e burguesia é histórica, e que a desproporção numérica significou em outras fases do capitalismo que a pequena burguesia assumisse outras ideologias para apoiar o movimento da burguesia dominante, como o jacobinismo, em um contexto de desenvolvimento incipiente do proletariado, o reformismo no auge da democracia burguesa, e o fascismo no período de crise e decadência capitalista (TROTSKY, 1932, apud MANDEL, 1976, p.107). Trotsky enfatiza, no entanto, que essas colaborações nunca são pacíficas, entendendo que a pequena burguesia é uma classe explorada e privada de direitos (TROTSKY, 1932, apud MANDEL, 1976, p.107). Nesse mesmo texto, ele ressalta os choques entre burguesia e pequena burguesia inclusive para a implantação da democracia parlamentar, que a burguesia acaba transformando também em elemento de dominação sobre a pequena burguesia e sobre o proletariado, a partir da “nova pequena burguesia”, a aristocracia operária (TROTSKY, 1932, apud MANDEL, 1976, p.108).

Voltando ao fascismo, portanto, para Trotsky, a sublevação da pequena burguesia contra o proletariado é a principal distinção entre essa ideologia e outras formas de reação capitalista (TROTSKY, 1932, apud MANDEL, 1976, p.107). O que significa também, inversamente que: “Para que da crise social possa nascer a Revolução Proletária é necessário que, para além de outras condições, se verifique a viragem decisiva das classes pequeno-burguesas em direção ao proletariado” (TROTSKY, 1932, apud MANDEL, 1976, p.107).

É notável como diversos aspectos dessa teorização sobre o fascismo estão presentes na figuração de London no romance *The Iron Heel*. De fato, não são os próprios magnatas, evidentemente, nem o exército regular, embora esteja presente em diversos momentos, os responsáveis pela destruição dos órgãos socialistas, pelas mortes dos grevistas e demais violências perpetradas pelo regime. Essas ações ficam sob responsabilidade de organizações massivas, particularmente as “Black Hundreds”<sup>306</sup>, os mercenários e os “strikebreakers”. A milícia, objeto de grande conflito, pois toda a população era convocada para compô-la a partir de uma lei pouco conhecida, teve um papel inicial, mas logo foi substituída pelos mercenários porque, nas palavras de Avis, “had proved impracticable under the new regime”<sup>307</sup> (LONDON, 1908, p. 281). Nem todos os setores médios, no romance, se submeteram e tornaram-se base de apoio do regime oligárquico, mas sua destruição aparece como índice de incapacidade de se opor de forma independente a esse regime.

A importância que os socialistas dão para “ganhar” os pequenos empresários e os fazendeiros parece demonstrar um entendimento próximo ao de Trotsky sobre o papel dessas camadas no estabelecimento da correlação de forças entre as classes. A viragem dessa correlação de forças com a “perda” dos operários privilegiados tem a mesma função — para o protagonista, inclusive, está dada a vitória do regime oligárquico após esse setor retirar o apoio aos socialistas. Curiosamente, Trotsky se refere à aristocracia operária como nova pequena burguesia, entendendo-a também como potencial base para o fascismo<sup>308</sup>

306 Descritas como multidões violentas. No capítulo *The Vortex*, Meredith informa em nota que elas surgiram a partir dos agentes usados pelos empregadores para incitar atos de violência entre os trabalhadores, e que no período do regime da Oligarquia constituíram um corpo de agentes-provocadores. (LONDON, 1908, 172-173)

307 “se tinham provado impraticáveis sob o novo regime”

308 É interessante observar que Lenin já identificava, em 1916, o potencial para que esse setor se tornasse base de um regime reacionário: “This stratum of workers-turned-bourgeois, or the labour aristocracy, who are quite philistine in their mode of life, in the size of their earnings and in their entire outlook, is the principal prop of the Second International, and, in our days, the principal social (not military) prop of the bourgeoisie. For they are the real agents of the bourgeoisie in the working-class movement, the labour lieutenants of the capitalist class, real vehicles of reformism and chauvinism. In the civil war between the proletariat and the bourgeoisie they inevitably, and in no small numbers, take the side of the bourgeoisie, the ‘Versaillais’ against the ‘Communards’.

(TROTSKY, 1932, apud MANDEL, 1976, 108). Como no item anterior, não se trata de dizer que London previu a ascensão de um regime violento a partir do apoio da grande burguesia a massas pequeno-burguesas desesperadas. A existência e a posição intermediária dessas camadas — inclusive da aristocracia operária — é um dado histórico. London apenas figura algumas possibilidades de posicionamento desses setores em contexto de crescente polarização e agressividade dos conflitos entre as classes.

Vale ainda pontuar, porém, uma importante diferença entre o regime figurado por London e a interpretação de Trotsky sobre o fascismo histórico. Para o pensador russo, o fascismo, última alternativa da burguesia para manter sua dominação, significa a auto-expropriação da burguesia de seu poder político (MANDEL, 1976, p.31), em favor de representantes dos movimentos de massa pequeno-burgueses, como Hitler e Mussolini. Não há menção, no romance, a cessão de poder político a lideranças, seja dos mercenários, seja dos “Strikebreakers”, que os alcem a posições políticas superiores às dos representantes da Oligarquia. Isso pode indicar que, na construção de London, o regime instaurado pela Oligarquia seria a forma ideal de dominação dos grandes magnatas e não, como o fascismo na teoria de Trotsky, uma arma de autodefesa, para situações críticas em que a burguesia é incapaz de se manter no poder com os meios e métodos do Estado parlamentar.

#### 4. O regime

O manuscrito de Avis Everhard trata principalmente do período de ascensão do regime da Oligarquia, embora apresente alguns elementos sobre a estrutura social gerada por esse processo de ascensão. Isso é possível em parte porque o manuscrito aborda o período entre 1912 e 1932, chegando, portanto, a um ponto de relativa estabilidade do poder da Oligarquia.

Antes da instauração do regime, no entanto, Ernest já é capaz de prever seus aspectos fundamentais, particularmente na passagem do capítulo *The Beginning of the End* em que ele prevê a decadência desse regime:

---

(LENIN, 2008, p. 31) Tradução minha: “Essa camada de operários aburguesados ou de ‘aristocracia operária’, inteiramente pequenos burgueses pelo seu gênero de vida, pelos seus vencimentos e por toda a sua concepção do mundo, constitui o principal apoio da II Internacional e, hoje em dia, o principal apoio social (não militar) da burguesia. Porque são verdadeiros agentes da burguesia no movimento operário, lugar-tenentes operários da classe dos capitalistas, reais veículos do reformismo e do chauvinismo. Na guerra civil entre o proletariado e a burguesia colocam-se inevitavelmente, em número considerável, ao lado da burguesia, ao lado dos ‘versalheses’ contra os ‘communards’.

“One of our generalizations is that every system founded upon class and caste contains within itself the germs of its own decay. When a system is founded upon class, how can caste be prevented? The Iron Heel will not be able to prevent it, and in the end caste will destroy the Iron Heel. The oligarchs have already developed caste among themselves; but wait until the favored unions develop caste. The Iron Heel will use all its power to prevent it, but it will fail.”<sup>309</sup> (LONDON, 1908, p.224)

Uma primeira característica fundamental do regime do *Iron Heel*, portanto, é constituir uma sociedade baseada em castas, caracterizadas pela rígida manutenção da hierarquia social e mantidas hereditariamente — elemento que vai, segundo Ernest, garantir sua decadência (LONDON, 1908, p. 225). É interessante observar que Ernest identifica no trecho acima a formação das castas já em processo, iniciado com as castas da própria Oligarquia. A formação das castas assume um caráter de necessidade histórica para Ernest, bem como sua dissolução — e o historiador do futuro confirma todos os elementos de sua previsão.

Nos capítulos subsequentes, o desenvolvimento das castas é destacado, a partir da separação entre os trabalhadores dos setores privilegiados e o resto da classe trabalhadora, processo que toma contornos violentos (LONDON, 1908, p. 231). Bem mais a frente, no capítulo *Transformation*, somos informados por Meredith de que ainda outra casta se desenvolve, a casta militar, composta pelos mercenários (LONDON, 1908, p. 281) e, no capítulo *The Roaring of the abysmal Beast*, Avis afirma que eles “constituted a race apart. They dwelt in cities of their own which were practically self-governed, and they were granted many privileges”<sup>310</sup> (LONDON, 1908, p. 298). Meredith ainda indica que essa casta foi importante no processo de queda do regime oligárquico, séculos depois (LONDON, 1908, p.298). Avis e Ernest — ele após fugir da prisão — passam um longo período em um refúgio, até janeiro de 1917. Avis relata que, para a surpresa de muitos revolucionários, nesse período a Oligarquia criou novas instituições, com características de permanência, e desenvolveu uma máquina governamental intrincada e vasta — o que parece a descrição da formação de um Estado burocrático (LONDON, 1908, p.297). O manuscrito informa ainda que a situação do

309 “— Uma de nossas generalizações é que todo sistema fundado sobre classes e castas contém em si o germe de sua destruição. Quando um sistema é fundado sobre classes, o que se pode fazer para que uma casta não se desenvolva? O Tacão de Ferro não será capaz de evitar isso, e no final a casta destruirá o Tacão de Ferro. Os oligarcas já desenvolveram uma casta contra si mesmos; mas espere até que os sindicatos favorecidos desenvolvam uma. O Tacão de Ferro usará de toda a sua força para evitar que isso aconteça, mas falhará.”

310 “Os Mercenários constituíam uma raça à parte. Viviam em cidades próprias praticamente governadas por eles mesmos, e gozavam de muitos privilégios.”

regime pouco antes do momento em que saem do esconderijo, por volta de quatro anos depois do esmagamento da oposição política dos *Grangers* e dos socialistas, era a seguinte:

The labor castes, the Mercenaries, and the great hordes of secret agents and police of various sorts were all pledged to the Oligarchy. In the main, and ignoring the loss of liberty, they were better off than they had been. On the other hand, the great helpless mass of the population, the people of the abyss, was sinking into a brutish apathy of content with misery.<sup>311</sup> (LONDON, 1908, p. 302)

A consolidação das castas e sua submissão à Oligarquia merece destaque, assim como a existência de uma massa de população fora desse sistema de castas — nesse trecho o “povo do abismo” fica nitidamente definido como toda essa camada majoritária que não está a serviço da Oligarquia. O conflito de classes que se desenvolve desde o início do romance aparece, no trecho acima, já cristalizado — o empobrecimento da maior parte da população garante não só o domínio da Oligarquia, mas também o privilégio das castas de trabalhadores e de mercenários, cujas condições de vida efetivamente melhoram.

A única ponderação feita em relação a essa melhoria no trecho é a perda de liberdade que atinge essas castas, expressando a constituição de um regime com grande controle social — além da segregação dos espaços, que é descrita anteriormente, com a formação de territórios separados para as castas (LONDON, 1908, p. 232). É interessante observar que, ao contrário da palavra “democracy” [democracia], que aparece apenas uma vez como um fim dos revolucionários, a ideia de “liberty” ou “freedom” [liberdade] é usada reiteradamente. Sobre esse uso, é interessante mencionar que, no capítulo *The End*, Avis afirma sobre os socialistas: “We worshipped at the shrine of the Revolution, which was the shrine of liberty”<sup>312</sup> (LONDON, 1908, p. 250), identificando diretamente a revolução com a liberdade, o que é um indicador da plena oposição entre o regime da Oligarquia e a perspectiva política dos revolucionários — para eles a perda da liberdade não seria, portanto, uma questão menor.

Outro elemento chama a atenção na descrição sobre a situação social no trecho mais acima: há, além de uma casta militar composta pelos Mercenários, “great hordes of secret agents and police of various sorts”<sup>313</sup>. É curioso o uso da palavra “hordes” no contexto,

311 “As castas operárias, os Mercenários e as grandes hordas de agentes secretos e policiais de várias espécies estavam todos atrelados à oligarquia. Apesar da perda da liberdade, estavam em melhor situação do que antes. Por outro lado, a grande massa desesperada da população, o povo do abismo, estava afundando em uma apatia brutal, satisfeita com a miséria.”

312 “Adorávamos o santuário da Revolução, que era o santuário da liberdade.”

313 “grandes hordas de agentes secretos e policiais de várias espécies”

principalmente pelo seu contraste com a concepção de “agentes secretos”. A construção aqui, como em toda a segunda parte do romance, reforça muito o papel da espionagem, de ambos os lados, e cria uma impressão de vigilância constante. Tal sociedade controlada, no entanto, não emerge após o estabelecimento do regime da Oligarquia, mas caracteriza a dominação dos grandes capitalistas no período anterior. Há, ao longo do romance, um aprofundamento dessas características de controle, bem como as de violência. Vê-se, desde os primeiros capítulos, como os capitalistas controlam as cortes (LONDON, 1908, pp. 41; 47;138), processos políticos (LONDON, 1908, p. 82) e a imprensa (LONDON, 1908, p. 117), perseguem opositores, como o bispo Morehouse (LONDON, 1908, p. 189) e o cientista Cunnighan (LONDON, 1908, p. 163). A própria violência contra os trabalhadores é marca do processo anterior ao estabelecimento definitivo do regime (LONDON, 1908, p. 170), e a tentativa de guerra é feita ainda em um momento em que a classe trabalhadora tem forças para uma greve geral (LONDON, 1908, p. 210).

Ainda assim, o regime do *Iron Heel* apresenta-se como uma intensificação e normalização dessas características. Avis e Ernest não acompanham esse processo diretamente, pois estão refugiados por diversos meses (e Ernest passa antes disso um período preso), mas o manuscrito dá sinais desse aprofundamento, principalmente a partir das consequências desse processo para a organização dos revolucionários. No capítulo *Transformation*, em que Avis, sob orientação de Ernest, treina para parecer outra pessoa, Meredith informa que: “Disguise did become a veritable art during that period. The revolutionists maintained schools of acting in all their refuges.”<sup>314</sup> (LONDON, 1908, p. 275). Também é nesse capítulo que o pai de Avis desaparece, levando Meredith a comentar: “Disappearance was one of the horrors of the time. As a motif, in song and story, it constantly crops up. It was an inevitable concomitant of the subterranean warfare that raged through those three centuries.”<sup>315</sup> (LONDON, 1908, p. 276). Mais a frente, no capítulo *The roaring Abyssmal Beast*, Avis relata que Ernest chegou a passar por cirurgia plástica, e Meredith indica que não se tratou de um caso isolado: “Among the Revolutionists were many surgeons, and in vivisection they attained marvellous proficiency. In Avis Everhard’s words, they could

314 “O disfarce tornou-se uma verdadeira arte durante aquele período. Os revolucionários mantinham escolas de atuação em seus próprios esconderijos.”

315 “O desaparecimento era um dos horrores daquela época. Motivo de canções e histórias. Algo que ocorria concomitantemente com a guerra subterrânea travada durante esses três séculos.”



literally make a man over.”<sup>316</sup> (LONDON, 1908, p. 304). Essas descrições dão conta, de fato, da figuração de um regime contra o qual a guerra aberta não seria possível, por isso o estabelecimento de complexos sistemas de espionagem e contraespionagem. Trata-se, então, de um período de preparação. Já os capítulos subsequentes dão conta da violenta experiência da Comuna de Chicago, mostrando as consequências da oposição aberta ao regime. Nessa revolta, três regimentos de mercenários se voltam contra a Oligarquia e são duramente combatidos, em conjunto com os socialistas e com o povo do abismo que eles excitam contra as forças da Oligarquia. Há passagens de grande violência e guerra civil, e ao final os revolucionários são derrotados. Vale ressaltar uma passagem, quando Ernest e Avis, ainda sob disfarces, estão indo embora da cidade, e cruzam com trens cheios do povo do abismo, chegando a Chicago. Sobre isso, Ernest comenta: “‘Slave-levies for the rebuilding of Chicago,’ Ernest said. ‘You see, the Chicago slaves are all killed.’”<sup>317</sup> (LONDON, 1908, p. 351), o que enfatiza a relação do regime com as camadas sociais inferiores.

Apesar dessa relação violenta, no entanto, cabe ainda um comentário sobre a moral da Oligarquia, enfatizada por Avis no capítulo *The Roaring of the Abysmal Beast*. Até esse ponto, os grandes capitalistas haviam aparecido como desprovidos de senso ético e moral, aspecto bastante enfatizado por Ernest em seu discurso no capítulo *Philomaths*. Após seu estabelecimento no poder, no entanto:

The oligarchs themselves were going through a remarkable and, it must be confessed, unexpected development. As a class, they disciplined themselves. [...]

They were taught, and later they in turn taught, that what they were doing was right. [...]

They, as a class, believed that they alone maintained civilization. [...]

I cannot lay too great stress upon this high ethical righteousness of the whole oligarch class. This has been the strength of the Iron Heel, and too many of the comrades have been slow or loath to realize it. Many of them have ascribed the strength of the Iron Heel to its system of reward and punishment. This is a mistake. [...] Love of the right, desire for the right, unhappiness with anything less than the right—in short, right conduct, is the prime factor of religion. And so with the Oligarchy. Prisons, banishment and degradation, honors and palaces and wonder-

316 “Entre os revolucionários, havia muitos cirurgiões, que se tornaram mestres na vivissecção. Nas palavras de Avis Everhard, eles podiam literalmente transformar um homem em outro.”

317 “— Levas de escravos para a reconstrução de Chicago — disse Ernest. — Todos os escravos da cidade foram mortos.”

cities, are all incidental. The great driving force of the oligarchs is the belief that they are doing right. [...] <sup>318</sup> (LONDON, 1908, p. 299)

Não se trata mais, portanto, de uma classe de ociosos mesquinhos. O crescimento desse senso ético, de uma ideologia de sentido aristocrático, mais apropriada de fato a uma casta do que a uma classe em luta, assume uma função fundamental na reprodução ideológica do regime. A comparação com a religião reforça essa ideia: não é o medo da punição que sustenta o regime, mas a fé em seus desígnios, a percepção de que se está fazendo o certo.

O aspecto da renovação do senso ético adquire ainda maior importância quando complementado pela observação de Meredith:

Out of the ethical incoherency and inconsistency of capitalism, the oligarchs emerged with a new ethics, coherent and definite, sharp and severe as steel, the most absurd and unscientific and at the same time the most potent ever possessed by any tyrant class. <sup>319</sup> [...] (LONDON, 1908, p.301)

Também aqui há um destaque para a diferença entre a casta dos oligarcas e a classe capitalista na qual ela teve origem. O capitalismo aparece como terreno do incoerente e inconsistente em oposição à severidade e definição do *Iron Heel*. Tal percepção parece refletir a diferença entre um momento dominado pelas leis cegas da concorrência e do mercado, e o momento de combinação superior dos trustes, representados pela casta oligárquica. Curiosamente, Meredith chama esse senso ético de “unscientific” [não-científico], criticando mais seu conteúdo do que a existência de um senso moral disciplinador relativo à correta administração da sociedade. Isso é coerente com a forma como Avis compreende que o senso ético dos revolucionários:

318 “Os próprios oligarcas caminhavam para um notável e inesperado desenvolvimento, devemos confessar. Como classe, eram disciplinados. [...] Eram ensinados que o que faziam era o certo, e mais tarde transmitiam essa doutrina aos seus discípulos. [...] Como classe, acreditavam que apenas eles sustentavam a civilização. [...] Eu não disse tudo a respeito da integridade moral da classe oligárquica inteira. Ela era a força do Tacon de Ferro, e muitos dos companheiros ou não entendiam isso, ou eram reticentes em aceitá-lo. Muitos deles creditam a força do Tacon de Ferro ao seu sistema de recompensa e punição. Isso é um engano. [...] Amar a justiça, desejar o bem, rejeitar tudo o que não seja completamente bom; em suma, fazer o que é direito, esse é o fator elementar da religião. E também da oligarquia. Prisões, banimentos e degradação, honras e palácios e cidades maravilhosas, tudo isso é incidental. A grande força propulsora dos oligarcas é a crença de que fazem o que é direito.”

319 “Pelo fato de a ética do capitalismo não ter consistência e nem ser coerente, os oligarcas criaram uma nova ética, coerente e bem definida, pungente e severa como aço: a mais absurda e anticientífica e, ao mesmo tempo, a mais potente já possuída por uma classe tirana.”

For that matter, the strength of the Revolution, during these frightful twenty years, has resided in nothing else than the sense of righteousness. In no other way can be explained our sacrifices and martyrdoms.[...] It does not matter, young or old, man or woman, high or low, genius or clod, go where one will among the comrades of the Revolution, the motor-force will be found to be a great and abiding desire for the right.<sup>320</sup> (LONDON, 1908, p.301)

O sentido da ética, portanto, é o mesmo, o desejo pelo “certo”, e a disciplina que ele enseja também é próxima para revolucionários e oligarcas. Trata-se de mais um ponto no qual os socialistas figurados no romance espelham os desenvolvimentos da Oligarquia, da mesma forma que acontece com as disputas de espionagem e contraespionagem.

Dessa forma, o regime do *Iron Heel*, quando de fato consolidado nos Estados Unidos, caracteriza-se antes de tudo como um regime governamental de características burocráticas, sustentado em uma sociedade de castas: aristocracia operária, mercenários e oligarcas são os setores privilegiados. Além deles, ou advindos dessas castas, há hordas de agentes secretos e policiais, e a massa da população dos trabalhadores não privilegiados. Trata-se de um regime sem mobilidade social, em que há separação física, territorial, entre as castas. Há também sinais de que se trata de um Estado de caráter policial, com controle estrito e violento sobre a população, que perde todos os direitos e liberdades. É também, por fim, um regime em que o setor dominante é disciplinado por uma ideologia que apresenta como sua responsabilidade a correta administração da sociedade.

Trotsky também trata do regime fascista após seu estabelecimento. É interessante apontar algumas dessas aproximações, bem como comentar as principais diferenças. Segundo Mandel, ainda na enumeração das principais características da teoria de Trotsky sobre o fascismo:

f) Se o fascismo conseguir “esmagar o movimento operário sob as suas investidas”, terá cumprido o seu dever do ponto de vista do capitalismo monopolista; o seu movimento de massas acaba por burocratizar-se e é em grande parte absorvido pelo aparelho de Estado burguês; isto é possível apenas na medida em que as formas extremas de demagogia plebeia pequeno-burguesa, presentes nos “objetivos do movimento”, desapareçam e acabem por ser apagadas pela ideologia oficial. Tal evolução não está de forma alguma em contradição com a tendência em tornar autônomo o aparelho de Estado fortemente centralizado. Com efeito, logo que internamente o movimento operário tenha sido vencido e as condições de reprodução do capital tiverem sido modificadas de modo decisivo a favor da grande

320 “No entanto, a força da Revolução, durante esses terríveis vinte anos, residiu também em um senso de justiça: sua justiça. De nenhuma outra forma o nosso sacrifício e martírio poderiam ser explicados. Não importa, jovem ou velho, homem ou mulher, alto ou baixo, gênio ou estúpido, onde quer se encontre um companheiro da Revolução, sua força motriz será o enorme e permanente desejo de justiça.”

burguesia, o interesse político desta centra-se na necessidade de produzir uma modificação análoga no mercado mundial. A política do tudo ou nada do fascismo acaba por ser transportada da esfera sócio-política para a financeira estimula uma inflação permanente e por fim não deixa outra alternativa a não ser a aventura militar no estrangeiro. Mas o conjunto desta evolução traz consigo a deterioração mais do que a melhoria da situação econômica (devido à economia de guerra) e política da pequena burguesia - com exceção daquela parte que pode ser mantida à custa do aparelho de Estado tomado cada vez mais autónomo. Não se trata do fim da “sujeição ao capital usurário” mas, pelo contrário, da aceleração da concentração do capital monopolista. Aqui se mostra o carácter de classe da ditadura fascista, que não corresponde ao movimento fascista do massas; ela não defende os interesses históricos da pequena burguesia, mas sim os do capital monopolista. Logo que esta tendência se torna predominante, a base de massas consciente e ativa do fascismo restringe-se inevitavelmente. A ditadura fascista tem tendência para reduzir e esmagar a sua própria base de massas; os esquadrões fascistas tornam-se apêndices da polícia. (MANDEL, 1976, p.36)

No mesmo sentido, nas palavras de Trotsky:

O Estado fascista foi criado progressivamente, o que implicou o estrangulamento completo de todas as organizações de massas independentes.

Mussolini conseguiu-o à custa da burocratização do próprio partido fascista. Depois de se servir das forças ofensivas da pequena burguesia, o Fascismo estrangulou-a no torno do Estado burguês. Mussolini não podia ter feito outra coisa, dado que o desencantamento das massas que havia unificado se transformava para ele no perigo mais imediato. Burocratizado, o fascismo aproxima-se muito de outras formas de ditadura militar e policial, deixando de possuir a sua base social anterior. A reserva mais importante do fascismo — a pequena burguesia — esgotou-se. Só a inércia histórica permite ao governo fascista manter o proletariado num estado de dispersão e desorientação. (TROTSKY, 1932, apud MANDEL, 1976, p. 90-91)

Observa-se, primeiramente, que parece haver uma diferença grande na avaliação da estabilidade do regime, quando comparamos essa leitura sobre o fascismo e o *Iron Heel*. O último é um regime burocrático de castas que sobrevive por séculos, com base em uma casta dominante com profundo senso ético. O fascismo, nessa leitura de Trotsky de 1932, apenas se mantém por inércia histórica (e de fato historicamente não sobreviveu, enquanto regime, mais que algumas décadas), pois, após se estabelecer, estrangulou sua base social.

Evitando comparações excessivamente detalhistas, trata-se em ambos os casos de um Estado burocrático — o que fica evidente na descrição de Avis sobre o vasto aparato governamental — embora não haja elementos que tratem de sua centralização ou autonomização propriamente. Também a ideia de que certo setor da pequena burguesia seria mantido pelo aparelho de Estado pode ser aproximado da sustentação da casta dos

mercenários — e mesmo da aristocracia operária — e das hordas de policiais e agentes secretos. Nesse ponto, de fato a descrição do regime da Oligarquia o aproxima das diversas formas de ditadura militar e policial, como as afirmações relativas ao controle e à falta de liberdade ressaltam.

A comparação torna relevante uma diferença sobre um aspecto importante na teoria de Trotsky do fascismo, que é a relativa autonomia do movimento fascista, de origem pequeno-burguesa, em relação aos grandes capitalistas — autonomia que se expressa inclusive ideologicamente, na “demagogia plebeia”. No romance essa autonomia nunca é enfatizada, e mesmo a ideologia reacionária pequeno-burguesa não é apresentada como ponto de apoio para a ascensão do regime. Dessa forma, não se pode falar em uma perda dessa autonomia com a estabilização do *Iron Heel*.

Quanto à necessidade do fascismo de, após a vitória, “produzir uma modificação análoga no mercado mundial”, é interessante um apontamento feito por Meredith no primeiro capítulo do manuscrito sobre a Segunda Revolta contra a Oligarquia. Trata-se da revolta ocorrida em 1932, pela qual Avis está ansiosa no início de sua narração, e que não chega a ser relatada devido à interrupção do manuscrito. Sobre esse evento, Meredith informa que foi uma Revolta derrotada, mesmo com apoio de diversos países os quais já haviam constituído governos socialistas — e esses países foram, junto com os socialistas, derrotados pela união das oligarquias internacionais, tendo seus governos substituídos por governos oligárquicos (LONDON, 1908, p. 03). Não se trata propriamente do relato de uma “aventura militar no estrangeiro”, como Mandel coloca, e está submetido à necessidade de reação contra a revolução socialista, não às dificuldades econômicas, mas ainda assim demonstra também essas tendências a se ampliar internacionalmente que ele identifica com o fascismo.

Vê-se, portanto, que o regime constituído a partir da consolidação do poder oligárquico apresenta aproximações em relação a um regime fascista, conforme a teorização de Trotsky. Vale ressaltar, no entanto, que conforme essa mesma caracterização o fascismo no poder se aproxima de outras formas de governo autoritário, como ditaduras militares e policiais, e de fato a descrição do *Iron Heel* pode ser associada a uma forma genérica desse tipo de ditadura. A especificidade do regime fascista, a base pequeno-burguesa estrangulada e absorvida pelo Estado, dificilmente pode ser identificada com precisão no regime oligárquico no romance, pois, embora haja de fato camadas pequeno-burguesas sustentadas e usadas

como agentes secretos e policiais, elas não apresentam autonomia organizativa ou ideológica que possa ser perdida com a consolidação do regime.

## 5. Conclusões sobre a suposta profecia

Os elementos desenvolvidos neste capítulo indicam que há, de fato, diversas semelhanças entre o regime ficcional do *Iron Heel* e o regime fascista. Entre os aspectos mencionados por Trotsky em sua carta a Joan London, demonstrou-se a importância da perspectiva reformista do movimento socialista — “perspective of peaceful and uninterrupted world progress, of prosperity of democracy and social reforms”<sup>321</sup> (TROTSKY, 1937, apud LONDON, 1939, p. 313) — e da burocracia dos sindicatos, como fatores para a ascensão tanto do fascismo histórico quanto do regime da Oligarquia no romance.

Também foi debatida neste capítulo a situação de crise do capitalismo e a relação que ela tem com a ascensão do fascismo. Tal relação é enfatizada por Trotsky, cuja teoria trata do fascismo como resposta histórica a esse processo de crise, ou seja, como reação violenta à possibilidade de tomada do poder pela classe trabalhadora. O romance considera também esse aspecto na ascensão da oligarquia, como a resposta de Wickson a Ernest no capítulo *The Philomaths* evidencia (LONDON, 1908, p. 95-96). Ainda, o papel das camadas intermediárias, entre elas a aristocracia operária, também é fundamental para a correlação de forças que permite a ascensão tanto do fascismo quanto, na ficção, da Oligarquia.

Todo esse processo culmina em regimes, na história e na ficção, que têm proximidades importantes — nas palavras de Trotsky, que poderiam caracterizar ambos: “Over the mass of deprived rises the cast of labour Aristocracy, of praetorian Army, of an all-penetrating police, with the financial oligarchy in the top” (TROTSKY, 1937, apud LONDON, 1939, p. 315). Assim, há proximidades entre o fascismo e o regime do *Iron Heel* no que concerne a suas origens, processo de ascensão e forma.

Evidentemente, como bem observa Sabatke, no trecho já mencionado “London por óbvio não escreveu sobre fascistas, conquanto fascistas não houvesse em 1907, ano durante o qual redigiu o romance” (SABATKE, 2018, p.12). O que se pode dizer, sem incorrer em anacronismos, é que London tinha uma percepção aguçada sobre seu tempo histórico, como

321 “perspectiva de progresso mundial pacífico e ininterrupto, de prosperidade da democracia e de reformas sociais” (tradução minha)

demonstrado no capítulo II desta dissertação, e isso permitiu que ele identificasse algumas de suas principais contradições. As distinções entre o regime ficcional da Oligarquia e o fascismo histórico são suficientes para se afirmar que London desenvolveu uma construção genérica a partir dessas contradições.

Pode-se dizer, então, que London não previu o fascismo, mas percebeu que em seu contexto histórico as tendências reformistas cegavam os socialistas, a partir das ilusões eleitorais, para a possibilidade de violência generalizada por parte dos grandes capitalistas para destruir a resistência classe trabalhadora, como reação às possibilidades de vitória do socialismo. London percebeu também que a ascensão dos trustes, característica do período, poderia ensejar uma crise ampla do capital relacionada ao excesso de acumulação de capital, o que poderia acirrar esse conflito de classes. O autor vislumbrou, ainda, que os setores intermediários seriam importantes nesse processo de disputa, de diversas formas, pois evidentemente teriam que se aliar a um ou outro polo do conflito. Por fim, identificou o controle exercido pelos capitalistas não apenas na economia, mas em todos os aparatos ideológicos, além das tendências repressivas que já existiam sobre a classe trabalhadora — nesse sentido, o estabelecimento de um regime burocrático e policial apareceria como consequência lógica de uma vitória desse setor sobre sua oposição política, a classe trabalhadora.

Orwell considera o romance “merely a tale of capitalist oppression”, mas é interessante observar que London apresenta não um quadro do capitalismo em geral, mas de sua situação no início do século XX. O revolucionário russo Vladimir Lenin chamou esse período de “Imperialismo” e o caracterizou, em obra de 1916, como um momento de grande concentração da produção e do capital, criação de monopólios, fusão do capital industrial e bancário com a formação de uma oligarquia financeira, maior importância da exportação de capitais, associações internacionais de monopolistas e partilha territorial do mundo (LENIN, 2008, p. 92). São elementos que poderiam indicar uma mudança de qualidade na opressão capitalista. Parece ser a partir de dessa possibilidade que London constrói os eventos do romance.

Orwell ainda aponta sobre o romance, no entanto, que “it was written at a time when various things that have made Fascism possible — for instance, the tremendous revival of

nationalism — were not easy to foresee.”<sup>322</sup> (ORWELL, 1969a, p.30). Fica evidente aqui que a própria interpretação sobre o fenômeno do fascismo estabelece um limite para a investigação de sua proximidade com o regime descrito no romance. Conforme se dê centralidade ao fenômeno econômico, político, social ou ideológico, diferentes graus de proximidade podem ser descritos. Não há, de fato, um indicação de forte nacionalismo por parte de nenhum setor do *Iron Heel*, no sentido de ser uma justificativa permanente para o regime, mas o primeiro ataque das “Black Hundreds” é assim descrito: “a mob arose one night, and, under a waving American flag, singing patriotic songs, set fire to the great plant of the Appeal and totally destroyed it”<sup>323</sup> (LONDON, 1908, p.168), o que demonstra que London vislumbrou a possibilidade desse tipo de ideologia, a partir de símbolos nacionais como bandeiras e canções, ser usado para excitar um movimento de massas contra os socialistas.

Na teorização de Trotsky, o fascismo não é apenas um fenômeno ideológico, mas compõe-se dos elementos políticos e socioeconômicos tratados nesse capítulo. Mesmo o nacionalismo não aparece como característica isolada do fascismo, mas como parte da ideologia da “pequena burguesia desesperada”, que “alia o nacionalismo extremo e uma demagogia anticapitalista” (MANDEL, 1976, p.33). Curiosamente London identifica essa ideologia, quando figura os pequenos empresários insatisfeitos com a ascensão dos trustes e ávidos por “Return to the ways of our fathers”<sup>324</sup>, conforme repetido no jantar iniciado no capítulo *The Machine Breakers*. Esses pequenos empresários, no entanto, não são apontados como base do *Iron Heel*, social ou ideologicamente. Fica evidenciado, a partir daí, um ponto interessante. London identifica a importância das diversas camadas intermediárias, compreende que uma vitória dos grandes capitalistas precisaria incluir essas camadas, algumas das quais se tornariam grupos favorecidos. Ele não vislumbra, no entanto, uma importância da ideologia desses grupos na constituição do regime, assim como não concebe a relativa autonomia política desse movimento de massas em relação aos grandes capitalistas que os financiam e subordinam — como Trotsky defende ser o caso com o fascismo. Esse ponto parece ser a principal distinção entre o regime ficcional e o processo histórico: o *Iron*

<sup>322</sup> “foi escrito numa época em que várias coisas que tornaram possível o fascismo — por exemplo, o tremendo renascimento do nacionalismo — não eram fáceis de prever.” (tradução minha)

<sup>323</sup> “uma multidão apareceu durante a noite e, agitando a bandeira americana e cantando canções patrióticas, atearam fogo à grande oficina gráfica do Appeal e a destruíram por completo.”

<sup>324</sup> “jeito dos seus antepassados”



*Heel* é uma sociedade estável baseada em uma ideologia disciplinadora e no senso de dever de uma casta dominante, enquanto o fascismo tem sua ideologia pequeno-burguesa, nacionalista, de retórica anticapitalista, enfraquecida com o processo de consolidação do regime, que perde assim sua base social e, portanto, sua estabilidade.

Por fim, vale ressaltar que as proximidades apontadas entre o regime ficcional da Oligarquia e o fascismo são significativas se tem-se em vista a teoria de Trotsky sobre o fascismo, pois para esse teórico os traços fundamentais do fascismo têm a ver justamente com desenvolvimentos da fase imperialista do capitalismo. Como colocado, para ele o fascismo é “expressão da crise estrutural do capitalismo”, a qual London também reconhece no romance — particularmente na descrição do significado da geração constante de novos capitais excedentes feita no capítulo *Mathematics of a Dream*.

Trotsky enfatiza o uso “audacioso” de hipérboles por London para levar ao extremos as tendências do capitalismo (TROTSKY, 1937, apud LONDON, 1939, p. 315). De fato, é possível dizer que aí está a origem da “profecia” do fascismo, pelo menos se tomarmos como base interpretações como a de Trotsky sobre ele. Entender o fascismo como parte de um processo de ampliação das contradições do capitalismo é, justamente, entendê-lo como hipérbole de características fundamentais desse modo de produção, que incluem a concentração do capital, as crises, a ampliação da desigualdade social, o conflito violento de classes e o controle ideológico. London, ao tornar extremas essas características, delineia um processo e um regime que se aproximam, em vários pontos, do fascismo.

## **CONCLUSÃO**

A presente dissertação buscou debater o romance *The Iron Heel* de Jack London analisando pormenorizadamente, sempre que possível, os elementos presentes no texto, tendo como fio condutor a questão de se ele teria sido capaz de prever os regimes fascistas que começaram a despontar na Europa mais de uma década depois de sua escritura.

Para isso, foi considerado fundamental trabalhar, no primeiro capítulo, a construção dos elementos formais do romance, a partir do que se identificou um mecanismo de dupla narração, entre a protagonista-personagem Avis e o historiador do futuro Meredith. Tal mecanismo influencia a forma de exposição das questões no romance, inclusive permitindo a não descrição de certos eventos e elementos chave. Essa duplicidade também influencia a historicidade da obra, pois ela transita entre um futuro próximo de ascensão de um regime opressor e um futuro socialista, entre uma distopia e uma utopia, seria possível dizer. Ainda, esse caráter duplo permite a construção de um personagem com características proféticas, no conteúdo e forma de suas intervenções: Ernest Everhard.

Mas a historicidade da obra não se desenvolve apenas nesses dois níveis, o *Iron Heel* e socialismo, ela também se manifesta enquanto consciência dos elementos do presente que permitem a ascensão do *Iron Heel* — Ernest é, aliás, importante para a “previsão” dessa ascensão. Assim, a relação entre o presente e esse futuro próximo, o processo de gênese da distopia, núcleo central do livro, é essencial. Essa dissertação desenvolve, então, em seu segundo capítulo, a relação entre os elementos históricos e os ficcionais do romance, indicando como London dialoga com seu presente histórico ao enfatizar na obra os processos como a concentração e centralização do capital, o domínio sobre aparatos políticos e ideológicos, empobrecimento da classe trabalhadora, desenvolvimento de crises capitalistas, crescimento do desemprego, ampliação da influência da ideologia bélica, avanço da repressão contra trabalhadores e socialistas e desenvolvimento de conflitos no campo.

Muitos desses processos, na obra, aprofundam-se em conjunto com a constituição do regime da Oligarquia. É esse aprofundamento que leva a aspectos que podem ser comparados à ascensão histórica do fascismo, comparação que esta dissertação apresenta em seu terceiro capítulo, buscando indicar as semelhanças entre o regime ficcional e o histórico no que concerne a seu sentido histórico, às forças sociais que o alimentam ou são oprimidas por ele e a sua situação em momento de estabilidade. Após tal confrontação, concluiu-se que há semelhanças importantes entre o fascismo e o *Iron Heel*, mas também que faltam aspectos fundamentais para distinguir o regime da Oligarquia de uma ditadura ou Estado policial no

sentido genérico — embora já seja importante a percepção de London de que a ampliação das contradições de seu período histórico poderia levar a regimes com esse caráter.

Para concluir, pode ser interessante uma reflexão sobre o possível sentido preditivo da literatura. Para esse fim, pode-se aproximar o romance de London da ficção científica principalmente por projetar um futuro fictício. O caráter desse futuro desenha-se, no romance, como já dito, ao mesmo tempo como utópico e distópico, uma vez que o regime da Oligarquia se trata de uma ditadura violenta de amplitude mundial, o que lhe imprime um caráter distópico, mas é contraposta ao futuro do futuro a que se refere Jameson, o futuro socialista, de sentido utópico.

Ursula K. Le Guin, escritora estadunidense, indica que existem interpretações da ficção científica como um gênero principalmente extrapolativo:

Science fiction is often described, and even defined, as extrapolative. The science fiction writer is supposed to take a trend or phenomenon of the here-and-now, purify and intensify it for dramatic effect, and extend it into the future. "If this goes on, this is what will happen." A prediction is made. Method and results much resemble those of a scientist who feeds large doses of a purified and concentrated food additive to mice, in order to predict what may happen to people who eat it in small quantities for a long time. The outcome seems almost inevitably to be cancer. So does the outcome of extrapolation. Strictly extrapolative works of science fiction generally arrive about where the Club of Rome arrives: somewhere between the gradual extinction of human liberty and the total extinction of terrestrial life. <sup>325</sup> (LEGUIN, 1976, n.p)

No que concerne ao primeiro nível de futuro, o *Iron Heel*, parece ser essa a operação de London. Ele concebe, assim, desenvolvimentos de sentido “carcinogênico”, pois, como Trotsky indica, ele usa “de forma audaciosa” justamente a hipérbole, parecendo de fato ser o cientista que apenas dá doses exageradas para as cobaias, e chega a resultados como o autoritarismo e a violência generalizada.

Cabe então desenvolver no que consiste o foco das hipérboles de London. De acordo com Trotsky:

325 “A ficção científica é frequentemente descrita e até definida como extrapolativa. O escritor de ficção científica deve adotar uma tendência ou fenômeno do aqui e agora, purificá-lo e intensificá-lo para obter efeitos dramáticos e estendê-lo ao futuro. ‘Se isso continuar, é isso que vai acontecer.’ Uma previsão é feita. O método e os resultados se assemelham muito aos de um cientista que alimenta ratos com grandes doses de um aditivo alimentar purificado e concentrado, a fim de prever o que pode acontecer com pessoas que o comem em pequenas quantidades por um longo tempo. O resultado parece quase inevitavelmente ser câncer. O mesmo acontece com o resultado da extrapolação. Obras de ficção científica estritamente extrapolativas geralmente chegam aonde o Clube de Roma chega: em algum lugar entre a extinção gradual da liberdade humana e a extinção total da vida terrestre.” (tradução minha)

“He (LONDON) is bringing the tendencies rooted in capitalism: of oppression, cruelty, bestiality, betrayal, to their extreme expression. He is operating with centuries in order to measure the tyrannical will of the exploiters and the treacherous role of the labour bureaucracy [...] The chapter ‘The Roaring Abysmal Beast’, undoubtedly constitutes the focus of the book. At the time when the novel appeared this apocalyptic chapter must have seemed to be the boundary of hyperbolism”.<sup>326</sup> (TROTSKY, 1937, apud LONDON, 1939, p. 314)

A construção hiperbólica consistiria, portanto, justamente em tornar extremas certas tendências do capitalismo. Como já apontado, levar aos extremos as tendências gera a concepção de uma sociedade altamente controlada e violenta, com grande desigualdade social. O capítulo citado por Trotsky, inclusive, apresenta uma descrição viva da situação do “povo do abismo” no momento estabilidade do poder da Oligarquia:

They lived like beasts in great squalid labor-ghettos, festering in misery and degradation. All their old liberties were gone. They were labor-slaves. Choice of work was denied them. Likewise was denied them the right to move from place to place, or the right to bear or possess arms.<sup>327</sup> (LONDON, 1908, p. 302-303)

Trata-se, assim, de uma piora da situação anterior, como a própria referência a “old liberties” [antigas liberdades] indica, construída a partir do exagero de certos aspectos que London identifica em seu próprio presente histórico. Tal hipérbole, portanto, é figurada a partir de uma compreensão aguçada sobre o período anterior, à qual foi trabalhada no segundo capítulo da dissertação. Quando se reflete sobre os acontecimentos históricos posteriores, aliás, por mais carcinogênicos que pareçam ser os resultados dessa hipérbole, Trotsky indica que “the consequent happenings have almost surpassed it”<sup>328</sup> (TROTSKY, 1937 apud LONDON, 1939, p.315), referindo-se, é evidente, às guerras e ao fascismo. Vale observar ainda que a hipérbole também se manifesta no tempo durante o qual o regime de caráter ditatorial manteve-se. Quando London figura um regime autoritário que se mantém estável por três séculos, ele, de fato, como Trotsky afirma, mede em séculos a vontade tirânica dos capitalistas. Nesse ponto, há menos similaridade com o processo histórico, se considerarmos

326 “Ele [LONDON] traz as tendências enraizadas no capitalismo: de opressão, crueldade, bestialidade, traição, à sua expressão extrema. Ele está operando há séculos para mensurar a vontade tirânica dos exploradores e o papel traiçoeiro da burocracia trabalhista [...] O capítulo ‘O rugido da besta do abismo’ constitui, sem dúvida, o foco do livro. No momento em que o romance apareceu, este capítulo apocalíptico deve ter parecido ser o limite do hiperbolismo”. (tradução minha)

327 “Eles viviam como animais em grandes e esqualidos guetos operários, exasperados em meio à miséria e à degradação. Todas as suas antigas liberdades haviam desaparecido. Eram escravos do trabalho. Não havia, para eles, escolha de serviço. Da mesma forma, era-lhes negado o direito de se mudarem de um local para outro, ou de portarem ou possuírem armas.”

328 “Os eventos seguinte quase o ultrapassaram” (tradução minha)

que o fascismo enquanto regime durou poucos anos em cada país em que chegou ao poder, mas não podemos desconsiderar que aspectos de aprofundamento da opressão capitalista, da desigualdade, da ideologia belicista marcaram a história do século XX e seguem presentes.

Há outra abordagem possível para a interpretação da construção do romance *The Iron Heel*. Le Guin afirma, sobre seu romance *The Left Hand of Darkness* que:

“Fortunately, though extrapolation is an element in science fiction, it isn’t the name of the game by any means. [...] This book is not extrapolative. If you like you can read it, and a lot of other science fiction, as a thought-experiment. Let’s say (says Mary Shelley) that a young doctor creates a human being in his laboratory; let’s say (says Philip K. Dick) that the Allies lost the second world war; let’s say this or that is such and so, and see what happens...

The purpose of a thought-experiment, as the term was used by Schrodinger and other physicists, is not to predict the future — indeed Schrodinger’s most famous thought-experiment goes to show that the ‘future,’ on the quantum level, cannot be predicted — but to describe reality, the present world.

Science fiction is not predictive; it is descriptive.”<sup>329</sup>(LE GUIN, 1976, n.p.)

Entender o romance de London como um experimento mental, no entanto, exigiria se compreender qual o sentido desse experimento. Não se trata, como poderia parecer à primeira vista, de especular sobre a ascensão de um regime autoritário nos Estados Unidos apenas — a ascensão desse regime constitui-se como resultado do experimento do romance, não como ponto de partida. Parece ser possível interpretar, no entanto, que o romance é um experimento a partir da seguinte questão: se os socialistas mantiverem sua linha reformista e o poder dos trustes seguir crescendo, quais serão as consequências políticas e sociais? Vê-se aí, no entanto, uma hipótese bem mais “realista” do que as de Mary Shelley e Philip K. Dick citadas por Le Guin. Nesse caso se trataria, portanto, de uma tentativa de experimento mental com sentido preditivo — e isso é formalmente fortalecido pela construção de um protagonista caracterizado pela capacidade prever ou adiantar desenvolvimentos futuros. Assim, London parece indicar que tem de fato a intenção de fazer previsões.

329 “Felizmente, embora a extrapolação seja um elemento da ficção científica, não é o definidor do jogo de forma alguma. [...] Este livro não é extrapolativo. Se você quiser, pode lê-lo, e muitas outras ficções científicas, como um experimento mental. Digamos (diz Mary Shelley) que um jovem médico cria um ser humano em seu laboratório; digamos (diz Philip K. Dick) que os Aliados perderam a segunda guerra mundial; digamos isto ou aquilo e tal e tal, e vejamos o que acontece ... O objetivo de um experimento mental, como o termo foi usado por Schroedinger e outros físicos, não é prever o futuro — na verdade, o experimento mental mais famoso de Schroedinger mostra que o ‘futuro’, no nível quântico, não pode ser previsto — mas para descrever a realidade, o mundo atual.

A ficção científica não é preditiva; é descritiva.” (tradução minha)

Pode-se dizer, por fim, que a proximidade entre o regime figurado como resultado desse “experimento” e o regime fascista — que de fato ascendeu, na leitura de Trotsky, como consequência da ampliação do domínio dos trustes e dos erros de análise e ação dos socialistas — mostra como o London foi capaz não só de identificar as principais contradições do seu momento histórico, como de figurar possíveis desenvolvimentos para elas.

**BIBLIOGRAFIA**

ATWOOD, Margaret. **O conto da Aia**. São Paulo: Rocco, 2017.

AUERBACH, Jonathan. **Introduction**. In: LONDON, Jack. *The Iron Heel*. New York: Penguin Books, 2006, *E-book*.

BENJAMIN, Walter. **O narrador, considerações sobre a obra de Nicolai Leskov**. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, v.1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DOOLEY, Patrick K. **Jack London's Materialistic and Pragmatic Philosophy**. *Journal of Literature and Art Studies*, 2012, Vol. 2, No. 2, 295-301.

ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring**. São Paulo: Boitempo, 2015.

FOLEY, Barbara. **From USA to Ragtime: Notes on the forms of historical Consciousness in Modern Fiction**. In: *American Literature*, vol. 50. Durhan, NC:Duke University Press, 1978.

FONER, Philip. **Jack London: American Rebel**. New York: The Citadel Press, 1947.

\_\_\_\_\_. **History of the Labour Movement in the United States: from the founding of the A.F. of L. to the emergence of American Imperialism**. New York: International Publishers, 1955

HILLQUIT, Morris. **History of socialism in the United States**. New York: Funk & Wagnalis Company, 1910.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Impérios (1875-1914)**. 4 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.



JAMESON, Fredric. **The Historical Novel today, or, is it still possible?** In: JAMESON, Fredric. *The Antinomies of Realism*. London:Verso, 2013.

KÖLLN, Lucas A. B. **O Adão Prometeico - Mundo do trabalho nos Estados Unidos em fins do século XIX e início do XX a partir da literatura de Sherwood Anderson e Jack London**. Tese em História Econômica. USP. São Paulo, 2018

KROPOTKIN, Piotr. **Ajuda Mútua: um fator de evolução**. São Sebastião: A Senhora Editora, 2009

LE GUIN, Ursula K. **Introduction**. In: *The Left Hand of Darkness*. New York: Ace Books, 1976, *E-book*.

LENIN, V. I. **Collected works**. Moscow: Progress, 1963

LENIN, V.I. **Imperialism, the highest stage of capitalism**. Sydney: Resistance Books, 2008.

LONDON, Jack. **The Iron Heel**. New York: Grosset & Dunlap, 1908

\_\_\_\_\_. **O Tacon de Ferro**. São Paulo: Boitempo, 2011

\_\_\_\_\_ **Revolution and other Essays**. Project Gutenberg, 2007. Disponível em <http://www.gutenberg.org/files/4953/4953-h/4953-h.htm>

\_\_\_\_\_. **The People of the Abyss**. New York: Grosset & Dunlap, 1903.

\_\_\_\_\_ **A curious Fragment**. In: RABKIN, Eric. *Science Fiction: A Historical Anthology*. New York: Oxford University Press USA, 1983.

LONDON, Joan. **Jack London and His Times: an unconventional biography**. New York: Doubleday, Doran & Company, 1939

LUKÁCS, Georges. **O Romance histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MANDEL, Ernest. **O Capitalismo tardio**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

\_\_\_\_\_. **Sobre o Fascismo**. Lisboa: Antídoto, 1976

MARX, Karl; Engels, Friedrich. **Manifesto Comunista**. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich; LENIN, Vladímir Ilitch. *Manifesto Comunista; Teses de Abril*. São Paulo: Boitempo, 2017

\_\_\_\_\_. **O Capital: Crítica da economia política**. Livro I: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013

ORWELL, George. **Prophecies of Fascism**. In: *The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell*, vol.3, *My Country Right or Left, 1940-1943*. Eds Sonia Orwell e Ian Angus. London: Secker and Warburg, 1969a.

\_\_\_\_\_. **As I Please**. In: *The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell*, vol.4, *As I Please, 1943-1946*. Eds Sonia Orwell e Ian Angus. London: Secker and Warburg, 1969b.

PORTELLI, Alessandro. **Jack London's Missing Revolution: Notes on 'The Iron Heel' (La Révolution Manquante, Notes Sur 'Le Talon De Fer' De Jack London)**. *Science Fiction Studies*, vol. 9, no. 2, pp. 180—194, 1982.

ROSS, Jack. **The Socialist Party of America: a Complete Story**. Lincoln: Potomac Books, 2015.

RUDWICK, Elliot. **W.E.B. Du Bois: american sociologist and social reformer**. Encyclopaedia Britannica, 1998. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/W-E-B-Du-Bois>

SABATKE, Kelton Bruno. **Sob solados de ferro: o pesadelo distópico de Jack London e a ascensão do nazifascismo (1907-1933)**. Dissertação (Mestrado) em História. UFPR. Curitiba, 2018.

TEICH, Nathaniel. **Marxist dialectics in content, form, point of view: structures in Jack London's 'The Iron Heel.'** *Modern Fiction Studies*, vol. 22, no. 1, pp. 85—99, 1976.

WELLS, Herbert G., **Anticipations of the reaction of mechanical and scientific progress upon human life and thought**. London: chapman & hall,1902

WHALEN-BRIDGE, Jonh. **Political Fiction and the american Self**. Urbana: University of Illinois Press, 1998.

ZINN, Howard. **A People's History of the United States**. New York:Harper & Row, 1980.

## APÊNDICE

### LISTA DE CAPÍTULOS DO ROMANCE *THE IRON HELL*

	ORIGINAL	TRADUÇÃO <sup>330</sup>
	Foreword	Preâmbulo
1	My Eagle	Minha Águia
2	Challenges	Desafios
3	Jackson's Arm	O Braço de Jackson
4	Slaves of the Machine	Os Escravos da Máquina
5	The Philomaths	Os Filomáticos
6	Adumbrations	Prenúncios
7	The Bishop Vision	A Visão do Bispo
8	The Machine Breakers	Os Destruidores de Máquinas
9	The Mathematics of a Dream	A Matemática de um Sonho
10	The Vortex	O Sorvedouro
11	The Great Adventure	A Grande Aventura
12	The Bishop	O Bispo
13	The General Strike	A Greve Geral
14	The Beginning of the End	O Começo do Fim
15	Last Days	Os Últimos Dias
16	The End	O Fim
17	The Scarlet Livery	A Túnica Escarlate
18	In the Shadow of Sonoma	À Sombra de Sonoma

330 Segundo LONDON, Jack. **O Tacão de Ferro**. São Paulo: Boitempo, 2011

19	Transformation	Transformação
20	A Lost Oligarch	Um Oligarca perdido
21	The Roaring of the Abysmal Beast	O Rugido da Fera do Abismo
22	The Chicago Commune	A Comuna de Chicago
23	The People of the Abyss	O Povo do Abismo
24	Nightmare	Pesadelo
25	Terrorists	Os Terroristas